

Bruno Neves Rati de Melo Rocha

**CARACTERÍSTICAS PROSÓDICAS DO TÓPICO EM PE  
E O USO DO PRONOME LEMBRETE**

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2011

Bruno Neves Rati de Melo Rocha

**CARACTERÍSTICAS PROSÓDICAS DO TÓPICO EM PE  
E O USO DO PRONOME LEMBRETE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Estudos Linguísticos Baseados em Corpora.

Orientador: Prof. Dr. Tommaso Raso

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2011

## **AGRADECIMENTOS**

Professor e orientador Tommaso Raso pela excelente orientação.

Minha família pelo incentivo, apoio, compreensão e carinho em todos os momentos.

Camila, por tudo, sempre.

Professores Heliana Mello, Patrizia Bastianetto e Rui Rothe-Neves pelas valiosas contribuições ao longo de minha vida acadêmica.

Adriana e Lucas pelas ajudas de última hora.

Amigos e colegas do C-ORAL-BRASIL e do LEEL pela ajuda mútua e pelos bons momentos.

Amigos extra-faculdade por me tirarem do trabalho quando era a hora.

Pereira.

*Notres langues nous trompent*

SAETIA

Essa pesquisa foi desenvolvida com financiamento do CNPq  
**Março/2010 a Fevereiro/2012**

## RESUMO

Esse trabalho consiste em uma análise baseada em *corpora* de dois aspectos da unidade informacional de Tópico: a identificação das formas entonacionais de Tópico em PE e a relação, em PB, entre a unidade informacional de Tópico e o uso do pronome lembrete. A pesquisa foi conduzida à luz da Teoria da Língua em Ato, segundo a qual o enunciado é definido como a menor unidade passível de interpretação pragmática, ou seja, um ato de fala. As fronteiras entre os enunciados e as suas unidades internas são delimitadas pela entonação. Uma das possíveis unidades internas é a unidade informacional de Tópico, a qual estabelece o âmbito de aplicação da força ilocucionária enunciado. A ilocução é realizada em uma unidade chamada de Comentário, a qual existe em todos os enunciados. Pesquisas mostram que o Tópico pode ser realizado segundo quatro formas entonacionais. Essa investigação foi conduzida em um *subcorpus* de PB com 20 textos do C-ORAL-BRASIL de aproximadamente 1.500 palavras cada e em um *subcorpus* de PE com 5 textos do C-ORAL-ROM com as mesmas dimensões. Para as análises prosódicas, foram usados os programas *WinPitch* e *Praat*, os quais permitem identificar e manipular parâmetros como movimentos de F0, duração e intensidade. No *subcorpus* de PE, foram identificadas 72 unidades informacionais de Tópico, distribuídas entre as 4 formas entonacionais já descritas, mas apresentando novas variantes às mesmas. A forma entonacional mais frequente em PE parece ser a de tipo 4, encontrada também em PB e inexistente em Italiano. A forma de tipo 3, frequente em Italiano e usada no PB, é rara em PE. Esses dados, os quais devem ser verificados em *corpora* maiores, parecem significativos para compreender as tendências de uso das formas entonacionais em PB. Com relação ao pronome lembrete, o exame do *subcorpus* de PB mostrou que esse tipo de retomada pronominal ocorre exclusivamente na estrutura Tópico-Comentário, retomando no Comentário um SN do Tópico. Assim, a retomada por pronome lembrete está sujeita a restrições prosódicas e informacionais. A maior parte das ocorrências são relativas a retomada do sujeito da oração na unidade de Comentário, dando a entender que ela é usada para o preenchimento da função sintática de sujeito da unidade de Comentário. Verificou-se também que o uso do pronome lembrete não é uma estratégia majoritária no PB. Não foram encontrados pronome lembrete no *subcorpus* de PE.

Palavras chave: estrutura informacional; atos de fala; tópico; pronome lembrete, *corpus* de fala.

## ABSTRACT

This corpora-based study analyses two aspects of the informational unit of Topic: the identification of intonational forms of the Topic unit in EP and the relationship between the informational unit of topic and the resumption by resumptive pronoun in BP. The research was conducted following the Theory of Language in Act, which claims that the utterance is the smallest unit that can be pragmatically interpreted, namely, a speech act. The boundaries between the utterances and its internal units are delimited by intonation. One of the possible internal units is the informational unit of Topic, which establishes the scope of the utterance's illocutionary force. The illocution is realised in a unit called Comment, which exists in every utterance. Studies show that the Topic can be realised according to four intonational forms. This study was conducted in a BP subcorpus with 20 C-ORAL-BRASIL texts of approximately 1.500 words each, and in a EP subcorpus of 5 C-ORAL-ROM texts of the same dimensions. For the prosodic analysis, the programs used were WinPitch and Praat, which allow the user to identify and handle some parameters such as the F0 movements, duration and intensity. In the EP subcorpus, it was identified 72 informational units of Topic, distributed among the four intonational forms mentioned above, but presented with new variants. The most frequent intonational form in EP seems to be of type 4, found in BP as well and nonexistent in Italian. The type 3 form is frequent in Italian and used in BP, but rare in EP. This data, which have to be verified in larger scale corpora, contributes significantly to understand the tendencies of BP intonational forms usage. Regarding the resumptive pronoun, the BP subcorpus analysis has shown that this type of pronominal resumption only occurs in the Topic-Comment structure, resuming in the Comment a noun phrase from the Topic. Thus, the resumption by resumptive pronoun is subject to prosodic and informational restrictions. The majority of the occurrences are related to the resumption of the sentence's subject in the Comment unit, which leads to the conclusion that it is used to fulfil the syntactic function of the subject of the Comment unit. It was also ascertained that the use of the resumptive pronoun is not a major strategy in BP. Resumptive pronouns were not found in the EP subcorpus.

Keywords: informational structure; speech act; topic; resumptive pronoun; speech corpus.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 2.1 – Movimentos de F0 do exemplo (2.3).....	30
Figura 2.2 – Movimentos de F0 e espectrograma do exemplo (2.4).....	31
Figura 2.3 – João vai pro Rio // Ilocução: asserção.....	36
Figura 2.4 – João vai pro Rio // Ilocução: pergunta total.....	36
Figura 2.5 – João vai pro Rio // Ilocução: sarcasmo.....	36
Figura 2.6 – Vai pra Roma // Ilocução: pergunta total.....	37
Figura 2.7 – Enunciado com mais de uma unidade interna.....	38
Figura 2.8 – Movimentos de F0 do enunciado (2.14).....	40
Figura 2.9 – Movimentos intencionais de F0 do enunciado (2.14).....	41
Figura 2.10 – Síntese que elimina alguns dos movimentos intencionais de F0 do enunciado (2.14) .....	41
Figura 2.11 – Configuração de movimentos de F0 da locução "a mãe da Fafica" do enunciado (2.15) .....	42
Figura 2.12 – Configuração de movimentos de F0 da locução "no norte de Minas" do exemplo (2.16) .....	42
Figura 2.13 – Urano // Ilocução: <i>confirmação</i> .....	47
Figura 2.14 – Urano // Ilocução: <i>incredulidade</i> .....	47
Figura 2.15 – Urano // Ilocução: <i>conclusão</i> .....	48
Figura 2.16 – Unidade informacional de Tópico.....	49
Figura 2.17 – Unidade informacional de Apêndice de Tópico.....	49
Figura 2.18 – Unidade informacional de Apêndice de Comentário.....	50
Figura 2.19 – Unidade informacional de Parentético em fim de enunciado.....	51
Figura 2.20 – Unidade informacional de Parentético dentro de uma unidade de Comentário .....	51
Figura 2.21 – Unidade informacional de Introdutor Locutivo.....	52
Figura 2.22 – Unidade informacional de Incipitário.....	53
Figura 2.23 – Unidade informacional de Fático.....	54
Figura 2.24 – Unidade informacional de Alocutivo.....	55
Figura 2.25 – Unidade informacional de Conativo.....	55
Figura 2.26 – Unidade informacional de Expressivo.....	56
Figura 2.27 – Unidade informacional de Conector Discursivo.....	57
Figura 2.28 – Unidade de Escansão.....	58
Figura 2.30 – Comentários Múltiplos no padrão de <i>lista</i> .....	59
Figura 2.31 – Comentários Ligados.....	61
Figura 2.32 – Comentários Ligados formando sub padrões.....	61
Figura 3.1 – Tópico do enunciado [11] do exemplo (3.18).....	72
Figura 3.2 – Tópicos, Parentético e Apêndice de Tópico do enunciado (3.19).....	73
Figura 3.3 – Tópico e apêndice de tópico presentes no exemplo (3.19).....	74
Figura 3.4 – Tópico subordinador e demais Tópicos do enunciado (3.20).....	75
Figura 3.5 – Tópico subordinador e demais Tópicos do enunciado (3.21).....	75
Figura 5.1 – Tópico de tipo 1.....	103
Figura 5.2 – Tópico de tipo 2.....	103
Figura 5.3 – Tópico de tipo 3.....	104
Figura 5.4 – Tópico de tipo 4.....	105
Figura 5.5 – Tela do programa <i>WinPitch</i> mostrando a transcrição de um texto.....	110
Figura 5.6 – Tela do programa <i>WinPitch</i> mostrando movimentos de F0, formantes, intensidade e onda sonora.....	111
Figura 5.7 – Visualização do Tópico do enunciado (5.5) no <i>Praat</i> com anotações prosódicas .....	112
Figura 5.8 – Tabela com informações complementares à análise prosódica do Tópico do enunciado (5.5) .....	113
Figura 5.9 – Movimentos de F0 do Tópico do exemplo (5.5).....	114
Figura 5.10 – Movimentos de F0 do Tópico do exemplo (5.5) sem os movimentos sinalizados na Figura 5.9..	114
Figura 5.11 – Curvas de F0 do Tópico do exemplo (5.5) sem o primeiro movimento ascendente .....	115
Figura 5.12 – Movimentos relevantes de F0 do Tópico de (5.5).....	115
Figura 5.13 – Tópico do exemplo (5.5) dividido em três áreas.....	117
Figura 5.14 – Tópico do exemplo (5.6) com semi núcleos em evidência.....	119
Figura 5.15 – Síntese do Tópico do exemplo (5.5) sem o movimento ascendente do primeiro semi núcleo .....	121
Figura 5.16 – Síntese do Tópico do exemplo (5.5) sem o movimento ascendente-descendente do primeiro semi núcleo.....	122
Figura 5.17 – Síntese da duração da última tônica do Tópico de (5.5).....	123
Figura 5.18 – Tópico do enunciado (5.7).....	124



Figura 5.19 – Tópico do enunciado (5.8).....	124
Figura 6.1 – Tópico do enunciado (6.1).....	136
Figura 6.2 – Transformação do movimento ascendente-descendente do núcleo do Tópico do enunciado (6.1) em um movimento nivelado.....	127
Figura 6.3 – Transformação do movimento ascendente do núcleo do Tópico do enunciado (6.1) em um movimento nivelado.....	137
Figura 6.4 – Planificação do movimento descendente do núcleo do Tópico do enunciado (6.1) .....	138
Figura 6.5 – Transformação do movimento descendente do núcleo do Tópico do enunciado (6.1) em um movimento ascendente.....	138
Figura 6.6 – Primeiro Tópico do enunciado (6.2).....	139
Figura 6.7 – Redução da duração da sílabas tônica e postônica do núcleo do Tópico de (6.1) .....	139
Figura 6.8 – Redução da duração da sílaba postônica do núcleo do Tópico de (6.1) .....	140
Figura 6.8a – Tópico do enunciado (6.3).....	141
Figura 6.9 – Tópico do enunciado (6.4).....	142
Figura 6.10 – Tópico do enunciado (6.5).....	143
Figura 6.11 – Nivelamento do movimento de F0 do núcleo do Tópico de (6.3).....	144
Figura 6.12 – Manipulação do movimento de F0 do núcleo do Tópico de (6.4).....	144
Figura 6.13 – Manipulação do movimento de F0 do núcleo do Tópico de (6.5).....	145
Figura 6.14 – Primeiro Tópico do enunciado (6.6).....	145
Figura 6.15 – Substituição do movimento ascendente de F0 da postônica por um movimento descendente ...	146
Figura 6.16 – Pontos de saliência prosódica do Tópico de (6.3).....	146
Figura 6.17 – Tópico de (6.3) com movimentos de F0 da primeira saliência prosódica nivelados .....	147
Figura 6.18 – Redução da duração da tônica do Tópico do enunciado (6.4).....	148
Figura 6.19 – Tópico do enunciado (6.7).....	149
Figura 6.20 – Redução da duração da postônica do Tópico do enunciado (6.7).....	149
Figura 6.21 – Tópico do enunciado (6.8).....	149
Figura 6.22 – Redução da duração da postônica do Tópico do enunciado (6.8).....	150
Figura 6.23 – Tópico do enunciado (6.9).....	151
Figura 6.24 – Terceiro Tópico do enunciado (6.10).....	151
Figura 6.25 – Tópico do enunciado (6.11).....	151
Figura 6.26 – Segundo Tópico do exemplo (6.12).....	152
Figura 6.27 – Tópico do enunciado (6.13).....	152
Figura 6.28 – Transformação do movimento descendente do primeiro semi núcleo do Tópico do enunciado (6.13) em um movimento nivelado.....	155
Figura 6.29 – Tópico do enunciado (6.14).....	155
Figura 6.30 – Transformação do movimento descendente do primeiro semi núcleo do Tópico do enunciado (6.14) em um movimento nivelado.....	156
Figura 6.31 – Tópico do enunciado (6.15).....	156
Figura 6.32 – Transformação do movimento descendente do primeiro semi núcleo do Tópico do enunciado (6.15) em um movimento nivelado.....	157
Figura 6.33 – Tópico do enunciado (6.16).....	157
Figura 6.34 – Transformação do movimento descendente do primeiro semi núcleo do Tópico do enunciado (6.16) em um movimento nivelado.....	158
Figura 6.35 – Transformação do movimento ascendente do segundo semi núcleo do Tópico do enunciado (6.16) em um movimento nivelado.....	159
Figura 6.36 – Transformação do movimento ascendente do segundo semi núcleo do Tópico do enunciado (6.14) em um movimento nivelado.....	159
Figura 6.37 – Transformação do movimento ascendente do segundo semi núcleo do Tópico do enunciado (6.13) em um movimento nivelado.....	160
Figura 6.38 – Transformação do movimento ascendente do segundo semi núcleo do Tópico do enunciado (6.15) em um movimento nivelado.....	160
Figura 6.39 – Redução da duração da tônica do segundo semi núcleo do segundo Tópico do enunciado (6.14).....	161
Figura 6.40 – Tópico do enunciado (6.16) com início do movimento ascendente do segundo semi núcleo em destaque.....	161
Figura 6.42 – Tópico do enunciado (6.17).....	162
Figura 6.43 – Tópico do enunciado (6.18).....	163
Figura 6.44 – Tópico do enunciado (6.19).....	164

Figura 6.45 – Tópico do enunciado (6.20).....	167
Figura 6.45a – Transformação do movimento ascendente no início do Tópico de (6.20) em um movimento nivelado.....	167
Figura 6.46 – Estilização das curvas de F0 do Tópico do enunciado (6.19).....	168
Figura 6.47 – Atenuação dos movimentos de F0 do primeiro semi núcleo do Tópico do enunciado (6.19) .....	168
Figura 6.48 – Transformação dos movimentos de F0 do primeiro semi núcleo do Tópico do enunciado (6.19) em um movimento nivelado.....	169
Figura 6.49 – Tópico do exemplo (6.21) .....	170
Figura 6.50 – Nivelamento do Tópico do exemplo (6.21) .....	170
Figura 6.51 – Estilização dos movimento de F0 do Tópico de (6.17) com semi núcleos em destaque .....	170
Figura 6.52 – Transformação do movimento descendente do segundo semi núcleo do Tópico do enunciado (6.17) em um movimento nivelado.....	171
Figura 6.53 – Segundo Tópico do enunciado (6.22).....	172
Figura 6.54 – Estilização do Tópico do enunciado (6.23).....	173
Figura 6.55 – Transformação do movimento ascendente do segundo semi núcleo de (6.23) em um movimento descendente.....	174
Figura 6.56 – Estilização do Tópico do enunciado (6.24).....	176
Figura 6.57 – Transformação do movimento ascendente do segundo núcleo do Tópico do enunciado (6.24) em um movimento nivelado.....	176
Figura 6.58 – Estilização do Tópico do enunciado (6.25).....	177
Figura 6.59 – Transformação do movimento ascendente do segundo semi núcleo do Tópico do enunciado (6.25) em um movimento nivelado.....	177
Figura 6.60 – Estilização do Tópico do enunciado (6.26).....	177
Figura 6.61 – Transformação do movimento ascendente do segundo semi núcleo do Tópico do enunciado (6.26) em um movimento nivelado.....	178
Figura 6.62 – Transformação do movimento ascendente do segundo semi núcleo do Tópico do enunciado (6.24) em um movimento descendente.....	178
Figura 6.63 – Transformação do movimento ascendente do segundo semi núcleo do Tópico do enunciado (6.25) em um movimento descendente.....	179
Figura 6.64 – Transformação do movimento do segundo semi núcleo do Tópico do enunciado (6.26) em um movimento descendente.....	179
Figura 6.65 – Estilização do Tópico do enunciado (6.27).....	181
Figura 6.66 – Transformação do movimento do segundo núcleo do Tópico do enunciado (6.27) em um movimento ascendente.....	181
Figura 6.67 – Estilização do Tópico do enunciado (6.28).....	181
Figura 6.68 – Transformação do movimento nivelado do segundo semi núcleo do Tópico de (6.28) em um movimento ascendente.....	182
Figura 6.69 – Transformação do movimento nivelado do segundo semi núcleo do Tópico de (6.27) em um movimento descendente.....	182
Figura 6.70 – Transformação do movimento nivelado do segundo semi núcleo do Tópico de (6.28) em um movimento descendente.....	183
Figura 6.71 – Estilização do Tópico do enunciado (6.29).....	183
Figura 6.72 – Transformação do movimento nivelado do segundo semi núcleo do Tópico em um movimento ascendente.....	183
Figura 6.73 – Estilização dos movimentos de F0 do Tópico de (6.30).....	185
Figura 6.74 – Transformação do movimento descendente do segundo semi núcleo do Tópico de (6.30) em um movimento nivelado.....	185
Figura 6.75 – Estilização do Tópico do enunciado (6.31).....	186
Figura 6.76 – Transformação do movimento descendente do segundo semi núcleo do Tópico de (6.31) em um movimento nivelado.....	186
Figura 6.76a – Transformação do movimento descendente do segundo semi núcleo do Tópico de (6.30) em um movimento ascendente.....	187
Figura 6.77 – Transformação do movimento descendente do segundo semi núcleo do Tópico de (6.31) em um movimento ascendente.....	187
Figura 6.78 – Tópico do enunciado (6.32).....	188
Figura 6.79 – Tópico do enunciado (6.33).....	188
Figura 6.80 – Nivelamento do movimento ascendente da postônica do segundo semi núcleo de (6.32) .....	189
Figura 6.81 – Nivelamento do movimento ascendente da postônica do segundo semi núcleo de (6.33) .....	189

Figura 6.82 – Nivelamento do movimento ascendente da tônica e da postônica do segundo semi núcleo de (6.32).....	190
Figura 6.83 – Nivelamento do movimento ascendente da tônica e da postônica do segundo semi núcleo de (6.33).....	190
Figura 6.84 – Redução da duração da tônica do segundo semi núcleo do Tópico do enunciado (6.34) .....	192
Figura 6.85 – Tópico do enunciado (6.35).....	193
Figura 6.86 – Redução da duração da tônica do segundo semi núcleo do Tópico do enunciado (6.35) .....	193
Figura 6.87 – Estilização do segundo Tópico do enunciado (6.36).....	194
Figura 6.88 – Redução da duração da tônica do segundo semi núcleo do segundo Tópico do enunciado (6.36).....	194
Figura 6.89 – Redução da duração da tônica do segundo semi núcleo do segundo Tópico do enunciado (6.37).....	195
Figura 6.90 – Redução da duração da tônica do segundo semi núcleo do segundo Tópico do enunciado (6.38).....	196
Figura 6.91 – Redução da duração da tônica e da postônica do segundo semi núcleo do Tópico do enunciado (6.39).....	198
Figura 6.92 – Redução da duração da tônica e da postônica do segundo semi núcleo do Tópico do enunciado (6.40).....	199
Figura 6.93 – Tópico do enunciado (6.41).....	201
Figura 6.94 – Primeiro Tópico do enunciado (6.42).....	203
Figura 6.95 – Tópico do enunciado (6.43).....	204
Figura 6.96 – Segundo Tópico do enunciado (6.44).....	206
Figura 6.97 – Tópico do enunciado (6.45).....	207
Figura 6.98 – Tópico do enunciado (6.46).....	208
Figura 6.99 – Tópico do enunciado (6.47).....	209

## LISTA DE QUADROS

Quadro 2.1 – Padrão tonal x padrão informacional.....	45
---	----

## LISTA DE TABELAS

Tabela 3.1 – <i>Moods</i> e exemplos de temas não marcados para o Inglês.....	66
Tabela 5.1 – Áreas preservadas em cada edição do Tópico do enunciado (5.5).....	117
Tabela 6.1 – Medidas prosódicas do Tópico do enunciado (6.1).....	136
Tabela 6.2 – Medidas prosódicas do Tópico do enunciado (6.3).....	141
Tabela 6.3 – Medidas prosódicas do Tópico do enunciado (6.4).....	142
Tabela 6.4 – Medidas prosódicas do Tópico do enunciado (6.5).....	139
Tabela 6.6 – Medidas prosódicas do Tópico do enunciado (6.13).....	153
Tabela 6.7 – Medidas prosódicas do Tópico do enunciado (6.14).....	155
Tabela 6.8 – Medidas prosódicas do Tópico do enunciado (6.15).....	156
Tabela 6.9 – Medidas prosódicas do Tópico do enunciado (6.16).....	157
Tabela 6.10 – Comparação dos picos de F0 do primeiro e do segundo semi núcleos.....	158
Tabela 6.11 – Características prosódicas do exemplo (6.17).....	163
Tabela 6.12 – Características prosódicas do exemplo (6.18).....	163
Tabela 6.13 – Características prosódicas do exemplo (6.19).....	164
Tabela 6.14 – Medidas prosódicas do segundo Tópico do enunciado (6.22).....	172
Tabela 6.15 – Medidas prosódicas do Tópico do enunciado (6.23).....	174
Tabela 6.16 – Manipulação do movimento de F0 do segundo semi núcleo de Tópicos de tipo 4 com final ascendente.....	175
Tabela 6.17 – Manipulação do movimento de F0 do segundo semi núcleo de Tópicos de tipo 4 com final nivelado.....	180
Tabela 6.18 – Manipulação do movimento de F0 do segundo semi núcleo de Tópicos de tipo 4 com final descendente.....	184
Tabela 6.19 – Eliminação do alongamento da tônica e eventuais postônicas de Tópicos de tipo 4 com segundo semi núcleo ascendente.....	191
Tabela 6.20 – Medidas prosódicas do Tópico de (6.34).....	192
Tabela 6.21 – Medidas prosódicas do Tópico de (6.35).....	193
Tabela 6.22 – Medidas prosódicas do Tópico do enunciado (6.87).....	194
Tabela 6.23 – Eliminação do alongamento da tônica e eventuais postônicas de Tópicos de tipo 4 com segundo semi núcleo nivelado.....	195
Tabela 6.24 – Medidas prosódicas do Tópico do enunciado (6.37).....	196
Tabela 6.25 – Medidas prosódicas do Tópico do enunciado (6.38).....	197
Tabela 6.26 – Eliminação do alongamento da tônica e eventuais postônicas de Tópicos de tipo 4 com segundo semi núcleo descendente.....	197
Tabela 6.27 – Descrição prosódica do Tópico do enunciado (6.39).....	198
Tabela 6.28 – Descrição prosódica do Tópico do enunciado (6.40).....	198
Tabela 6.29 – Localização do pico de intensidade.....	200
Tabela 6.30 – Descrição prosódica do Tópico do enunciado (6.41).....	202
Tabela 6.31 – Posição do pico de F0 do primeiro semi núcleo de Tópicos de tipo 4.....	204
Tabela 6.32 – Contextos desfavoráveis à colocação do pico de F0 na primeira tônica do Tópico de tipo 4.....	205
Tabela 6.33 – Medidas prosódicas do segundo Tópico do enunciado (6.44).....	206
Tabela 6.34 – Medidas prosódicas do Tópico do enunciado (6.45).....	207
Tabela 6.35 – Medidas prosódicas do Tópico do enunciado (6.46).....	208
Tabela 6.36 – Medidas prosódicas do Tópico do enunciado (6.47).....	209
Tabela 6.37 – Paroxítonas com alongamento da postônica e paroxítonas com redução da postônica.....	209
Tabela 6.38 – Tipos de retomada e número de ocorrências.....	210
Tabela 6.39 – Exemplos de cada tipo de retomada.....	210
Tabela 6.40 – Contextos favoráveis à ocorrência de retomada lembrete.....	211

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALL	Alocutivo
AP	Apêndice
APC	Apêndice de Comentário
APT	Apêndice de Tópico
AUX	Auxílio Dialógico
CMM	Comentários Múltiplos
COB	Comentários Ligados
CMB	Comentários Múltiplos Ligados
COEP	Comitê de Ética em Pesquisa
COM	Comentário
COM_r	Comentário de Reportação
COM_s	Comentário subordinador
CNT	Conativo
DCT	Conector Discursivo
EMP	Empty
EXP	Expressivo
F0	Frequência fundamental
i-TOP	Tópico interrompido
i-COM	Comentário interrompido
INT	Introdutor Locutivo
INP	Incipitário
INT	Introdutor Locutivo
LABLITA	Laboratorio Linguistico del Dipartimento di Italianistica dell'Università di Firenze
PAR	Parentético
PB	Português do Brasil
PE	Português Europeu
PHA	Fático
SCA	Unidade de Escansão
SN	Sintagma Nominal
TMT	Tomada de Tempo
TOP	Tópico
TOP_s	Tópico subordinador
TPL	Lista de Tópicos
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

## LISTA DE SÍMBOLOS

(@)	linha de metadados
(*)	início de turno
(%)	início de linha dependente
(ABC)	identificação do informante
(//)	quebra entonacional terminal; fim de enunciado
(/)	quebra entonacional não-terminal; fim de unidade tonal interna ao enunciado
(+)	enunciado interrompido
(< >)	sobreposição de fala
([/n°])	<i>retracting</i> ou falha na execução do enunciado
(&)	início de palavra interrompida
(&he)	hesitação ou silêncio preenchido
(“ ”)	citação
(hhh)	comportamento paralinguístico
(xxx)	palavra ininteligível
(yyyy)	trecho de áudio não-transcrito

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>19</b>
1.1	Justificativa .....	19
1.2	Objetivos.....	20
1.3	Fala e escrita.....	21
<b>2</b>	<b>A TEORIA DA LÍNGUA EM ATO .....</b>	<b>28</b>
2.1	O enunciado como a unidade de referência da fala.....	28
2.1.1	Três tendências de definição de enunciado.....	29
2.1.2	A definição pragmática de enunciado e a Teoria da Língua em Ato.....	34
2.2	As funções da entonação.....	37
2.3	O modelo entonacional.....	39
2.4	As unidades informacionais.....	44
2.4.1	Comentário (COM).....	45
2.4.2	Tópico (TOP).....	48
2.4.3	Apêndice de Tópico (APT) e Apêndice de Comentário (APC).....	49
2.4.4	Parentético (PAR).....	50
2.4.5	Introdutor Locutivo (INT).....	51
2.4.6	Os auxílios dialógicos.....	52
2.4.6.1	Incipitário (INP).....	53
2.4.6.2	Fático (PHA).....	53
2.4.6.3	Alocutivo (ALL).....	54
2.4.6.4	Conativo (CNT).....	55
2.4.6.5	Expressivo (EXP).....	56
2.4.6.6	Conector Discursivo (DCT).....	56
2.5	Casos de enfraquecimento do critério ilocutivo.....	57
2.5.1	Unidade de Escansão.....	57
2.5.2	Comentários Múltiplos (CMM).....	58
2.5.3	Comentários Ligados (COB).....	60
<b>3</b>	<b>O TÓPICO NA LITERATURA LINGUÍSTICA .....</b>	<b>62</b>
3.1	Chafe e as línguas de tópico.....	62
3.2	Halliday e a estrutura da informação.....	63
3.2.1	A informação.....	64
3.2.2	A tematização.....	65
3.3	Lambrecht.....	67
3.4	Pontes e o tópico no Português Brasileiro.....	69
3.5	O tópico na Teoria da Língua em Ato.....	71
3.5.1	Função.....	71
3.5.2	Entonação.....	72
3.5.3	Distribuição.....	73
3.5.4	Tópicos simples, Tópicos complexos e Tópico Subordinador (TOP_s).....	74
3.5.5	Correlatos morfossintáticos do tópico.....	75
3.6	O Tópico na TLA e o tópico na tradição linguística.....	76
<b>4</b>	<b>O PRONOME LEMBRETE NA TRADIÇÃO LINGUÍSTICA .....</b>	<b>78</b>
4.1	Pontes e uma análise discursiva.....	78



4.2	O pronome lembrete e o gerativismo.....	80
4.2.1	Galves e o pronome lembrete em PB.....	80
4.3	A Teoria da Língua em Ato e o pronome lembrete.....	83
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA .....</b>	<b>88</b>
5.1	Corpora de pesquisa.....	88
5.1.1	O corpus C-ORAL-ROM.....	88
5.1.2	O corpus C-ORAL-BRASIL.....	92
5.1.2.1	A variação diafásica.....	94
5.1.3	Comparação entre o C-ORAL-ROM de PE e o C-ORAL-BRASIL.....	95
5.1.3.1	Aspectos teóricos e estruturais.....	95
5.1.3.2	Aspecto técnico.....	98
5.1.3.3	Conclusões.....	99
5.2	Formas entonacionais de tópico em PE.....	99
5.2.1	Forma entonacional.....	100
5.2.1.1	Forma entonacional de Tópico de tipo 1.....	102
5.2.1.2	Forma entonacional de Tópico de tipo 2.....	103
5.2.1.3	Forma entonacional de Tópico de tipo 3.....	103
5.2.1.4	Forma entonacional de Tópico de tipo 4.....	104
5.2.2	Apresentação esquemática dos procedimentos metodológicos para a identificação de formas entonacionais de Tópico.....	105
5.2.3	Detalhamento e demonstração da metodologia utilizada.....	107
5.2.4	A avaliação das manipulações.....	125
5.2.4.1	Percepção acústica e interpretação cognitiva.....	126
5.2.4.2	Efeitos causados pelas manipulações.....	128
5.2.4.3	Categorias utilizadas para a identificação dos principais fatores prosódicos do núcleo das formas entonacionais.....	129
5.2.4.4	Considerações gerais sobre a interpretação dos fatores prosódicos.....	130
5.3	O pronome lembrete em PB.....	130
<b>6</b>	<b>APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS .....</b>	<b>135</b>
6.1	Formas entonacionais de Tópico em Português Europeu.....	135
6.1.1	Forma entonacional de tipo 1.....	135
6.1.1.1	Movimentos de F0.....	136
6.1.1.2	Duração.....	139
6.1.1.3	Intensidade.....	140
6.1.1.4	Alinhamento.....	140
6.1.2	Forma entonacional de tipo 2.....	140
6.1.2.1	Movimentos de F0.....	143
6.1.2.2	Duração.....	147
6.1.2.3	Alinhamento.....	150
6.1.3	Forma entonacional de tipo 3.....	152
6.1.3.1	O primeiro semi núcleo.....	154
6.1.3.2	O segundo semi núcleo.....	158
6.1.3.3	Alinhamento.....	161
6.1.4	Forma entonacional de tipo 4.....	162
6.1.4.1	Os semi núcleos, a porção de preparação e a porção de ligação.....	164
6.1.4.2	O primeiro semi núcleo.....	166

6.1.4.2.1 Movimentos de F0.....	166
6.1.4.2.2 Duração.....	171
6.1.4.3 O segundo semi núcleo.....	172
6.1.4.3.1 Movimentos de F0.....	172
6.1.4.3.1.1 Tópicos de tipo 4 com segundo semi núcleo ascendente.....	174
6.1.4.3.1.2 Tópicos de tipo 4 com segundo semi núcleo nivelado.....	179
6.1.4.3.1.3 Tópicos de tipo 4 com segundo semi núcleo descendente.....	184
6.1.4.3.1.4 Tópicos de tipo 4 com segundo semi núcleo descendente- ascendente.....	187
6.1.4.3.2 Duração.....	190
6.1.4.3.2.1 A duração em Tópicos de tipo 4 com final ascendente.....	191
6.1.4.3.2.2 A duração em Tópicos de tipo 4 com final nivelado.....	194
6.1.4.3.2.3 A duração em Tópicos de tipo 4 com final descendente.....	197
6.1.4.3.3 Intensidade.....	200
6.1.4.3.4 Alinhamento.....	202
6.1.4.3.4.1 Alinhamento do primeiro semi núcleo.....	204
6.1.4.3.4.2 Alinhamento do segundo semi núcleo.....	207
6.2 O pronome lembrete e a unidade informacional de Tópico em Português Brasileiro	210
<b>7 CONCLUSÕES .....</b>	<b>214</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>220</b>
<b>ANEXO A – ENUNCIADOS COM TÓPICO EM PE .....</b>	<b>225</b>
<b>ANEXO B – ENUNCIADOS COM RETOMADA LEMBRETE E RETOMADA EM RELATIVAS .....</b>	<b>247</b>
<b>ANEXO C – NOMENCLATURA DOS ARQUIVOS DE ÁUDIO .....</b>	<b>249</b>
<b>ANEXO D – O PROGRAMA <i>WINPITCH</i> .....</b>	<b>251</b>
<b>ANEXO E – O PROGRAMA <i>PRAAT</i> .....</b>	<b>257</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de um estudo baseado em *corpus* sobre a unidade informacional de Tópico<sup>1</sup> na Teoria da Língua em Ato (CRESTI, 2000). Foram analisados dois aspectos da unidade: no Português Europeu, suas formas entonacionais. No Português Brasileiro, sua relação com o dito pronome lembrete. Os *subcorpora* de pesquisa foram formados a partir de textos do C-ORAL-ROM<sup>2</sup> de Português Europeu e C-ORAL-BRASIL, de Português Brasileiro.

Esse trabalho foi desenvolvido no âmbito do LEEL (Laboratório de Estudos Empíricos e Experimentais da Fala – FALE/UFMG) e do projeto C-ORAL-BRASIL, e conta com financiamento do CNPq. O C-ORAL-BRASIL, coordenado por Tommaso Raso e Heliana Mello, é um projeto que tem como objetivo a construção de um *corpus* de Português Brasileiro, baseado na variedade mineira, e o desenvolvimento de investigações acerca de sua estrutura informacional. O projeto atua segundo as diretrizes estabelecidas pelo consórcio C-ORAL-ROM e é financiado por diversas instituições (FAPEMIG, CNPq, UFMG e Banco Santander).

### 1.1 Justificativa

Conforme atestam vários autores, a linguística, ciência que se propõe a estudar a linguagem, debruçou-se, ao longo de sua história, principalmente para a sua variedade escrita, deixando a fala (toda a oralidade) em segundo plano. Apesar das semelhanças existentes entre as duas diamesias, sabe-se, hoje em dia, que cada uma delas possui características tão específicas<sup>3</sup> que

---

1 Como será visto no Capítulo 3, os termos *tópico* e *comentário*, adotados pela Teoria da Língua em Ato para descrever duas de suas unidades informacionais, são amplamente utilizados na literatura linguística com acepções muito variadas. Para evitar uma sobreposição de conceitos, esses termos serão grafados com a inicial maiúscula sempre que estiverem se referindo às unidades informacionais descritas pela Teoria da Língua em Ato. O mesmo vale para as demais unidades informacionais da teoria.

2 O C-ORAL-ROM é um consórcio cujo produto foi um *corpus multilíngue* de quatro das principais línguas românicas: Italiano, Português Europeu, Francês e Espanhol. Foi desenvolvido por uma parceria entre quatro universidades europeias, coordenado pela Università degli studi di Firenze e financiado pela União Europeia. Para maiores informações sobre o C-ORAL-ROM, vide CRESTI-MONEGLIA (2005). O C-ORAL-BRASIL é um *corpus* de Português Brasileiro compilado seguindo a metodologia e a arquitetura propostas pelo C-ORAL-ROM. Uma descrição mais detalhada sobre o *corpus* será apresentada adiante em seção dedicada. Informações adicionais podem ser encontradas em RASO-MELO (2010) e no site do projeto: <[www.c-oral-brasil.org/](http://www.c-oral-brasil.org/)>. Acesso em: 09 de outubro de 2011.

3 Ver seção 1.3, dedicada às diferenças entre a diamesia oral e a escrita.

analisar uma com os critérios da outra seria um erro metodológico de proporções marcantes. Assim, estudos que, como esse, se fundamentam em teorias desenvolvidas especificamente para analisar a fala adquirem uma importância significativa.

Uma questão em destaque na linguística atual é compreender como o falante organiza a informação na fala, ou seja, como se organiza a sua estrutura informacional. A Teoria da Língua em Ato, desenvolvida justamente para lidar com essas questões, atribui grande importância à unidade informacional de Tópico. Atualmente, tem-se uma descrição prosódica acurada do tópico em Italiano (CRESTI, 2000; SIGNORINI, 2005) e em Português Brasileiro (RASO-MORAIS-MITTMANN-ROCHA, em preparação; MITTMANN, em preparação). Assim, uma descrição do Tópico em Português Europeu é de grande valia para uma maior compreensão não só dessa língua, mas das línguas românicas como um todo.

Esse estudo também se justifica por utilizar a Teoria da Língua em Ato para tratar do pronome lembrete, o qual é tipicamente presente na linguagem oral e pode beneficiar muito de uma metodologia desenvolvida justamente para fenômenos desse tipo.

Por fim, ainda com relação ao pronome lembrete, esse trabalho se justifica pois permitirá compreender diferenças fundamentais entre esse tipo de retomada e a retomada em relativas resumptivas.

## **1.2 Objetivos**

Os objetivos desse trabalho são:

1. contribuir para o estudo da estrutura informacional do Português Europeu e, conseqüentemente, para o das línguas neo românicas;
2. contribuir para o estudo da estrutura informacional do Português Brasileiro e do Português Europeu por meio de uma melhor compreensão do pronome lembrete;
3. compreender se a estrutura informacional do Português Brasileiro é mais sensível a aspectos culturais ou estruturais.

Em decorrência desses objetivos gerais, esse estudo tem como objetivos específicos:

- a. descrever as formas entonacionais de Tópico do Português Europeu;
- b. comparar as formas entonacionais de Tópico do Português Europeu às formas entonacionais de Tópico do Italiano (CRESTI, 2000; SIGNORINI, 2005) e do Português Brasileiro (MITTMANN, em preparação; RASO-MORAES-MITTMANN-ROCHA, no prelo);
- c. identificar restrições prosódicas e informacionais operantes no uso do pronome lembrete em Português Brasileiro;
- d. identificar restrições prosódicas e informacionais operantes no uso de orações relativas resumptivas no Português Brasileiro.

### **1.3 Fala e escrita**

Segundo Marcuschi (2001), existem diversas formas de se conceber a relação entre fala e escrita. Uma delas, aquela à qual se filia, vê nas modalidades falada e escrita uma dicotomia que pode ser descrita como um *continuum* dentro do qual se inserem as diversas práticas textuais existentes. Em uma das extremidades, estaria a escrita formal e, na outra, a conversação. Dessa forma, não existiriam características intrínsecas a cada uma das modalidades da língua, mas sim algumas tendências.

Outra perspectiva seria expressa por uma perspectiva dicotômica mais estrita em que se enfoca as diferenças de código existentes entre a língua falada e a escrita. Para Marcuschi, essa visão, embora muito difundida nos estudos linguísticos, é em grande medida responsável pelo preconceito que se têm em relação à fala, considerando-a uma versão desorganizada da escrita.

No presente trabalho, considera-se que as diamesias falada e escrita impõem, cada uma, certas restrições à toda e qualquer produção textual desenvolvida em cada uma dessas diamesias. Restrições diretamente ligadas ao canal de veiculação do texto, que, embora atenuadas em alguns casos, continuam todavia operantes. Dessa forma, nos termos de Marcuschi, essa pesquisa se insere na perspectiva dicotômica mais estrita. No entanto, segundo a visão aqui

defendida, é justamente a partir da delimitação das diferenças mais fundamentais entre fala e escrita que se dá reconhecimento da fala como um sistema linguístico *per se*, com regras próprias, independentes das normas vigentes para a diamesia escrita. Assim, ao contrário do que sustenta Marcuschi com relação às perspectivas mais marcadamente dicotômicas, esse trabalho se opõe às aproximações entre *escrita e norma culta*, de um lado, e *fala e corruptela da norma culta*, de outro, afastando-se qualquer tipo de visão preconceituosa acerca da fala.

Abaixo, segue uma descrição das principais diferenças entre as diamesias falada e escrita e as consequências dessas diferenças no processo de textualização.

Uma primeira diferenciação que pode ser feita entre fala e escrita é de natureza histórica e social. Estima-se que o surgimento da fala tenha ocorrido entre 50 e 100 mil anos atrás, enquanto o primeiro registro escrito – a tábua de Uruk, encontrada em Bagdá – data de 3.200 a.C. Todas as sociedades possuem linguagem oral, sendo essa uma característica filogenética da espécie humana (ou seja, diferencia a espécie humana das demais espécies), mas nem todas tem linguagem escrita. Dessa forma, a escrita aparece como uma tecnologia criada pelo homem com o intuito de se preservar determinados textos ao longo do tempo e do espaço e está ligada à complexificação das sociedades. A fala, por sua vez, está mais tipicamente ligada a funções sociais, gerenciando a relação entre os interlocutores, sem, é claro, deixar de lado seu aspecto informativo.

Ontogeneticamente, o processo de aquisição da fala é natural, no sentido que qualquer ser humano que não apresente patologias ligadas ao seu sistema cognitivo patológico que for exposto continuamente a uma língua falada desenvolve, sozinho, a capacidade de se expressar nessa língua. A aprendizagem da escrita, por outro lado, depende de um complexo processo de alfabetização, o qual deve ser conduzido por um indivíduo que, além de dominar a escrita em si, deve, preferivelmente, ter experiência com o processo de alfabetização.

Características contextuais relativas à produção de textos escritos e orais também são de grande utilidade para compreender as diferenças entre essas duas diamesias.

Em primeiro lugar, ressalta-se que a escrita ocorre, salvo algumas exceções, em situações em

que não se tem a presença contemporânea de escritor e leitor<sup>4</sup>. A distância temporal entre os processos de elaboração textual e de leitura garantem ao escritor a possibilidade de editar inúmeras vezes o seu texto antes que o mesmo seja lido (basta lembrar de todo processo editorial a que está submetido qualquer texto anteriormente à sua publicação em jornais, revistas e livros). Quaisquer modificações que não deixem marcas explícitas na forma final do texto (como rasuras, por exemplo) não serão sequer percebidas pelo leitor. Além disso, quem escreve um texto frequentemente não sabe ao certo qual vai ser o alcance de sua produção – tanto em termos de número de leitores quanto em termos geográficos –, sendo levado a imaginar um possível grupo de leitores e adaptar sua produção ao mesmo. Isso vale, em especial, para romances, textos religiosos, livros técnicos, mas também para manifestos, receitas culinárias e tantos outros gêneros textuais escritos. Já o leitor pode reler inúmeras vezes um mesmo texto até que tenha uma compreensão que julgue adequada. Além disso, o ato da leitura pode ocorrer de forma fragmentada, como quando uma pessoa lê trechos de um mesmo livro ao longo de meses – o que seria impensável em interações verbais.

Na diamesia falada, por outro lado, a comunicação se dá por meio do canal oral, valendo-se de ondas sonoras e de uma comunicação não verbal que integra e modula a comunicação verbal. Por esse motivo, a fala pressupõe, em seu uso mais cotidiano, a presença simultânea dos interlocutores. A princípio, as interações orais não podem ser posteriormente recuperadas, de modo que a interpretação e reinterpretação do que foi dito ficam sujeitas à memória dos falantes (BERRETTA, 1994). Dessa forma, a análise científica da fala depende de todo um aparato tecnológico que forneça gravações e transcrições da fala (feitas com critérios específicos que atendam os diferentes tipos de estudo<sup>5</sup>) e, em alguns casos, até mesmo de registros de imagem.

Também devido à presença concomitante de locutor e interlocutor, é possível que o locutor tenha um *feedback* imediato sobre a eficácia de sua comunicação. Esse *feedback* pode ocorrer de forma verbal, por meio de intervenções linguísticas diretas por parte do interlocutor, ou de forma não verbal, tomando como indícios as expressões faciais e corporais do mesmo. Dessa

---

4 Fazem exceção as conversas em *chat* em que a produção e a leitura ocorrem quase que simultaneamente e conversas por bilhetes em ambientes em que não se pode falar alto.

5 A transcrição ortográfica de um corpus oral impede, por exemplo, em Português Brasileiro, o estudo de fenômenos como a redução de formas de diminutivo (*sozinho/a* > *sozim*) e demonstrativos (*aquela* > *aquea*; *aqueles* > *agues*; *aquelas* > *aqueas*. etc), a lexicalização de formas aferéticas (*acabou* > *cabou*; *aguentar* > *guentar*) e tantos outros fenômenos (VALE-MELLO-RASO, 2009; RASO-MELLO, 2010)

forma, o falante é capaz de identificar uma incompreensão por parte do interlocutor, ou mesmo que o que está sendo dito é, para o outro, uma obviedade. Em ambos os casos, o falante tem a possibilidade de reestruturar, em tempo real, o seu discurso, adequando-o às reais exigências comunicativas. A esse propósito, é interessante notar a constante mudança de papéis de *falante* e *interlocutor* que toda interação oral está sujeita, em parte em função do *feedback* entre os falantes, mas em parte também devido a natureza dialógica da fala.

A presença simultânea de falante e interlocutor tem ainda outras consequências. Uma delas é que, diferentemente da escrita, a fala não pode ser previamente editada. Eventuais correções feitas pelo falante agem sobre o interlocutor com o objetivo de induzi-lo a reconsiderar o que foi dito. Entretanto, as correções nunca conseguem efetivamente apagar da memória do interlocutor algo que já foi expresso verbalmente. Mesmo em uma fala extremamente programada (como conferências ou discursos políticos), é impossível prever o modo exato em que se dará sua execução. Ainda nesses casos, são frequentes as disfluências de variados tipos.

A esse respeito, pesquisas mostram que as produções *fluentes* (ou seja, com um ritmo constante, ininterrupto, e com progressão temática linear) são inferiores a um terço de todo o material linguístico produzido pelos falantes (KOCH-SOUSA E SILVA, 1993). Em todos os outros casos, o que se tem é uma fala permeada por processos de *ralentamento* e *descontinuidade* (KOCH *et alii*, 1990).

O ralentamento seria a desaceleração do ritmo da fala com finalidades diversas, por meio de inserção de material linguístico, o que pode ocorrer por meio de estratégias distintas. Uma delas, chamada de *inserção*, baseia-se na suspensão temporária do tópico e na adjunção de material linguístico. O objetivo da inserção seria o de facilitar a compreensão do que está sendo dito pelo falante, manter o interesse do interlocutor pelo que está sendo dito ou criar uma maior intimidade com o mesmo e expressar a opinião do locutor sobre aquilo que está dizendo.

Outra estratégia de ralentamento, a *reformulação retórica*, visa reforçar ou dar ênfase à argumentação desenvolvida pelo falante. Para tanto, o mesmo se utiliza de um grande número de repetições e paráfrases de seus enunciados, diminuindo o ritmo da fala e concentrando a



atenção do interlocutor nas repetições em si. Outra função da reformulação retórica é tipo cognitivo: fornecer um maior tempo ao interlocutor para que haja uma interpretação adequada da informação. Desse modo, a reformulação retórica responde em grande parte pelo alto índice de repetições de material linguístico e de informação presente na fala.

Já a estratégia de *reformulação saneadora* tem como origem a identificação, por parte do falante ou de seu interlocutor de problemas no segmento verbalizado que podem ser solucionados por meio de reparos, reformulações ou paráfrases.

Existe ainda um último processo que leva ao ralentamento do texto: a *hesitação*, que se manifesta por meio de pausas (preenchidas ou não), repetições de palavras e truncamentos do conteúdo locutivo. A hesitação está sempre presente em qualquer verbalização, uma vez que depende de fatores situacionais diversos. Isso se deve ao fato do planejamento da produção oral e de sua execução serem, em última análise, simultâneos (KOCH *et alii*, 1990).

Levando em consideração todos esses fatores, chega-se à conclusão que o ideal de um falante fluente é uma abstração, a qual, embora seja útil aos estudos linguísticos, deve ser tratada como tal – e não como uma realidade pertencente à diamesia oral (KOCK *et alii*, 1990).

Como pode ser observado até então, os textos orais, principalmente os de caráter conversacional, têm um forte vínculo com a situação de produção. Por esse motivo, valem-se amplamente de pressupostos contextuais<sup>6</sup>. Assim, no processo de textualização, parte do significado que poderia ser expresso por meio de material linguístico – e que seria expresso linguisticamente em textos escritos – permanece implícito (BERRETTA, 1994). O contexto extralinguístico que não é explicitado nas interações verbais é comumente acionado por meio dos *dêiticos* (pronomes pessoais, possessivos, desinências verbais de primeira e segunda pessoa, locativos, referências temporais, demonstrativos *etc* usados para fazer referência a um elemento fora do texto). Em uma situação comunicativa em que um indivíduo aponta uma caixa de presente e diz ao interlocutor “Aquilo é pra você”, tem-se o uso dêitico do demonstrativo “aquilo”, o qual, do ponto de vista semântico, é pouco definido. Em um texto escrito, uma formulação como essa poderia gerar incompreensões por parte do leitor. O

---

6 Os monólogos e os textos expositivos não apresentam tanto essa característica (BERRETTA, 1994).

mesmo vale para um texto que use expressões temporais como “dois anos atrás” sem deixar claro qual é o ano que se está tomando como referência.

Ainda com relação à textualização, a fala e a escrita tendem a estruturar a mensagem em modos diferentes. Enquanto na escrita o texto é organizado em função de relações sintáticas, no texto oral a semântica prevalece sobre a sintaxe, estabelecendo-se um “modo pragmático do discurso” (BERRETTA, 1994). Em PB, por exemplo, a ordem canônica das frases prevê a estrutura SVO (sujeito-verbo-complemento). Essa estrutura pode ser observada em “Carlos comeu a maçã”, em que “Carlos” é o sujeito, “comeu” é o verbo e “a maçã” é o objeto direto. Ainda, pode-se dizer que “Carlos” é: (a) o sujeito lógico da frase, uma vez que é ele que desempenha a ação de “comer” e (b) o *tema* da frase, ou seja, aquele sobre o qual se diz algo. Todavia, estruturas como “A maçã, Carlos comeu” são muito frequentes na fala. Em casos como esse, “Carlos” é ainda o sujeito lógico da ação de “comer”, mas não mais o tema da frase. Por não estar mais em sua periferia esquerda, seria analisado como *rema*, ou seja, aquilo que se diz sobre o tema<sup>7</sup>.

Na fala, a conexão entre as diversas partes do discurso é feita mais por marcadores discursivos que por conectores sintáticos com valor lógico. Em relação ao período, a fala tem uma sintaxe mais simples e coesa, preferindo a parataxe ou a adjunção de enunciados monoproposicionais. A escrita, por outro lado, privilegia a hipotaxe, usando um maior número de subordinadas. Para o Italiano, Berretta assinala a presença da conjunção subordinativa *che*, em seu uso polivalente. Nesse caso, estabelece uma relação sintática “fraca” de subordinação, com valor semântico vago, causal ou explicativo (inserir exemplos). Em alguns casos, essa relação não é definível em termos tradicionais e as conexões estabelecidas devem ser tratadas como conexões textuais genéricas<sup>8</sup>.

Do ponto de vista lexical, a escrita apresenta um vocabulário mais amplo que a fala, com um maior número de palavras de registro alto. Em relação à razão *types/tokens*, caracteriza-se por

---

7 A oposição entre *tema* e *rema* não é a única forma de explicar a estrutura informacional dessa construção. Como será visto adiante, a Teoria da Língua em Ato, a qual serve de base para essa pesquisa, também possibilita a compreensão do fenômeno em questão. Todavia, nesse momento, considerou-se que uma antecipação de conceitos fundamentais da TLA poderia causar uma compreensão inadequada da mesma. Assim, optou-se por utilizar as noções de tema e rema, uma vez que esses conceitos são bastante difundidos na literatura.

8 Em tipologias de fala mais programada, porém, esse tipo de *che* tende a não aparecer.

apresentar um alto número de *types* e um menor índice de *tokens*, ao contrário da fala. Como consequência, a fala tem uma maior densidade lexical que a escrita. Os textos orais são formados, frequentemente, por uma quantidade restrita de palavras, valendo-se da polissemia das mesmas. Outra marca do discurso oral é a presença de um maior número de palavras de baixo calão, de aumentativos e de diminutivos, buscando atender exigências expressivas.

Quanto à morfologia, o sistema verbal da diamesia falada é simplificado em relação ao da diamesia escrita. Alguns tempos verbais têm o seu escopo alargado, compreendendo o uso de outros tempos. No Italiano, por exemplo, o presente do indicativo é usado frequentemente para se referir a ações futuras (como em “questa sera vado al cinema”, em que o presente é usado no lugar do futuro do indicativo) ou passadas (com o uso do presente histórico). Também é notável o caso do *imperfetto indicativo* (tempo verbal italiano correspondente ao pretérito imperfeito do PB), usado amplamente no lugar do *congiuntivo trapassato* e do *condizionale passato* (“se vinivi tu, venivo anch’io”).

O sistema pronominal também se comporta de formas diferentes ao se variar a diamesia de uma língua, tanto em relação à frequência de uso quanto em relação à estrutura do sistema (BERRETTA, 1994). Essa questão pode ser observada em Italiano, cuja diamesia escrita prevê uma série de pronomes pessoais usados exclusivamente para se fazer referência a pessoas (*io, tu, lui/lei/Lei etc*), e pronomes usados para se referir a objetos, eventos e seres não humanos (*esso/-a/-i/-e e ciò*). Todavia, esses últimos pronomes são praticamente inexistentes na linguagem oral, de modo que os demonstrativos *questo* e *quello* assumem suas funções. Berretta lembra ainda que, em alguns casos, mesmo os pronomes pessoais são usados para se referir a objetos e os demonstrativos como forma marcada para se referir a pessoas (“quello lì...”).

Quanto aos fenômenos mais propriamente morfológicos, pode-se citar a tendência presente em muitas línguas de não se realizar a concordância entre sujeito e verbo em casos de posposição do sujeito, ou a tendência à regularização de paradigmas nominais e verbais. Para o primeiro caso, Berretta chama a atenção para a forma “le parte”, a qual ocorre ao lugar da forma dicionarizada “le parti”, uma vez que última prevê um plural feminino irregular *-i* e não *-e*, conforme a regra de formação de plurais do italiano (BERRETTA, 1994).

## 2 A TEORIA DA LÍNGUA EM ATO

A Teoria da Língua em Ato (CRESTI, 2000), doravante TLA, tem como objetivo explicar a forma com que se articula a informação na fala, tendo o enunciado como a sua unidade de referência. Baseando-se na Teoria dos Atos de Fala (AUSTIN, 1962), a TLA aprecia de uma forma plena a natureza acional da fala, explicando em detalhes a relação entre o domínio linguístico (a *locução*, nos termos de Austin) e o domínio da ação (a *ilocução*). Nesse contexto, o enunciado é definido como a menor entidade linguística dotada de (a) interpretabilidade pragmática e (b) autonomia prosódica.

A TLA foi formulada a partir dos anos 80 com base na observação sistemática da língua falada espontânea e foi testada e aperfeiçoada em inúmeros estudos baseados em *corpus* desenvolvidos pelo LABLITA (Laboratório de Linguística da Università degli Studi di Firenze) a partir dos *corpora* LABLITA (CRESTI, 2000) e C-ORAL-ROM (CRESTI-MONEGLIA, 2005). Atualmente, o grupo C-ORAL-BRASIL, responsável pela compilação do *corpus* omônimo, tem se ocupado, em parceria com o LABLITA, do desenvolvimento de novos estudos que têm levado adiante a teoria. Os estudos do C-ORAL-BRASIL tornam-se particularmente significativos uma vez que se baseiam em uma língua românica de cultura não européia, o Português Brasileiro.

### 2.1 O enunciado como a unidade de referência da fala

Considerando as inúmeras diferenças existentes entre as diamesias oral e escrita, a TLA reconhece a necessidade de se estudar a fala com base em uma unidade de referência própria dessa diamesia. Assim, o *enunciado* é definido como a unidade de referência da fala, em contraposição à *frase*, unidade de referência da escrita. Dessa forma, a organização textual da fala e, em particular, a forma com que a fala veicula ações são explicadas a partir da noção de enunciado.

Para compreender melhor a necessidade de se utilizar a prosódia para delimitar unidades linguísticas que veiculam ilocução, é proveitoso observar diversas tendências de definição de *enunciado* presentes na literatura linguística.

### 2.1.1 Três tendências de definição de enunciado

Segundo Cresti e Gramigni (2004), existem três principais tendências de definição de enunciado que divergem consideravelmente do conceito proposto pela TLA:

- a) definição dialógica;
- b) definição temporal;
- c) definição sintática;

Segundo a *definição dialógica*, o enunciado seria o correspondente a cada turno dialógico de uma interação oral. Assim, no exemplo abaixo, teria-se um total de 4 enunciados:

Exemplo (2.1) – bfamdl04<sup>9</sup>

\*KAT: [245] carrega o quê //

\*SIL: [246] carrega pedra //

\*KAT: [247] por quê //

\*SIL: [248] porque é //

No exemplo (2.2), teria-se um único enunciado:

Exemplo (2.2) – bfamdl01

\*REN: [487] dá na mesma // [488] cinqüenta-e-quatro / gramas // [489] e aqui cinqüenta-e-sete // [490] mesma coisa // [491] e esse daqui quanto é // [492] um e cinqüenta //

Os turnos dialógicos podem ser constituídos tanto de uma só palavra quanto de uma longa sequência delas, podendo durar minutos em interações de caráter monológico. Haja visto a

---

9 Para uma melhor compreensão dos exemplos retirados do *corpus* C-ORAL-BRASIL, esclarece-se que, segundo os critérios de transcrição adotados (MELLO-RASO, 2009): a) a sigla formada por uma sequência de seis letras e dois números (como "bfamdl04", "bfamdl01" etc) é a sigla de identificação dos textos no *corpus* C-ORAL-BRASIL; b) a sigla formada pelo símbolo asterisco ("\*") seguido de três letras maiúsculas (como "\*KAT" e "\*SIL") indica o falante responsável pelo turno dialógico que se segue; c) o número entre colchetes (como "[245]") identifica o enunciado no texto de origem; d) a barra simples ("/") indica uma quebra prosódica não terminal; e d) a barra dupla ("/") indica uma quebra prosódica terminal. Os conceitos de quebra prosódica terminal e não terminal serão vistos adiante, na subseção 2.2.

imprevisibilidade característica ao turno dialógico, não seria verossímil, segundo a autora, concebê-lo como a unidade de organização textual superior à palavra, tampouco como a unidade de referência para a organização da fala. Ainda, quando se tem o objetivo de estudar a relação entre fala e ação – como é o caso da TLA –, a definição dialógica torna-se ainda mais problemática. Basta observar o exemplo (2.2), em que diversas ações são realizadas em um único turno dialógico.

Outra forma de definir o enunciado é caracterizá-lo como a sequência de fala presente entre duas pausas (*definição temporal*). Por mais que, em alguns casos, seja possível delimitar as ações desempenhadas na fala por meio das pausas existentes entre as mesmas – o que podia tornar a definição temporal de enunciado adequada à TLA – esse critério não é confiável. Em primeiro lugar, observem-se os exemplos (2.3) e (2.4).

Exemplo (2.3) – bfamdl02

\*BAL: [64] tá saindo de uma garrafinha que tem um bico muito pequeno // [65] então daquela coisa pequeninim nũ vai encher rápido // [66] agora imagina cê pega um balde e joga dentro //



Figura 2.1<sup>10</sup> – Movimentos de F0 do exemplo (2.3)

Exemplo (2.4) – bfamdl03

\*LUZ: [21] eu é porque nũ / nũ tenho pique de / enfrentar aquilo lá pa trabalhar //

10 O trecho marcado corresponde à sequência "então daquele pequeninim nũ vai encher rápido". A primeira seta indica que não existe pausa entre o conteúdo locutivo anterior a essa sequência. A segunda seta mostra a pausa entre a segunda e a terceira sequências.

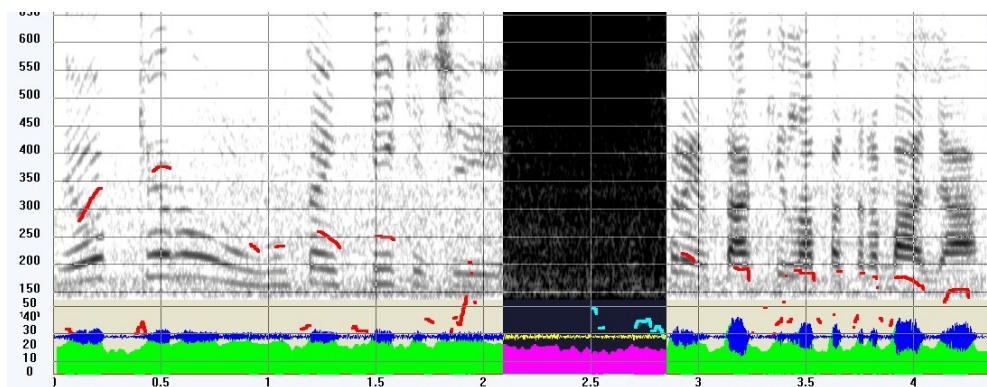


Figura 2.2<sup>11</sup> – Movimentos de F0 e espectrograma do exemplo (2.4)

No exemplo (2.3), percebe-se que as sequências separadas por barras duplas ("/") veiculam, cada uma, uma ilocução. Se ouvidas em isolamento (áudios 2.3-bfamdl02[64], 2.3-bfamdl02[65] e 2.3-bfamdl02[66]), as sequências interpretáveis pragmaticamente. No entanto, ouvindo-as em conjunto (2.3-bfamdl02[64-66]), é evidente que não existe pausa entre as duas primeiras. Assim, de acordo com uma definição temporal de enunciado, as duas primeiras não poderiam ser vistas como independentes uma da outra, mas sim como um único enunciado.

O exemplo (2.4), por outro lado, apresenta uma pausa no seu interior. Segundo uma definição temporal, essa sequência deveria conter dois enunciados. Entretanto, ouvindo o trecho anterior a "enfrentar aquilo lá pra trabalhar" (áudio 2.4-bfamdl03[21]a), fica claro que nenhuma ilocução é cumprida até então.

Dessa forma, parece mais proveitoso considerar que as pausas tratam-se, em muitos casos, de meras escansões veiculadas de forma consciente ou inconsciente pelo falantes e que, embora em alguns casos coincidam com a realização de uma ação, não estão necessariamente correlacionadas a esse fenômeno. Em contrapartida, uma análise fundamentada não no conceito de pausa, mas sim de quebras prosódicas<sup>12</sup>, permite separar o exemplo (2.3) em três enunciados e a compreender porque (2.4) constitui um único enunciado. A esse respeito, Moneglia (2005) mostra que 37% das quebras prosódicas percebidas como terminais presentes no *corpus* C-ORAL-ROM não são seguidas por pausas. Da mesma forma, 42% das quebras percebidas como não terminais de todo o *corpus* coincide com uma pausa.

<sup>11</sup> O trecho marcado corresponde à pausa entre "nũ tenho pique de" e "enfrentar aquilo lá pa trabalhar".

<sup>12</sup> Uma quebra prosódica é uma variação prosódica perceptível a um falante de uma língua. Esse conceito, bem como os de quebra terminal e quebra não terminal serão vistos logo a seguir, na subseção 2.2.

Além desses fatores, devem ser consideradas outras dificuldades associadas a uma definição temporal de enunciado. Em primeiro lugar, sabe-se que a duração das pausas varia muito no discurso em função de fatores circunstanciais (como o tempo que o falante tem à sua disposição), fatores psicológicos (como a ansiedade, estresse *etc*), estilo pessoal e dialeto do falante. Ademais, conforme lembram Cresti e Gramigni (2004), a quantidade de pausas de um texto também varia excessivamente com base no valor temporal escolhido para que uma disfluência seja chamada de pausa.

Visto isso, conclui-se que escolher a pausa como critério de identificação do enunciado – ou seja, da unidade de referência de toda uma teoria – implicaria na dificuldade de se trabalhar com um critério excessivamente variável e, portanto, não muito confiável. Além disso, para a TLA, interessada em segmentar a fala de acordo com as ilocuções, a pausa seria um critério contraditório, ora colocando duas ilocuções em um mesmo enunciado, ora criando enunciados sem nenhuma ilocução.

Outra tendência de caracterização do enunciado (a *definição sintática*) seria estabelecer uma correspondência entre *enunciado* e *frase* – essa última entendida como a unidade de referência da escrita – tal que o enunciado seja entendido como a versão oral da frase, ou uma "frase dita".

Para Cresti (2005a), ao longo dos estudos linguísticos, a frase esteve sempre associada a duas características principais: interpretar sintaticamente uma proposição e realizar uma predicação. Para isso, é necessário que se tenha uma forma verbal flexionada acompanhada dos complementos exigidos pela valência de cada verbo. A formação e o reconhecimento das frases são orientados, então, pelo eixo lógico-sintático. Para que se possa adotar uma concepção de enunciado como uma versão oral da frase, é necessário que o primeiro possa ser analisado com os critérios do último.

Todavia, os levantamentos realizados no *corpus* C-ORAL-ROM (2005a), o qual é segmentado de modo a separar as diversas ações presentes na fala, mostram que, no Italiano falado espontâneo, 38,1% do total de enunciados não tem verbo. Esses enunciados são formados



somente por SNs, SPs, adjetivos ou interjeições. Mesmo em relação ao Inglês, a Longman Grammar indica um percentual de 38% para o mesmo fenômeno. Quanto ao C-ORAL-BRASIL (2012) 22,12% dos enunciados de textos monológicos e 29,5% dos enunciados de textos dialógicos não possuem formas verbais. Seguem alguns exemplos extraídos do C-ORAL-BRASIL:

Exemplo (2.5) – bfamcv01

\*EVN: [166] Aminas / quatro //

Exemplo (2.6) – bfamcv04

\*BRU: [100] o laranja / ou o amarelo //

Exemplo (2.7) – bfamdl02

\*BAL: [195] na parte maior //

Exemplo (2.8) – bfammn31

\*CBC: [44] <ou> seja / né //

Nesse ponto, seria possível pensar que a ausência de verbos em um número tão elevado de enunciados em ambas as línguas trata-se de uma questão de segmentação. Ou seja, enunciados que a princípio teriam verbos foram divididos de forma enganosa de modo que, aparentemente, eles não tem verbo. A crítica a essa posição pode ser feita de mais de uma forma. Em primeiro lugar, vejam-se os exemplo (2.9) e (2.10):

Exemplo (2.9) – bfamcv04

\*BRU: [174] <se for> / um passarinho / cê nũ pode fazer / hhh // [175] nũ pode //

\*HEL: [176] hum hum //

\*BRU: [177] cê nũ pode fazer &a [/1] nenhum som //

Exemplo (2.10) – bpubdl01

\*PAU: [15] não tá dando a altura daquele que a <Isa><sup>13</sup> marcou <lá> né

---

13 Os sinais "<" e ">" indicam, nos critérios de transcrição adotados pelo C-ORAL-BRASIL, que o trecho transcrito entre eles é sobreposto à fala de outro informante.

Em relação a (2.9), não há dúvidas de que a sequência proferida pelo falante HEL não possui nenhuma forma verbal. No entanto, o mesmo pode ser facilmente interpretado como uma ação.

Quanto ao enunciado seguinte, a situação é mais complexa. Tem-se, em (2.10), uma transcrição da fala do informante PAU sem quaisquer anotações de cunho prosódico. Observando-a, é possível pensar que a sequência de palavras ali presente forme a frase "não tá dando a altura daquele que a Isa marcou lá", ou seja, uma frase na negativa. Todavia, ouvindo o áudio referente ao exemplo (2.10-bpubdl01[15]), não há dúvidas que ali são cumpridas duas ilocuções: a ilocução de *negação*, referente à locução "não", e a a ilocução de *asserção*, referente à locução "tá dando a altura daquele que a Isa marcou lá né". Como resultado, o vocábulo "não" não pode ser interpretado como um advérbio de negação do verbo "estar". Esse exemplo é de extrema importância pois mostra que segmentar a fala de acordo com uma definição de "frase oral" pode causar equívocos gravíssimos de natureza semântica. Também não se pode esquecer que, se se tem como objetivo separar as ilocuções presentes na fala, a *definição sintática* não é adequada pois, no exemplo em questão, colocaria duas ilocuções em um mesmo enunciado.

Pelos motivos apresentados acima, considerar a "frase oral" como a unidade de referência da fala não se presta ao objetivo de se estudar a natureza acional da fala. Dividir o *continuum* da fala em enunciados tendo como critério a realização de uma ilocução mostra que 1/3 dos enunciados realmente presentes na fala não tem sequer uma forma verbal.

### 2.1.2 A definição pragmática de enunciado e a Teoria da Língua em Ato

A presente subseção apresentará, com mais detalhes, a definição pragmática de enunciado adotada por Cresti na formulação da Teoria da Língua em Ato (2000), mostrando como a entonação é um critério decisivo para a segmentação da fala em ilocuções.

Remetendo-se à Teoria dos Atos de Fala (AUSTIN, 1962), o enunciado é definido pela autora como "toda expressão interpretável pragmaticamente, ou seja, toda expressão através da qual

se realize um ato de fala” (CRESTI, 2000). Nessa abordagem, cada um dos enunciados proferido por um falante seria uma ação sobre seus interlocutores, ou uma reação à uma ação anterior. Assim, o diálogo constituiria um suceder de ações e reações, em que cada um dos interlocutores age sobre o outro por meio de seus diversos enunciados. A motivação para a realização de cada enunciado seria de natureza psicológica e teria como ponto de partida uma “insurgência pulsional inconsciente” (CRESTI, 2000: p.43). Segundo a autora, a materialização das ações desempenhadas pelos falantes nos enunciados não ocorre de forma livre, mas é condicionada por esquemas culturais que os impelem a realizar cada ação de uma determinada forma. Assim, o esquema cultural existente para a realizar verbalmente a ação *pergunta total* é diferente, por exemplo, do esquema para se realizar a ação de *ordem*.

A TLA compartilha com a teoria de Austin (1962) o pressuposto de que cada ato de fala é composto de três atos desempenhados, todos, simultaneamente: um ato *locutivo*, um ato *ilocutivo* e um ato *perlocutivo*. Nesse contexto, Cresti caracteriza o ato *perlocutivo* como o aspecto psicológico e pulsional que está na base das interações orais. A concomitância da realização dos atos ilocutivo e locutivo serve, por sua vez, de base para um dos pontos centrais da TLA, o dito *princípio ilocutivo* – conceito central para a compreensão da forma que a informação se estrutura na fala. Segundo o princípio ilocutivo, existe uma relação biunívoca entre enunciado e ilocução<sup>14</sup>. Sendo assim, cada enunciado realiza uma e somente uma ação.

Ainda, segundo a TLA, a interface entre o domínio linguístico (a *locução*) e o domínio acional (a *ilocução*) é realizada pela entonação. Dessa forma, cada enunciado é realizado segundo um perfil prosódico específico que lhe confere uma determinada ilocução. Em convergência com o que foi dito anteriormente, tem-se que o perfil prosódico característico da ilocução de *ordem* é diferente do perfil prosódico de uma *pergunta total*, os quais são diferentes do perfil de todos os outros tipos de ilocução. Isso pode ser ilustrado por meio das Figuras 2.3, 2.4 e 2.5, abaixo, as quais mostram, respectivamente, as curvas melódicas das ilocuições *asserção* (áudio 2.11-em\_estudio[1]), *pergunta total* (áudio 2.11-em\_estudio[2]) e *sarcasmo* (áudio 2.11-em\_estudio[3]) com o mesmo conteúdo locutivo ("João vai pro Rio").

---

<sup>14</sup> Essa noção será posteriormente problematizada. Todavia, como será observado adiante, o critério ilocutivo é válido para a maioria absoluta dos enunciados, sobretudo na fala espontânea e em textos dialógicos.

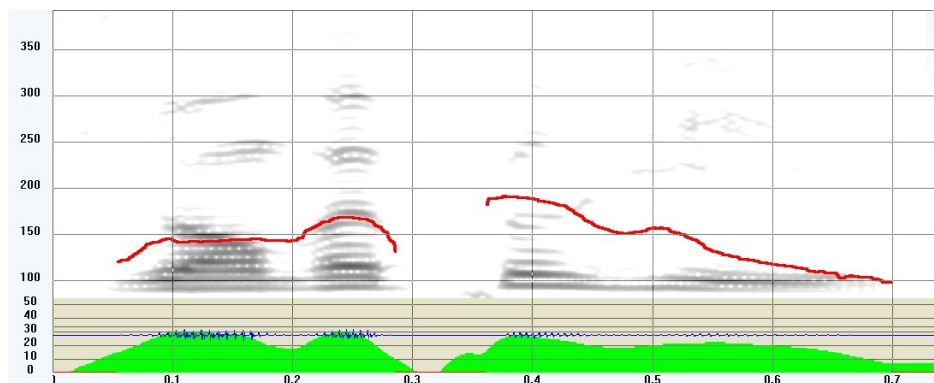


Figura 2.3 – João vai pro Rio // Ilocução: asserção

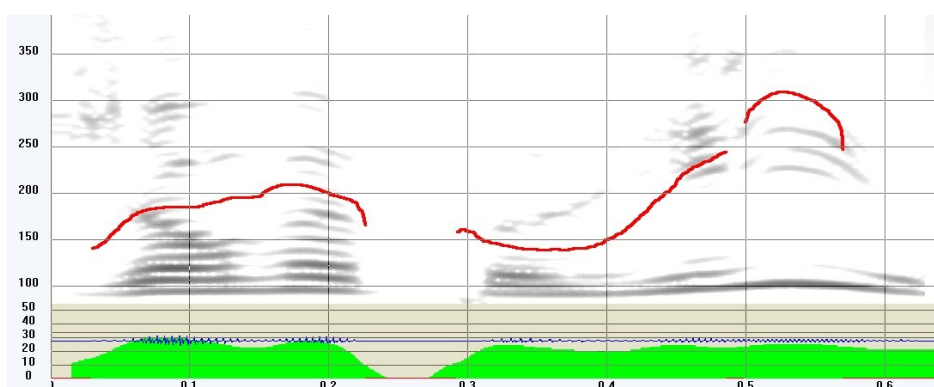


Figura 2.4 – João vai pro Rio // Ilocução: pergunta total

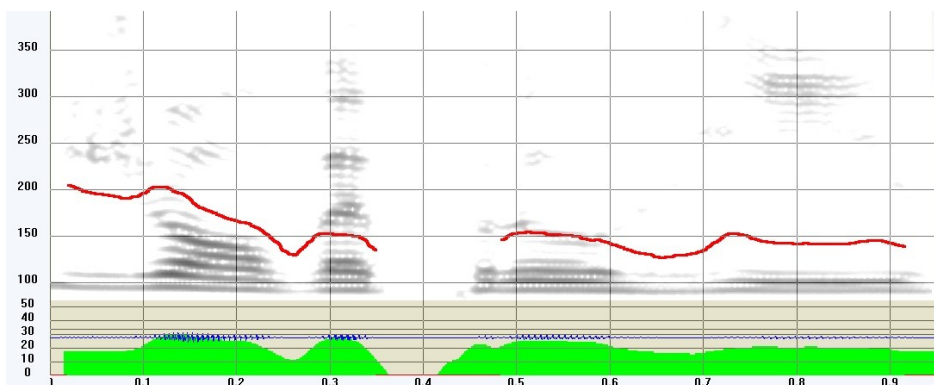


Figura 2.5 – João vai pro Rio // Ilocução: sarcasmo

A correspondência entre enunciado e ação postulada pelo princípio ilocutivo tem sido rigorosamente testada em diversos estudos desenvolvidos no LABLITA (CRESTI, 2000; FIRENZUOLI, 2003).

Como observado nos exemplos acima, um mesmo conteúdo locutivo pode veicular ilocuições diferentes. Da mesma forma, como é de se esperar, a TLA prevê que a mesma ilocução pode

ser veiculada por outros conteúdos locutivos. A esse respeito, chama-se a atenção para as semelhanças existentes nas curvas de F0 presentes na Figura 2.4 e na Figura 2.6, a seguir.

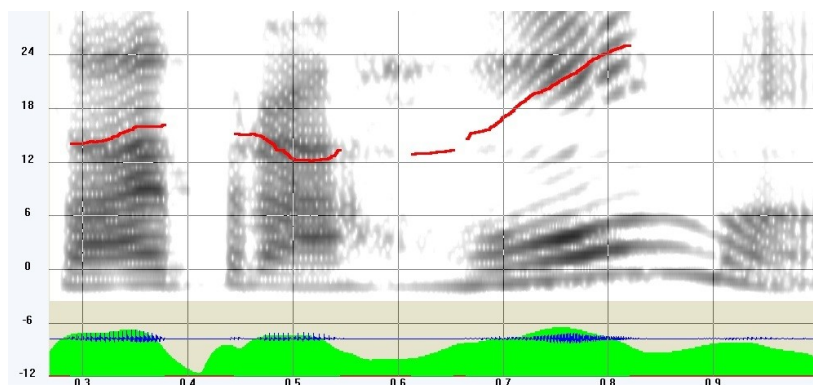


Figura 2.6 – Vai pra Roma // Ilocução: pergunta total

## 2.2 As funções da entonação

No quadro teórico da TLA, a entonação tem como funções:

1. segmentar os enunciados dentro do *continuum* da fala;
2. segmentar o enunciado em suas unidades internas;
3. atribuir uma ilocução a cada enunciado;
4. atribuir uma função informacional a cada unidade tonal do enunciado.

A segmentação da fala em enunciados e em suas unidades internas é feita com base em quebras prosódicas percebidas como *terminais*, conforme a fonética perceptual de 't Hart *et alii* (1990). Ao ouvir uma quebra terminal, o ouvinte tem a percepção de conclusão. Esse tipo de quebra prosódica ocorre ao final do enunciado (2.11) – observável na Figura 2.3 –, em contraposição ao exemplo (2.12):

Exemplo (2.11) – Em estúdio<sup>15</sup>

\*BAL: João vai pro Rio //

<sup>15</sup> Os dizeres "em estúdio" indicam que o exemplo em questão foi gravado em laboratório por falantes competentes do PB. Tais exemplos não se tratam, portanto, de fala espontânea (NENCIONI, 1983) e são aqui usados exclusivamente com fins didáticos.

Exemplo (2.12)<sup>16</sup> – Em estúdio

\*BAL: João /

Em (2.11), tem-se claramente a sensação de que o enunciado chegou ao fim, enquanto, no exemplo seguinte, o ouvinte espera que o falante complete aquilo que está sendo dito. Isso ocorre porque, enquanto o exemplo (2.11) é concluído por uma quebra terminal (e, portanto, constitui um enunciado), o exemplo (2.12) é concluído por uma quebra percebida como *não-terminal* e corresponde a uma das divisões internas de um enunciado. A quebra ao final de (2.12) marca, então, uma fronteira interna de um enunciado e não a sua conclusão. O exemplo (2.13), por sua vez, mostra o enunciado em que (2.12) se insere. (2.13) é, portanto, um enunciado constituído de mais de uma unidade interna.

Exemplo (2.13) – Em estúdio

\*BAL: João / vai pro Rio //

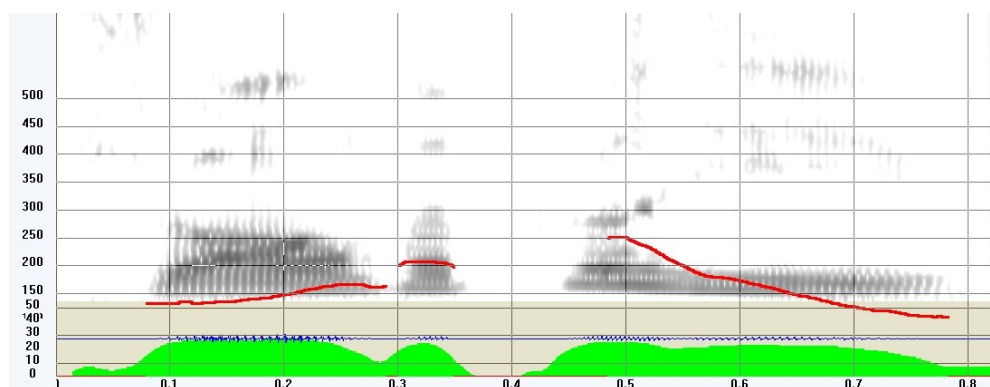


Figura 2.7 – Enunciado com mais de uma unidade interna

O processo de atribuição de uma ilocução a cada enunciado e de uma função informativa a cada uma de suas partes é complexo e está ligado a diferentes níveis de análise da entonação considerados pela Teoria da Língua em Ato, dentro daquilo que Cresti (2000) chama de modelo entonacional. No entanto, antecipa-se que todo enunciado possui uma unidade interna responsável pela atribuição de sua força ilocucionária, a qual é chamada de *Comentário* e será vista com maiores detalhes na subseção 2.4.1. Os enunciados formados exclusivamente pela unidade de Comentário são chamados de enunciados simples. Os enunciados complexos, por

<sup>16</sup> Cabe observar que esse exemplo, apesar de ter o mesmo conteúdo locutivo do exemplo (2.11) para facilitar a compreensão, foi extraído de um outro enunciado, o exemplo (2.13).

sua vez, possuem mais de uma unidade interna, sendo que uma delas é necessariamente aquela de Comentário.

Antes de prosseguir, é oportuno abordar brevemente um tema importante na TLA. Com base no exemplo (2.13), cujo conteúdo locutivo transcrito sem anotações prosódicas é “João foi pro Rio”, uma análise sintática tradicional apontaria o SN “João” como sendo sujeito do verbo “ir”. No entanto, considerando que esses elementos encontram-se em diferentes unidades internas do enunciado, essa análise não seria possível no âmbito da TLA. Segundo a Teoria da Língua em Ato, o limite da sintaxe é a unidade informacional<sup>17</sup>. Ou seja, em um enunciado com várias unidades informacionais, um constituinte possui relações sintáticas somente com aqueles que se localizam na mesma unidade. Esse, claramente, não é o caso do exemplo (2.13), em que “João” e “foi pro Rio” são separados por uma quebra não terminal.

### 2.3 O modelo entonacional

Em primeiro lugar, cabe esclarecer que aquilo que é chamado de *entonação* por Cresti (2000) corresponde à combinação dos seguintes parâmetros:

1. variação de frequência fundamental<sup>18</sup> (doravante, F0);
2. variação de intensidade;
3. variação de velocidade.

O **primeiro nível de análise** da entonação na fala seria os *movimentos de F0*. Segundo os estudos conduzidos pelo IPO (t' HART-COLLIER-COHEN, 1990), dentre todos os movimentos de *pitch*<sup>19</sup> presentes na fala, somente alguns são percebidos pelos falantes de uma

<sup>17</sup> O conceito de unidade informacional será visto adiante. No entanto, antecipa-se que cada divisão interna do enunciado (exceto aquelas causadas por disfluências e escansões) corresponde sempre a uma unidade informacional.

<sup>18</sup> F0, ou frequência fundamental, é um “termo derivado do estudo da física do som e usado na fonética acústica, indicando o componente de frequência mais baixa em uma onda sonora complexa (os outros componentes são conhecidos como a “harmônica”). A frequência se refere ao número de ciclos completos (movimentos de abrir e fechar) da vibração das cordas vocais em uma unidade de tempo (por segundo). A noção de “fundamental” ou F0, é de particular relevância para o estudo da entonação, onde mostra uma correspondência consideravelmente próxima com os movimentos de *pitch* envolvidos. É medido em hertz (Hz), que substitui o antigo “ciclos por segundo” (CRYSTAL 1988).

<sup>19</sup> O *pitch* é um termo que “indica um ponto em uma escala da sensação auditiva. Trata-se de um traço fonético correspondente, até certo grau, ao traço acústico de frequência” (CRYSTAL, 1988). Segundo t' HART, COLLIER e COHEN (1990), movimentos de *pitch* estão associados principalmente a movimentos de F0,

língua: aqueles que são produzidos pelo locutor de forma intencional (ainda que inconsciente). Essa questão pode ser ilustrada pelo exemplo abaixo, em que será dado destaque aos movimentos de F0.

Exemplo (2.14) – bfamdl04

\*SIL: [29] deu palpite nenhum // =COM=

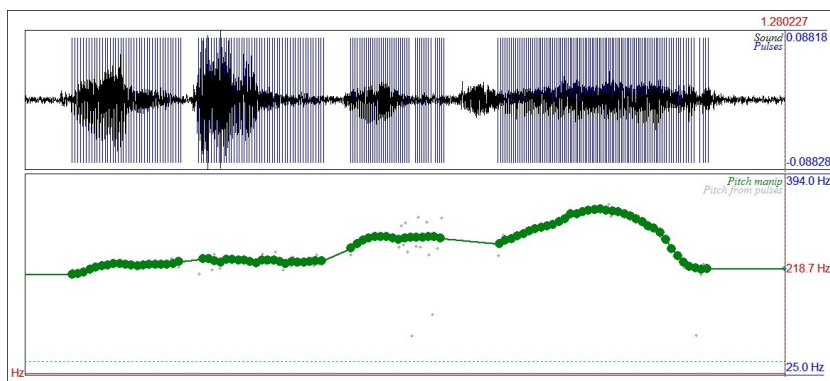


Figura 2.8 – Movimentos de F0 do enunciado (2.14)

A Figura 2.8 mostra, na tela do programa *Praat* (<http://www.praat.org/>)<sup>20</sup>, os movimentos de F0 do enunciado (2.14). Já as Figuras 2.9 e 2.10 mostram sínteses, realizadas no *Praat*, que simplificam a curva de F0 original eliminando, ora movimentos intencionais e ora movimentos não intencionais de (2.14)<sup>21</sup>. Na Figura 2.9, estão presentes somente os movimentos intencionais de F0 do enunciado original e, na Figura 2.10, foram removidos alguns de seus movimentos intencionais. Ouvindo os exemplos, é evidente que a eliminação dos movimentos não intencionais não causa diferença de percepção na curva melódica do trecho. Já a eliminação dos movimentos intencionais faz com que o falante de Português Brasileiro note uma diferença significativa em relação ao exemplo original.

---

mas também a outros parâmetros prosódicos como duração, alinhamento e frequência.

20 Para que se tenha uma melhor compreensão das funcionalidades desse programa, consultar o ANEXO E, dedicado ao *Praat* e que explica como ele foi utilizado nessa pesquisa.

21 A metodologia desenvolvida pelo IPO para a identificação de movimentos voluntários e involuntários baseia-se justamente na realização de sínteses em que os movimentos de F0 são simplificados e em testes de percepção para averiguar quais das sínteses são percebidas como idênticas às originais. As sínteses que não causam diferenças de percepção são chamadas de *close copies* e os movimentos de F0 que foram eliminados na sua realização são os movimentos involuntários.



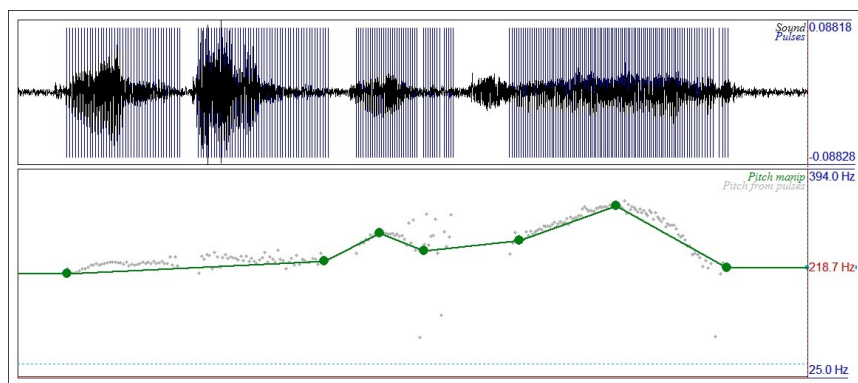


Figura 2.9 – Movimentos intencionais de F0 do enunciado (2.14)

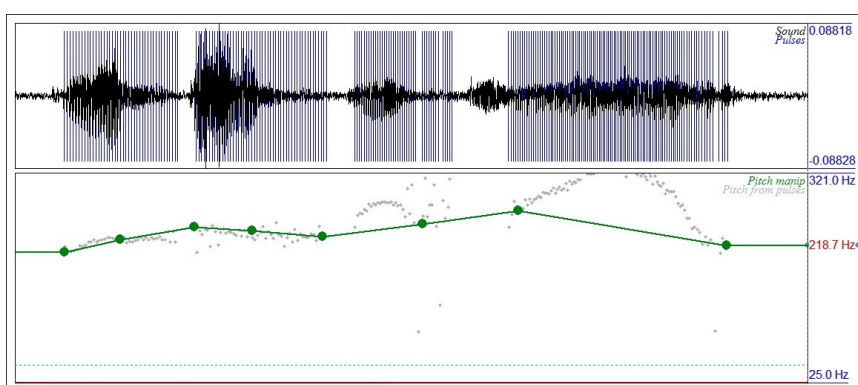


Figura 2.10 – Síntese que elimina alguns dos movimentos intencionais de F0 do enunciado (2.14)

Considerando os movimentos de *pitch* produzidos de forma voluntária, as pesquisas do IPO mostram ainda que existem classes de movimentos que são avaliados da mesma forma pelos falantes. Note-se que essa avaliação não é feita com base na **função** que as classes movimentos assumem na articulação da informação no enunciado, mas simplesmente com base na percepção da **curva melódica** do enunciado.

As classes teóricas de movimentos, chamadas de *perfis prosódicos*, constituem o **segundo nível de análise da entonação**. Os perfis podem ser formados por movimentos similares (A, A', A''), configurações de movimentos (A+B, C+D) e movimentos compostos por partes opcionais e obrigatórias (a+A+b, B+a, A'+D+c).

A Figura 2.11 – correspondente à locução "a mãe da Fafica", do enunciado (2.15) – exhibe uma configuração de movimentos prosódicos composta por um movimento opcional "a" (em traços finos), por um movimento obrigatório "A" (em traços grossos) e por um movimento opcional

"b" (também em traços finos).

Exemplo (2.15) – bfamcv02

\*TER: [102] a mãe da Fafica / vai dar / o fogão //

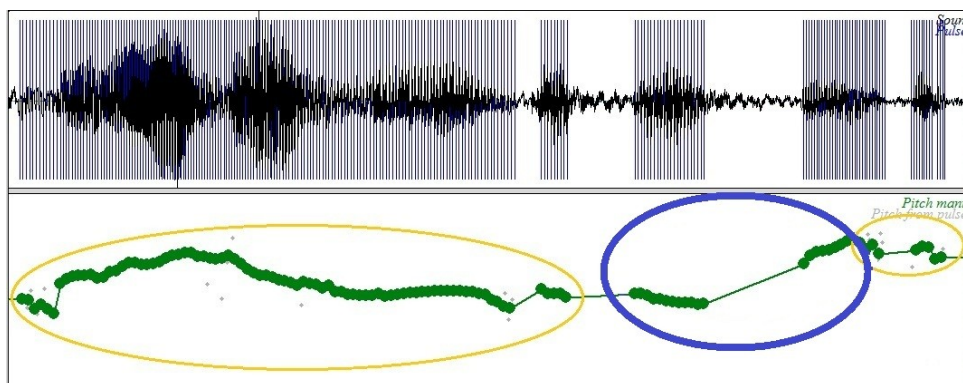


Figura 2.11 – Configuração de movimentos de F0 da locução "a mãe da Fafica" do enunciado (2.15)

A Figura 2.12, por sua vez, mostra a configuração de movimentos prosódicos referente ao conteúdo locutivo "no norte de Minas" do enunciado (2.16). Como pode ser observado na figura, o perfil prosódico desse conteúdo locutivo é composto por um movimento opcional "b" (em traços finos) seguida de uma parte obrigatória "A" (em traços grossos) e outra parte obrigatória "B" (em traços mais finos). As configurações de movimentos prosódicos dos dois exemplos têm o mesmo perfil prosódico, o que significa dizer que são percebidos pelos falantes nativos do Português Brasileiro como sendo de uma mesma classe.

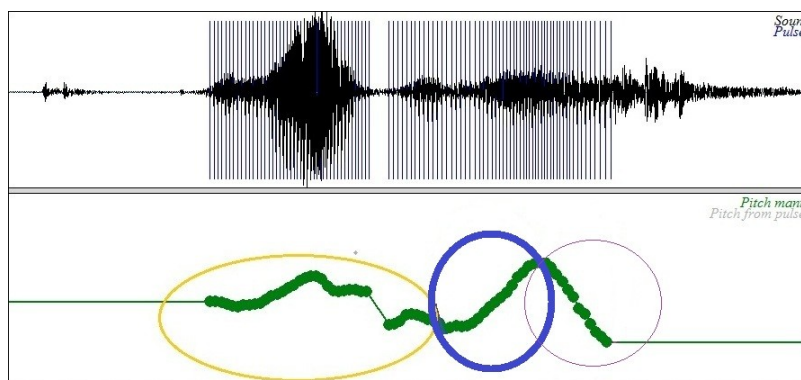


Figura 2.12 – Configuração de movimentos de F0 da locução "no norte de Minas" do exemplo (2.16)

Exemplo (2.16) – bfammn01

\*MAI: [3] no norte de Minas / existia um / &su [1] meio aparentado com a minha esposa //

De acordo com os estudos desenvolvidos pelo LABLITA, as configurações de movimentos que compõem cada perfil podem ser formadas de:

- a) um ou dois movimentos relevantes de F0;
- b) uma porção opcional chamada *preparação*, anterior ao movimento relevante;
- c) uma porção opcional chamada *coda*, posterior ao movimento relevante;
- d) uma porção opcional chamada *ligação*, localizada entre o primeiro e o segundo movimentos relevantes.

Até agora, viu-se que movimentos de F0 e configurações de movimentos podem ser avaliados de uma mesma forma pelos falantes, formando classes teóricas de movimentos chamadas de *perfis prosódicos*. Todavia, é frequente que um enunciado seja composto por uma combinação de perfis prosódicos, e não por somente um deles<sup>22</sup>.

Com base na observação sistemática de enunciados extraídos de *corpora*, as pesquisas do LABLITA mostram que os diversos perfis prosódicos de uma língua dividem-se com base em propriedades distribucionais e funcionais, formando classes de perfis chamadas de *unidades tonais*<sup>23</sup>. Uma *unidade tonal* seria, então, uma classe de perfil prosódico com características específicas funcionais e distributivas<sup>24</sup>.

Considerando que (a) os enunciados podem ser formados por mais de um perfil prosódico e (b) os perfis prosódicos se distinguem em função de propriedades **distributivas e funcionais** dentro do enunciado, existiriam então, para cada língua, modelos de composição de

---

22 Esse é o caso, por exemplo do enunciado (2.15), formado pela configuração de movimentos presente na Figura 6 e também por outras configurações correspondentes ao restante do enunciado.

23 Imagine-se, por exemplo, um perfil prosódico de tipo "X" que (a) do ponto de vista distributivo, é obrigatório e pode localizar-se em qualquer posição do enunciado e (b) do ponto de vista funcional, presta-se à realização da ilocução. Da mesma forma, imaginem-se os perfis prosódicos "Y" e "Z" que, embora sejam percebidos de forma diferente no plano entonacional, possuem as seguintes características em comum: (a) do ponto de vista distributivo, são opcionais e podem localizar em posições variadas no enunciado, mas nunca ao seu início; (b) do ponto de vista funcional, regulam a interação entre os falantes. Assim, o perfil "X" pertenceria a uma classe de perfis e os perfis "Y" e "Z" pertenceriam a outra classe.

24 Cabe notar que a noção de unidade tonal de Cresti (2000) difere-se daquela de Crystal (1975), difundida na literatura linguística. Para a primeira, a unidade tonal está associada a características funcionais e distributivas dentro de um perfil prosódico. Para Crystal, a unidade tonal seria simplesmente a porção de fala delimitada por duas quebras prosódicas.

enunciado. Esses modelos seriam as possíveis combinações de perfis prosódicos que uma língua admite levando-se em conta as restrições distributivas e funcionais de cada classe de perfil. Cada modelo composicional de enunciado é chamado de *padrão tonal* e esse seria o **terceiro nível de análise da entonação** na TLA.

Assim, com base em Cresti (2000; 2008), existem as seguintes classes funcionais de perfis:

- a) unidades nucleares (*root*<sup>25</sup>), chamadas de *comment*, necessárias e suficientes à realização de um padrão;
- b) unidades opcionais e de subordinação melódica (*prefix*), chamadas de *topic*, as quais devem vir anteriormente às unidades nucleares;
- c) unidades opcionais e de subordinação melódica (*suffix*) à uma unidade *root* ou a uma unidade *prefix*, as quais posicionam-se após a unidade a que são subordinadas;
- d) unidades variadas (*parenthesis, introducer, auxiliary*), subordinadas melodicamente e com características funcionais e distributivas variadas, as quais serão explicadas logo adiante.

#### **2.4 As unidades informacionais**

As unidades tonais são unidades pertencentes ao nível da análise prosódica do enunciado. Todavia, conforme explicitado anteriormente, a TLA tem como objetivo explicitar não somente a estrutura prosódica da fala (padrão tonal), mas sobretudo sua estrutura informacional (*padrão informacional*). Dessa forma, cada unidade tonal corresponde a princípio a uma *unidade informacional* e esse isomorfismo é expresso pelo quadro a seguir:

---

25 As classes funcionais de *root*, *prefix* e *suffix* foram introduzidas por 't HART-COLLIER-COHEN (1990).

Prosodic Pattern			Information Pattern	
	root	→	Comment	
(prefix)	(suffix)	→	(Topic)	(Appendix)
	(parenthesis)	→	(Parenthetical)	
(incipit)	(phatic)	→	(Incipit)	(Phatic)

Quadro 2.1<sup>26</sup> – Padrão tonal x padrão informacional

No *continuum* da fala, as unidades informacionais são identificadas com base em três critérios:

a) **critério funcional:** a função desempenhada pela unidade na articulação da informação;

b) **critério entonacional:** o perfil prosódico (CRESTI, 2000; 2008), que pode ser de *root* (o único necessário e suficiente para que se tenha um padrão tonal), *prefix*, *suffix*, *introducer*, *parenthesis* e *auxiliary*. Conforme dito anteriormente, por tratarem-se de perfis baseados na entonação, cada um deles possui características específicas de movimento, duração e intensidade.

c) **critério distribucional:** a posição da unidade em relação à unidade de Comentário (com perfil de tipo *root*);

Com base nessa caracterização, a TLA faz uma distinção entre as unidades que têm como objetivo constituir o texto do enunciado (*unidades textuais*) e aquelas usadas para regular a interação entre os falantes (*unidades de auxílio dialógico*). As unidades textuais são:

#### 2.4.1 Comentário (COM)<sup>27</sup>

A unidade informacional de Comentário tem como função a realização da força ilocucionária

<sup>26</sup> Adaptado a partir de CRESTI-MONEGLIA (2010).

<sup>27</sup> As siglas entre parênteses indicam a forma com que as unidades tonais são identificadas no tipo de transcrição adotado nos projetos C-ORAL-BRASIL e C-ORAL-ROM.

e é a única unidade necessária e suficiente para compor um enunciado. Do ponto de vista entonacional, o perfil do Comentário varia com base no tipo de locução que ele deve veicular, uma vez que cada locução requer um perfil específico<sup>28</sup>. O Comentário tem perfil de *root* com é<sup>29</sup> de valor ilocucionário e pode localizar-se em qualquer posição do enunciado. Assim, as outras unidades tonais se organizam ao entorno do enunciado.

Como lembra Cresti (2000), do ponto de vista ilocutivo, a unidade de Comentário corresponde sempre a uma "novidade". Entretanto, essa novidade não deve ser entendida do ponto de vista referencial, nos termos de Halliday, para quem a estruturação do discurso se organiza com base em informações *dadas* e *novas*, mas sim do ponto de vista acional. Visto que, em uma interação oral, os participantes não sabem nunca qual vai ser a próxima ação (ou seja, a locução) de seus interlocutores, a locução em si, veiculada pela unidade de Comentário, constitui sempre uma novidade desempenhada em relação ao outro.

Essa característica é observável no exemplo (2.17). Nessa seqüência de enunciados, os participantes repetem o conteúdo locutivo "Urano" sem acrescentar elementos referenciais novos, mas, do ponto de vista ilocutivo, desempenham diferentes locuções. Esse constitui, então, o único motivo para considerar que essa seqüência, idêntica do ponto de vista locutivo, não seja tautológica, mas sim informativa (RASO, 2012).

Exemplo (2.17) – bfamdl04

\*KAT: [99] o quê //

%ill: [99] pergunta parcial<sup>30</sup>

\*SIL: [100] copos // [101] copos de Urano / que tem aí //

%ill: [100] resposta [101] asserção

---

28 Para o Italiano, por exemplo, são reconhecidos 32 perfis prosódicos dedicados à realização de locuções (FIRENZUOLI, 2003).

29 O conceito de *foco* tem diversas acepções na literatura linguística. Na Teoria da Língua em Ato, o foco funcional corresponde ao ponto central da informação veiculada pela unidade informacional, sistematicamente sinalizado por uma saliência prosódica (ou *foco prosódico*). Na unidade de Comentário, o foco informacional tem valor ilocucionário. Somente as unidades informacionais de Comentário e de Tópico possuem um foco funcional. Nas demais unidades informacionais, a função é atribuída por toda a unidade – e não por um foco.

30 Na notação proposta pelo formato CHAT (BORTOLINI-PIZZUTO, 1997), na qual se baseia os critérios de transcrição do C-ORAL-BRASIL e C-ORAL-ROM, a sigla "%ill" indica a locução veiculada pelo enunciado que aparece entre colchetes. Nesse caso, indica que o enunciado de número 1 veicula a locução de *pergunta parcial*.

\*KAT: [102] copos de quê //

%ill: [102] pergunta focalizadora

\*SIL: [103] Urano //

%ill: [103] confirmação

\*KAT: [104] Urano //

%ill: [104] expressão de descrença

\*SIL [105] é // [106] Urano // [107] Urano //

%ill: [105] asserção evidente [106] confirmação [107] conclusão

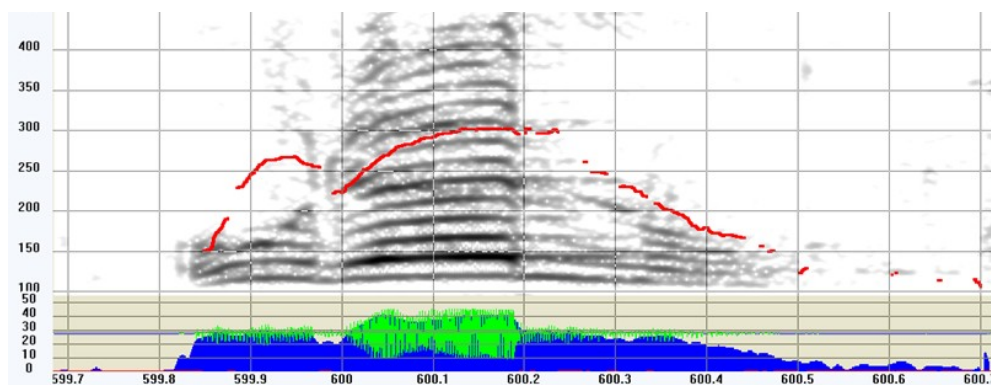


Figura 2.13 – Urano // Ilocução: *confirmação*

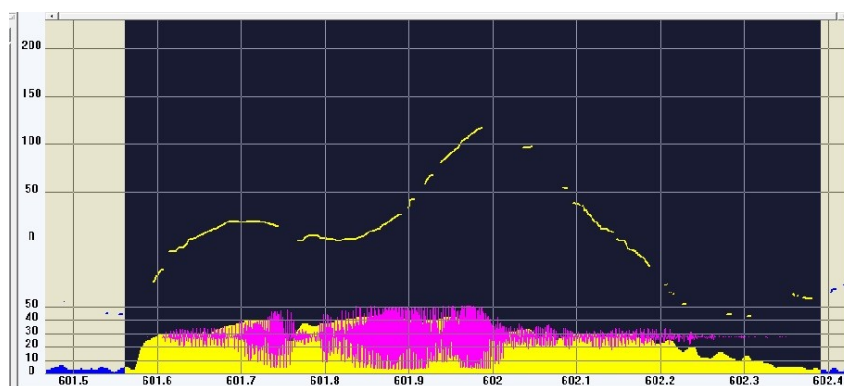


Figura 2.14 – Urano // Ilocução: *incredulidade*

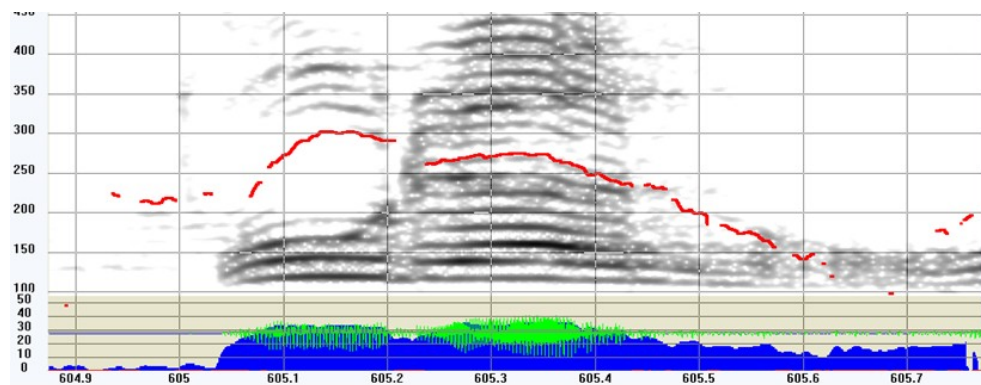


Figura 2.15 – Urano // Ilocução: *conclusão*

#### 2.4.2 Tópico (TOP)

A unidade de Tópico<sup>31</sup> constitui funcionalmente uma referência cognitiva (CRESTI-MONEGLIA, no prelo) para a ação realizada em Comentário, distanciando-o do atual contexto linguístico e extralinguístico. Nos termos de Cresti, seria "o âmbito de aplicação da força ilocucionária" (2000). Possui o perfil entonacional de *prefix*, com foco funcional à direita. Além do Comentário, a unidade informacional de Tópico é a única a apresentar foco informacional. Do ponto de vista distribucional, o Tópico deve encontrar-se em posição de anterioridade à unidade de Comentário, mas não necessariamente em posição contigua.

A unidade informacional de Tópico será explicada com mais detalhes na seção 3.5, dedicada à mesma.

Exemplo (2.18) – bfamdl05

\*ANE: [19] **rua Joaquim Nabuco** /=TOP= sô sabe me informar //COM=

31 Para estudos *corpus-based* sobre a natureza da unidade informacional de Tópico no Italiano, vide SIGNORINI (2004a, 2004b). Para o Português Brasileiro, veja-se MITTMANN (em preparação).



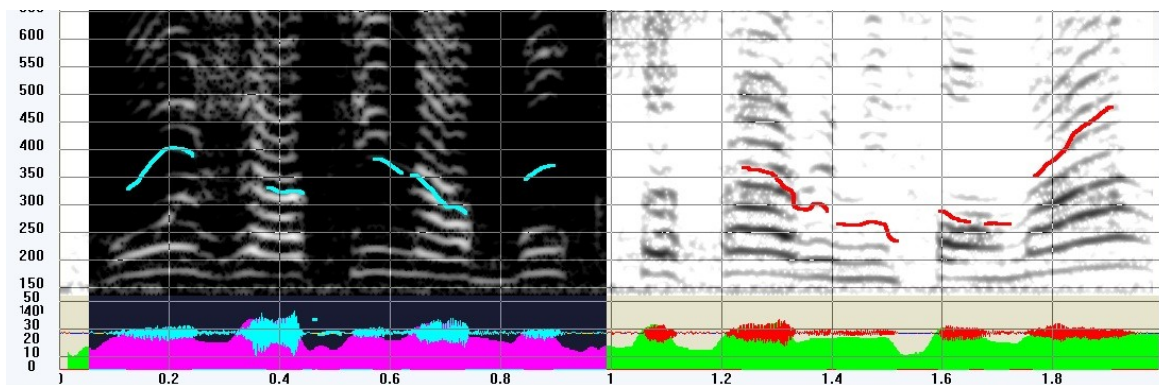


Figura 2.16 – Unidade informacional de Tópico

### 2.4.3 Apêndice de Tópico (APT) e Apêndice de Comentário (APC)

As unidades de Apêndice de Tópico e Apêndice de Comentário<sup>32</sup> realizam, respectivamente, uma integração textual às unidades de Tópico e de Comentário. Isso pode ocorrer em forma de integrações lexicais, correções ou repetições. Têm padrão de *suffix*, sem foco, e localizam-se imediatamente à direita das unidades a que se referem, sendo raramente seguidas por uma outra unidade informacional do mesmo tipo.

Exemplo (2.19) – bfamd103

\*LUZ: [104] aqui o' /=CNT= eu topei com caminhão aqui /=COB= o dia que eu vim sozinha /=PAR= ele /=TOP= **fazendo a curva** /=APT= subindo /=TOP= me &es [/2]=EMP= me espremeu ali /=COB= quase que eu caí na vala //COM=

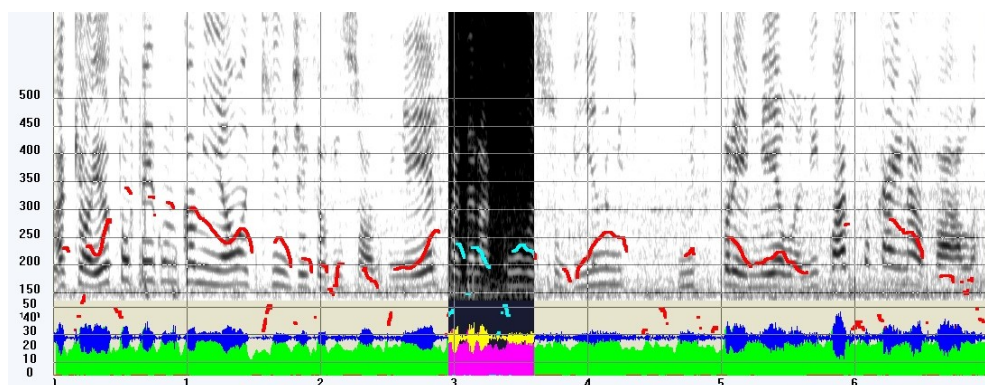


Figura 2.17 – Unidade informacional de Apêndice de Tópico

32 Para um estudo sobre a unidade de Apêndice de Comentário no Português Brasileiro, ver OLIVEIRA (2009; 2010); RASO-ULISSES (2008); ULISSES (2008).

Exemplo (2.20) – bfamdl03

\*LUZ: [130] mas é pra mestre ou pa doutor /=COM= **essa aí** //APC=

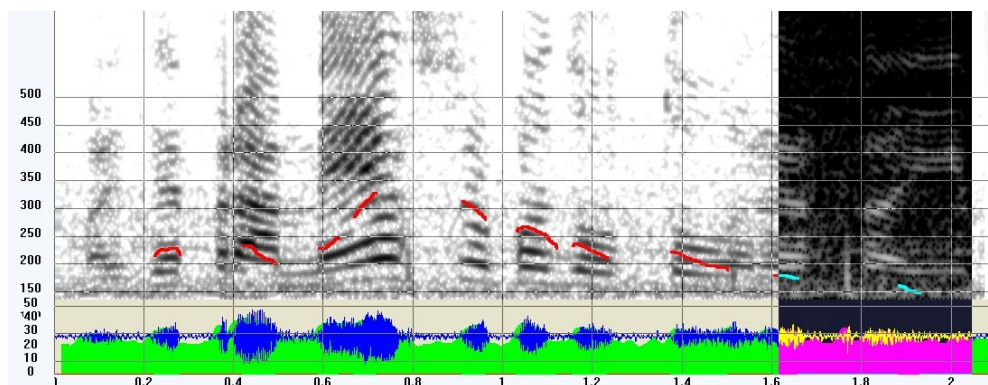


Figura 2.18 – Unidade informacional de Apêndice de Comentário

#### 2.4.4 Parentético (PAR)

O Parentético<sup>33</sup> constitui um comentário metalingüístico do falante sobre o conteúdo de seu enunciado (ou parte dele), com a finalidade de ajudar o interlocutor na compreensão do texto. O Parentético pode referir-se a todo o enunciado, a uma de suas unidades informacionais (mais frequentemente a uma unidade de Tópico ou de Comentário, mas também a um outro Parentético) ou a uma só palavra. No caso de se referir a outra unidade informacional, pode ser direcionado tanto em relação a uma unidade localizada anteriormente ou posteriormente ao Parentético. Apresenta padrão de *parenthesis*, podendo localizar-se em qualquer parte do enunciado, exceto no seu início, podendo inclusive estar dentro de uma outra unidade informacional. Entonacionalmente, caracteriza-se por um perfil nivelado com aumento de F0 em relação às outras partes do enunciado (ou, mais raramente, pela diminuição) e aumento da velocidade de enunciação.

Segundo Cresti (2000), o Parentético está sempre associado a uma função modalizadora, encontrando-se ali grande parte dos índices lexicais explícitos de modalidade.

Exemplo (2.21) – bfamcv04

\*HEL: [307] se alguém se /=SCA= enrola /=COM= **assim** //PAR=

<sup>33</sup> Estudos aprofundados sobre a unidade de Parentético no Espanhol, no Português Brasileiro e no Italiano podem ser encontrados, respectivamente, em MOTA (2009); VALE (2009); TUCCI (2004).

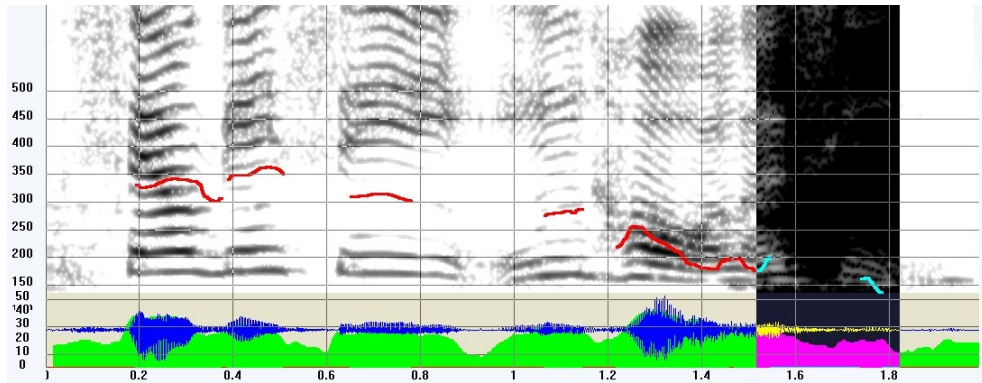


Figura 2.19 – Unidade informacional de Parentético em fim de enunciado

Exemplo (2.22) – bfamcv04

\*BRU: [118] todo mundo olha /=i-COM= **por exemplo** /=PAR= do lado amarelo //=COM=

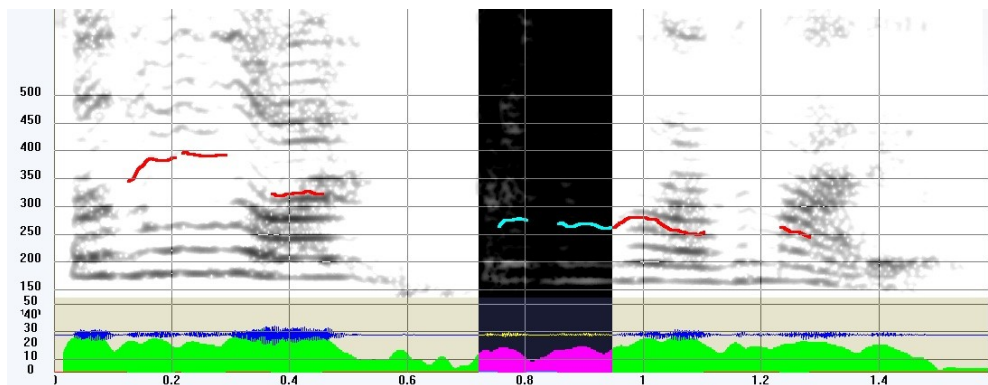


Figura 2.20 – Unidade informacional de Parentético dentro de uma unidade de Comentário

#### 2.4.5 Introdutor Locutivo (INT)

O Introdutor locutivo<sup>34</sup> "sinaliza que o espaço locutivo subsequente tem um ponto de vista unitário, ou seja, deve ser entendido como um bloco único a ser interpretado holisticamente" (MAIA ROCHA, 2011). Frequentemente, essa unidade introduz uma unidade de Comentário ou uma sequência delas, fazendo com que suas ilocuções sejam tratadas como *meta-ilocuções*. O Introdutor Locutivo a propriedade de sinalizar a mudança de *hic et nunc* das unidades introduzidas, diferindo-o das coordenadas espaço-temporais do resto do enunciado. Assim, o valor ilocutivo das unidades de Comentário introduzidas é o de uma *meta-ilocução*, cujas

<sup>34</sup> Para uma visão mais aprofundada sobre os Introdutores Locutivos no Italiano, ver GIANI (2003, 2004) e, no Português Brasileiro, ver MAIA ROCHA-RASO (2011) e MAIA ROCHA (2011).

forças ilocucionárias não operam no mundo real. Cresti (2000) descreve cinco tipos de meta-ilocuções: o *discurso direto reportado*, a *citação*, a *exemplificação emblemática* e o *pensamento falado*.

A unidade de Introdutor Locutivo possui o perfil prosódico de *introducer*, caracterizado pela ausência de foco funcional, pela possibilidade de ocorrência de uma preparação e por posicionar-se anteriormente à unidade introduzida (normalmente, adjacente à mesma). Entonacionalmente, é realizado com alta taxa de elocução e não possui perfil específico de F0, apesar de constituir sempre uma curva descendente. Entretanto, é comum um contraste evidente de F0 com a unidade subsequente. A meta-ilocução, por sua vez, tende a ser realizada em velocidade inferior e com média de F0 mais alta que o restante do enunciado.

Exemplo (2.23) – bfamcv04

\*BRU: [126] é **porque assim** /=INT= quando tem asterisco /=TOP= é pra todo mundo //COM=

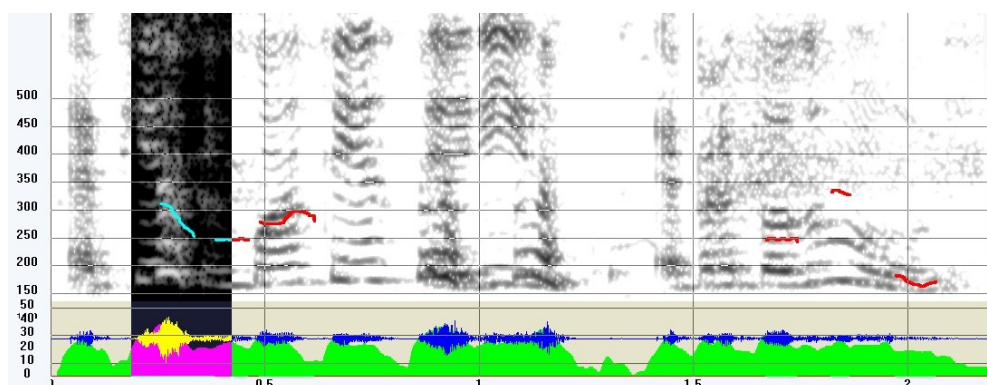


Figura 2.21 – Unidade informacional de Introdutor Locutivo

#### 2.4.6 Os Auxílios Dialógicos

As unidades de Auxílio Dialógico<sup>35</sup> dirigem-se diretamente ao interlocutor e têm como objetivo regular o funcionamento da interlocução. Possuem padrão de *auxiliary* e podem ser de vários tipos. Os auxílios dialógicos são importantes para a organização da informação na fala, uma vez que 49,8% dos enunciados tem pelo menos uma unidade informacional desse

<sup>35</sup> Para estudos sobre Auxílios Dialógicos no Italiano, ver BAZZANELLA (2001); FROSALI (2008).

tipo (CRESTI-MONEGLIA, no prelo).

#### 2.4.6.1 Incipitário (INP)

O Incipitário<sup>36</sup> indica um contraste de natureza afetiva em relação ao conteúdo proposicional do enunciado anterior. Assim, ele pode ser usado por um determinado falante para marcar a abertura de um novo turno dialógico ou de um novo enunciado. Dessa forma, o contraste estabelecido pelo Incipitário não é de natureza lógico-formal, não estando, portanto, vinculado à noção de adversidade. Expressa, por outro lado, um tipo de distanciamento do enunciado precedente (MAIA ROCHA, 2011).

Essa unidade localiza-se exclusivamente em início de enunciado, pode ser seguida de um outro Incipitário e apresenta três perfis prosódicos: uma curva ascendente-descendente que alcança valores altos de F0, uma queda brusca partindo de valores altos de F0 ou uma subida repentina chegando a valores altos de F0.

Exemplo (2.24) – bpubdl01

\*PAU: [121] **bom** /=INP= ali também pode fazer o seguinte o' /=COM=

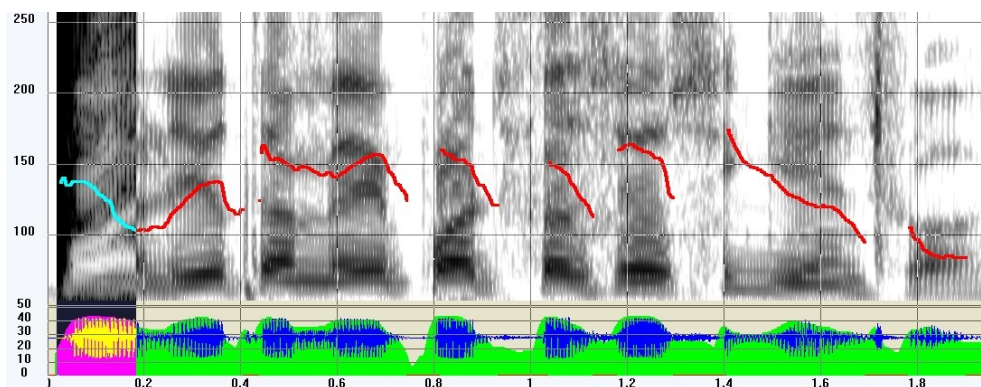


Figura 2.22 – Unidade informacional de Incipitário

#### 2.4.6.2 Fático (PHA)

A unidade informacional de Fático é uma das unidades informacionais mais frequentes nos

<sup>36</sup> A Figura 2.22 exibe um enunciado composto pelas unidades informacionais de Incipitário e Comentário, respectivamente.

enunciados complexos, cuja função é a de abrir e manter o bom funcionamento do canal comunicativo. Pode ser usado com o objetivo de sinalizar a abertura do canal comunicativo, bem como de verificar se as mensagens estão sendo recebidas. Se usado ao final do enunciado, assinala um suposto acordo entre o falante e seu interlocutor. O Fático tem duração curta, baixa intensidade, perfil nivelado ou descendente e pode estar em qualquer posição do enunciado.

Exemplo (2.25) – bpubdl02

\*JAN: [291] na verdade eu queria levar as duas /=COM= né //=**PHA**=

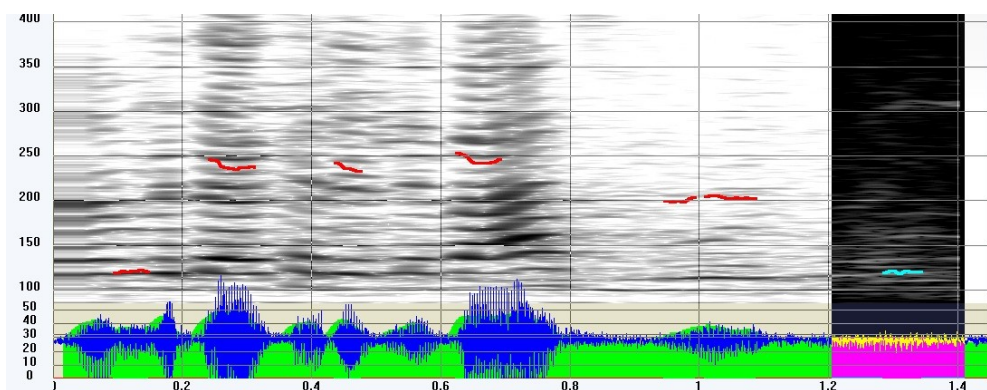


Figura 2.23 – Unidade informacional de Fático

#### 2.4.6.3 Alocutivo (ALL)

A unidade de Alocutivo<sup>37</sup> atua no controle da coesão social com o interlocutor ou na desambiguação do interlocutor a quem se volta um certo enunciado. Dessa forma, os Alocutivos correspondem ao que é tradicionalmente chamado de Vocativo, mas não devem ser confundidos com as ilocuições de *chamamento*. Lexicalmente, são constituídos de nomes próprios, pronomes pessoais, adjetivos qualificativos *etc.* Seu perfil entonacional é descendente ou modulado e sua intensidade é baixa. Conforme mostram estudos do C-ORAL-BRASIL (RASO-LEITE, 2010; RASO-GOULART, 2009), a distribuição dos Alocutivos no Português Brasileiro e no Espanhol não é a mesma do Italiano.

Exemplo (2.26) – bpubcv01

<sup>37</sup> Para um estudo sobre um estudo contrastivo entre Alocutivos em Italiano, Português Europeu, Espanhol Europeu e Português Brasileiro, ver RASO-LEITE (2010).

\*FLA: [1] o' /=CNT= **Bruno** /=ALL= a gente vai explicar como é que a gente trabalha aqui //COM=

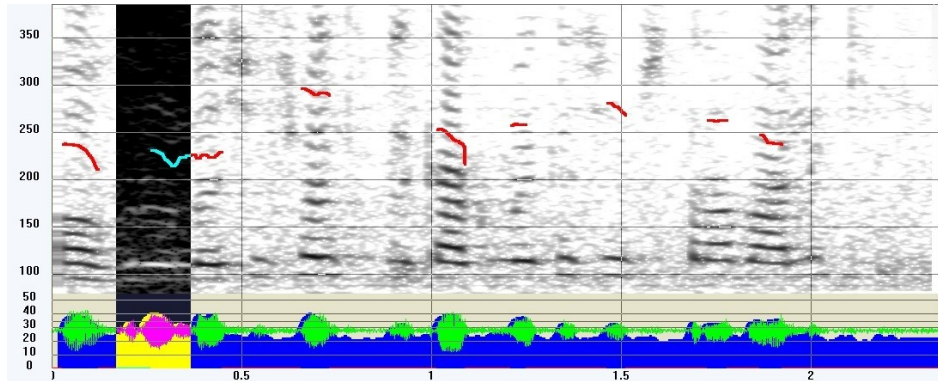


Figura 2.24 – Unidade informacional de Alocutivo

#### 2.4.6.4 Conativo (CNT)

O Conativo tem a função de pressionar o interlocutor para que cumpra uma ação ou desista dela. Ouvido em isolamento, o não tem autonomia e não pode ser interpretado como uma ilocução de tipo diretivo. Prosodicamente, tem intensidade alta, duração curta e movimento descendente ou modulado de F0. Pode ocorrer em qualquer posição do enunciado, mas preferencialmente em sua parte inicial ou final.

Exemplo (2.27) – bpubdl02

\*JAN: [217] **olha** /=CNT= essa aqui praticamente nã cabe no meu pé //COM=

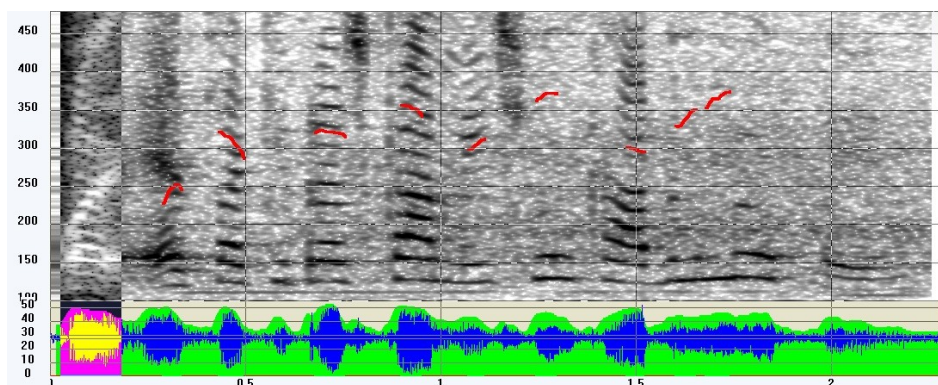


Figura 2.25 – Unidade informacional de Conativo

#### 2.4.6.5 Expressivo (EXP)

A unidade de Expressivo constitui um suporte emocional à realização de uma ilocução. Atua por meio do estabelecimento de uma identidade em comum entre falante e interlocutor. Pode ocorrer em posição livre, mas normalmente aparece iniciando ou concluindo um enunciado. Apresenta um movimento de F0 ascendente, aumento da velocidade de enunciação e perfis prosodicamente variados (provavelmente devido à variação do conteúdo emocional).

Exemplo (2.28) – bfammn04

\*REG: [61] **menino** /=EXP= assim /=PHA= aí foi um acontecimento //COM=

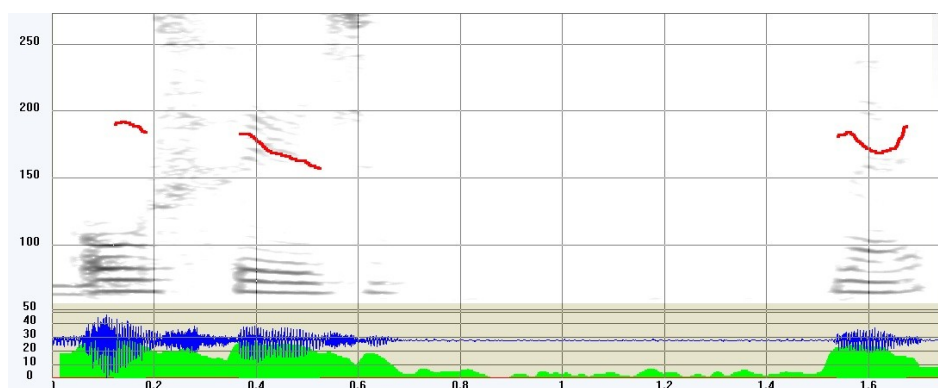


Figura 2.26 – Unidade informacional de Expressivo

#### 2.4.6.6 Conector Discursivo (DCT)

A unidade de Conector Discursivo explicita uma continuidade semântica com o enunciado anterior, com um sub-padrão<sup>38</sup> pertencente à mesma Estrofe ou com o turno dialógico anterior. Nesse último caso, marca uma continuidade com o que está sendo dito pelo interlocutor. Dessa forma, o Conector Discursivo assinala que o processo de construção textual ainda está em ato. Tem movimento de F0 nivelado ou modulado. Sua duração e intensidade são altas. Do ponto de vista distribucional, localizam-se sempre em início de enunciado, de turno ou de um sub-padrão de uma Estrofe.

Exemplo (2.29) – bfammn01

<sup>38</sup> O conceito de sub padrão será esclarecido logo adiante, na seção dedicada aos Comentários Ligados e às Estrofes (2.5.3).



\*MAI: [13] aí /=DCT= ea canta igual galo //=COM=

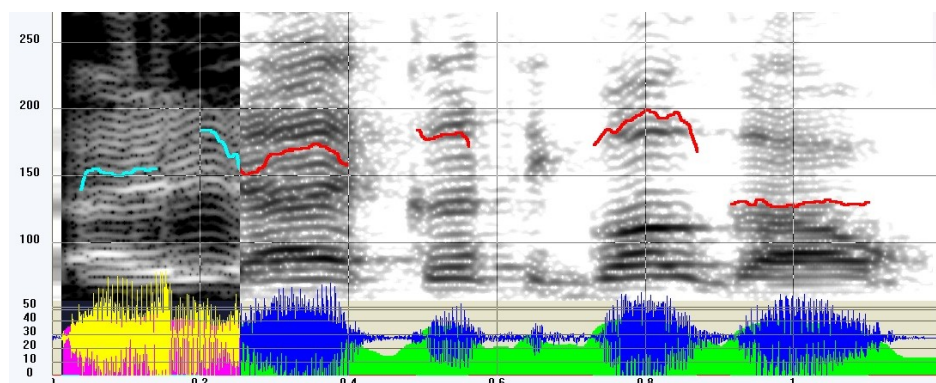


Figura 2.27 – Unidade informacional de Conector Discursivo

## 2.5 Casos de enfraquecimento do critério ilocutivo

A TLA (CRESTI, 2000; 2009) reconhece que a correspondência entre enunciado e ilocução, bem como a correspondência entre unidade tonal e unidade informacional, a qual é quase absoluta em interações espontâneas de tipo dialógico ou conversacional, se enfraquece em alguns contextos (principalmente em interações monológicas). Todavia, mesmo esses casos são analisáveis dentro do modelo proposto por Cresti (2000), de forma que não constituem excessões ao problema proposto pela teoria. Pelo contrário, a forma com que ocorre o enfraquecimento do critério ilocutivo é característica a certas tipologias discursivas e está associada à articulação da informação nas mesmas.

### 2.5.1 Unidade de Escansão

O primeiro caso de enfraquecimento do critério ilocutivo se dá quando o falante escansiona uma unidade informacional em mais de uma unidade tonal. A *Unidade de Escansão* (SCA) é possível somente nas unidades textuais e pode ter origens diversas. Toda unidade informacional de conteúdo locutivo extenso está sujeita a ser escansionada por motivos articulatórios. Assim, falantes que apresentam dificuldades articulatórias, por exemplo, estão mais propensos à realização de uma escansão de uma unidade informacional. Além disso, a Unidade de Escansão pode, em alguns casos, ter uma função enfática.

Exemplo (2.30) – bfamdl04

\*BRR: [164] **mas como é que faz separar** /=SCA= o plasma da plaqueta //COM=

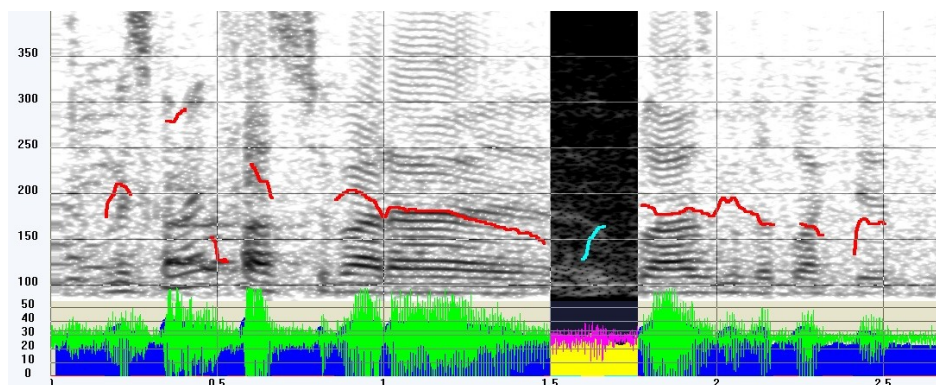


Figura 2.28 – Unidade de Escansão

Cada unidade de Escansão possui um “caráter tonal neutro ou de preparação ao movimento”. Somente na última parte que compõe uma unidade informacional escansionada é que se tem os elementos necessários ao reconhecimento do perfil prosódico em questão. Desse modo, é possível que um falante realize um conteúdo locutivo qualquer, por mais longo que seja, independentemente de fatores que, como o seu fôlego, não pode controlar.

### 2.5.2 Comentários Múltiplos (CMM)

Os Comentários Múltiplos correspondem a um tipo de organização da informação no enunciado em que são criados modelos acionais (compostos por duas ou, mais raramente, por mais ilocuções), visando obter efeitos específicos. Por esse motivo, diz-se que os modelos acionais formados por Comentários Múltiplos são padronizações retóricas em que mais de uma unidade de Comentário são interpretadas holisticamente. Nesse contexto, ainda que seja possível interpretar em isolamento os diversos Comentários Múltiplos, a interpretação holística só é conseguida por meio da sucessão dos Comentários Múltiplos.

Cada padrão especifica o tipo e a quantidade de ilocuções a serem usados. Existem padrões que são formados por ilocuções do mesmo tipo e outros que devem ser constituídos por ilocuções diferentes. Todo padrão acional é formado por, no mínimo, duas ilocuções e alguns admitem a adjunção de outras. Cada unidade que integra um padrão acional é um Comentário

Múltiplo de perfil *root* que, entretanto, é concluído por quebra de tipo não-terminal. Somente ao final da sequência de Comentários Múltiplos é que se tem uma quebra terminal. Assim, o perfil prosódico de cada modelo acional é o de *root+root (+root...)*.

Um dos modelos acionais que requerem Comentários Múltiplos é a *lista*. Nesse padrão, o falante tem como objetivo apresentar ao interlocutor os elementos que integram um certo grupo.

Exemplo (2.31) – bfammn04

\*REG: [19] eles lavaram o João /=CMM= puseram roupa /=CMM= e no bercinho //CMM=

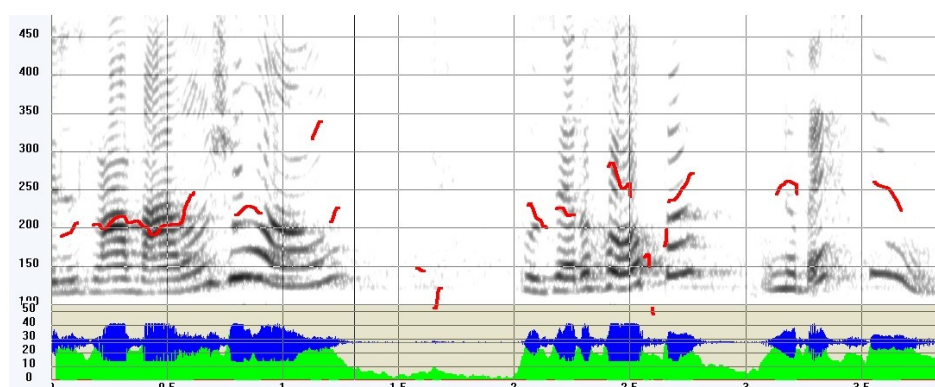


Figura 2.30 – Comentários Múltiplos no padrão de *lista*

É importante notar que as listas não precisam de ser formadas necessariamente por descrições ou elementos referenciais, mas também por um conjunto de ilocuções diretivas, as quais são entendidas como um conjunto e devem ser executadas em sequência.

Além do modelo acional de lista, Cresti (2000; 2008) aponta as ilocuções de *discurso reportado*, *comparação*, *relação necessária*, *diretiva alternativa* e *hipótese* como padrões existentes no Italiano que requerem o uso de Comentários Múltiplos.

Considerando que os modelos acionais constituem padronizações retóricas de uma língua, conclui-se que os tipos de modelos existentes podem variar de língua para língua. Da mesma forma, pesquisas em *corpora* orais possibilitam a identificação de novos padrões existentes para uma língua. A esse respeito, Raso (2012) descreve o padrão de *chamamento funcional*,

até então encontrado exclusivamente em Português Brasileiro. Esse padrão é composto por duas ilocuções, sendo a primeira uma ilocução de chamamento. A segunda ilocução pode variar, mas semanticamente constitui a razão pelo qual o falante chama seu interlocutor (para dar-lhe uma ordem, um conselho, comunicá-lo algo *etc*). A respeito do *chamamento funcional*, cabe notar que a ilocução de chamamento ali presente diferencia-se da unidade informacional de Alocutivo tanto do ponto de vista prosódico quanto funcional.

### 2.5.3 Comentários Ligados (COB)

Em contextos de grande complexidade textual e pouca ou nenhuma interatividade, bem como em tipologias de fala formal ou monológica, é freqüente encontrar entidades lingüísticas que veiculam não somente uma ilocução, mas sim duas ou mais delas. Nesse caso, as ilocuções não são padronizadas, mas sim executadas processualmente e apresentam uma marca prosódica de continuidade. Essa marca prosódica impede que o interlocutor interprete a sequência como concluída, o que ocorre somente com a adjunção de uma unidade de Comentário. Esse tipo de entidade é chamada de *Estrofe* e é dotada de uma valência ilocucionária mais fraca, diluída entre as unidades que a compõem (CRESTI, 2009: 2).

A Estrofe representa o desenvolvimento falado de um pensamento e a formação de um texto. Esse processo concretiza-se pela adjunção de unidades textuais chamadas de Comentários Ligados, as quais compõem a Estrofe. Esse tipo de unidade textual tem uma marca de continuidade que impede que o interlocutor perceba o enunciado como concluído ao final de cada um de seus Comentários Ligados, de modo que, somente ao final da Estrofe, têm-se uma quebra de valor terminal. As ilocuções veiculadas pelos Comentários Ligados não constituem um padrão, mas sim, em alguns casos, uma sequência de sub padrões (no caso das unidades de Comentário Ligado se associarem a outras unidades informacionais). Além disso, os Comentários Ligados pertencentes a uma Estrofe são homogêneos, ou seja, pertencem todos a uma mesma classe ilocucionária.

Exemplo (2.32) – bfammn03

\*ALO: [94] foi uma compra grande /=COB= deu /=SCA= presente pa meninada dela toda  
//=COM=

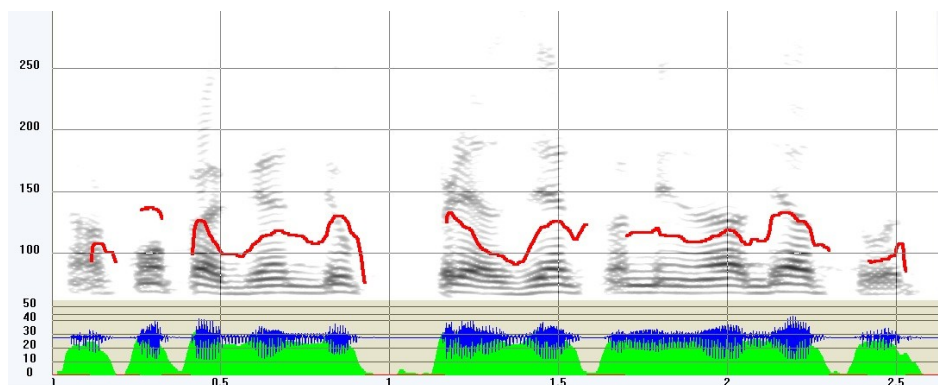


Figura 2.31 – Comentários Ligados

Exemplo (2.33) – bfammn03

\*ALO: [11] eu nũ vou falar nome da cidade nã /=COB= só pa nũ [/1]=SCA= nũ compricar a coisa /=COB= porque /=DCT= a dona Elvira tá viva ainda hhh /=COB= depois ea fica sabendo disso /=TOP= e pode querer acertar comigo /=COB= então /=DCT= melhor ficar assim /=COB= do jeito que tá aí //COM=

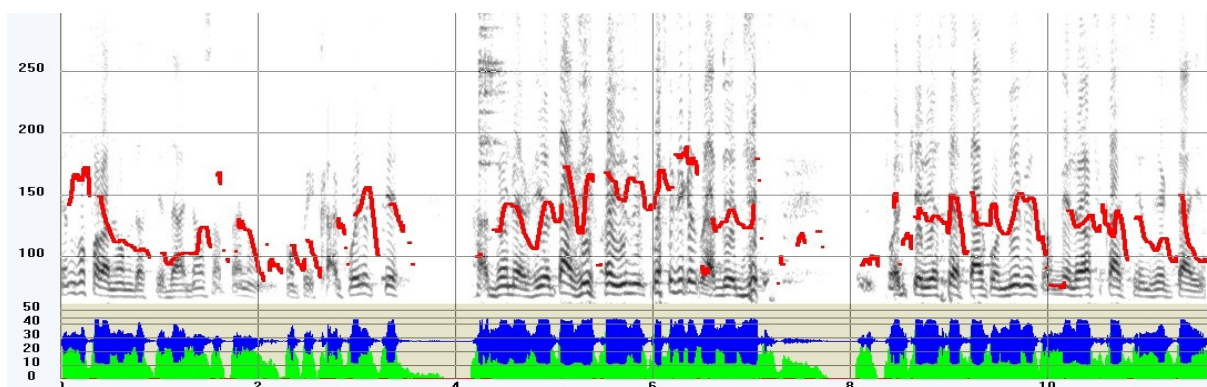


Figura 2.32 – Comentários Ligados formando sub padrões

Acima, podem ser vistos um exemplo de Estrofe formada por uma sequência de Comentários Ligados os quais não formam sub-padrão com outras unidades informacionais e um exemplo de Estrofe em que seus Comentários ligados formam sub padrões.

### 3 O TÓPICO NA LITERATURA LINGUÍSTICA

A discussão sobre o conceito de *tópico* (e de seu par complementar, o *comentário*) constitui um debate prolífico no campo da linguística e está relacionada à conceituação de outros pares tais como tema/rema e dado/novo. Signorini (2004a) mostra que as reflexões sobre o tópico iniciam com o trabalho de Weil (1844)<sup>39</sup>. Para o autor, a comunicação tem um *point de départ* conhecido pelos interlocutores, a partir do qual é possível comunicar algo desconhecido pelo destinatário (uma “novidade”). Assim, a comunicação estrutura-se com base na relação entre *dado* e *novo*, a qual permeia grande parte da discussão que se desenvolve posteriormente no panorama linguístico.

A presente seção destina-se, em um primeiro momento, a fornecer um breve panorama de alguns dos principais autores que, a partir de meados do século XX, se interessaram pela discussão dos conceitos de tópico-comentário, tema-rema e dado-novo (3.1 a 3.4). Em seguida, será apresentada a visão da TLA sobre o problema. Por fim, será feita uma comparação entre a visão tradicional e a proposta pela TLA (3.5).

#### 3.1 Chafe e as línguas de tópico

O conceito de tópico desenvolvido por Chafe (1976), de caráter discursivo e muito influente na literatura, tem como ponto de partida uma comparação entre a estrutura e a função de orações do Inglês e do Chinês. Segundo o autor, casos como (3.1) são frequentes em Inglês, e o referente expresso por “the play” é chamado de tópico:

(3.1) The pláy, John saw yésterday<sup>40</sup>.

*A peça, o John viu ontem.*

De acordo com Chafe, orações como essa possuem dois focos (o primeiro em “a peça” e o segundo em “ontem”) e exercem a **função básica de contraste** por meio da associação dos elementos em foco. Estabelecendo uma relação entre os referentes “a peça” e “ontem”, o falante exclui a possibilidade de associação entre “ontem” e outros eventos aos quais, na opinião do interlocutor, John poderia ter participado no dia anterior (o filme, o ópera *etc*). Ou seja, no caso de (3.1), estabelece-se um contraste entre “a peça” e os outros eventos. Além disso, no contexto comunicativo citado, tem-se uma relação de *aboutness* entre o referente “a peça” e o restante da oração, tal qual descrita por Lambrecht (1994): a oração tem como

<sup>39</sup> *Apud* SIGNORINI (2004a).

<sup>40</sup> Nos exemplos (3.1) e (3.2), os acentos agudos marcam a proeminência tônica nas sílabas acentuadas, conforme a notação usada pelo autor.

objetivo adicionar informações pertinentes *sobre* o elemento “a peça”. O mesmo vale para (3.2):

(3.2) As for the pláy, John saw it yésterday.

*Quanto à peça, o John viu ela ontem.*

Considerando (3.1) e (3.2), linguistas variados tendem a apontar (3.4), em Inglês, como uma tradução adequada de (3.3), em Chinês.

(3.3) nèi-xie shùmu shù-shen dà.

*those tree tree-trunk big.*

*aquelas árvores galho grande.*

(3.4) As for those trees, the trunks are big.

*Quanto àquelas árvores, os galhos são grandes.*

Chafe, entretanto, é categórico ao considerar inexata essa correspondência. O autor afirma que, se no Inglês é fundamental a ideia de contraste, no Chinês o contraste é inexistente. Sendo assim, o elemento “aquelas árvores” é evocado não para se opor semanticamente a outro elemento, mas sim para estabelecer uma restrição do âmbito de aplicação da predicação de “ser grande”. Além disso, para o autor, não se pode dizer nem mesmo que, em (3.3), a oração é *sobre* “aquelas árvores”. Pelo contrário, a predicação de “ser grande” parece ser aplicada a “galhos”. Nessa oração, é a grandeza do galho que está em jogo, e não das árvores.

Com base nessas considerações, o tópico é definido como o elemento que “estabelece uma referência espacial, temporal ou individual dentro da qual se dá a predicação”.

O autor diz ainda que, embora o Inglês não apresente uma estrutura inteiramente correspondente a (3.3), existem elementos nessa língua que parecem desempenhar a função de tópico, como alguns advérbios temporais:

(3.5) Tuesday I went to the dentist.

### **3.2 Halliday e a estrutura da informação**

Para Halliday, existem ao menos dois níveis de estruturação da informação no discurso: a

*informação* e a *tematização*<sup>41</sup>. Segundo o autor, a *informação* e a *tematização* são diferentes tanto do ponto de vista conceitual quanto em relação aos seus âmbitos de aplicação. Por esse motivo, as estruturas *dado* e *novo* (pertencentes ao nível da *informação*) e *tema* e *rema* (pertencentes à *tematização*) não podem ser generalizadas sob um mesmo rótulo.

### 3.2.1 A *informação*

O nível da *informação* tem a função de identificar, no discurso, as partes da *informação* consideradas *novas* e as partes consideradas *dadas* pelo falante. Isso é feito por meio da entonação: cada enunciado produzido por um falante é composto por um conjunto de unidades informacionais separadas umas das outras por quebras prosódicas. Halliday nota que as unidades informacionais devem ser vistas como um tipo de constituinte sintático por si só, uma vez que não coincidem necessariamente com orações, nem com outros tipos de constituinte. Cada unidade informacional pode ter um ou dois focos informacionais, que se localizam em pontos de proeminência tônica, e que têm a função de assinalar o que é *dado* e *novo*.

Na notação adotada pelo autor, os limites de unidades informacionais são anotados com barras duplas (//) e os pés<sup>42</sup> de cada unidade informacional são marcados com barras simples (/). Os pontos de proeminência tônica aparecem sublinhados. Além disso, ao início de cada unidade informacional, constam símbolos que indicam o tipo de curva melódica ali desempenhada<sup>43</sup>. Essas características podem ser observadas na transcrição do enunciado abaixo, oriunda de uma gravação realizada pelo autor:

//4 and / what one / really ought to / do is //4 not be / mean as //4 I am and //4 hire a / catalogue for a / shilling but // 1 buy one for about //1 ten / shillings and / then sort of //1– study it be // 1– for one / goes the / second / time //

Halliday chama a atenção para o fato de que as estruturas *novo* e *dado* devem ser entendidas de forma ampla. Assim, o *dado* deve ser entendido como uma *informação* que possa ser

---

41 Em um primeiro momento, HALLIDAY (1976) descreve um terceiro nível de estruturação da *informação*, a *identificação*. Posteriormente (HALLIDAY, 1994), as estruturas pertencentes ao nível da *identificação* (*conhecido* e *desconhecido*) são analisadas como um caso particular de *tematização*. Por esse motivo, não será dado destaque, nessa instância, à *identificação*.

42 Para HALLIDAY (1976), o pé (*feet*) é a unidade de referência para o estudo do ritmo, no Inglês falado. Os pés normalmente apresentam uma sílaba saliente ao seu início (a qual pode ser sucedida por sílabas fracas) e tendem a ser realizados com uma duração semelhante. Uma unidade informacional (unidade de referência para o estudo da entonação) pode ser formado por um ou mais pés.

43 O número 4, por exemplo, indica uma curva melódica descendente-ascendente realizada de forma arredondada. Já o número 1 indica uma curva descendente.



derivada do discurso e não somente como um elemento previamente mencionado por um dos falantes. Já o *novo* é um elemento que, segundo o falante, não pode ser derivado do discurso.

O autor diz ainda que, se a presença de um elemento novo em uma unidade informacional é obrigatória, a presença do dado é facultativa. No caso em que uma unidade informacional seja formada somente por elementos novos, a proeminência tônica deve estar sempre na última palavra de valor lexical. Segundo o autor, o foco ocorre na última palavra lexical de uma unidade informacional e não em sua última palavra em absoluto uma vez que os itens não lexicais são intrinsecamente entendidos como *dados*. Essa é, segundo o autor, a forma não marcada de se organizar a informação no discurso.

Quando, por outro lado, o foco informacional recai sobre um dos outros elementos que formam a unidade informacional, o que está em foco é considerado novo e os demais elementos são dados.

A escolha de onde colocar o foco informacional é feita com base em exigências comunicativas diversas. Uma mesma afirmação como “João lavou o carro ontem” pode ter seu foco posicionado em posições diferentes se usado para responder a perguntas diferentes. No caso do foco estar em “João”, esse enunciado seria uma resposta adequada a “Quem lavou o carro ontem”. Da mesma forma, se o foco for colocado em “ontem”, essa afirmação seria uma resposta adequada a pergunta “Quando João lavou o carro?”.

### 3.2.2 A tematização

O nível da *tematização* (ou seja, a estrutura tema-remata) diz respeito à estruturação da oração enquanto mensagem e é expressa pela morfossintaxe. Segundo o autor, as orações de toda e qualquer língua dividem-se em duas partes. A primeira, chamada de *tema*, funciona como ponto de partida para a mensagem veiculada na oração. É no tema que são apresentados elementos que servem de base para a compreensão do que virá depois. A segunda parte, o *rema*, é responsável pelo desenvolvimento da mensagem.

Em algumas línguas, a tematização é realizada por meio da adjunção de um sufixo que marca que o elemento que o precede é o tema. O Japonês, valendo-se do sufixo *-wa*, funciona dessa forma. Já em outras línguas, a exemplo do Inglês, a divisão entre tema e remata é feita com base na ordenação dos constituintes na oração. Nessas línguas, o *tema* é sempre posicionado antes do *rema*. Nos exemplos abaixo, extraídos de *Araweté: os Deuses canibais*, de Eduardo Viveiros de Castro (1986), o tema aparece em destaque:

(3.6) **Boa parte das páginas que seguem** tentará justamente descrever os processos e categorias da organização social Araweté.

(3.7) **A navegação pelo Ipixuna** é praticamente impossível entre setembro e dezembro.

(3.8) **Para isso**, é preciso que sejam capazes de introjetar a diferença.

Em línguas como o Inglês, Halliday nota que, em muitos casos, o tema coincide com o *dado* e o rema com o *novo*, mas essa relação não é necessária. Nesse ponto, cabe lembrar que as unidades informacionais – constituintes delimitados pela entonação – nem sempre coincidem com as orações. Por mais que Halliday confira à entonação uma função secundária e assistemática de marcar, na fala, a divisão entre tema e rema<sup>44</sup>, é seguro afirmar que, no nível de análise da *tematização*, a divisão entre dado e novo deve-se principalmente a estrutura morfossintática das orações. Ainda, o autor define a diferença entre dado e tema dizendo que o primeiro significa “o que você estava falando”, enquanto o tema indica “aquilo sobre o que eu estou falando”.

Para Halliday, com relação ao Inglês, a escolha do *tema* de cada oração está ligada ao sistema de *moods* dessa língua. Nas declarativas, o tema tende a ser o sujeito da oração. Já nas interrogativas, cujo objetivo primário seria o de extrair alguma informação do interlocutor, o tema corresponde “àquilo que eu quero saber” (1994: p.45). Assim, nas perguntas parciais (ou perguntas *WH-*), o tema não marcado é expresso justamente pelo elemento *WH-*. Nas perguntas totais (ou perguntas *yes/no*), por outro lado, é a polaridade que está em jogo, o que é representado pelo verbo flexionado na posição de tema não marcado. Quanto às orações no imperativo, a mensagem corresponde a “eu quero que você faça algo” ou “eu quero que você e eu façamos algo”. No primeiro caso, o tema tende a ser expresso pelo verbo flexionado. No segundo, pela forma *let's*.

Tabela 3.1 – *Moods* e exemplos de temas não marcados para o Inglês

<b>Mood</b>		<b>Tema</b>	<b>Rema</b>
Indicativo	Declarativo		<i>she</i>
	Interrogativo	Yes/No	<i>did</i>
WH-		<i>Who</i>	<i>Killed Cock Robin?</i>
Imperativo		<i>answer</i>	<i>all five questions!</i>
		<i>let's</i>	<i>go home now</i>

44 A esse respeito, “the Theme of a clause is frequently marked off in speech by intonation, being spoken on a separate tone group. [...] And if a clause is organized into two information units, the boundary between the two is overwhelmingly likely to coincide with the junction of Theme and Rheme” (HALLIDAY, 1994: p. 39).

### 3.3 Lambrecht

Para definir o tópico, elemento que considera fundamental na estrutura informacional das diversas línguas, Lambrecht se apoia nas palavras de Strawson (1964):

Stating is not a gratuitous and random human activity. We do not, except in social desperation, direct isolated and unconnected pieces of information at each other, but on the contrary intend in general to **give or add information about what is a matter of standing current interest or concern** [grifo meu].

Uma vez que a comunicação ocorre com o objetivo de fornecer informações sobre algo – o assunto a que se tem “interesse ou preocupação” –, o tópico oracional seria o elemento referencial ao qual a proposição ali expressa diz respeito. Ou seja, o elemento referencial **sobre o qual** fornece informações. Por esse motivo, Lambrecht diz que o tópico refere-se ao *aboutness* da oração.

Nesse contexto, considerando as orações (3.9) e (3.10) como possíveis à pergunta “Onde estão as crianças?”, resulta que o tópico de ambas as orações é o mesmo, uma vez que o elemento referencial sobre o qual pretendem fornecer informações é o mesmo: “as crianças”.

(3.9) *As crianças* estão na escola.

(3.10) *Elas* estão na escola.

No entanto, é evidente que a forma com que o elemento referencial é realizado lexicalmente no exemplo (3.9) é diferente da forma de (3.10). Por esse motivo, Lambrecht estabelece uma diferença entre o que é chamado por ele de *topic referent* (ou simplesmente *topic*) e de *topic expression*. O primeiro designa “o elemento referencial ao qual a proposição diz respeito”. O segundo seria a forma lexical que realiza, na oração, a referência ao tópico. Assim, nos exemplos acima, enquanto o *topic referent* é o mesmo em (3.9) e (3.10), cada uma dessas orações o exprime lexicalmente por meio de diferentes *topic expressions*.

Ainda, o autor chama a atenção para a existência de casos como (3.11):

(3.11) Já foram.

Em casos como esse, os quais constituem mais uma possibilidade de resposta a “Onde estão

as crianças?”, o *topic referent* continua sendo “as crianças”, mas ele não é expresso lexicalmente na oração. Em outras palavras, uma oração pode ter um tópico ainda que ele não seja expresso lexicalmente.

Segundo Lambrecht, os casos em que o *topic referent* é também o sujeito da oração são muitos e essa correlação não seria casual. Para o autor, essa constitui a forma não marcada de se realizar a articulação pragmática da sentença. Uma evidência para esse fato seria que, na ausência de contexto, os falantes tendem a interpretar formulações realizadas na ordem canônica como construções de tipo tópico-comentário cujo tópico coincide com o sujeito.

Todavia, a forte correlação entre tópico e sujeito não impede que ele possa ser expresso em outras posições sintáticas. A esse respeito, observe-se o exemplo abaixo:

(3.12) A heterogeneidade das comunidades linguísticas é o assunto desse curso.

À primeira vista, o constituinte “a heterogeneidade das comunidades linguísticas”, sujeito da oração, poderia facilmente ser tomado como tópico. Lambrecht, por outro lado, serve-se de dois pares de perguntas e respostas para mostrar que “o assunto desse curso”, que exerce outra função sintática desempenha melhor o papel de tópico:

(3.13) a. P: O que é a heterogeneidade das comunidades linguísticas? / R: # É o assunto desse curso.

b. P: O que é o assunto desse curso? / É a heterogeneidade das comunidades linguísticas.

Observando as respostas de *a* e de *b* de (3.13), o autor afirma que existe uma “dificuldade na construção do predicado” do primeiro caso. O caso *b*, por outro lado, mostra-se mais aceitável.

Do ponto de vista lexical, Lambrecht afirma que os pronomes são a forma preferencial de realização lexical do tópico oracional. Essa preferência deriva, em primeiro lugar, da função do tópico enquanto referente sobre o qual a predicação fornece informações.

Segundo Lambrecht, para que a proposição expressa em uma oração seja processada com o menor esforço mental possível, é importante que o *topic expression* seja um elemento ativo<sup>45</sup>

45 Nas palavras de CHAFE (1987), considerando “que a nossa mente contém uma quantidade muito vasta de conhecimento e informação e que é possível focar-se somente em uma parte muito pequena dessa informação”, existem três estados de *ativação* de uma informação na mente de um indivíduo. O primeiro, chamado de *ativo*, refere-se a um conceito que está presente no foco de atenção de um indivíduo em um momento em particular. O segundo estado, chamado de *acessível*, diz respeito aos conceitos que estão na “consciência periférica” de alguém, mas não está sendo focado no momento. O último estágio, o *inativo*, é

no discurso. De fato, com um *topic expression* ativo que permite de imediato a identificação do tópico do enunciado, o interlocutor pode concentrar-se exclusivamente no processamento da predicação ali expressa. Por outro lado, com um elemento que não está ativo, o interlocutor é levado a desempenhar outras tarefas cognitivas para identificar o tópico ao mesmo tempo em que tenta interpretar a predicação. Assim, o esforço mental para o processamento de um tópico ativo é menor do que o esforço necessário para o processamento de um tópico não ativo.

Considerando que a forma preferida para a expressão de elementos ativos no discurso são as formas pronominais, Lambrecht conclui que o *topic expression* é preferencialmente realizado por meio delas. Paralelamente, do ponto de vista prosódico, a forma não marcada de se realizar o tópico seria não atribuir ao *topic expression* uma proeminência prosódica, uma vez que o foco prosódico é dado aos elementos não ativos no discurso (Lambrecht, 1994, p. 109).

### 3.4 Pontes e o tópico no Português Brasileiro

Há também que se destacar, em relação aos estudos sobre a articulação entre tópico e comentário no Português Brasileiro, a abordagem de Pontes (1987). A autora baseia-se nos estudos de Chafe (1975) e Li e Thompson (1976) para afirmar que o tópico é caracterizado por “estabelecer um quadro de referência para o que vai ser dito a seguir”. Essa referência, de natureza semântica, explicaria como a sentença (3.14), por exemplo, pode ser interpretada não somente como (3.14'), mas também como (3.14'').

(3.14) A última prisão dele, sabe o que ele fez?

(3.14') Sabe o que ele fez na última prisão dele?

(3.14'') Sabe o que ele fez para ser preso pela última vez?

Esse tipo de articulação, de natureza exclusivamente semântica, ficaria assim livre de estabelecer relações sintáticas entre tópico e comentário. O comentário, por outro lado, deve ser constituído por uma “sentença completa, com sujeito e predicado” (PONTES, 1987: 13).

Com base no trabalho de Li e Thompson (1976), Pontes cita algumas características do tópico, opondo-o à noção gramatical de sujeito:

a) Definição: o tópico deve sempre ser *definido*<sup>46</sup> – como no exemplo (3.15) –, enquanto o

---

aquele dos conhecimentos guardados na memória de longo prazo e que, portanto, não estão na consciência periférica e não estão em foco.

46 A noção de definido/indefinido a que se refere Pontes é aquela de Chafe (1976). Nas palavras do autor, um

sujeito pode não o ser.

(3.15) Feijoada, ninguém é obrigado a gostar de comida assim.

b) Relações seletivas: o tópico não está ligado ao verbo por relações seletivas, diferentemente do sujeito. Em (3.16), por exemplo, tem-se um tópico inanimado, um sujeito animado e o verbo “roubar”.

(3.16) Essa bolsa aberta aí, eu podia te roubar a carteira.

c) O verbo determina o sujeito e não o tópico: existem relações entre tipos de verbos e tipos de papéis temáticos que o sujeito deve assumir. Para um verbo intransitivo, tem-se um sujeito com o papel temático de paciente ou ator, por exemplo. Entretanto, essas relações não se aplicam ao tópico, que é independente do verbo;

d) Papel funcional: o tópico está mais ligado ao discurso e tem um papel funcional, contrariamente ao sujeito, que pode não desempenhar papel semântico. O tópico “é o centro de atenção” (PONTES, 1987: 20);

e) Concordância verbal: é rara a concordância do tópico com o verbo – como em (3.17) –, mas o sujeito frequentemente o faz;

(3.17) Eu agora, cabô desculpa pra concurso, né?

f) Posição inicial na sentença: o tópico deve vir antes do comentário;

g) Processos gramaticais: o tópico não rege processos sintáticos como a reflexivização, passivização e outros.

Para Pontes, existiriam línguas regidas predominantemente pela articulação tópico-comentário, como o Chinês, para as quais essa relação seria mais determinante que a sujeito-predicado. Por esse motivo, elas são denominadas línguas de tópico. A autora defende que o Português Brasileiro, dado o grande número de ocorrências de sentenças como (3.14), (3.15), (3.16) e (3.17), também seja uma língua de tópico.

---

SN definido é aquele que “i think you already know and can identify the particular referent I have in mind”. Como notam Li e Thompson (1976), a caracterização Chafe admite como definido mesmo um SN genérico, sem determinante, uma vez que ele é entendido como uma classe.

### 3.5 O Tópico na Teoria da Língua em Ato

Na Teoria da Língua em Ato, o Tópico é uma das possíveis unidades informacionais de um enunciado. Assim como as demais unidades informacionais previstas pela TLA, o Tópico é definido com base em três critérios: funcional, distribucional entonacional. A presente seção destina-se a descrever a unidade de tópico de acordo com cada um desses critérios.

#### 3.5.1 Função

Do ponto de vista **funcional**, o Tópico exerce uma contextualização de natureza semântica e cognitiva para a ilocução que se realiza no comentário, distanciando-a do contexto situacional – linguístico e extralinguístico – de produção do enunciado. Essa característica pode ser observada no exemplo abaixo:

Exemplo (3.18) – bfamcv01

\*GIL: [2] <ô /=CNT= mas> /=DCT= voltando à questão /=TOP= falando em [/2]=EMP= e também falando em povo mascarado /=TOP= esse povo do Galáticos é muito palha /=COB= eu acho que es nũ deviam mais participar /=COM= e <tal> //UNC=<sup>47</sup>

\*LUI: [3] <não> //COM=

\*LEO: [4] <não> //COM=

\*LUI: [5] <eu acho não> //COM=

\*LEO: [6] <com certeza> //COM=

\*LUI: [7] <com certeza es nũ vão participar /=COM= uai> //PHA=

\*LEO: [8] <eles são piores do que o> Durepox //COM=

\*EVN: [9] é /=CMB= pois <é> //COM=

\*LUI: [10] <agora> manda uma barrinha <minha> //COM=

\*EVN: [11] <porque o Durepox> /=TOP= pelo menos jogava bola //COM=

---

47 A sigla “UNC” é usada, no formato de transcrição adotado pelo C-ORAL-BRASIL, para referir-se a unidades prosódicas cuja função informacional não pôde ser detectada por motivos diversos. Nesse caso, a sobreposição e o fraco sinal acústico impediram a compreensão do valor funcional da unidade.

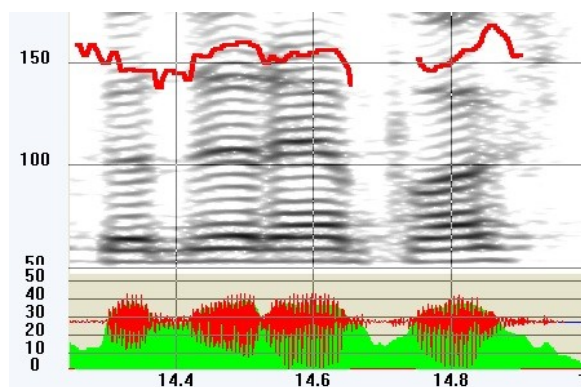


Figura 3.1 – Tópico do enunciado [11] do exemplo (3.18)

Esses enunciados pertencem a um texto em que organizadores de um campeonato de futebol discutem a respeito da última edição do torneio e sobre uma eventual próxima edição. Durante a conversa, um dos falantes afirma que, em sua opinião, um time de nome Galáticos, o qual participou do último campeonato, não deveria ser convidado para edições futuras do evento devido à falta de esportiva de seus jogadores. Assim, o participante EVN realiza o enunciado [11], comparando o Galáticos a outro time chamado Durepox. Apesar de o Durepox ter sido mencionado logo antes do enunciado em questão, alguns dos participantes ainda têm sua atenção voltada ao time Galáticos, sobre o qual se expressaram com eloquência. Sendo assim, dado o contexto de realização do enunciado, é o conteúdo expresso em tópico que faz com que a pertinência da asserção “pelo menos jogar bola” seja o time Durepox – e não o Galáticos.

Nesse ponto, é importante ressaltar que, de acordo com a TLA, a noção de tópico não coincide com a de sujeito, como seria possível pensar com base no exemplo (3.18), nem com a de qualquer outro argumento verbal ou constituinte da oração. Enquanto o tópico é uma noção pertencente à diamesia falada e serve para explicar a estruturação da informação no enunciado, o sujeito é uma unidade própria da diamesia escrita, necessária à predicação (CRESTI, 2005a)<sup>48</sup>. Por esse motivo, constituintes que se localizam em unidades informacionais diferentes não devem ser vistos, em nenhuma hipótese, como argumentos de um mesmo verbo ou como pertencentes à mesma oração.

### 3.5.2 Entonação

Do ponto de vista **entonacional**, o tópico tem perfil de *prefix*<sup>49</sup> e apresenta um núcleo informacional ou dois semi núcleos informacionais. O núcleo é a parte necessária à atribuição

48 Segundo Cresti (2005a), é possível encontrar frases na fala e enunciados na escrita. Todavia, isso não implica que uma diamesia possa ser analisada com os critérios da outra.

49 † HART-COLLIER-COHEN (1990).



da função à unidade de Tópico. No caso do Tópico possuir um núcleo, a unidade pode conter também uma preparação. No caso de possuir dois semi núcleos, pode-se ter uma *preparação* e uma porção de *ligação* entre os semi núcleos. Até agora, não foram encontradas unidades de Tópico que contivessem *coda*.

O Tópico pode ser realizado de acordo com quatro formas entonacionais (SIGNORINI, 2005; RASO-MORAES-MITTMANN-ROCHA, em preparação), sendo uma delas encontrada até então exclusivamente no Português Brasileiro (RASO-MORAES-MITTMANN-ROCHA, em preparação). Para um aprofundamento do conceito de forma entonacional e para uma descrição das quatro formas entonacionais de Tópico, veja-se a seção 5.2.1.

### 3.5.3 Distribuição

No âmbito **distribucional**, o Tópico caracteriza-se por localizar-se à esquerda da unidade de comentário (mas não necessariamente adjacente à mesma), podendo também ser precedido por outra unidade de tópico ou por outra unidade informacional. No exemplo (3.18), a unidade de Tópico encontra-se imediatamente antes da unidade de Comentário. Já em (3.19), tem-se uma configuração com muitos tópicos: o segundo deles é precedido de uma unidade de Parentético, enquanto o terceiro e o quarto são precedidos por unidades de Tópico.

Exemplo (3.19) – bfamdl02

\*BAL: [101] porque <se eu for> empregado /=TOP= por exemplo /=PAR= alguém vê que eu sou muito foda /=TOP= <medo> de perder /=TOP= <o posto> <deles /=APT= es vão [2]=EMP= es vão> me dizer /=COM= <né> //PHA=

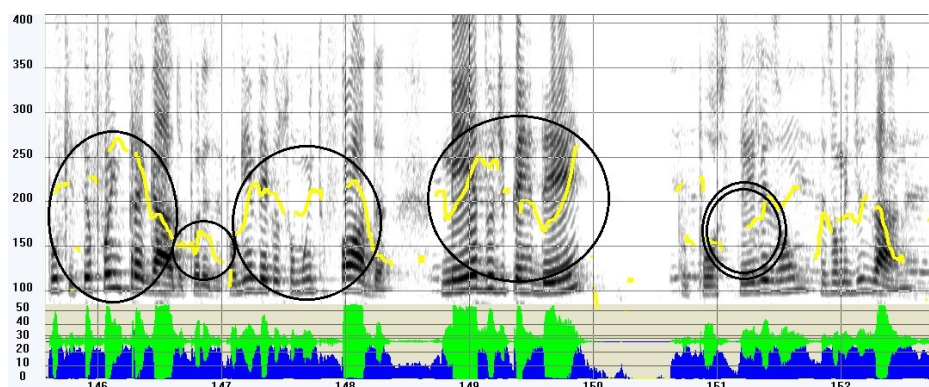


Figura 3.2 – Tópicos, Parentético e Apêndice de Tópico do enunciado (3.19)

Na imagem, as unidades de Tópico são destacadas com os círculos maiores. O Parentético

está dentro do círculo pequeno e o Apêndice de Tópico está dentro do duplo círculo pequeno.

### 3.5.4 Tópicos simples, Tópicos complexos e Tópico Subordinador (TOP\_s)

Segundo a TLA, existem Tópicos simples e Tópicos complexos. O Tópico simples é composto por apenas uma unidade de Tópico, como pode ser observado no exemplo (3.18). São de tipo complexo as configurações formadas por mais de um Tópico, ou uma unidade de Tópico seguida de Apêndice de Tópico (3.19). A Figura 3.3 destaca o último Tópico e o Apêndice de Tópico do exemplo (3.19).

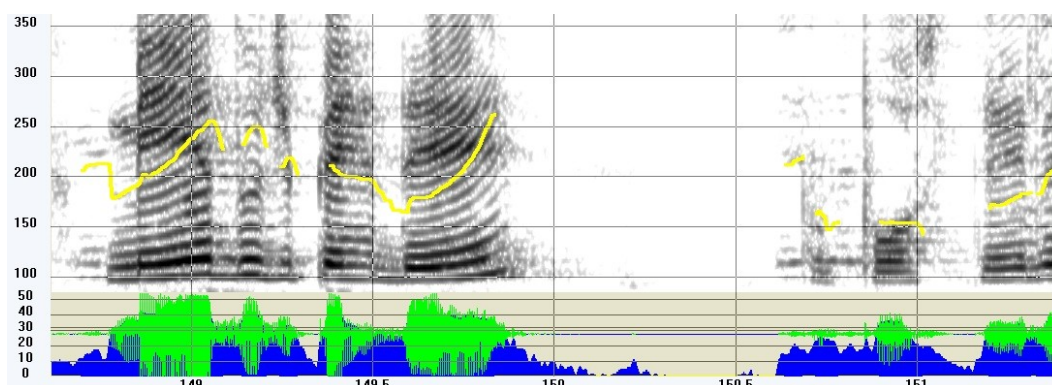


Figura 3.3 – Tópico e apêndice de tópico presentes no exemplo (3.19)

Outra configuração possível para os Tópicos complexos é a dita *Lista de Tópicos* (=TPL=). Nesse tipo de estrutura, encontrada tanto em Português Brasileiro quanto em Italiano, tem-se uma série de unidades coordenadas semanticamente de forma a funcionar como um único Tópico. Dessa forma, uma Lista de Tópicos funciona com um único Tópico, o qual faz referência a uma única unidade de Comentário (ou a um único padrão de Comentários Ligados ou Comentários Múltiplos). Em uma Lista de Tópicos, somente o último Tópico apresenta as propriedades entonacionais características dessa unidade informacional.

Uma última configuração possível de Tópicos, presente tanto em Italiano quanto em Português Brasileiro, é aquela encabeçada por um Tópico Subordinador e por Tópicos Subordinados. Nesse caso, tem-se, em primeiro lugar, um elemento com propriedades entonacionais de Tópico, mas cujo conteúdo semântico não funciona, sozinho, como âmbito de aplicação da força ilocucionária do Comentário. Esse elemento é integrado por uma sequência de elementos subordinados ao mesmo. O enunciado

Exemplo (3.20) – bpubdl10

\*ADA: [145] mas são tantos fatores / que você tem que estar / levando em consideração / no

momento de sala de aula / que às vezes a questão /=TOP\_s= do currículo /=TPL(1) mesmo /=APT= da sua matéria /=TPL(2) da [/1]=EMP= <do> desenvolvimento /=TPL(3) <da prática> /=TPL(4) fica em segundo lugar //COM=

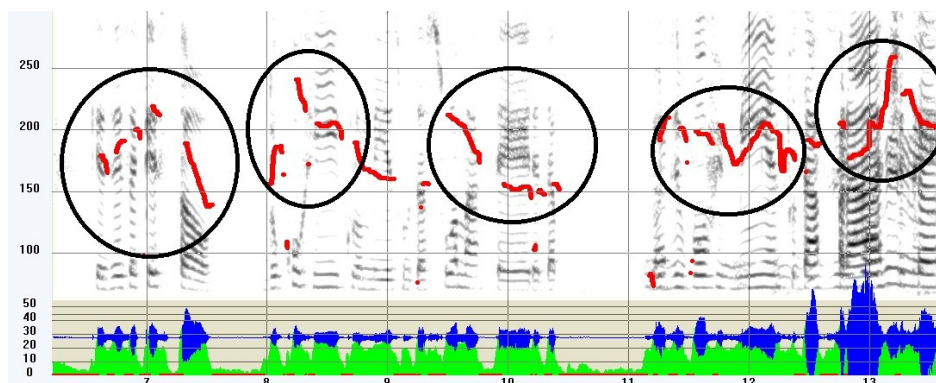


Figura 3.4 – Tópico subordinador e demais Tópicos do enunciado (3.20)

Exemplo (3.21) – bfamd104

\*SIL: [235] dez e meia /=TPL(1)= onze hora /=TPL(2)= meia-noite /=TPL(3)= desliga a televisão /=CMM= tudo que tiver lá dentro do seu quarto //CMM=

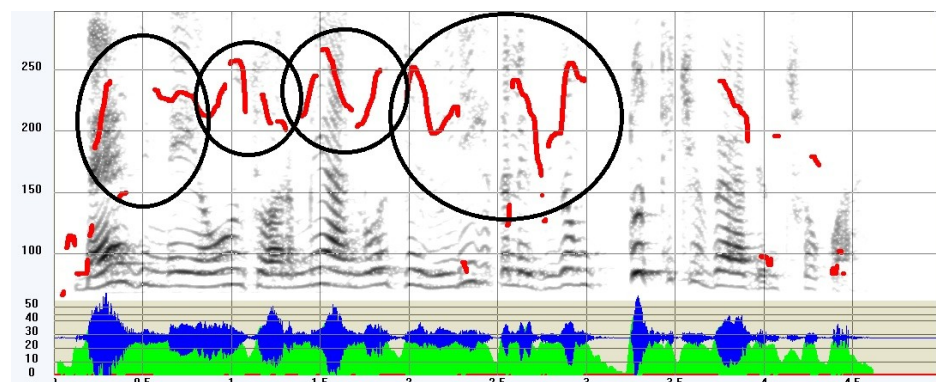


Figura 3.5 – Tópico subordinador e demais Tópicos do enunciado (3.21)

### 3.5.5 Correlatos morfossintáticos do tópico

Apesar de ser grande o número de expressões que podem desempenhar a função de Tópico, Firenzuoli e Signorini (2002) e Cresti (2000) assinalam a existência de correlatos morfossintáticos na formação desse tipo de unidade informacional no Italiano. As investigações conduzidas por Alves de Deus (2008) e Raso *et ali* (2007), no âmbito do Português Brasileiro, mostram haver grande semelhança entre as duas línguas no que se refere a esses padrões. Por outro lado, estudos preliminares do Português Brasileiro indicam que essa língua apresenta uma maior quantidade de Tópicos verbais e de configurações possíveis<sup>50</sup>

50 MITTMANN (em preparação) descreve padrões exclusivos do Português Brasileiro como: (a) enunciados

em relação ao Italiano.

Segundo Firenzuoli e Signorini (2002), 76% dos Tópicos simples são compostos por expressões nominais. Dentre elas, as principais são sintagmas nominais (71,9% das ocorrências), sintagmas preposicionais (26,3% dos casos) e, muito menos frequentes, sintagmas adjetivais (1,8%). A baixa ocorrência de sintagmas adjetivais é explicável pela existência de restrições quanto à formação de Tópico por expressões que expressem puramente modalidade ou atribuição (SIGNORINI, 2004a).

As autoras mostram que, dentre os Tópicos simples com formas verbais (24% das ocorrências), 79% dos casos constituem premissas de valor temporal ou causal ao comentário ao qual correspondem (se-frase; quando-frase).

Por fim, Signorini (2004a: p. 10) evidencia que há restrições semânticas para a construção dos Tópicos. Assim como eles têm a função de instaurar um âmbito de aplicação da força ilocucionária de um comentário, não podem ser constituídos somente por advérbios ou advérbios de avaliação. Devem, por outro lado, ser preenchidos por elementos referenciais que indiquem a existência de um determinado indivíduo ou evento. Sendo assim, o Tópico deve ser necessariamente referencial, não podendo ser simplesmente avaliativo.

### **3.6 O Tópico na TLA e o tópico na tradição linguística**

Nas subseções anteriores, foram apresentadas formas com que importantes autores definiram as categorias muitas vezes generalizadas sob o rótulo de *tópico-comentário*. As noções aqui expostas ora se assemelham e ora se distanciam da visão proposta pela Teoria da Língua em Ato.

Em grande medida, tais diferenças estão fortemente ligadas ao fato de que as categorias adotadas pelos autores se prestam, em sua maior parte, à descrição tanto da língua falada quanto da escrita. Um forte indício para isso é o fato de as análises de Lambrecht e as dos primeiros trabalhos de Chafe são feitas tomando-se como unidade de referência a oração (*sentence*)<sup>51</sup>.

---

que contém a estrutura TOP-APT-APT, sendo que o segundo Apêndice refere-se ao primeiro, e não ao Tópico; (b) enunciados que contém uma sequência de três Tópicos e um Apêndice de Tópico TOP-TOP-TOP-APT. No Italiano, por outro lado, existem Apêndices de Tópico somente em enunciado com, no máximo, dois Tópicos.

51 CRESTI e MONEGLIA (2005) mostram que cerca de um terço da fala espontânea é composta de enunciados que não são formados por orações.

Em certa medida, essa observação também se aplica a Halliday, segundo o qual as categorias *tema* e *rema* atuam no nível da oração. Assim, não é de se estranhar que todos os exemplos usados pelo autor para descrever o nível da tematização sejam oriundos de textos escritos. Segundo o autor, a tematização também está presente na fala, sendo frequentemente marcada por meio da entonação, mas de uma forma que, segundo o mesmo, não é de todo sistemática. Paralelamente, Halliday estuda o nível da informação (e suas categorias *dado* e *novo*) com base em gravações de textos orais. A partir da análise da língua oral, o autor (a) percebe que as unidades prosódicas em que atuam as categorias *dado* e *novo* não correspondem necessariamente a orações e (b) consegue entender com mais detalhes como a prosódia atua na divisão entre o que é *dado* e o que é *novo*.

Segundo a posição defendida nesse trabalho, a falta de sistematicidade atestada por Halliday<sup>52</sup> quanto à função da entonação na divisão entre *tema* e *rema* – e atestada também por outros autores<sup>53</sup> – deve-se, em boa medida, ao fato do autor estudar a fala com base na unidade de referência da escrita (a oração), esperando que a entonação atue de forma sistemática nessa última. Já a Teoria da Língua em Ato, formulada a partir do estudo empírico da fala espontânea e reconhecendo a acionalidade presente nas interações orais, é capaz de fornecer explicações detalhadas de como a prosódia atua na construção de significado na fala e na caracterização das unidades de Tópico e Comentário.

Outra diferença entre as formulações supracitadas e a Teoria da Língua em Ato se dá quanto à relação de *aboutness* entre Tópico e Comentário. Segundo Mittmann (em preparação), direcionando o âmbito da força ilocutiva do Comentário para um contexto que não o da produção do enunciado, o Tópico estabelece uma relação de *aboutness* **pragmático** com o comentário – e não de *aboutness* semântico, como pode ser visto em Lambrecht (1994).

---

52 Para HALLIDAY (1976), as fronteiras de unidades tonais tendem a coincidir com a divisão entre tema e rema, mas isso não é sistemático.

53 PONTES (1987) afirma, em nota, que percebe a recorrência de uma pausa entre tópico e comentário, mas que a mesma não parece ser necessária.

## 4 O PRONOME LEMBRETE NA TRADIÇÃO LINGUÍSTICA

Na literatura linguística, não há um consenso sobre o que se entende por pronome lembrete. Para que se tenha uma ideia do quão divergentes são as definições, basta dizer que ora incluem e ora excluem de seus escopos casos como:

- (4.1) **A Maria, ela** gosta muito de futebol.
- (4.2) **O Jairo,** eu estou com o livro **dele**.
- (4.3) Eu tenho **um primo** que **ele** gosta muito de nadar.
- (4.4) **A menina** que eu viajei com **ela** não está aqui.

Todavia, é possível identificar duas tendências gerais de definição do fenômeno: uma de caráter discursivo, para a qual o pronome lembrete é exclusivamente o elemento pronominal presente em estruturas como (4.1) e (4.2). A segunda, marcadamente gerativista, reconhece como pronome lembrete aquele presente casos do tipo (4.3) e (4.4) e, no caso de alguns autores, (4.1) e (4.2).

### 4.1 Pontes e uma análise discursiva

Como expoente brasileira da primeira tendência, destaca-se Pontes (1987). Segundo a autora, o pronome lembrete (ou *pronome-cópia*), seria o “pronome correferente ao tópico<sup>54</sup>” (1987: p.26):

- (4.5) **Essa competência, ela** é de natureza mental.
- (4.6) **Esse cestinho aqui,** onde é que tem plástico pra **ele**?
- (4.7) **Eu, eu** estudo linguística.

Considerando a variedade de constituintes passíveis de aparecer em tópico e as diversas posições sintáticas em que a retomada pode ser realizada, Pontes afirma que o pronome lembrete pode: 1. ocorrer tanto em orações principais como em orações encaixadas –

---

54 Na concepção de Pontes, o *tópico* constitui uma delimitação semântica para a predicação e está localizada sempre à esquerda, em posição de anterioridade ao *comentário*. Para maiores detalhes, vide a seção 3.4, dedicada ao tema.

exemplos (4.5) e (4.6), respectivamente; 2. retomar tanto SNs de núcleo nominal quanto SNs que têm como núcleo um pronome pessoal – exemplos (4.5) e (4.7), respectivamente; 3. desempenhar, na oração em que se insere, tanto a função sintática de sujeito quanto outras funções sintáticas – exemplos (4.5) e (4.6), respectivamente. Apesar disso, a autora nota que a maior parte das ocorrências de pronome lembrete se dá em posição sujeito.

Segundo Pontes, a ocorrência do pronome lembrete pode ser motivada por diversos fatores. Um deles seria de natureza gramatical e relacionado ao processo de enfraquecimento da flexão verbal em Português Brasileiro: em casos em que há uma grande distância entre “o tópico-sujeito e o verbo a que ele está ligado” (p. 26), a colocação do pronome lembrete constitui um recurso para explicitar o sujeito de um determinado verbo. Assim, o pronome lembrete “eu”, no exemplo (4.8), deixa claro qual é o sujeito “a Maria” do verbo “dormir”:

(4.8) **A Maria**, sempre que o Carlos não está lá no sítio, **ela** tem dificuldade pra dormir.

Outro motivo para a colocação do pronome lembrete seria marcar, no plano textual, que o SN em posição inicial de frase deve ser interpretado como tópico discursivo – e que, portanto, a sentença<sup>55</sup> tem a estrutura tópico-comentário. A autora reconhece que, em muitos casos, a separação entre tópico e comentário é marcada, no plano prosódico, por uma pausa e afirma que uma investigação sistemática da entonação desses exemplos poderia clarear essa questão. No entanto, devido à falta de *corpora* de língua espontânea oral de Português Brasileiro (cuja escassez é sentida ainda hoje), estudos como esses seriam praticamente inviáveis até pouco tempo atrás. Dessa forma, atendo-se ao plano textual, é o pronome “ela” que marca, no exemplo (4.5), que o SN “essa competência” é o tópico de “ela é de natureza mental”. De fato, segundo esse raciocínio, a ausência do pronome “ela” poderia fazer com que o SN “essa competência” fosse interpretado como sujeito de “é de natureza mental” e que a sentença fosse interpretada como sendo de sujeito-predicado.

Esse tipo de distinção seria importante visto que, segundo a autora, o PB é uma língua predominantemente estruturada em sentenças de tipo tópico-comentário (e não de sujeito-predicado). Além disso, uma marcação textual do tópico seria relevante uma vez que, na

---

55 Para a autora, a estrutura formada por tópico e comentário é uma sentença.

opinião da autora, não existe uma marcação prosódica sistemática dos papéis de tópico e comentário. Pontes nota que, embora seja comum inserir uma pausa entre tópico e comentário, em muitos casos isso não é feito. A autora diz ainda que o aspecto prosódico do tópico deveria ser estudado mais em profundidade, valendo-se de gravações e de análise acústica adequada.

## 4.2 O pronome lembrete e o gerativismo

Já no âmbito gerativista, o pronome lembrete (ou *pronome resumptivo*) é comumente entendido como o pronome usado na formação das orações relativas resumptivas como (4.3) e (4.4).

Para muitos autores – à exemplo de Tarallo (1983) –, nesse tipo de relativização, analisa-se o “que” como um complementizador do mesmo tipo que o das subordinadas integrantes, o qual é retomado posteriormente pelo pronome lexical. Por outro lado, estruturas do tipo (4.1) seriam casos de deslocamento à esquerda com retomada pronominal do elemento deslocado.

A também gerativista Kato (1993) enxerga o fenômeno de forma diferente. Para ela, nas relativas resumptivas como (4.3), o “que” é um pronome relativo. O pronome resumptivo, por sua vez, retoma um elemento  $t_i$  em deslocamento à esquerda, o qual não é realizado foneticamente. Sendo assim, toda relativa resumptiva – cuja estrutura está representada em (4.9) – teria, no seu interior, uma oração topicalizada – a exemplo de (4.10).

(4.9) A moça<sub>i</sub> [<sub>CP</sub> *que*<sub>i</sub> [<sub>LD</sub>  $t_i$  [<sub>IP</sub> eu falei *com ela*<sub>i</sub>]

(4.10) [<sub>LD</sub> *Essa moça*<sub>i</sub>, [<sub>IP</sub> eu falei *com ela*<sub>i</sub>]

Ressalta-se aqui que se, na visão de Kato, o pronome lembrete continua sendo exclusivamente presente em orações do tipo (4.3) – e não em (4.1) –, por outro, a autora pressupõe uma relação formal entre os dois tipos de estrutura.

### 4.2.1 Galves e o pronome lembrete em PB



Por fim, destaca-se a visão da também gerativista Galves (2001), para quem o pronome lembrete é uma “tendência muito marcada em PB em usar o pronome de 3ª pessoa logo depois do SN lexical sujeito” (p. 33). Tomando como base essa definição, são considerados pronome lembrete tanto o elemento presente nas relativas resumptivas como (4.4) quanto nas orações topicalizadas de tipo (4.1).

O trabalho da autora torna-se interessante uma vez que pretende mostrar, pela proposição de uma nova regra de predicação, porque o pronome lembrete de frases como (4.1) não ocorre em PE, mas sim em PB – sendo, na opinião da autora, a tendência majoritária nos casos em que o falante pode optar pela colocação desse pronome.

Galves começa sua argumentação chamando a atenção para outra diferença entre o Português Brasileiro e o Português Europeu: o fato de que, em uma sentença como (4.11), um falante brasileiro entender que o sujeito é indeterminado, enquanto um falante português entender que o sujeito está dado no contexto discursivo. No PE, o sujeito indeterminado poderia ser expresso somente como em (4.12).

(4.11) Diz que Reagan vai mudar de estratégia.

(4.12) Diz-se que Reagan vai mudar de estratégia.

Aparentemente, essa tendência do PB contrasta com o fato da língua estar deixando de ser *pro-drop*. No entanto, Galves afirma que esse fenômeno, bem como o do uso do pronome lembrete, pode ser compreendido por meio da noção de *flexão*. Segundo a autora, a diferença das flexões em uma língua *pro-drop* e uma não *pro-drop* é que, na primeira, as flexões têm as características de um pronome, enquanto nas demais elas se comportam como um afixo comum. Em outras palavras, em uma língua *pro-drop* como o Português Europeu, uma flexão deve ter: a) referência; b) uma relação de regência com o sujeito (GALVES, 2001: 36-37).

Dessa forma, em (4.11), o falante de uma língua *pro-drop* entende que a categoria vazia que precede o sujeito é de tipo *pro* ([+ pronominal] [- anafórico]) e **têm referência**, a qual pode ser acessada por meio do contexto. Esse não é o caso do PB, em que a flexão que aparece como categoria vazia é de tipo *PRO* ([+ pronominal] [+ anafórico]) e **não apresenta**

**propriedades referenciais.** Além disso, observadas as regras de ligação de elementos com os traços [+ pronominal] e [+ anafórico], pode-se dizer que a flexão *PRO* não pode ser regida. Essas construções têm como representações as estruturas (4.12), no caso das línguas não *pro-drop*, e (4.13), no caso das *pro-drop*:

(4.12) [SN *PRO*] [INF *PRO*] VP

(4.13) [SN ] [INF *pro*] VP

Para que sua formulação não entre em contradição com a regra de ligação dos pronomes, explicitada acima, Galves (2001: p.38) sugere uma regra de predicação segundo a qual “os índices referenciais de SNs que se regem mutuamente são interpretados como idênticos”.

E é por meio dessa regra de predicação que a autora explica porque o PB comporta sentenças do tipo (4.1) e porque o PE não as comporta. Considerando que em (4.1) tem-se o sujeito SN lexical “Essa competência”, seria impossível supor em PB uma estrutura do tipo (4.14), uma vez que o elemento *PRO* seria regido pelo SN sujeito e elementos desse tipo *não podem* ser regidos.

(4.14) em PB: SN *PRO* VP

Sendo assim, restariam três possibilidades. A primeira seria fazer uma construção do tipo SN *pro* VP, como ocorre em Português Europeu, no qual não há a retomada pronominal do SN sujeito. Todavia, assim como o Português Brasileiro não é uma língua *pro-drop* isso não seria possível. Isso porque, como visto anteriormente, as flexões de uma língua não *pro-drop* não têm os traços [+ pronominal] e [- anafórico] e, portanto, não são referenciais.

A segunda possibilidade seria “a ausência pura e simples da flexão como elemento pronominal” (GALVES, 2001: 39). No entanto, Galves afirma explicitamente que a retomada pronominal da forma que é realizada em (4.1) “é mais frequente do que o uso simples do SN sujeito” (GALVES, 2001: 34).

A terceira e última possibilidade, aquela preferida pela autora, seria a de considerar o

pronome lexical *ele*, gerado no nódulo INFL, que desempenha uma função referencial. Dessa forma, tem-se a estrutura (4.15), que corresponde a (4.1):

(4.15) SN [INFL *ela*] SV

### 4.3 A Teoria da Língua em Ato e o pronome lembrete

Ainda que não trate diretamente do problema dos pronomes lembrete, a TLA oferece um arcabouço teórico que permite uma análise inovadora da questão, levando adiante a proposta de Pontes.

Para compreender isso, considere-se que, na visão de Pontes: (a) o *tópico* de uma sentença estabelece uma referência cognitiva para a predicação realizada no *comentário*, (b) não existe uma marcação prosódica sistemática que separe, no interior da sentença, o *tópico* do comentário, sendo o pronome lembrete um recurso usado para sinalizar, no nível textual, essa divisão e (c) o comentário deve constituir uma oração completa, com sujeito, verbo e complementos.

Observando essas características, nota-se uma grande semelhança entre a visão da autora e aquela proposta pela TLA (apresentada com detalhes no capítulo 2). Pode-se dizer que as divergências existentes entre as mesmas devem-se sobretudo à concepção geral de língua que fundamenta cada uma delas<sup>56</sup>. Na visão de Pontes, a língua é usada para exprimir predicações, enquanto a TLA entende que a língua é usada para realizar ações (ilocuções). Apesar dessa diferença primária, nota-se um certo paralelismo na forma com que as teorias descrevem a estruturação da unidade mínima de análise da fala (a *sentença* para a primeira e o *enunciado* para a segunda) e o modo com que tais estruturas são realizadas para alcançar o objetivo básico da fala.

Para Pontes, a predicação é realizada em uma parte da sentença chamada de *comentário*, o

---

56 Nesse aspecto, vale lembrar mais uma vez que, na época em que a autora realizou suas análises, os recursos para a análise da fala espontânea do PB eram enormemente limitados, o que certamente condicionou as suas análises. Deve-se destacar ainda, não obstante as limitações metodológicas impostas à autoras, o seu comprometimento teórico com a análise da língua em uso e os resultados de seus trabalhos, muito influentes na linguística brasileira.

qual deve ter uma estrutura oracional, dotada de um verbo. A TLA, por sua vez, entende que a ilocução é realizada em uma unidade interna do enunciado que recebe o nome de *Comentário*<sup>57</sup>. O que faz, na proposta da TLA, que um Comentário realize uma determinada ilocução não é o seu conteúdo locutivo, mas sim a sua entoação segundo formas prosódicas específicas. Ainda, a unidade informacional de Comentário não deve necessariamente ter uma estrutura oracional, nem mesmo apresentar uma forma verbal<sup>58</sup>.

Além disso, observa-se um paralelismo também em relação ao tópico discursivo de Pontes e a unidade informacional de Tópico da TLA. O primeiro é definido como uma delimitação semântica para a predicação realizada no comentário. Já o segundo seria uma delimitação semântica para a ilocução realizada na unidade informacional de Comentário.

Pontes observa ainda que, em alguns casos, os limites entre tópico e comentário são marcados no plano prosódico por uma pausa (mas que, em tantos outros, não existe pausa alguma entre as partes da sentença). A TLA, por outro lado, considera que o fluxo do discurso é segmentado não por pausas, mas sim por quebras prosódicas. Dessa forma, mesmo nos casos em que não é possível atestar a presença de pausa entre as unidades informacionais de Tópico e de Comentário, percebe-se ali uma quebra prosódica<sup>59</sup> que separa as unidades informacionais.

Com base nas semelhanças e diferenças entre as propostas de Pontes e da TLA, e considerando a descrição fornecida por Pontes sobre o uso do pronome lembrete, elaborou-se uma das hipóteses investigadas nesse trabalho. A hipótese seria a de que as retomadas por pronome lembrete presentes na fala estão sempre sujeitas a uma restrição de ordem prosódica e funcional: a estruturação em unidades tonais diferentes e, preferencialmente, em unidades informacionais de Tópico e Comentário. Assim, acredita-se que a forma mais comum de se

---

57 O termo *Comentário*, grafado com a inicial maiúscula, refere-se à unidade informacional de Comentário da Teoria da Língua em Ato (CRESTI, 2000), diferenciando-se das demais acepções de *comentário* presentes na literatura. A mesma notação é usada para a unidade informacional de Tópico e para as demais unidades informacionais da TLA.

58 Naturalmente, a semelhança maior para que se quer chamar a atenção não é a coincidência na nomenclatura utilizada por Pontes e pela TLA, as quais valem-se dos termos “tópico” e “comentário” para se referir a partes da unidade mínima de análise da fala. A semelhança que se pretende apontar é a de que em ambas as propostas, a unidade mínima de análise da fala (a sentença em uma e o enunciado na outra) possui: (a) uma parte voltada para a realização daquilo que cada proposta julga ser o objetivo da fala (a **predicação** para Pontes e a **ilocução** para a TLA) e (b) uma parte que serve como uma referência cognitiva.

59 O conceito de quebras prosódicas é abordado em 2.2.

realizar a retomada por pronome lembrete seja colocando elemento retomado na unidade informacional de Tópico e o pronome lembrete na unidade de Comentário. Caso se confirme, essa hipótese vai além daquela proposta por Pontes pois pressupõe que, em todos os enunciados em que se tem o uso de pronome lembrete, (a) o elemento retomado é sistematicamente separado do elemento que o retoma por uma quebra prosódica, (b) o elemento retomado encontra-se em uma unidade tonal que é sempre realizada de acordo com uma das formas entonacionais de Tópico<sup>60</sup> e (c) que o elemento retomado deve servir, no plano cognitivo, como âmbito de aplicação da ilocução realizada no Comentário.

O exame prévio de uma amostra do *subcorpus* não só se mostrou favorável a essa hipótese, mas também abriu novas perspectivas de investigação. Nessa primeira análise, além de retomadas por pronome lembrete do tipo de (4.1) no contexto de Tópico e Comentário, encontrou-se também outra forma de retomada não pronominal que sofre a mesma restrição prosódica e informacional: a retomada de tipo (4.16), em que o elemento é retomado não por meio de um pronome, mas sim pela sua repetição.

(4.16) – bfamd105

\*CES: [112] aqui o' /=CNT= **aquela ali** /=TOP= **aquea ali** que é a Joaquim Nabuco  
//=COM=

Naturalmente, seria possível argumentar que a retomada do SN “aquela ali” pela sua repetição trata-se, na realidade, de uma disfluência (ou seja, de uma mera repetição do conteúdo locutivo do enunciado, sem qualquer valor comunicativo). Contudo, analisando prosodicamente o trecho em questão, é possível ver que o primeiro “aquela ali” é entoado segundo uma das formas entonacionais de Tópico previstas pela TLA. Segundo a opinião defendida nesse trabalho, esse constitui um motivo expressivo para considerar que o caso em exame não se trate de uma mera repetição, mas sim de uma retomada análoga à retomada por pronome lembrete<sup>61</sup>.

---

60 Uma *forma entonacional* pode ser definida genericamente como modelos prosódicos de realização de uma unidade informacional, tendo como base parâmetros prosódicos como frequência fundamental, duração e alinhamento. Para uma definição elaborada de *forma entonacional*, remete-se à seção 5.2.

61 A esse respeito, comparem-se os áudios 4.16-bfamd105[112]0, 4.16-bfamd105[112]1 e 4.16-pfamd105[112]2. O primeiro contém somente o Tópico do enunciado (4.16), e segundo exhibe o enunciado inteiro e o terceiro mostra somente o “aquea ali” presente na unidade de Comentário. Ouvindo-se os exemplos, não há dúvidas de que o primeiro “aquela ali” trata-se de um caso exemplar de Tópico de tipo 2.

A hipótese levantada nesse trabalho – a de que a retomada por pronome lembrete ocorre somente em contexto de Tópico e Comentário – entra em contradição com uma das motivações apontadas por Pontes para o uso do pronome lembrete: considerando a existência de uma marcação prosódica sistemática entre Tópico e Comentário, não seria necessária a retomada do elemento em Tópico justamente visando sinalizar a fronteira entre essas unidades informacionais. A retomada nesse contexto seria, então, redundante.

Por outro lado, ainda com base nos pressupostos da TLA, pode-se compreender uma outra motivação para o uso do pronome lembrete – a qual, inclusive, permite entender porque esse tipo de retomada não ocorre em línguas como o PE. Para compreender essa motivação, cabe lembrar que, segundo a TLA, o limite da sintaxe é a unidade informacional e que, sendo assim, um constituinte localizado em uma unidade informacional não pode nunca servir como argumento de um verbo que se localiza em outra unidade informacional. Com base nessa análise, em um caso como (4.17), não se pode afirmar que o SN “o Pereira” é sujeito do verbo “comer”. Uma análise sintática da sentença que se encontra em comentário deveria se ater aos elementos “comeu a ração toda”<sup>62</sup>. Por outro lado, uma análise funcional possibilita compreender de uma forma mais profunda a relação existente entre as unidades informacionais.

(4.17) – Em estúdio

o Pereira /=TOP= comeu a ração toda //COM=

Assim, o pronome lembrete seria uma forma de preencher o argumento de sujeito da sentença localizada no Comentário, o qual, caso contrário, não seria preenchido. A tendência de se usar o pronome lembrete inexistente – ou é, ao menos, muito rara – em línguas como o Português Europeu e como o Italiano, visto que ambas são línguas a sujeito não obrigatório. Já no Português Brasileiro, o qual está deixando de ser uma língua a sujeito não obrigatório por meio de um processo de redução morfológica no seu sistema verbal, existiria uma motivação cada vez maior do uso do pronome lembrete.

---

62 Segundo a descrição de Cunha (1971), por exemplo, essa seria uma sentença com sujeito oculto (determinado), definido como “aquele que não está materialmente expresso na oração, mas pode ser identificado”.

Por fim, a análise do pronome lembrete pela TLA aponta soluções para uma outra questão. Como foi observado, certos autores da tradição gerativista apontam alguma relação entre estruturas de tipo (4.1) e (4.2) e estruturas de tipo (4.3) e (4.4). A posição de Galves (2001), nesse sentido, é significativa pois a autora inclui no rol dos pronomes lembrete ambos os tipos de estrutura. Quanto a isso, a hipótese levantada nesse trabalho é a de que estruturas como (4.3) e (4.4) podem ocorrer dentro de uma mesma unidade informacional (seja ela de Tópico ou de Comentário, por exemplo) e que, portanto, essas estruturas constituem um fenômeno diferente da retomada lembrete.

Considerando todos os argumentos apresentados na presente seção, conclui-se que a TLA mostra-se apta a servir de base para a análise consistente de um fenômeno tão controverso na literatura linguística.

## 5 METODOLOGIA

A presente seção destina-se, primeiramente, a apresentar os *corpora* C-ORAL-ROM de PE e C-ORAL-BRASIL, a partir dos quais foram compilados os *subcorpora* utilizados nessa pesquisa. Em seguida, será feita uma comparação entre os dois *corpora*, indicando algumas divergências entre os mesmos e as soluções adotadas em face de tal problema. Posteriormente, serão introduzidos os conceitos de *forma entonacional* e os procedimentos utilizados na identificação das formas entonacionais de Tópico de Português Europeu. Ao fim, serão apresentados os procedimentos relativos à identificação do pronome lembrete.

### 5.1 *Corpora* de pesquisa

Para a identificação das formas entonacionais de Tópico de PE, foi utilizado um *subcorpus* de 5 textos do C-ORAL-ROM de PE. Para a análise das relações existentes entre a retomada por pronome lembrete e a unidade informacional de Tópico, foi utilizado um *subcorpus* de 20 textos com etiquetagem informacional do C-ORAL-BRASIL e um *subcorpus* de 20 textos sem etiquetagem informacional do C-ORAL-ROM de PE.

#### 5.1.1 *O corpus C-ORAL-ROM*

O C-ORAL-ROM é um consórcio cujo produto foi um *corpus* multilíngue de fala espontânea de quatro das principais línguas românicas: Italiano, Português Europeu, Francês e Espanhol. Foi desenvolvido por uma parceria entre quatro universidades europeias<sup>63</sup> sob a coordenação do LABLITA (Laboratorio linguistico del Dipartimento di italianistica da Università degli studi di Firenze) e financiado pela União Europeia. O C-ORAL-ROM busca suprir a carência de *corpora* de língua oral espontânea no panorama das línguas românicas e fornecer uma base de dados adequada ao estudo da linguagem oral. Cada *corpus* apresenta cerca de 300.000 palavras. Ao total, o C-ORAL-ROM conta com 121:43:07 horas de gravação, divididas em 772 textos (entendendo por “texto” o conjunto formado por uma gravação e sua transcrição) e

---

63 As universidades e grupos de estudo que participaram do projeto são a Università degli Studi di Firenze (e o LABLITA, Laboratorio linguistico del Dipartimento di italianistica), a Université de Provence (e o DELIC, Description Linguistique Informatisée sur Corpus), o Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (o CLUL) e a Universidade Autónoma de Madrid (e os Departamento de linguística e Laboratorio de Lingüística Informática).



com 1.427 informantes.

A concepção de fala espontânea em que se baseia o C-ORAL-ROM pode ser definida como a fala não programada – ou o falado-falado, de Nencioni (1983) –, que conta com as seguintes características:

- a) interações multi modais face a face;
- b) referência inter subjetiva ao espaço dêitico;
- c) programação mental contemporânea à verbalização;
- d) comportamento linguístico imprevisível.

Um aspecto importante para o C-ORAL-ROM é a comparabilidade entre seus *corpora*, a qual garante a possibilidade da realização de estudos interlinguísticos de língua falada espontânea. Contudo, justamente função da necessidade de se registrar a fala espontânea, o C-ORAL-ROM não utilizou as principais estratégias usadas para garantir a comparabilidade entre *corpora*. Uma delas, a compilação de *corpora* paralelos, em que os informantes devem ler textos específicos, se opõe diametralmente à noção de fala espontânea. Já em outros *corpora* de língua oral, comparabilidade é obtida elaborando situações comunicativas (como *pedir informações* ou *fornecer ajuda a alguém*) e oferecendo aos informantes uma certa liberdade de interação. Mesmo nesse caso, considerou-se que o nível de controle da situação comunicativa influencia em larga escala a espontaneidade da fala.

Assim, optou-se por uma estratégia diferente que garantisse uma comparabilidade entre os *corpora*, mas em um nível diferente: a estratégia de se representar a maior variação possível de contextos naturais de fala com base na combinação dos seguintes fatores:

1. Estrutura dialógica: distinção entre situações de caráter monológico, dialógico ou conversacional, de acordo como nível efetivo de participação dos interlocutores na interação verbal;
2. Contexto social: distinção entre interações realizadas em âmbito familiar/privado e interações em âmbito público;
3. Canal comunicativo: distinção entre a comunicação face a face, por meio de telefone

- ou via dispositivos midiáticos (rádio e televisão);
4. Registro linguístico: distinção entre situações que tendem ao uso de registros mais formais da língua e situações que tendem a registros mais informais;
  5. Parâmetros sociolinguísticos: distinção entre idade, sexo, grau de escolaridade, ocupação e origem dos participantes.

Com relação aos aspectos metodológicos envolvidos na concepção e compilação do C-ORAL-ROM, destaca-se a necessidade de se representar de forma adequada a função do componente prosódico da fala – o qual é, inclusive, um dos principais elementos distintivos entre a diamesia oral e a escrita. Nesse sentido, considerou-se que o C-ORAL-ROM devesse ser elaborado de modo a possibilitar a análise não somente das estruturas sintáticas dos enunciados (micro sintaxe), mas também de estruturas de nível superior ligadas ao componente prosódico de organização da fala (macro sintaxe). Essas considerações se refletem em duas questões de ordem metodológica que não só tiveram um peso significativo na compilação do *corpus*, mas também fazem do mesmo um recurso particularmente significativo para o estudo de aspectos prosódicos e pragmáticos da fala.

A primeira questão diz respeito à segmentação do texto em seus diversos enunciados. Em *corpora* de língua escrita, isso não constitui um problema: apesar das inúmeras definições de *frase* presentes na literatura linguística, há um núcleo comum entre as mesmas que faz com que a adoção de uma ou outra perspectiva não produza diferenças significativas na segmentação de um texto escrito. Por outro lado, o *enunciado*, entendido como a unidade de referência da fala, é definido de maneiras tão distintas que a adoção de uma ou outra perspectiva traz diferenças gritantes para a segmentação dos textos de um *corpus* de língua falada<sup>64</sup>.

No que tange essa questão, a segmentação dos textos em enunciados no C-ORAL-ROM é feita com base prosódica<sup>65</sup> e, em especial, segundo a perspectiva da Teoria da Língua em Ato<sup>66</sup>. Na TLA, o enunciado é definido como a menor unidade linguística passível de

---

64 A questão relativa à definição de enunciado é discutida em profundidade no Capítulo 2.

65 A escolha de se segmentar o *corpus* com base em quebras prosódicas não é exclusiva do C-ORAL-ROM e da TLA e é adotada também em outros *corpora* reconhecidamente importantes, como o corpus de Santa Barbara (CHAFE). Todavia, a novidade do C-ORAL-ROM nesse aspecto é a adoção da TLA.

66 A Teoria da Língua em Ato é explicada em detalhes no Capítulo 2 desse trabalho.

interpretação pragmática, ou seja, um ato de fala (AUSTIN, 1969). No *continuum* da fala, os enunciados são identificados por quebras prosódicas de perfil terminal e pelo reconhecimento da veiculação de uma ilocução<sup>67</sup>. Além disso, quebras prosódicas de perfil não terminam marcam ainda as unidades internas do enunciado. Dessa forma, os textos do C-ORAL-ROM foram transcritos com base no formato CHILDES-CLAN (MACWHINNEY, 2000) adaptadas para a anotação prosódica (MONEGLIA-CRESTI, 1997).

Com relação à apresentação dos textos do C-ORAL-ROM, considerou-se que o estudo da natureza informacional da fala em uma perspectiva baseada em *corpus* é melhor conduzido se o pesquisador tem acesso contemporâneo a uma gravação e à sua transcrição. Todavia, não se trata apenas de disponibilizar, no *corpus*, os diversos arquivos de áudio e suas respectivas transcrições<sup>68</sup>, mas sim de fornecer meios para que o pesquisador possa analisar simultaneamente, de forma simples e automática, o enunciado de um texto e a porção de áudio respectiva (o que é chamado de *alinhamento texto-som*).

O alinhamento texto-som é fundamental para uma exploração adequada de um *corpus* oral. *Corpora* que não contam com esse recurso são tendencialmente analisados a partir de suas transcrições, as quais prescindem de uma série de características fonéticas e prosódicas presentes na fala (ou, ainda que as representem, são insuficientes para reproduzir a riqueza de informações veiculadas pela entonação). A esse respeito, estudos que se baseiam exclusivamente em transcrições – e não na análise simultânea das transcrições e do som – tendem a conceber a língua falada como uma versão da língua escrita, ignorando as diferenças intrínsecas existentes entre essas duas modalidades.

Nesse contexto, o programa *WinPitch* é particularmente interessante pois integra, em uma mesma interface, o alinhamento texto-som à visualização de parâmetros acústicos do áudio (tais como espectrograma, movimentos de F0, duração e intensidade). Além disso, permite manipular alguns desses parâmetros, constituindo uma ferramenta muito útil para a análise da

---

67 Estudos desenvolvidos no laboratório LABLITA nos últimos 30 anos comprovam a correlação sistemática entre a presença de uma quebra terminal e possibilidade de se interpretar pragmaticamente a sequência que ali se conclui (CRESTI, 2000).

68 Em casos como esse, a dificuldade de se identificar a parcela da gravação correspondente a um enunciado tende a fazer com que a análise linguística se baseie exclusivamente na transcrição da fala – e não na fala em si. Também convém lembrar que certos *corpora* de língua oral não permitem nem mesmo o acesso ao áudio das gravações, mas somente às transcrições.

fala espontânea. Dessa forma, o *WinPitch* mostra-se em perfeito acordo com os propósitos do C-ORAL-ROM.

Assim, todos os textos dos 4 *corpora* presentes no C-ORAL-ROM contem:

1. o arquivo de áudio;
2. a transcrição;
3. os metadados da gravação (informações sobre a situação de realização da gravação e classificação dos informantes segundo critérios sociolinguísticos);
4. um arquivo de alinhamento do programa *WinPitch*.

Os textos do C-ORAL-ROM são também anotados de forma automática com etiquetas morfossintáticas parcialmente adaptadas à realidade de cada língua pertencente ao projeto, mas com etiquetas em comum que permitem uma análise interlinguística.

Nesse contexto, o C-ORAL-ROM de PE apresenta um total de 114 textos que totalizam aproximadamente 30 horas de gravação e representam a diatopia de Lisboa. Nem todo o material presente no *corpus* de PE foi gravado especialmente para o C-ORAL-ROM, tendo sido reaproveitados uma quantidade significativa de textos. Ao total, o *corpus* de PE contem gravações que cobrem um período de 30 anos (desde 1970 até 2002). As transcrições são ortográficas.

### 5.1.2 O *corpus* C-ORAL-BRASIL

O *corpus* C-ORAL-BRASIL (RASO-MELLO, 2012) tem como objetivo representar a variação diafásica da fala espontânea do Português Brasileiro, com um enfoque diatópico na região metropolitana de Belo Horizonte. Realizado com base nas diretrizes do projeto C-ORAL-ROM, o C-ORAL-BRASIL é comparável aos *corpora* de Italiano, Português Europeu, Espanhol e Francês do mesmo projeto, possibilitando o estudo interlinguístico entre as principais línguas românicas.

A arquitetura do *corpus* prevê uma metade formal e uma metade informal. A parte informal

contém 139 textos de aproximadamente 1.500 palavras, totalizando 208.130 palavras. Em relação à parte informal, 75% dos textos são do domínio familiar/privado (159.364 palavras) e 25% são do domínio público (48.766 palavras). Cada um desses domínios tem um terço de gravações de caráter monológico, um terço de caráter dialógico e um terço de caráter conversacional. A metade formal está em construção e, ao final do projeto, o *corpus* C-ORAL-BRASIL contará com um total de 400.000 palavras.

Da mesma forma que o C-ORAL-ROM, os textos do C-ORAL-BRASIL contam não só com as gravações e suas respectivas transcrições, mas também com os arquivos de alinhamento texto-som do programa *WinPitch*. As transcrições são segmentadas em enunciados conforme previsto pela Teoria da Língua em Ato e possuem anotações prosódicas e anotações morfossintáticas. Além disso, foi constituído um *minicorpus* de 20 textos, representativo em relação ao C-ORAL-BRASIL, o qual foi etiquetado informacionalmente segundo a TLA.

Esse refinamento exige uma série de procedimentos metodológicos, descritos a seguir:

1. gravação de interação espontânea em contexto natural, realizada com equipamentos *wireless* de alta qualidade;
2. transcrição das gravações por transcritores *experts*, segundo os critérios estabelecidos por Moneglia e Cresti (1997) e adaptados para o Português Brasileiro por Mello e Raso (2009);
3. revisão das transcrições;
4. segunda revisão e alinhamento texto-som, feito com o programa *WinPitch* (MARTIN, 2004);
5. etiquetagem léxico-morfossintática com o *parser Palavras* (BICK, 2000), integrado a um pré-processamento no programa *R*<sup>69</sup>.
6. etiquetagem informacional com base na Teoria da Língua em Ato de um *subcorpus* de 20 textos (mais de 30.000 palavras) por etiquetadores *experts*.

A etiquetagem informacional é o processo pelo qual o etiquetador atribui a cada unidade tonal um valor informacional dentre aqueles descritos pela Teoria da Língua em Ato (tais como

---

<sup>69</sup> Para informações sobre o programa, vide <<http://www.r-project.org>>. Acessado em: 13 de novembro de 2011.

Tópico, Comentário, Parentético, Introdutor Locutivo *etc*). Para tanto, o etiquetador serve-se do programa *WinPitch* (MARTIN, 2004). Além das características já descritas, outro recurso oferecido pelo *WinPitch* de grande valia para a etiquetagem é a possibilidade de se gerar sínteses de movimentos de F0 e da duração de um determinado trecho de uma gravação. Com isso, o etiquetador consegue determinar quando certos parâmetros prosódicos são importantes para a atribuição do valor funcional à unidade tonal. Além do C-ORAL-BRASIL, o C-ORAL-ROM de Italiano também possui textos etiquetados – e em um número mais expressivo (cerca de 100 textos).

#### 5.1.2.1 A variação diafásica

A arquitetura do C-ORAL-BRASIL espelha aquela do C-ORAL-ROM. Assim, a escolha das situações comunicativas a serem gravadas foi determinada pelos mesmos fatores que levados em consideração no C-ORAL-ROM (a estrutura dialógica, o contexto social, o canal comunicativo, o registro linguístico e os parâmetros sociolinguísticos), assegurando a comparabilidade entre os mesmos.

A escolha desses fatores não foi devida ao acaso, mas sim à vontade de se conseguir a maior variação possível de situações comunicativas, mas sem comprometer a comparabilidade dos *corpora*. A necessidade de se variar as situações comunicativas ancora-se no fato de que, como mostra Moneglia (2011), a quantidade de ilocuções observável em cada *corpus* está diretamente relacionada à variação situacional de suas gravações. Isso se deve ao fato de que ilocuções diferentes são empregadas para cumprir propósitos comunicacionais diferentes, o que ocorre sobretudo em contextos comunicacionais diferentes. Logo, um *corpus* voltado ao estudo da pragmática deve ser orientado de modo a alcançar esse tipo de variação.

Com o objetivo de conseguir uma grande representatividade do repertório de ilocuções do Português Brasileiro, o *corpus* C-ORAL-BRASIL teve como seu principal enfoque a variação diafásica (ou seja, de contextos de produção de fala) respeitando, ainda assim, todos os outros fatores. Nesse sentido, encontram-se, no *corpus*, situações tão variadas quanto uma aula de direção, uma partida de futebol (em que os participantes estão efetivamente jogando futebol, e não vendo o jogo), situações de prestação de serviços (compra de calçados, compra de

medicamentos em uma farmácia), conversas entre colegas de trabalho em um momento de descanso, *drag queens* se maquiando e uma reunião de um partido político.

Uma análise rigorosa do C-ORAL-BRASIL (RASO, 2012) mostra que o *corpus* apresenta um grande equilíbrio quanto à distribuição de gênero, idade e nível de escolarização. Com relação à distribuição entre gêneros, por exemplo, o *corpus* possui 49,64% de informantes do sexo masculino e 50,36% do sexo feminino. Da mesma forma semelhante, 27,13% do total de palavras presentes no *corpus* foram proferidas por indivíduos entre 18 e 25 anos de idade, 30,28% por falantes entre 26 e 40 anos e 31,01% de palavras proferidas por indivíduos entre 40 e 60 anos. Dessa forma, a variação diafásica, além possibilitar uma maior representação do repertório de ilocuções presentes em uma língua, parece contribuir para que se consiga um equilíbrio na variação diastrática.

### 5.1.3 Comparação entre o C-ORAL-ROM de PE e o C-ORAL-BRASIL

Foi afirmado anteriormente que os *corpora* C-ORAL-BRASIL e C-ORAL-ROM de Português Europeu foram construídos com base nas diretrizes estabelecidas pelo projeto C-ORAL-ROM, apresentando a mesma estrutura. Todavia, existem algumas diferenças fundamentais entre os dois *corpora* que derivam sobretudo de diferenças de interpretação de algumas das diretrizes propostas e condicionaram em parte o tipo de trabalho realizado nessa pesquisa. Esses aspectos serão discutidos na presente seção, a começar por questões teóricas e estruturais envolvidas na compilação dos *corpora*.

#### 5.1.3.1 Aspectos teóricos e estruturais

Segundo Moneglia (2011), estudos pragmáticos com uma abordagem *corpus-based* devem ter como objetivo descobrir quais atos de fala são usados nas interações verbais cotidianas. Comparando pesquisas que se prestam à enumeração e análise dos atos de fala presentes na fala, o autor mostra que aquelas baseadas em *corpora* que primam pela variação contextual conseguem melhores resultados do que estudos baseados exclusivamente ou primordialmente em critérios sociolinguísticos<sup>70</sup>.

---

70 De fato, é de se esperar que a distribuição de atos de fala de tipo assertivo e diretivo sejam diferentes em (a) um diálogo em que um falante ensina o outro a usar um programa de computador e (b) um diálogo em que

No *corpus* de Português Europeu, a variação contextual – critério que deve servir de base para a elaboração de todo o *corpus* – parece ter sido interpretada como a variação dos assuntos tratados pelos participantes nas gravações. Dessa forma, o C-ORAL-ROM de Português Europeu apresenta, de fato, uma ampla variedade temática em seus textos: feminismo, viagens ao exterior, custo de vida em Portugal, ensino de línguas estrangeiras, medicina chinesa e solidão são só alguns dos tantos exemplos presentes.

Os pesquisadores do projeto C-ORAL-BRASIL, aproximando-se mais à proposta inicial do C-ORAL-ROM, entendem que a variação contextual corresponde à **variação de contextos de produção da fala**. Ou seja, corresponde à variedade de situações em que os interlocutores se valem da fala para atingir objetivos comunicacionais diferentes.

Essa diferença pode ser exemplificada observando as gravações *publicas* de ambos os *corpora*. No C-ORAL-ROM de Português Europeu, a maior parte das gravações públicas são entrevistas em que um profissional de uma determinada área fala sobre sua profissão. Esse tipo de situação também está presente no C-ORAL-BRASIL, mas esse *corpus* é também integrado de um número significativo contextos diferentes: reunião de partido político, aula de auto escola, venda de medicamentos em uma farmácia, venda de calçados em uma sapataria, conversas entre colegas de trabalho durante o expediente e outros.

Como pode ser observado, grande parte das gravações do C-ORAL-BRASIL foram feitas em situações comunicativas de alta acionalidade, em que o foco dos falantes é a *realização de ações* e não a *produção da fala* em si<sup>71</sup>, representando o uso mais cotidiano da fala. Dessa forma, visto que a espontaneidade da fala está diretamente relacionada a uma fala mais acional e menos preocupada com seus aspectos formais (CRESTI, 2000), o *corpus* C-ORAL-BRASIL é dotado não só de uma ampla **variação de temas das conversas**, mas também de grande **espontaneidade** – elemento central dos *corpora* do projeto C-ORAL-ROM.

---

uma pessoa relata a outra um evento ocorrido no dia anterior.

71 Exemplos de contextos comunicativos considerados de alta acionalidade são uma aula de auto escola, uma situação de compra e venda, uma situação em que um falante ensina o outro a usar um programa de computador *etc.* Em contrapartida, uma situação em que tem-se um foco maior na produção da fala é um monólogo profissional, cujo falantes preocupa-se excessivamente com os aspectos formais de sua fala para alcançar determinados resultados.



Por fim, chama-se a atenção para outra diferença de interpretação relativa a uma das diretrizes de elaboração dos *corpora*: na descrição básica de suas arquiteturas, viu-se que ambos compartilham uma estrutura dividida em monólogos, diálogos e conversações. No C-ORAL-ROM de Português Europeu, a definição de monólogo, diálogo e conversação diz respeito, em um sentido mais estrito, à quantidade de indivíduos que participam da gravação. Gravações com um participante e um ouvinte são definidas como monólogos. Gravações com dois participantes são diálogos. Gravações com três ou mais participantes são conversações.

O C-ORAL-BRASIL, por outro lado, em uma maior consonância com os demais *corpora* do projeto C-ORAL-ROM, não se baseia exclusivamente no número absoluto de participantes de uma gravação, mas sobretudo no peso que cada participante exerce nos diversos momentos da interação. A primeira consequência disso é que uma dada situação comunicativa pode ter trechos monológicos, trechos dialógicos e trechos conversacionais, e que esses trechos não devem ser classificados indistintamente como monólogos, diálogos ou conversações. Visto isso, e considerando que a duração média dos textos do *corpus* deveria ser de 1500 palavras, foram escolhidos como *monólogos* aqueles trechos de aproximadamente 1500 palavras em que se tinha uma atuação predominante de um dos participantes da interação, o qual construía seu texto oral sem a interferência de outros falantes; foram escolhidos como *diálogos* os trechos de aproximadamente 1500 palavras em que sobretudo dois participantes atuavam de forma mais plena; e foram selecionados como *conversações* aqueles trechos de 1500 palavras em que três ou mais participantes atuavam de forma predominante.

Em função dessa diferença terminológica, muitas *entrevistas*<sup>72</sup> são classificadas, no *corpus* de Português Europeu, como diálogos ou conversações, ao passo que, no C-ORAL-BRASIL e nos demais *corpora* do projeto C-ORAL-ROM, são classificadas como monólogos.

Além disso, devido às definições adotadas pelo C-ORAL-BRASIL (e presentes também em outros *corpora* do projeto C-ORAL-ROM), a oposição entre *monólogo*, de um lado, e *diálogo* e *conversação*, de outro, espelha uma **crescente de acionalidade da fala**: interações monológicas tendem a ser menos acionais que interações dialógicas ou conversacionais (CRESTI, 2000; RASO, 2012). Por esse motivo, essas categorias tornam-se especialmente

---

72 Chama-se aqui de entrevistas as situações comunicativas em que uma ou mais pessoas realizam perguntas pontuais a uma outra pessoa que discorre sobre o tema em questão.

úteis na compreensão de como a fala se estrutura em contextos de maior ou menor acionalidade.

### 5.1.3.2 Aspecto técnico

O tipo de microfone utilizado nas gravações do C-ORAL-ROM de Português Europeu – microfones omnidirecionais – tem como característica central captar sinais sonoros oriundos de toda e qualquer posição ao redor do microfone. Como ponto positivo, microfones omnidirecionais conseguem captar, simultaneamente, a voz de uma grande quantidade de pessoas que esteja ao seu redor, sendo necessário um só microfone para vários falantes. Como consequência, o volume de equipamentos necessários para que se realize uma gravação é reduzido em relação aos casos em que cada participante deve dispor de um microfone. Todavia, os microfones omnidirecionais captam uma série de ruídos ambientes, os quais diminuem a qualidade acústica da gravação<sup>73</sup>.

O C-ORAL-BRASIL, diferentemente, apresenta uma quantidade reduzida de gravações feitas com a mesma configuração de equipamentos do C-ORAL-ROM de Português Europeu. Em sua maior parte, as gravações do *corpus* de Português Brasileiro foram feitas utilizando um microfone de lapela *wireless* para cada participante, os quais conferem uma **alta qualidade de áudio** com pouca interferência de ruídos ambientes<sup>74</sup>. Além disso, o uso de microfones *wireless* tem outra consequência significativa: garantem ao participante de uma gravação a possibilidade de se movimentar livremente sem que perca qualidade de áudio, **umentando significativamente o tipo de situações comunicativas passíveis de serem gravadas**<sup>75</sup>. Essa característica contribui amplamente ao intuito de se ter uma melhor representação diafásica do Português Brasileiro – um dos objetivos centrais do C-ORAL-BRASIL, em consonância com o projeto C-ORAL-ROM.

---

73 Para capturar a voz de uma pessoa que está longe de um microfone omnidirecional, deve-se aumentar o volume do gravador. Em contrapartida, aumenta-se também a quantidade e o volume dos sons ambientes gravados. Grosso modo, pode-se dizer que a quantidade acústica de uma gravação feita com um microfone omnidirecional é diretamente proporcional ao quanto os participantes estão próximos ao microfone e inversamente proporcional ao volume dos sons ambientes.

74 Para uma descrição técnica dos equipamentos usados nas gravações dos textos do C-ORAL-BRASIL, veja-se RASO-MELLO(2012).

75 Nesse ponto, ressalta-se que uma das gravações do C-ORAL-BRASIL consiste em uma partida de futebol em que os informantes participam do jogo. Naturalmente, é difícil de imaginar que situações como essa possam ser registradas com microfones omnidirecionais sem que se tenha uma queda radical da qualidade de gravação.

### 5.1.3.3 Conclusões

Observadas as diferenças teóricas e estruturais apontadas anteriormente entre o C-ORAL-BRASIL e o C-ORAL-ROM de Português Europeu, conclui-se que cada um desses *corpora* propõe-se a representar sua língua de formas diferentes. O primeiro apresenta uma maior variação de contextos de produção da fala, incluindo inúmeras situações de alta acionalidade, o que, em conjunto, garante tanto a presença de ilocuções variadas ao longo do corpus quanto uma fala marcadamente espontânea. Já o segundo apresenta contextos de produção de fala mais uniformes, privilegiando a variedade temática nas gravações e uma arquitetura que estrutura o *corpus* segundo a quantidade de pessoas que participam das interações.

Tais diferenças condicionaram em muito o trabalho realizado no âmbito dessa pesquisa. Seu projeto original previa uma descrição quantitativa do tópico no PE quanto a fatores como (a) a frequência de enunciados com tópico no total de enunciados do *corpus*, (b) a composição morfossintática dos tópicos e (c) a presença de apêndices de tópico. Parte do trabalho proposto seria o de compreender como a frequência e a composição dos tópicos muda em função da variação de contextos de produção da fala, valendo-se para isso das categorias *monólogo*, *diálogo* e *conversação*. Visto a falta de correspondência entre os *corpora* no que tange esse aspecto, a investigação de tipo quantitativo não pôde ser conduzida. Em seu lugar, optou-se por fazer uma descrição qualitativa das formas entonacionais de tópico do Português Europeu – o que pode, sem dúvida alguma ser realizado no *corpus* em questão. Ainda assim, observando as diferenças técnicas na compilação dos dois *corpora*, encontrou-se certa dificuldade em encontrar textos do C-ORAL-ROM de Português Europeu com parâmetros acústicos favoráveis à realização de tal trabalho. Por esse motivo, a pesquisa foi realizada em uma quantidade reduzida de textos.

## 5.2 Formas entonacionais de Tópico em PE

A metodologia adotada para a identificação das formas entonacionais de Tópico do Português Europeu é de natureza estritamente experimental, porém ancorada em procedimentos desenvolvidos no laboratório LABLITA (SIGNORINI, 2005; FIRENZUOLI, 2003;

MONEGLIA, 2011) com base nas pesquisas do IPO. Com o intuito de esclarecer tais procedimentos, a presente seção é estruturada da seguinte forma: em primeiro lugar, explica em detalhes o conceito de forma entonacional (5.2.1). Em seguida, são apresentados, de forma esquemática, os procedimentos metodológicos para a identificação das formas entonacionais (5.2.2). Na subseção seguinte, são feitas observações acerca de cada procedimento metodológico, valendo-se, em alguns casos, de exemplificações com enunciados extraídos do *corpus* C-ORAL-ROM de Português Europeu (5.2.3). Por fim, serão vistas as formas entonacionais de Tópico já descritas para o Italiano (SIGNORINI, 2005) e para o Português Brasileiro (RASO-MORAES-MITTMANN-ROCHA, em preparação).

De antemão, é oportuno enfatizar mais uma vez o caráter estritamente qualitativo e sem validade estatística do presente estudo. Devido às divergências existentes entre os *corpora* C-ORAL-BRASIL e C-ORAL-ROM de PE explicitadas anteriormente, tornou-se inviável a realização de uma pesquisa quantitativa comparando a frequência das formas entonacionais nos diversos contextos comunicativos dos *corpora*. Além disso, ressalta-se que não foram feitos testes de percepção, os quais deverão ser realizados futuramente.

### 5.2.1 Forma entonacional

Na seção dedicada ao modelo entonacional da Teoria da Língua em Ato, viu-se que alguns dos movimentos de F0 presentes na fala são produzidos de forma intencional pelos falantes: esses movimentos, se eliminados por meio de sínteses, fazem com que o falante perceba uma diferença na curva melódica. Com base nas pesquisas do IPO, a TLA admite que alguns movimentos de F0 (e algumas configurações de movimentos) são percebidos da mesma forma pelos falantes, constituindo classes teóricas de movimentos, ou *perfis prosódicos*. Os perfis são formados por um ou dois movimentos obrigatórios de F0 e podem ser integrados por porções opcionais de *preparação*, *ligação* ou *coda*. Também foi visto que, dentro dos *padrões entonacionais* (composições formadas por um ou mais perfis prosódicos), observa-se que alguns perfis compartilham características distributivas e funcionais em comum: alguns, chamados de *root*, são necessários e podem se posicionar livremente no padrão entonacional. Outros, chamados *prefix*, são opcionais e devem aparecer antes de um perfil *root* ou de um outro perfil *prefix*. Os *sufix* são igualmente opcionais, mas devem vir sempre depois de um

*root* ou de um *prefix*. Sendo assim, existem classes de perfis entonacionais, chamadas *unidades tonais*, as quais compartilham características distributivas e funcionais<sup>76</sup>.

Segundo a TLA, existe uma correspondência sistemática entre o nível de análise da **entonação** e o nível de análise da **informação** no enunciado. Dessa forma, cada unidade tonal é, no *padrão informacional*, uma *unidade informacional*. As unidades com perfil de *root* têm, no padrão informacional, a função de realizar a ilocução do enunciado e denominam-se Comentário. As unidades de *prefix* constituem, no padrão informacional, o âmbito de aplicação da força ilocucionária do enunciado e são chamadas de Tópico. As unidades de *suffix* são integrações textuais das unidades precedentes e são chamadas de Apêndice.

As pesquisas do LABLITA (CRESTI, 2000) mostram que, nas unidades informacionais de Comentário e de Tópico, há uma parte dedicada à atribuição da função informacional, a qual é chamada de *núcleo informacional* (ou núcleo funcional) e está sempre associada a uma saliência prosódica. O núcleo informacional das unidades de Tópico e Comentário corresponde, no padrão entonacional, aos movimentos obrigatórios de F0 dos perfis prosódicos de *prefix* e de *root*. No entanto, além de movimentos obrigatórios, os perfis de *prefix* e de *root* podem conter movimentos opcionais de F0. Assim, além do núcleo informacional, as unidades de Tópico e Comentário podem ser integradas de porções de *preparação*, *ligação* ou *coda*<sup>77</sup>.

Do ponto de vista entonacional, o núcleo das unidades de Tópico e de Comentário é sempre realizado segundo um repertório restrito de combinações dos seguintes parâmetros prosódicos: *movimentos de F0*, *frequência* (de ataque, média e mínima), *duração* (das sílabas e das vogais), *intensidade* e *alinhamento* (entre movimentos de F0 e sílabas). As diferentes formas existentes de se realizar o núcleo funcional das unidades de Tópico e Comentário são chamadas de *formas entonacionais*.

Com relação à unidade informacional de Comentário, Firenzuoli (2003) mostra que as formas

---

76 Cresti (2000) não é clara quanto ao estatuto funcional da unidade tonal. Uma possível interpretação é a de que, enquanto a função da unidade tonal é percebida de uma forma genérica, a função da unidade informacional é definida em detalhes.

77 Ressalta-se, todavia, que até o momento não foi encontrada nenhuma unidade de Tópico com uma porção de coda.

entonacionais estão associadas a diferenças funcionais. A autora identificou 32 formas entonacionais dedicadas à realização de ilocuções específicas. Dentre elas, estão as formas das ilocuções de *ordem* e de *instrução*, que se diferem exclusivamente pelo parâmetro prosódico *duração*. Com relação às formas entonacionais de Tópico, por outro lado, ainda não foram encontradas diferenças funcionais. Por esse motivo, as formas descritas seriam, segundo Signorini (2005), “alomorfes entonacionais”.

Até então, foram identificadas 4 formas entonacionais de Tópico. As formas de tipo 1, 2 e 3 foram inicialmente descritas por Signorini (2005) e também foram encontradas em Português Brasileiro (RASO-MORAES-MITTMANN-ROCHA, em preparação). A forma de tipo 4 foi encontrada, até então, exclusivamente em PB (RASO-MORAES-MITTMANN-ROCHA, em preparação) e é percebida como agramatical em Italiano. As subseções que se seguem tratarão das mesmas.

#### 5.2.1.1 Forma entonacional de Tópico de tipo 1

A forma entonacional de Tópico de tipo 1 apresenta um movimento de F0 ascendente-descendente acompanhado de um alongamento. A parte ascendente do núcleo da forma de tipo 1 é realizada na tônica e a parte descendente nas eventuais postônicas. Caso o núcleo seja formado por uma palavra oxitona, sua tônica é ainda mais alongada de modo a compreender a parte ascendente e a parte descendente do movimento de F0. Pode ocorrer uma porção de preparação que antecede o núcleo. Segundo Firenzuoli e Signorini (2002), esse tipo de Tópico é o mais frequente no Italiano, ocorrendo em 55,2% dos casos estudados. A Figura 5.1 mostra um exemplo de Tópico de tipo 1.

Exemplo (5.1) – bfammn01

\*MAI: [3] no norte de Minas /=TOP= existia um /=SCA= &su [/1] meio aparentado com a minha esposa //COM=

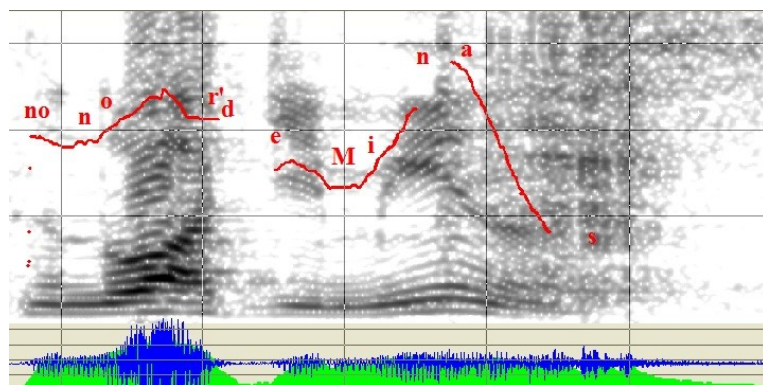


Figura 5.1 – Tópico de tipo 1

### 5.2.1.2 Forma entonacional de Tópico de tipo 2

A forma entonacional de tipo 2 possui movimento ascendente de F0 que começa na última sílaba tônica da unidade e continua na presença de postônicas. Tanto a tônica quanto as postônicas são alongadas, mas o maior alongamento é o da tônica. Pode ocorrer uma porção de preparação que antecede o núcleo. Esse é o tipo de Tópico realizado em 24% dos casos estudados no Italiano.

Exemplo (5.2) – pfammn02

\*TER: [102] a mãe da Fafica /=TOP\_r= vai dar /=SCA= o fogão //COM\_r=

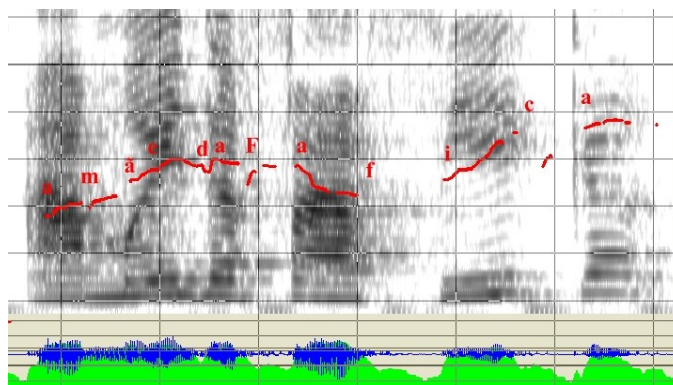


Figura 5.2 – Tópico de tipo 2

### 5.2.1.3 Forma entonacional de Tópico de tipo 3

A forma de tipo 3 possui dois semi núcleos que formam um padrão melódico ainda que haja

uma porção de ligação entre os mesmos. O primeiro núcleo caracteriza-se por um movimento descendente de F0 e o segundo por um movimento ascendente na última sílaba do Tópico (quer seja ela uma tônica ou postônica). Ocorre em 21% dos casos do Italiano.

Exemplo (5.3) – bfammn06

\*JOR: [11] um belo dia durante o almoço /=TOP= **o gerente de recursos humanos de uma multinacional** /=TOP= me informou que havia uma vaga na área comercial da empresa /=COB= e /=DCT= se eu tinha interesse //COM=

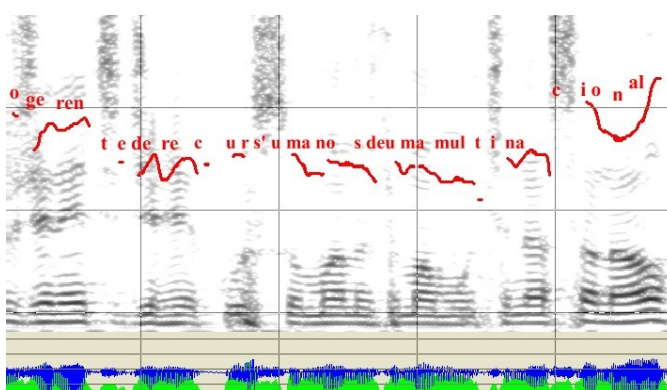


Figura 5.3 – Tópico de tipo 3

#### 5.2.1.4 Forma entonacional de Tópico de tipo 4

A forma de tipo 4 apresenta dois semi núcleos também interpretados de forma holística. O primeiro localiza-se em uma das primeiras sílabas do Tópico constitui-se de um pico com valores extra altos de F0. Não é necessário que haja um movimento descendente gradual após o pico de F0. Segundo semi núcleo localiza-se na última tônica do Tópico, a qual é alongada e pode ter um movimento ascendente, descendente ou nivelado. Até o presente momento, essa forma entonacional foi encontrada exclusivamente em PB. A Figura 5.4 exibe um Tópico de tipo 4 cujos semi núcleos foram evidenciados.

Enunciado (5.4) – bfamdl02

\*BAL: [158] existem vários> /=COB= só que a maioria /=TOP= &he /=EMP= tá julgando impropriedade /=COB= tal /=COB= porque /=DCT= &he /=EMP= de certa forma /=TOP= a bancada evangélica /=TOP= eles tão /=SCA= muito contra /=COM= essa coisa /=APC=



né // =PHA=

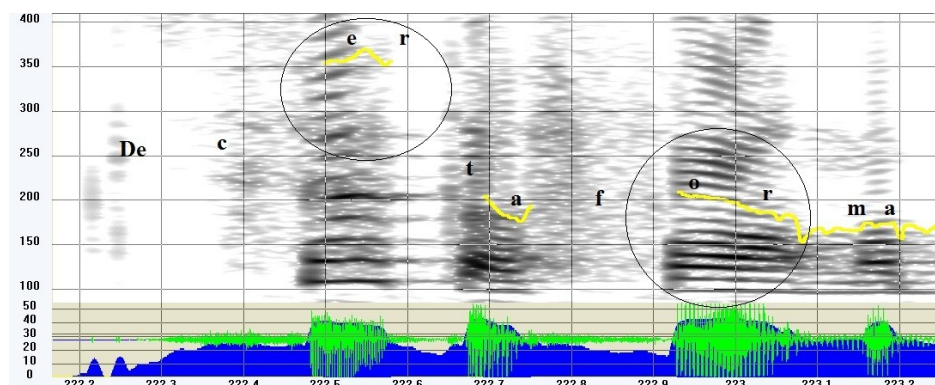


Figura 5.4 – Tópico de tipo 4

### 5.2.2 Apresentação esquemática dos procedimentos metodológicos para a identificação de formas entonacionais de Tópico

Os procedimentos metodológicos adotados nessa parte da pesquisa baseiam-se na metodologia do IPO ('t HART-COLLIER-COHEN, 1990) e do LABLITA (FIRENZUOLI, 2003; SIGNORINI, 2005; MONEGLIA, 2011) e dividem-se em dois grupos. Os primeiros sete voltam-se à identificação das formas entonacionais de Tópico. O último visa a validação das formas encontradas. Os procedimentos são:

1. **criação de um *subcorpus* de pesquisa** de 5 textos<sup>78</sup> de 1.500 palavras do C-ORAL-ROM de Português Europeu, contendo dois diálogos informais (pfamdl01 e pfamdl06), uma conversa informal (pfamcv07), um monólogo informal (pfamcv09) e um monólogo formal (pnatte03);
2. **identificação de enunciados** com unidades informacionais de Tópico;
3. **descrição prosódica** das unidades informacionais de Tópico encontradas segundo os seguintes parâmetros:
  - a) movimentos de F0;
  - b) frequência máxima, mínima e de ataque (em Hz);
  - c) duração de cada vogal e de cada sílaba (em S);

<sup>78</sup> Faz-se claro que, nesse contexto, a palavra "texto" (do C-ORAL-ROM, do C-ORAL-BRASIL, etc) indica o conjunto formado por: (a) uma gravação, (b) sua transcrição e (c) seu arquivo de alinhamento (executável no programa *WinPitch*).

- d) intensidade de cada sílaba (em Db);
  - e) alinhamento entre sílabas e frequência fundamental (F0);
4. **identificação dos movimentos de F0 perceptualmente relevantes** em cada unidade informacional de Tópico. Esse procedimento é realizado em duas etapas:
- a) geração de sínteses do áudio original em que são eliminados movimentos de F0 diversos;
  - b) audição das sínteses e identificação dos movimentos de F0 que, se eliminados, não produzem diferenças de percepção em relação ao áudio original (movimentos não relevantes)<sup>79</sup>;
  - c) geração de uma síntese que contenha exclusivamente movimentos relevantes;
5. **identificação do núcleo de cada unidade informacional de Tópico**, entendendo por núcleo a parte mínima e necessária para que a unidade tonal mantenha a sua função. Esse procedimento é realizado em duas etapas:
- a) com base na síntese que contém somente movimentos relevantes de F0 (Figura B8), geração de novas sínteses em que são eliminadas variadas porções de áudio;
  - b) audição das sínteses e identificação das porções de áudio necessárias para que a unidade informacional mantenha a função de Tópico e forme um padrão entonacional com a unidade de comentário do mesmo enunciado. A síntese com a menor quantidade de porções necessárias para a percepção da unidade enquanto Tópico é aquela que contém exclusivamente o núcleo (ou os semi núcleos) da unidade tonal;
6. identificação de núcleos com características prosódicas semelhantes e **formação de grupos de Tópicos** com núcleos semelhantes;
7. **identificação dos principais parâmetros prosódicos do núcleo de cada grupo de Tópicos**:
- a) geração de sínteses alterando valores dos parâmetros prosódicos do procedimento metodológico 3, em especial os movimentos de F0 e a duração das vogais;
  - b) audição das sínteses e identificação de parâmetros mais relevantes para que o Tópico mantenha sua função informacional;
8. **verificação do comportamento de cada grupo de Tópicos** em função de diferenças de:

---

<sup>79</sup> Na terminologia do IPO, uma *close copy* seria justamente uma síntese que são eliminados movimentos de F0 que não causam diferença de percepção em relação ao áudio original.

- a) extensão da unidade informacional de Tópico;
  - b) tonicidade da palavra em que recai o núcleo informacional do Tópico;
9. **identificação de formas entonacionais**, com base nas descrições dos procedimentos 6, 7 e 8.

Os procedimentos metodológicos citados anteriormente têm como resultado a criação de grupos de Tópicos cujos núcleos ou semi núcleos apresentam características prosódicas em comum e a descrição de suas características prosódicas. Cada grupo de Tópicos identificado e descrito anteriormente corresponde a uma forma entonacional de Tópico. Em seguida, foi realizado um procedimento para a validação das formas entonacionais encontradas:

10. **geração de sínteses** alterando parâmetros prosódicos dos núcleos para simular:
- a) outras formas entonacionais de Tópico;
  - b) ilocuções.

### 5.2.3 Detalhamento e demonstração da metodologia utilizada

Nessa subseção, os procedimentos apresentados na seção anterior são colocados em itálico. Após cada um deles, serão feitas as devidas observações.

1. *criação de um subcorpus de pesquisa de 5 textos de 1500 palavras do C-ORAL-ROM de Português Europeu, contendo dois diálogos informais (pfamd101 e pfamd106), uma conversa informal (pfamcv07), um monólogo informal (pfamcv09) e um monólogo formal (pnatte03).*

A criação do *subcorpus* de pesquisa foi fortemente condicionada por dois fatores: a baixa qualidade acústica, a pequena variação contextual dos textos do C-ORAL-ROM de PE (cf. Seção 5.1.3).

Considerando que a identificação e descrição de formas entonacionais de Tópico pressupõe uma análise acústica apurada, era fundamental que todos os textos do *subcorpus* apresentassem qualidade acústica igual ou superior a de textos classificados como de

qualidade "B" no C-ORAL-BRASIL (RASO, 2012). Em termos práticos, são textos com:

1. pouco ruído de fundo;
2. pouca sobreposição da fala dos falantes;
3. parte considerável do áudio com qualidade adequada para análise fonética, sendo possível computar as curvas de F0.

A baixa incidência de textos com qualidade desejável limitou fortemente as possibilidades de escolha para a pesquisa. Soma-se a isso o fato de que, em um exame minucioso dos textos do domínio informal do C-ORAL-ROM de PE, ficou claro que praticamente não há variação de contextos de produção de fala. Assim, procurou-se garantir uma variação mínima com uma escolha balanceada de monólogos, diálogos e conversações.

Em um primeiro momento, trabalhou-se com um monólogo informal (pfamcv09), um diálogo informal (pfamd101) e uma conversação informal (pfamcv07). Posteriormente, visando um maior número de dados e uma variação diafásica, o *subcorpus* foi acrescido de outros dois textos: um diálogo informal (pfamd106) e um monólogo formal (pnatte03). Foi somente com a inserção do monólogo formal (uma aula na Faculdade de Artes da Universidade de Lisboa) que se teve uma maior variação contextual em relação aos demais textos.

Uma última observação deve ainda ser feita sobre a constituição do *subcorpus*. Tendo em vista as peculiaridades do C-ORAL-ROM de Português Europeu em relação à tripartição em *monólogos*, *diálogos* e *conversações*, julgou-se oportuno que a escolha dos textos não fosse feita segundo sua classificação original, mas sim reclassificando-os com base nos critérios adotados pelo C-ORAL-BRASIL, mais condizentes com as diretrizes do C-ORAL-ROM. Assim, dentre os monólogos presentes no *subcorpus* de pesquisa, encontra-se, por exemplo, um trecho de 1500 palavras de um texto classificado no C-ORAL-ROM de Português Europeu como conversação (pfamcv09).

## 2. *identificação de enunciados com unidades informacionais de Tópico.*

Esse passo visa a identificação das unidades de Tópico no *subcorpus* de pesquisa para a

posterior análise e descrição do repertório de formas entonacionais. Conforme prevê a TLA, as unidades informacionais são identificadas com base nos critérios *funcional*, *entonacional* e *distribucional*. Dessa forma, procurou-se, em primeiro lugar, por toda unidade tonal cujo conteúdo locutivo pudesse constituir semanticamente o âmbito da força ilocucionária do enunciado (critério funcional); que se localizasse em posição anterior à da unidade de comentário (critério distribucional); que apresentasse uma entonação que conferisse a função de Tópico à unidade tonal segundo o julgamento do pesquisador. Considerando que esse trabalho visa a identificação de novas formas entonacionais de Tópico, a pesquisa não se limitou à procura de unidades de Tópico com formas entonacionais já descritas para outras línguas.

Como pode ser notado, o critério entonacional baseia-se essencialmente na percepção do pesquisador, enquanto falante nativo de Português Brasileiro, para avaliar se uma determinada unidade informacional forma um padrão prosódico de Tópico com a unidade de comentário. Em função disso, durante todo o processo de coleta e análise de dados, o pesquisador contou com o constante auxílio de integrantes do grupo C-ORAL-BRASIL e, por vezes, de membros do LABLITA.

Ainda assim, pode-se argumentar que o julgamento de falantes nativos de Português Brasileiro (como é o caso do pesquisador e de componentes do C-ORAL-BRASIL) e de Italianos (do LABLITA) não é decisivo para a análise do Português Europeu, sobretudo para determinar se a entonação de uma certa unidade informacional lhe confere a função de Tópico. Assumindo a possibilidade de existir, no PE, uma forma entonacional de Tópico completamente estranha a falantes do PB e de Italiano, procurou-se também por unidades tonais que apresentassem características funcionais e distribucionais de Tópico e que, do ponto de vista entonacional, não fossem facilmente reconhecíveis. Ou seja, que apresentassem uma prosódia muito peculiar que não se assemelhasse às características entonacionais já descritas para alguma das unidades informacionais previstas pela TLA. Adianta-se, no entanto, que não houve nenhum caso como esse durante toda a pesquisa.

Todo o processo de identificação de unidades informacionais de Tópico foi feita no programa

*WinPitch*<sup>80</sup>. É um programa de extrema importância uma vez que permite acessar simultaneamente a transcrição e áudio: clicando em um enunciado, o programa reproduz o segmento de áudio correspondente. Além disso, mostra parâmetros tais como frequência, duração, intensidade, os movimentos de F0 e os formantes, todos necessários à identificação das unidades informacionais. Além disso, o *WinPitch* permite manipular movimentos de F0 e a duração do áudio, recursos úteis para desambiguar casos duvidosos. Seguem imagens da tela do *Winpitch* para apreciação. A primeira, Figura 5.5, com a tela que mostra a transcrição. A segunda, Figura 5.6, com as curvas de F0 e formantes.

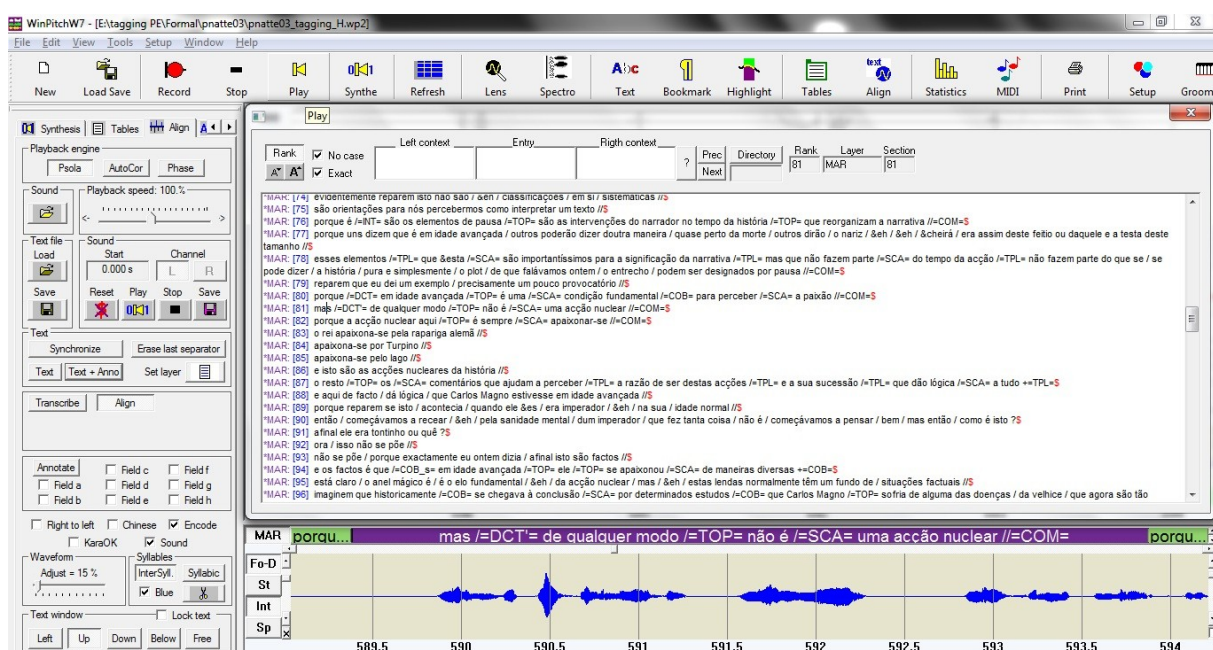


Figura 5.5 – Tela do programa *WinPitch* mostrando a transcrição de um texto

80 Para uma breve descrição do programa e da forma com que foi usado na pesquisa, ver o ANEXO D, destinado ao mesmo.

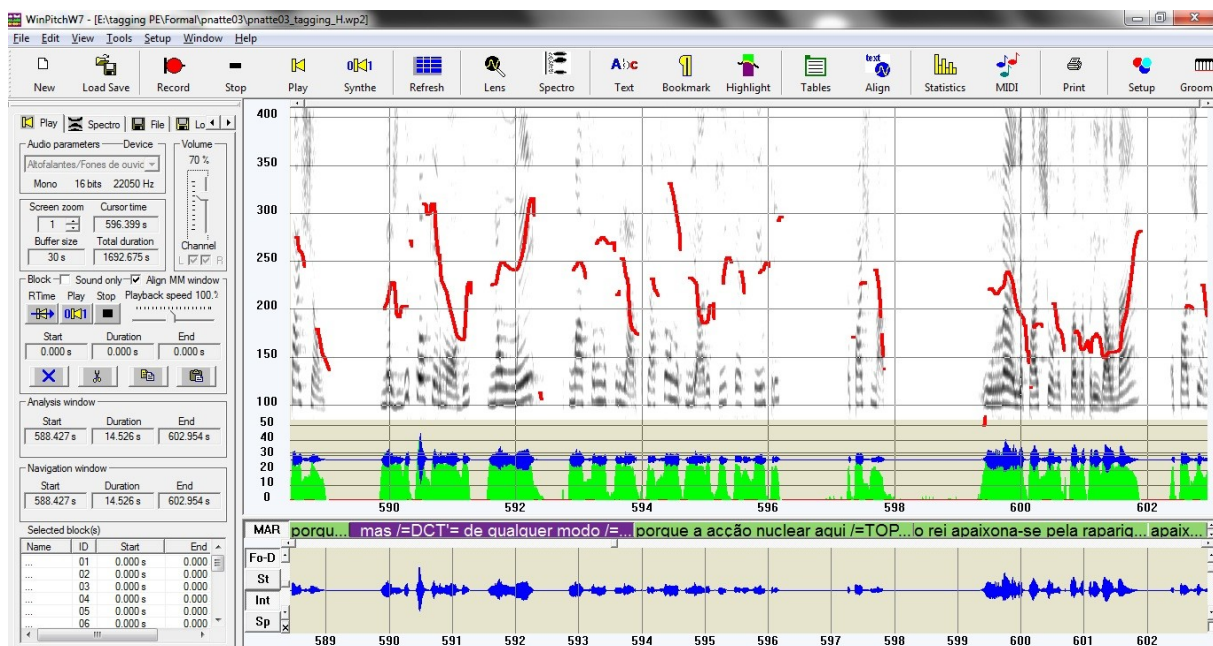


Figura 5.6 – Tela do programa *WinPitch* mostrando movimentos de F0, formantes, intensidade e onda sonora

De todas as unidades informacionais de Tópico encontradas no *subcorpus*, foram analisadas somente aquelas que não apresentavam sobreposições entre a fala de dois ou mais informantes. Enunciados cujos Tópicos estavam sobrepostos foram excluídos visto que a análise prosódica prevista nos procedimentos metodológicos sucessivos seria gravemente prejudicada.

### 3. *descrição prosódica das unidades informacionais de Tópico encontradas segundo os seguintes parâmetros:*

- a) *movimentos de F0;*
- a) *freqüência máxima, mínima e de ataque (em Hz);*
- b) *duração de cada vogal e de cada sílaba (em S);*
- c) *intensidade de cada sílaba (em Db);*
- d) *alinhamento entre sílabas e freqüência fundamental (F0);*

A descrição prosódica de cada unidade informacional de Tópico foi feita no programa *Praat*<sup>81</sup> e expandida em uma tabela complementar. Os enunciados que continham uma ou mais unidades de Tópico foram recortados e eles foram tratados em isolamento no *Praat*.

81 O ANEXO E mostra como o *Praat* pode ser usado para verificar tais parâmetros, bem como para realizar as manipulações que serão necessárias nos procedimentos metodológicos que se seguem.

Posteriormente, foram elaboradas tabelas no programa *BrOffice Calc* (<http://broffice.org/>) com informações adicionais necessárias à análise.

A Figura 5.7 mostra o Tópico do enunciado (5.5) com anotações necessárias à análise. Na figura, as linhas numeradas de 2 a 8 exibem, respectivamente, para cada sílaba, os parâmetros *duração*, *duração da vogal*, *frequência mínima*, *frequência de ataque*, *frequência máxima*, *intensidade mínima* e *intensidade máxima*.

### Exemplo (5.5) – pnatte03

\*MAR: [81] mas /=DCT= de qualquer modo /=TOP= não é /=SCA= uma acção nuclear  
//=COM=

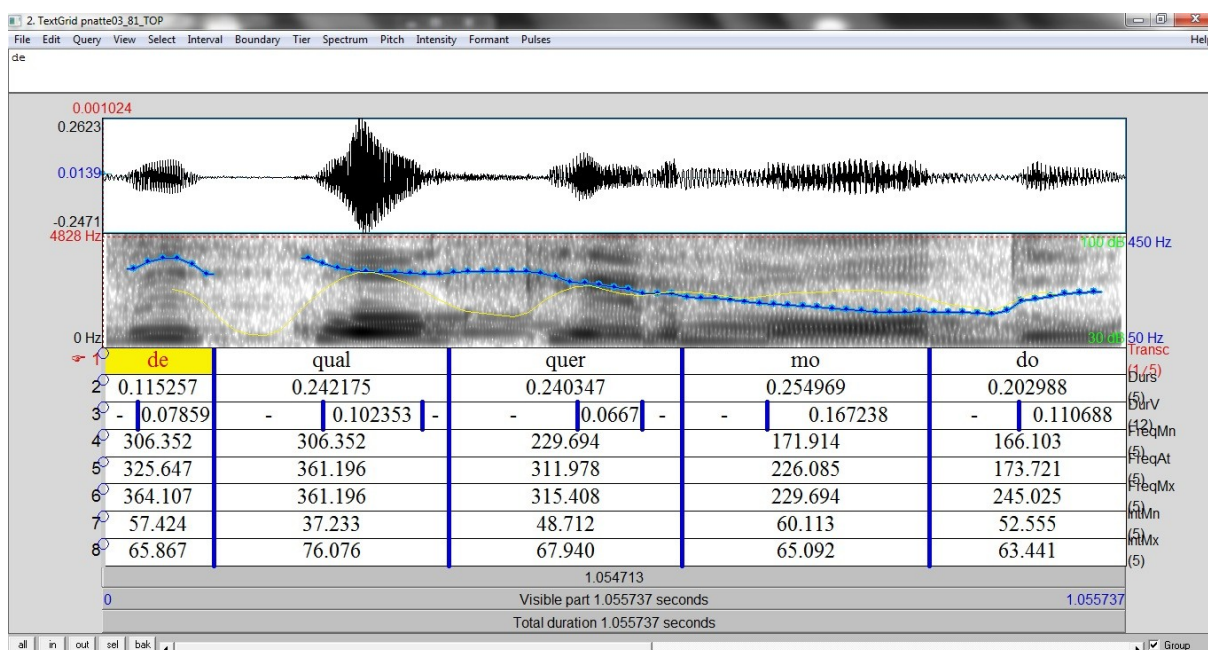


Figura 5.7 – Visualização do Tópico do enunciado (5.5) no *Praat* com anotações prosódicas

Já a Figura 5.8 mostra a tabela do programa *BrOffice Calc* com as informações complementares usadas na análise.



415	<b>pnatte03_81</b>				
416	silabas	de	qual	quer	mo do
417	direção do movimento	asc-desc	descendente	descendente	descendente ascendente
418	variação Hz na sílaba	58	55	86	58 79
419	pico de F0	x			
420	alongamento			x	
421	intensidade		x		
422	tonicidade	preposição	pré-tônica	tônica	tônica Pós-tônica
423	tipo de top	4			

Figura 5.8 – Tabela com informações complementares à análise prosódica do Tópico do enunciado (5.5)

#### 4. *identificação dos movimentos de F0 perceptualmente relevantes em cada unidade informacional de Tópico.*

A identificação de movimentos relevantes e não relevantes de F0 baseia-se no teste de *close copies* desenvolvido pelo IPO ('t HART-COLLIER-COHEN, 1990). Considera-se que os movimentos não relevantes de F0 são aqueles que, se eliminados, não produzem diferenças de percepção em relação ao áudio original. Os movimentos que não podem ser eliminados sem que se tenha diferenças de percepção são os movimentos perceptualmente relevantes. A identificação dos movimentos relevantes e não relevantes é feita em três etapas:

- a) *geração de sínteses do áudio original em que são eliminados movimentos de F0 diversos;*
- b) *audição das sínteses e identificação dos movimentos de F0 que, se eliminados, não produzem diferenças de percepção em relação ao áudio original (movimentos não relevantes)<sup>82</sup>;*
- c) *geração de uma síntese que contenha exclusivamente movimentos relevantes.*

A Figura 5.9 exhibe o Tópico do exemplo (5.5) na função *manipulation* do programa *Praat* (áudio 5.5-pnatte03[81]a). Essa função permite inserir, excluir ou alterar os movimentos de F0 de um certo áudio (cf. ANEXO E). Os movimentos de F0 sinalizados na Figura 5.9 foram posteriormente eliminados para verificar se são movimentos necessários ou não necessários. A Figura 5.10, em seguida, mostra o exemplo anterior já sem os movimentos que estão sendo testados. A manipulação pode ser ouvida no áudio 5.5-pnatte03[81]b. A geração dessas

82 Na terminologia do IPO, uma *close copy* seria justamente uma síntese na qual são eliminados movimentos de F0 que não causam diferença de percepção em relação ao áudio original.

sínteses constitui o passo “a” da **identificação dos movimentos de F0 perceptualmente relevantes**. Salienta-se que cada movimento de F0 deve ser eliminado em, pelo menos, uma síntese.

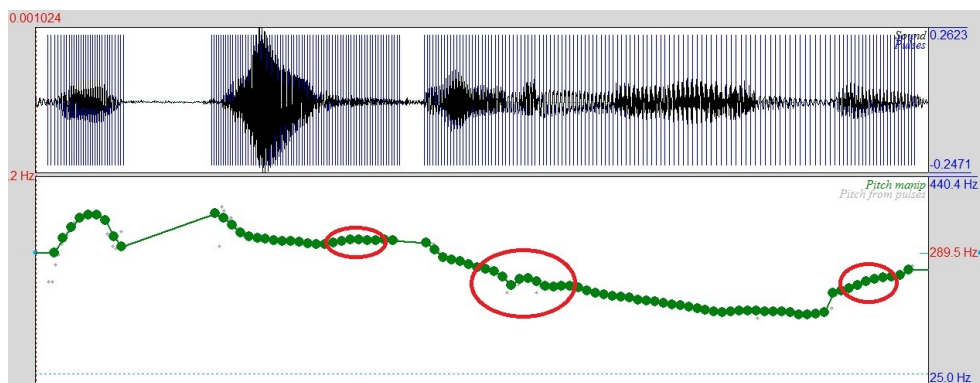


Figura 5.9 – Movimentos de F0 do Tópico do exemplo (5.5)

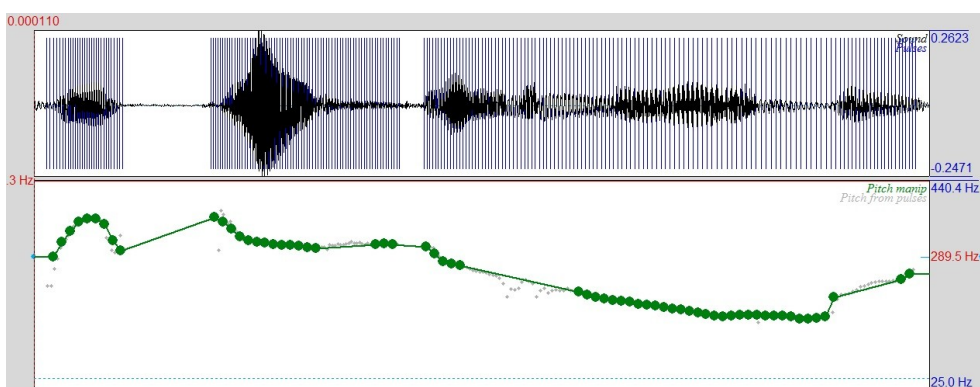


Figura 5.10 – Movimentos de F0 do Tópico do exemplo (5.5) sem os movimentos sinalizados na Figura 5.9

Ouvindo os áudios referentes às Figuras 5.9 e 5.10, não é possível perceber diferença nas curvas melódicas. Conclui-se, portanto, que os movimentos eliminados não são relevantes. A Figura 5.11 mostra outra alteração na curva melódica do exemplo (5.5): dessa vez, foi eliminado o movimento ascendente localizado logo ao início da Figura 5.10. Nesse caso, é possível perceber uma diferença na curva melódica (áudio 5.5-pnatte03[83]c), de modo que esse movimento constitui então um movimento relevante. A audição das manipulações e identificação dos movimentos que causam diferenças de percepção é o passo “b” da **identificação dos movimentos de F0 perceptualmente relevantes**.

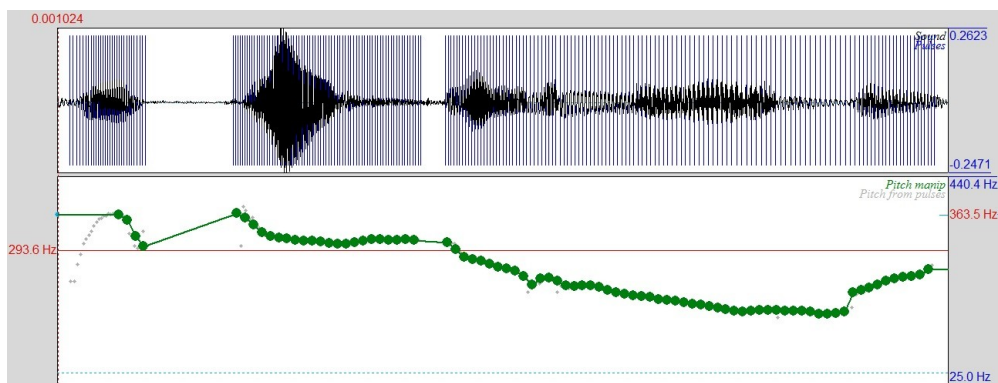


Figura 5.11 – Curvas de F0 do Tópico do exemplo (5.5) sem o primeiro movimento ascendente

Procedendo dessa forma, é possível chegar a um resultado em que todos os movimentos não relevantes foram eliminados e só se tem movimentos relevantes de F0 (áudio B8-pnatte03[81]d.) Esse seria o passo “c” da **identificação dos movimentos de F0 perceptualmente relevantes**.

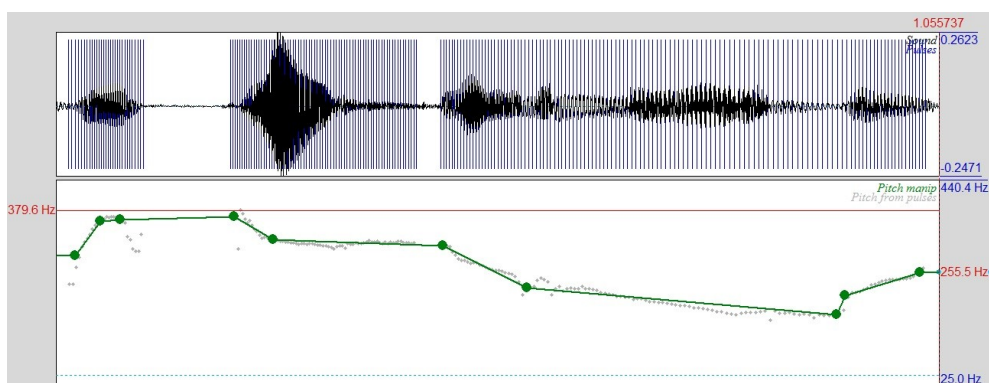


Figura 5.12 – Movimentos relevantes de F0 do Tópico de (5.5)

5. *identificação do núcleo de cada unidade informacional de Tópico, entendendo por núcleo a parte mínima e necessária para que a unidade informacional mantenha a sua função.*

O núcleo do Tópico é a porção mínima e necessária para que a unidade informacional seja percebida como Tópico. Em alguns casos, a unidade informacional de Tópico possui duas porções que, em conjunto, atribuem o valor informacional à unidade. Nesses casos, diz-se que o Tópico tem dois semi núcleos. Se o núcleo do Tópico é eliminado por meio de uma síntese,

a unidade tonal perde completamente o seu valor informacional. Quando o Tópico é composto por dois semi núcleos, a eliminação de um dos semi núcleos também traz prejuízos à compreensão da função da unidade informacional.

De um modo geral, o núcleo do Tópico corresponde a (a) movimentos de F0 posicionados em partes específicas da unidade informacional, (b) alongamento de sílabas específicas da unidade tonal. Na forma de tipo 2 (FIRENZUOLI-SIGNORINI, 2002), por exemplo, o núcleo constitui-se de um movimento ascendente e de um alongamento que começam na última sílaba tônica e são prolongados nas eventuais pós-tônicas. Já na forma de tipo 4, o primeiro semi núcleo é formado por um pico com valores extra altos de F0 no começo da unidade tonal e o segundo constitui-se do alongamento da última tônica. Frequentemente, os núcleos apresentam também propriedades características de intensidade (medida em Db).

Como é de se esperar, os movimentos de F0 que compõem o núcleo da unidade informacional de Tópico estão entre os movimentos perceptualmente relevantes do Tópico. Os outros movimentos relevantes presentes no Tópico que não integram o núcleo são movimentos de *preparação* e, no caso do Tópico ter dois semi núcleos, de *ligação*. Até o presente, não foram identificados Tópicos com movimentos de *coda*<sup>83</sup>. Assim, um dos elementos que define a unidade informacional de Tópico na TLA é justamente a presença do núcleo funcional (ou de um dos semi núcleos) à direita.

Visto isso, **a identificação do núcleo das unidades informacionais de Tópico** divide-se em dois passos:

- c) *com base na síntese que contém somente movimentos relevantes de F0 (Figura B8), geração de novas sínteses em que são eliminadas variadas porções de áudio*<sup>84</sup>;

---

83 Para a definição de movimentos de *preparação*, *ligação* e *coda* veja-se a seção 2.3, sobre o modelo entonacional da Teoria da Língua em Ato.

84 Esse passo prevê a eliminação de porções de áudio da unidade informacional de Tópico. Esse procedimento pode ser feito por meio de programas de edição de áudio, como o *Audacity* (<http://audacity.sourceforge.net>), em que é possível selecionar trechos de uma gravação e excluí-los. Como resultado, tem-se um arquivo de áudio com duração e conteúdo inferiores ao arquivo original. Do ponto de vista do enunciado, tem-se a supressão de parte de seu conteúdo locutivo. É necessário compreender de forma clara a diferença entre esse procedimento e o passo "a" do procedimento metodológico 4 (*geração de sínteses do áudio original em que são eliminados movimentos de F0 diversos*). Nesse último, não ocorre a supressão de conteúdo locutivo, mas

d) *audição das sínteses e identificação das porções necessárias para que a unidade informacional mantenha a função de Tópico e forme um padrão entonacional com a unidade de Comentário do mesmo enunciado. A síntese com a menor quantidade de porções necessárias para a percepção da unidade enquanto Tópico é aquela que contém exclusivamente o núcleo (ou os semi núcleos) da unidade tonal.*

Para demonstrar o primeiro passo, faz-se uso da Figura 5.13 e edições de porções da unidade informacional de Tópico.

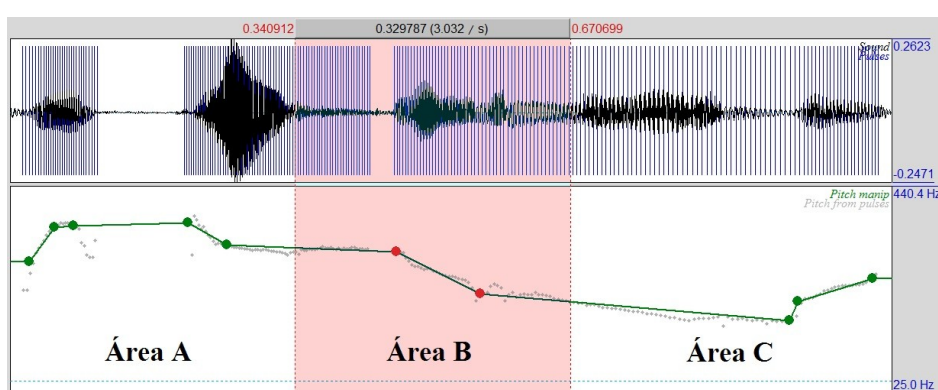


Figura 5.13 – Tópico do exemplo (5.5) dividido em três áreas

Na figura, encontram-se os movimentos relevantes do Tópico do enunciado (5.5) divididos em três áreas: as áreas A, B e C. Com base nisso, foram feitas 6 edições do Tópico em que, cada ora, eram eliminadas porções diferentes. O objetivo dessas manipulações era justamente o de se observar quais são as áreas necessárias para que o Tópico seja interpretado de maneira adequada.

Tabela 5.1 – Áreas preservadas em cada edição do Tópico do enunciado (5.5)

Arquivo de áudio	Área preservada
B9-pnatte03[81]e	Área A
B9-pnatte03[81]f	Área B
B9-pnatte03[81]g	Área C
B9-pnatte03[81]h	Áreas A e B
B9-pnatte03[81]i	Áreas A e C
B9-pnatte03[81]j	Áreas B e C

somente a eliminação de movimentos de F0. Ou seja, o conteúdo locutivo continua o mesmo, porém com sua curva melódica alterada. A comparação das sínteses geradas nesses procedimentos metodológicos deixa evidente a diferença entre os mesmos.

O processo de dividir o Tópico em várias áreas (ou porções) e gerar sínteses com cada uma delas constitui o passo “a” da **identificação do núcleo de cada unidade informacional de Tópico**.

O passo “b” seria a audição das sínteses e a identificação das porções necessárias para que a unidade tonal seja percebida como uma unidade informacional de Tópico. Nesse sentido, salienta-se que a síntese com a menor quantidade de porções necessárias para a percepção da unidade enquanto Tópico é aquela que contém **exclusivamente** o núcleo (ou os semi núcleos) da unidade informacional de Tópico. Em alguns casos, o núcleo é formado por apenas uma porção do Tópico original. Em outros casos, é formado pela combinação de duas porções, de modo que cada porção é um semi núcleo do Tópico.

De posse das sínteses geradas anteriormente, deve-se ouvi-las e averiguar se, em alguma delas, as áreas que não foram eliminadas são suficientes para que a unidade tonal constitua, prosodicamente, um Tópico. Por meio da comparação dos exemplos, nota-se que somente com as áreas A e C em conjunto (5.5-pnatte03[81]i) é que se tem a compreensão da primeira unidade tonal como um Tópico. As áreas A, B e C são, sozinhas, insuficientes para que o falante compreenda a unidade tonal como um Tópico, bem como a combinação das áreas A e B e a combinação das áreas B e C. Sendo assim, esse seria um Tópico constituído de dois semi núcleos, a saber, as áreas A e C.

Ainda, é necessário dizer que, em muitos casos, o núcleo da unidade informacional de Tópico é pequeno em relação a toda a unidade. Veja-se, por exemplo, o enunciado (A14), que apresenta dois Tópicos. Apesar do extenso conteúdo locutivo do segundo Tópico (“são as intervenções do narrador no tempo da história”), os seus semi núcleos correspondem exclusivamente às áreas A e B assinaladas na Figura 5.14. O semi núcleos seguidos do restante do enunciado podem ser ouvidos no áudio 5.6-pfamcv07[25]a.

Exemplo (5.6) – pnatte03

\*MAR: [76] porque é /=INT= são os elementos de pausa /=TOP= **são as intervenções do narrador no tempo da história** /=TOP= que reorganizam a narrativa //COM=

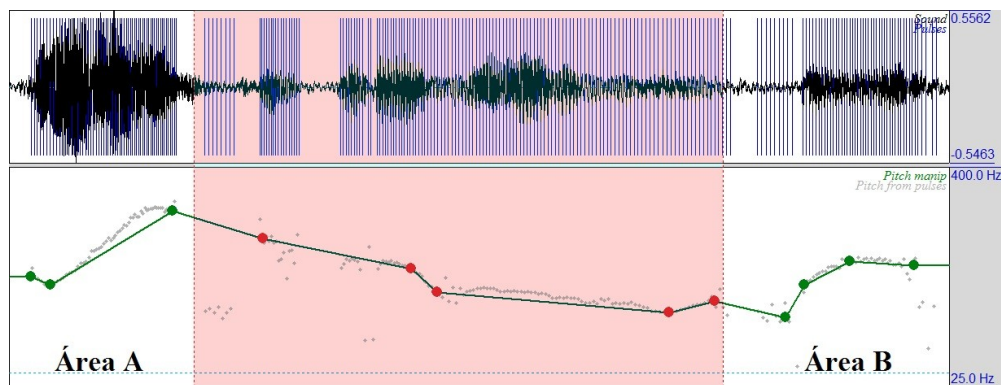


Figura 5.14 – Tópico do exemplo (5.6) com semi núcleos em evidência

6. *identificação de núcleos com características prosódicas em comum e formação de grupos de Tópicos com núcleos semelhantes.*

A identificação de características prosódicas em comum é feita com base na descrição prosódica de cada unidade informacional de Tópico realizada no procedimento metodológico 3. Sendo assim, procurou-se por núcleos que apresentassem semelhanças segundo os parâmetros:

1. *movimentos de F0;*
2. *freqüência máxima, mínima e de ataque (em Hz);*
3. *duração de cada vogal e de cada sílaba;*
4. *intensidade de cada sílaba (em Db);*
5. *alinhamento entre sílabas e freqüência fundamental (F0);*

De acordo com esses parâmetros, os enunciados (5.5) e (5.6), por exemplo, podem ser colocados em um mesmo grupo, uma vez que: 1. são formados por dois semi núcleos; 2. o primeiro semi núcleo tem valores elevados de F0 em relação ao restante do Tópico; 3. o primeiro semi núcleo apresenta um pico extra alto de F0; 4. o segundo semi núcleo exibe um movimento ascendente de F0; 5. o segundo semi núcleo apresenta um alongamento na tônica.

Todavia, a classificação empreendida nesse passo não é – e nem pretende ser – excessivamente rigorosa. É sabido que os diversos parâmetros prosódicos podem ter pesos diferentes para a caracterização do núcleo (e, sobretudo, de cada um dos semi núcleos) de

uma forma entonacional. Quanto à forma entonacional de Tópico de tipo 4 do Português Brasileiro, o primeiro semi núcleo é descrito principalmente em função do parâmetro prosódico *movimentos de F0*. Por outro lado, o segundo semi núcleo é definido pela presença do alongamento da última sílaba tônica, podendo apresentar um movimento ascendente, nivelado ou descendente de F0. Dessa forma, o que se busca com esse procedimento metodológico é identificar grupos de Tópicos cujos núcleos (ou semi núcleos) apresentam propriedades prosódicas semelhantes (mas não necessariamente idênticas). Cada grupo corresponde, em potencial, a uma forma entonacional de Tópico. Todavia, é somente uma descrição prosódica mais detalhada que permite identificar, de forma definitiva, quais são as formas entonacionais de Tópico da língua. Por esse motivo, ainda não é possível falar em *formas entonacionais*, mas sim em *grupos de Tópicos*.

#### ***7. identificação dos principais parâmetros prosódicos do núcleo de cada grupo de Tópicos.***

Para caracterizar, em definitivo, os grupos de Tópicos, é necessário verificar quais parâmetros prosódicos são mais relevantes para a constituição do núcleo (ou dos semi núcleos) de cada um deles. Esse procedimento é necessário pois, como foi observado anteriormente, parâmetros prosódicos diferentes tem pesos diferentes no núcleo de cada forma entonacional.

A identificação dos principais parâmetros prosódicos de cada grupo de núcleos é feita por meio das seguintes etapas:

- a) geração de sínteses alterando valores dos parâmetros prosódicos do procedimento metodológico 3, em especial os movimentos de F0 e a duração das vogais;*
- b) audição das sínteses e identificação de parâmetros mais relevantes para que o Tópico mantenha sua função informacional.*

O passo “a” da **identificação dos principais parâmetros prosódicos do núcleo de cada grupo de Tópicos** será exemplificado por meio de manipulações do enunciado (5.5). Primeiramente, será mostrado como a curva melódica é importante para o primeiro semi núcleo do Tópico desse enunciado, com as Figuras 5.15 (áudio 5.5-pnatte03[81]) e 5.16



(áudio 5.5-pnatte03[81]). Posteriormente, será visto como a duração da tônica do último semi núcleo é relevante para a caracterização do segundo semi núcleo.

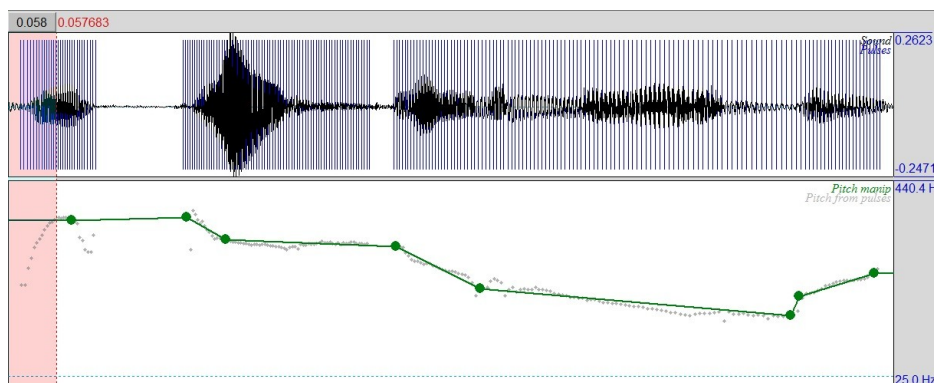


Figura 5.15 – Síntese do Tópico do exemplo (5.5) sem o movimento ascendente do primeiro semi núcleo

Na imagem, encontra-se a síntese do Tópico do enunciado (5.5) manipulada de modo que o movimento ascendente que antecede o pico de F0 do primeiro semi núcleo foi eliminado. Como resultado, tem-se um movimento nivelado que começa no ataque do Tópico e prossegue até o final do pico de F0. Ouvindo o arquivo de som associado (áudio 5.5-pnatte03[81]k), não há dúvidas de que a eliminação do movimento ascendente causa uma diferença de percepção na curva melódica (logo, o movimento eliminado é um movimento perceptualmente relevante e a síntese não pode ser chamada de uma *close copy*). Por outro lado, é igualmente claro que a eliminação do movimento ascendente não prejudica em nada a interpretação da função da unidade informacional. Dessa forma, pode-se dizer que o movimento ascendente que antecede o pico de F0 do primeiro semi núcleo não é fundamental para essa forma entonacional.

Já na Figura 5.16, é eliminado não só o movimento ascendente que leva ao pico de F0, mas sim toda saliência prosódica do primeiro semi núcleo do Tópico do enunciado (5.5). Como consequência, tem-se um único movimento nivelado durante todo o semi núcleo. Com o arquivo de som associado (5.5-pnatte03[81]l), é possível ver que a existência de um pico de F0 no primeiro semi núcleo é determinante para essa forma entonacional, uma vez que, sem o pico, o Tópico deixa de ser reconhecido como tal.

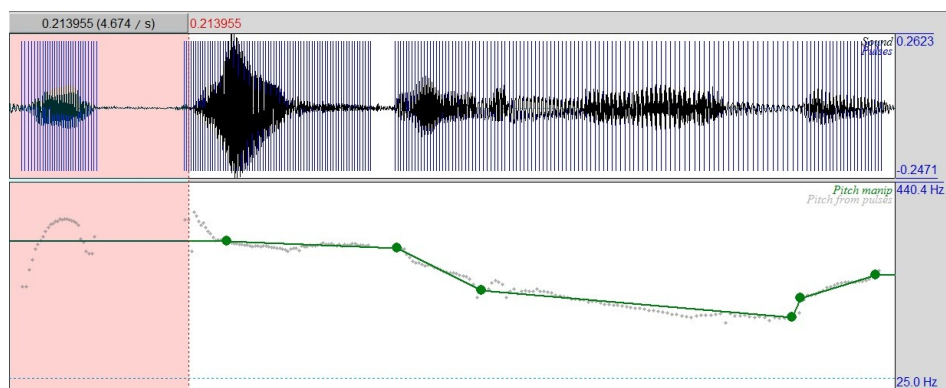


Figura 5.16 – Síntese do Tópico do exemplo (5.5) sem o movimento ascendente-descendente do primeiro semi núcleo

Agora será mostrado como a **duração vocálica** é um parâmetro prosódico importante para a caracterização do segundo semi núcleo do Tópico do enunciado (5.5). A Figura 5.17 (e o áudio 5.5-pnatte03[81]m) mostra, no programa *Winpitch*<sup>85</sup>, a manipulação da duração da tônica “mo”, da palavra “modo”, a qual apresenta originalmente um alongamento em relação às demais sílabas do Tópico. Com a manipulação, a duração da última tônica do Tópico foi reduzida para a mesma duração da última pós-tônica (a sílaba “do”) e da primeira átona (a preposição “de”). Note-se que, na área destinada à última tônica do Tópico, constam duas barras horizontais. A barra superior indica a duração original da sílaba “mo”. A barra inferior mostra a duração manipulada. Quanto mais alto está a barra, mais a sílaba é alongada. Assim, essa imagem indica que a duração da tônica foi reduzida para a mesma duração da postônica “do” (que, como pode ser visto, é bem próxima da duração da átona “de”). Ouvindo o áudio referente a essa manipulação, nota-se que a identificação da função da unidade tonal é comprometida. A redução da duração da última tônica faz com que a unidade não seja mais percebida como um Tópico bem executado.

<sup>85</sup> O ANEXO E descreve em detalhes como o programa *Winpitch* pode ser usado para manipular a duração de segmentos sonoros.

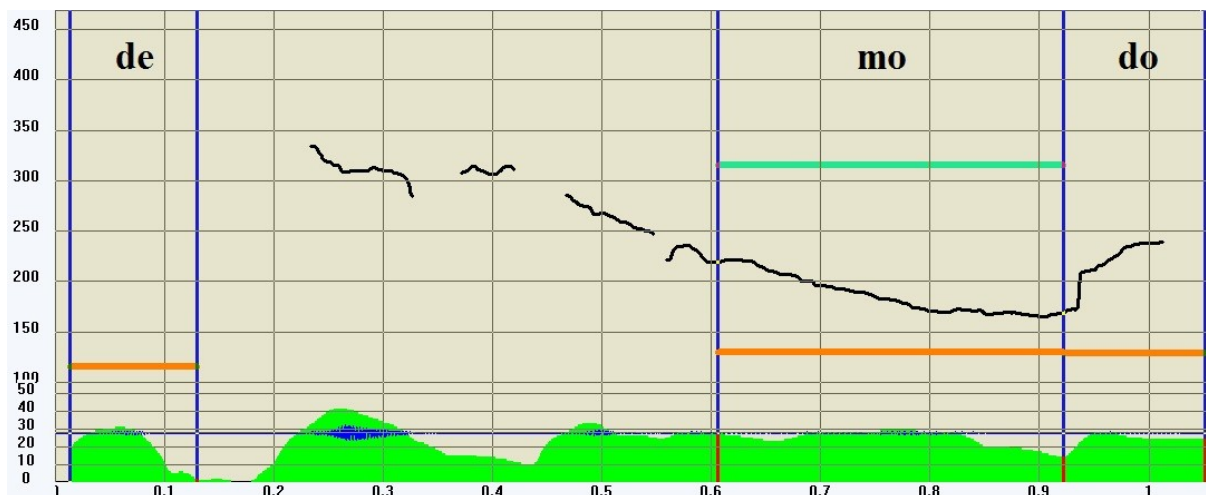


Figura 5.17 – Síntese da duração da última tônica do Tópico de (5.5)

De posse das informações obtidas nesse procedimento metodológico, é possível descrever em detalhes os grupos de Tópico identificados no procedimento 6. Em uma eventual descrição do grupo em que se insere o Tópico de (5.5), por exemplo, seria importante mencionar a relevância dos parâmetros “movimentos de F0” para o primeiro semi núcleo e “duração vocálica” para o segundo semi núcleo.

8. *verificação do comportamento de cada grupo de Tópicos em função de diferenças de:*

- a) *extensão da unidade informacional de Tópico;*
- b) *tonicidade da palavra em que recai o núcleo informacional do Tópico;*

Como mostra Signorini (2005), as formas entonacionais podem variar em função do conteúdo locutivo que preenche a unidade informacional. Sendo assim, esse procedimento metodológico destina-se à investigação de dois fatores que julga-se serem fundamentais para a compreensão das possíveis variações das formas entonacionais de Tópico: a extensão da unidade informacional e a tonicidade da palavra em que recai o núcleo.

Nesse procedimento, é feita uma observação cautelosa dos grupos de Tópico, buscando identificar os fatores que motivam as diferenças prosódicas internas de cada grupo. A **verificação do comportamento de cada grupo de Tópicos** pode ser demonstrada por meio da comparação dos Tópicos dos enunciados (5.7) e (5.8), que possuem o núcleo ao final da

unidade, mas em sílabas diferentes.

Exemplo (5.7) – pfamd101

\*JOS: [544] e eu [2]=EMP= para mim /=TOP= é difícil /=SCA= às vezes /=COB= de  
/=SCA= gerir /=SCA= este compromisso //COM=

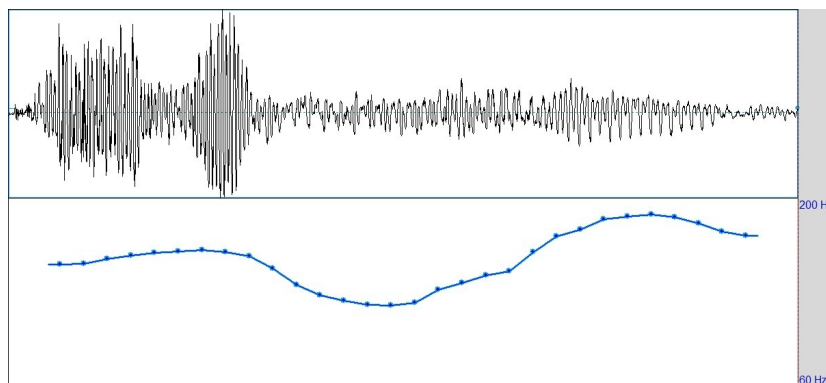


Figura 5.18 – Tópico do enunciado (5.7)

Exemplo (5.8) – pfamd101

\*JOS: [537] alunos /=TOP= que nós temos de preparar /=COB= para a vida //COM=

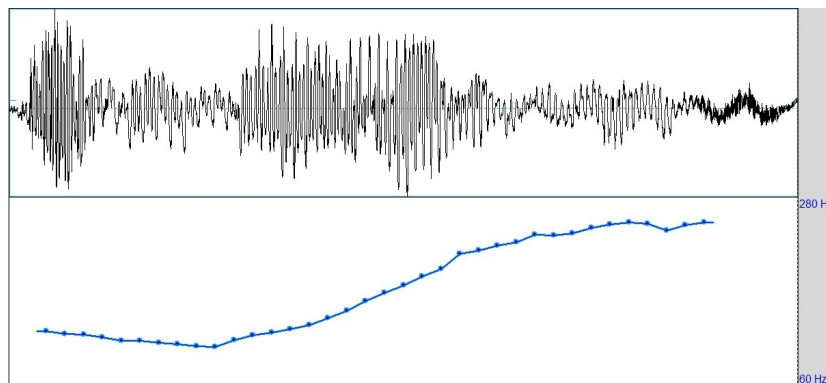


Figura 5.19 – Tópico do enunciado (5.8)

No Tópico do enunciado (5.7), o pico de F0 recai sobre a tônica, que é a última sílaba da unidade informacional. No enunciado (5.8), recai sobre a pós-tônica, que também é a última sílaba. Esses dois exemplos levam a crer que, para esse grupo de Tópicos, o pico de F0 é sempre colocado na última sílaba da unidade informacional, independente de sua tonicidade.

9. *identificação de formas entonacionais, com base nas descrições dos procedimentos 6, 7 e 8.*

As informações adquiridas anteriormente permitem descrever em detalhes as diferentes formas de se realizar, do ponto de vista entonacional, a unidade informacional de Tópico, no Português Europeu. Essas constituem, então, as formas entonacionais de Tópico do Português Europeu. É importante notar que todas as propriedades das formas entonacionais de Tópico de tipo 1, 2, 3 e 4 descritas para o Português Brasileiro e para o Italiano (seções 3.2.1.1 a 3.2.1.4) podem ser descritas por meio dos procedimentos metodológicos elencados e exemplificados anteriormente.

10. *geração de sínteses alterando parâmetros prosódicos dos núcleos para simular:*

- a) *outras formas entonacionais de Tópico;*
- b) *ilocuções.*

Valendo-se de sínteses de curvas de F0 (no programa *Praat*) e de sínteses de duração (no programa *WinPitch*), pode-se simular, a partir de cada forma entonacional de Tópico, outras formas entonacionais de Tópico e formas entonacionais ilocucionárias. Essas simulações ajudam a perceber de forma clara quais são os limites prosódicos de cada forma entonacional. O processo de elaboração das sínteses do procedimento metodológico 10 é idêntico ao do procedimento metodológico 7, de modo que o mesmo não será exemplificado novamente.

5.2.4 *A avaliação das manipulações*

A identificação dos fatores prosódicos relevantes para a caracterização das formas entonacionais de PE baseou-se na realização de manipulações de seus parâmetros prosódicos e na análise dos resultados obtidos em cada manipulação, de forma análoga à demonstrada ao longo dessa seção. Nesse processo, observou-se que as manipulações ocasionaram 5 efeitos básicos em função de alterações na percepção acústica e na interpretação cognitiva das unidades tonais manipuladas. Todavia, para a caracterização dos semi núcleos, alguns efeitos decorrentes das manipulações parecem ter a mesma importância que outros. Assim, os efeitos foram divididos em duas categorias: os efeitos que são relevantes para caracterizar os semi

núcleos e os efeitos que não são relevantes para caracterizar os semi núcleos.

A subseção 5.2.4.1 encarrega-se de explicar o que se entende pelos níveis de percepção auditiva e interpretação cognitiva. Em seguida, subseção 5.2.4.2, serão descritos os 5 efeitos causados pelas manipulações. Em 5.2.4.3, serão apresentadas as duas categorias pertinentes para a avaliação da relevância de um fator prosódico para a caracterização do núcleo das formas entonacionais. Por fim, na subseção 5.2.4.4, foram feitas considerações gerais acerca da interpretação dos fatores prosódicos em face das manipulações.

Antes de mais nada, antecipa-se que as observações aqui realizadas podem parecer excessivamente abstratas em um primeiro momento. Recomenda-se, portanto, que o leitor retorne a essa seção durante o Capítulo 6, relativo à apresentação e análise de dados e, em especial, durante a descrição das formas entonacional de Tipo 4, em que são apresentadas a maior parte das manipulações.

#### 5.2.4.1 Percepção acústica e interpretação cognitiva

As manipulações foram avaliadas com base nos resultados que produzem na **percepção auditiva** e na **interpretação cognitiva** da unidade tonal manipulada.

A **percepção auditiva** diz respeito à capacidade de reconhecer diferenças acústicas entre a unidade tonal original e a unidade manipulada com base na percepção de suas características prosódicas. As categorias de análise referentes à percepção auditiva são: *idêntico*, *semelhante* e *diferente*, entendidas como categorias discretas. Desse modo, *semelhante* e *diferente* não se sobrepõem, mas descrevem níveis de percepção da diferença.

Segundo essa classificação, somente uma *close copy* (ou seja, a eliminação de movimentos não relevantes de F0) pode ser percebida como idêntica à unidade tonal original. A manipulação do núcleo de uma unidade informacional de Tópico será sempre percebida como semelhante ou diferente. A manipulação semelhante é aquela cujas diferenças acústicas são poucas e podem ser percebidas sobretudo se o falante sabe que o áudio foi manipulado. No segundo caso, as diferenças acústicas são mais evidentes e o falante percebe claramente a

alteração.

O nível da **interpretação cognitiva** seria a capacidade de interpretar que uma unidade tonal foi realizada de acordo com os parâmetros prosódicos que definem cada forma entonacional<sup>86</sup>. Nesse nível de análise, a interpretação é decorrente da identificação dos parâmetros prosódicos de uma unidade tonal e da comparação com os parâmetros previstos e os limites aceitáveis por cada uma das formas entonacionais. Assim, a unidade tonal tende a ser interpretada como pertencente à classe a que mais se adequam os seus parâmetros prosódicos. É esse nível de análise que permite que, em muitos casos, uma unidade informacional de Tópico de tipo 2, por exemplo, possa ser reconhecida como tal independente do seu conteúdo locutivo e ainda que seja ouvida em isolamento. Em outras palavras, esse nível de análise da interpretação cognitiva relaciona-se exclusivamente a fatores **prosódicos** – e não funcionais. Dessa forma, as categorias de análise do primeiro nível da interpretação cognitiva são: *interpretável como uma forma entonacional de tipo X e não interpretável como uma forma entonacional de tipo X*.

Inúmeras manipulações realizadas ao longo desse estudo fizeram com que uma forma entonacional de Tópico de um tipo fosse interpretada como um forma entonacional de Tópico de outro tipo, ou até mesmo como uma forma entonacional ilocucionária. Nesse ponto, considerando apenas o ponto de vista prosódico, manipulações que resultam em outra forma entonacional de Tópico ou em uma forma entonacional de Comentário são igualmente significativas. Isso porque, em ambos os casos, o parâmetro prosódico manipulado mostra-se relevante para a definição da forma entonacional do áudio original em relação às demais formas entonacionais (sejam ilocucionárias ou não).

No entanto, para uma análise mais completa do nível da interpretação cognitiva, essas duas categorias não bastam. Em inúmeros casos, as manipulações alteraram os parâmetros prosódicos das unidades tonais de tal modo que unidade informacional resultante se assemelha em grande medida a uma certa forma entonacional, mas fosse percebida como

---

86 Naturalmente, existem inúmeros outros níveis de interpretação cognitiva relativos à identificação da função de uma unidade informacional, bem como à compreensão da estrutura informacional do enunciado e de todo o discurso. Todavia, visto que esse trabalho tem como objetivo identificar os parâmetros prosódicos que definem cada forma entonacional, considerou-se que o nível de análise cognitiva mais pertinente para a análise das unidades tonais manipuladas é justamente aquele de se restringe à avaliação prosódica da unidade tonal (e não à sua função).

anômala (ou mal realizada) ao que seria a sua forma canônica. Assim, fez-se necessário adicionar outra categoria ao nível de análise da interpretação cognitiva: *interpretável como uma forma entonacional anômala (ou mal realizada)*<sup>87</sup>.

Como será visto no capítulo da análise de dados, por vezes, as manipulações alteram a unidade entonacional de forma tal que os parâmetros prosódicos da unidade manipulada passam a ser compatíveis com os parâmetros de mais de uma classe de perfis prosódicos. Assim, encontram-se casos em que a manipulação de um Tópico de tipo 4, por exemplo, faz com que a unidade tonal resultante se assemelhe a uma forma entonacional de Tópico de outro tipo e, ao mesmo tempo, a uma forma entonacional de valor ilocucionário. Naturalmente, em casos como esse, o conteúdo locutivo da unidade tonal é peça fundamental para determinar a forma entonacional que a unidade tonal manipulada apresenta. Contudo, conforme dito anteriormente, esse nível de análise da interpretação cognitiva diz respeito somente ao nível prosódico de análise da unidade tonal. Com base nessas considerações, foi adicionada uma última categoria de análise ao nível da interpretação cognitiva é: *interpretável de forma ambígua*.

#### 5.2.4.2 Efeitos causados pelas manipulações

Os efeitos produzidos pelas manipulações podem ser classificados a partir de combinações das categorias próprias aos níveis da percepção auditiva e da interpretação cognitiva de uma manipulação. A classificação que se segue foi aquela adotada nas tabelas que descrevem os resultados das manipulações:

1. **Mantem integralmente a forma entonacional** – Manipulações em que a unidade tonal original e a unidade tonal manipulada são percebidas como **semelhantes**. A unidade tonal manipulada é interpretada como uma unidade informacional de Tópico de tipo 4 perfeitamente análoga àquela do áudio original;
2. **Mantem a forma entonacional** – Manipulações em que a unidade tonal original e a unidade tonal manipulada são percebidas como **diferentes**. No entanto, o falante reconhece, na unidade tonal manipulada, a mesma forma entonacional do Tópico

---

87 No capítulo dedicado à análise de dados, os termos *anômalo* e *mal realizado* serão utilizados como sinônimos.



original. Essa categoria se aplica mesmo às manipulações de Tópicos de tipo 4 em que a manipulação do movimento de F0 resulta em uma variante diferente da mesma forma entonacional;

3. **Altera a forma entonacional (anômala)** – Manipulações em que a unidade tonal original e a unidade tonal manipulada são percebidas como **diferentes**. O falante reconhece, na unidade tonal manipulada, a mesma forma entonacional do Tópico original, mas percebe que a forma entonacional não foi realizada na sua forma adequada. Assim, a unidade tonal é interpretada como um Tópico de tipo 4 anômalo.
4. **Muda a forma entonacional (dúvida)** – Manipulações em que a unidade tonal original e a unidade tonal manipulada são percebidas como **diferentes**. Nesse caso, os parâmetros prosódicos da unidade tonal manipulada podem ser identificados de forma ambígua como mais de uma forma entonacional. Frequentemente, as manipulações com formas entonacionais ambíguas são identificadas como duas formas entonacionais anômalas.
5. **Muda a forma entonacional** – Manipulações em que a unidade tonal original e a unidade tonal manipulada são percebidas como **diferentes**. Nesse caso, a unidade tonal manipulada é interpretada, de uma maneira mais clara, como uma outra forma entonacional. Foram encontrados casos em que a unidade tonal manipulada se assemelha a uma forma entonacional de Tópico de tipo 2 ou a uma forma entonacional de valor ilocucionário. Em alguns casos, a unidade tonal manipulada deixa de ser interpretada como uma forma entonacional e passa a ser interpretada como uma unidade de Escansão ou uma disfluência.

#### 5.2.4.3 Categorias utilizadas para a identificação dos principais fatores prosódicos do núcleo das formas entonacionais

Os efeitos causados pelas manipulações descrevem uma escala que tem, como ponto inicial, uma identificação plena entre a unidade tonal original e a unidade manipulada e, como ponto final, o distanciamento total entre a unidade tonal original e a manipulada.

Para compreender quais são os fatores prosódicos de maior relevância para o núcleo de cada forma entonacional, **foram consideradas significativas as manipulações que causam**

**qualquer tipo de alteração na interpretação cognitiva da forma entonacional original.** Seriam elas as manipulações com efeitos de tipo 3, 4 e 5. As manipulações com efeitos de tipo 1 e 2, por outro lado, não causam nenhuma alteração na interpretação cognitiva e parecem não ser determinantes para as formas entonacionais. Como pode ser visto, as manipulações que resultam em uma forma entonacional anômala (manipulações de tipo 3) foram incluídas no grupo das manipulações significativas. Essa escolha se deve ao fato de que, se a forma entonacional é vista como anômala em relação à forma padrão, significa que o parâmetro prosódico alterado é, de fato, significativo para a caracterização da forma prosódica.

Outou-se, contudo, por manter nas tabelas a categorização com base nos cinco efeitos para que o leitor possa, por si só, reavaliar os resultados, caso considere que a divisão entre as categorias pertinentes e não pertinentes para a análise das formas entonacionais não foi feita de forma adequada.

#### 5.2.4.1 Considerações gerais sobre a interpretação dos fatores prosódicos

Quanto às manipulações, uma última observação faz-se necessária: como será visto em breve, os resultados obtidos manipulando exemplares diferentes de Tópicos com a mesma forma entonacional não foram uniformes na maior parte em absoluto dos casos. Dessa forma, a análise dos parâmetros relevantes para uma forma entonacional foi conduzida com base na comparação das tendências gerais para cada tipo de manipulação. Cada tendência foi devidamente explicada e foi dado destaque a casos muito particulares.

### 5.3 O pronome lembrete em PB e PE

A pesquisa foi realizada de acordo com os seguintes procedimentos:

1. constituição de um *subcorpus* de Português Brasileiro com 20 textos do C-ORAL-BRASIL previamente etiquetados informacionalmente, contendo:
  - a) 1 monólogo público (bpubmn01);
  - b) 2 diálogos públicos (bpubdl01, bpubdl02);
  - c) 2 conversações públicas (bpubcv01, bpubcv02);

- d) 6 monólogos privados (bfammn01, bfammn02, bfammn03, bfammn04, bfammn05, bfammn06);
  - e) 5 diálogos privados (bfamdl01, bfamdl02, bfamdl03, bfamdl04, bfamdl05);
  - f) 4 conversações privadas (bfamcv01, bfamcv02, bfamcv03, bfamcv04)<sup>88</sup>;
2. constituição de um *subcorpus* de Português Europeu com 20 textos do C-ORAL-ROM de PE sem etiquetagem informacional, contendo:
    - a) 2 monólogos públicos (ppubmn02, ppubmn03);
    - b) 2 diálogos públicos (ppubdl08, ppubdl10);
    - c) 2 conversações públicas (ppubcv04, pfamcv05\*);
    - d) 5 monólogos privados (pfammn03, pfammn10, pfammn12, pfammn14, pfammn22);
    - e) 5 diálogos privados (pfamdl06, pfamdl07, pfamdl14, pfamdl23, pfamdl24);
    - f) 4 conversações privadas (pfamcv05, pfamcv07, pfamcv08, pfamcv09);
  3. localização, no *subcorpus* de PB, de retomadas por pronome lembrete;
  4. localização, em enunciados com unidade informacional de Tópico do *subcorpus* de PB, de retomadas por repetição do elemento retomado;
  5. identificação, no *subcorpus* de PB, de contextos favoráveis à retomada por pronome lembrete;
  6. localização, no *subcorpus* de Português Brasileiro, de retomadas pronominais em orações relativas resumptivas;
  7. localização, no *subcorpus* de PE, de retomadas por pronome lembrete;
  8. identificação de restrições prosódicas operantes na realização dos diversos tipos de retomadas identificadas anteriormente.

Como *subcorpus* de pesquisa do Português Brasileiro, foi utilizado o *minicorpus* do C-ORAL-BRASIL (RASO, no prelo), o qual conta com etiquetagem informacional em todos os seus 20 textos e apresenta um total de 31.318 palavras e 5.438 enunciados. Com base na estrutura do *minicorpus*, foi montado um *subcorpus* de Português Europeu com textos provenientes do C-ORAL-ROM de Português Europeu. Para tanto, buscou-se textos que se equiparassem o máximo possível àqueles do do *subcorpus* de PB em relação aos seguintes

---

<sup>88</sup> A quantidade de textos escolhidos para compor o subcorpus faz com que o mesmo seja representativo em relação ao C-ORAL-BRASIL quanto à sua divisão entre os contextos *público* e *privado* e quanto às tipologias *monólogo*, *diálogo* e *conversação*.

parâmetros:

1. variação situacional das interações;
2. critérios sociolinguísticos dos falantes (gênero, idade, escolaridade);
3. número de palavras (aproximadamente 1.500 cada).

Na elaboração do *subcorpus* de PE, encontrou-se dificuldade para atender a cada um dos parâmetros desejados. Em primeiro lugar, como foi visto na seção 5.1.3, o C-ORAL-ROM de Português Europeu apresenta uma variação de situações de fala significativamente restrita em relação ao C-ORAL-BRASIL, sendo impossível conseguir uma variação tão grande quanto aquela presente no *minicorpus*. Em contra partida, procurou-se conseguir um maior equilíbrio nos critérios sociolinguísticos, variando a situação comunicativa sempre que possível. O tamanho dos textos do C-ORAL-ROM de PE também foi um entrave para a construção do *subcorpus*: muitos deles apresentavam um número de palavras consideravelmente inferior a 1.500, tornando-os inadequados à pesquisa. De todas as conversações públicas do C-ORAL-ROM de Português Europeu, por exemplo, somente uma apresentava um número compatível de palavras, de modo que, dentre as conversações públicas presentes no *subcorpus*, encontra-se uma conversação familiar/privada (pfamecv05).

Outra diferença deve ser mencionada. O *subcorpus* de PB apresenta 6 monólogos privados e apenas 1 monólogo público. O *subcorpus* de PE, por outro lado, tem 5 monólogos privados e 2 monólogos públicos. Essa diferença deve-se ao fato que, posteriormente à etiquetagem informacional do *minicorpus* do C-ORAL-BRASIL, à criação do *subcorpus* de PE e à coleta de dados para essa pesquisa, um dos monólogos do *minicorpus* foi reclassificado, passando de público para privado. Consequentemente, o *subcorpus* de PB, composto exclusivamente por textos do *minicorpus*, foi alterado. Devido ao prazo de publicação desse trabalho, não foi possível reformular o *subcorpus* de PE.

Quanto aos procedimentos metodológicos posteriores à montagem do *subcorpus*, algumas observações devem ser feitas. Em primeiro lugar, os procedimentos metodológicos 3 e 6 correspondem à “localização manual, em ambos os *subcorpora*, de retomadas por pronome lembrete”. Nessa fase da pesquisa, considerou-se que uma retomada por pronome lembrete é a

retomada anafórica de um SN realizada por um pronome pessoal em posição de:

1. sujeito da oração principal ou de uma oração subordinada;
2. objeto direto da oração principal ou de uma oração subordinada;
3. objeto indireto da oração principal ou de uma oração subordinada;
4. complemento na oração principal ou em uma oração subordinada.

Dessa forma, buscou-se cobrir todos os casos que seriam considerados de pronome lembrete em uma análise discursiva como a de Pontes (1987).

A identificação de retomadas por pronome lembrete foi realizada de forma semiautomática, valendo-se da função “localizar” do editor de textos *BrOffice* (<http://broffice.org/>). Com essa função, é possível identificar as ocorrências de uma palavra em um certo arquivo de texto. Assim, foram procuradas todas as formas de pronomes pessoais previstas pelos critérios de transcrição do C-ORAL-BRASIL (*eu, tu, ele, e', ela, ea, nós, vós, eles, es, elas, eas*<sup>89</sup>) e, em seguida, foram identificadas aquelas em contexto de retomada por pronome lembrete em posição de sujeito.

O procedimento metodológico 5, por sua vez, prevê a identificação de casos de retomada anafórica de um SN pela sua repetição. Com esse procedimento, busca-se localizar casos como (5.1), em que o SN “o Fábio” é retomado pela sua repetição.

#### (5.1) **O Fábio, o Fábio** tem mãos de alface.

Esse procedimento foi realizado de forma inteiramente manual. O pesquisador procurou, em cada enunciado que possuía uma ou mais unidades informacionais de Tópico, por retomadas envolvendo a repetição do elemento retomado. A busca foi feita somente em enunciados com unidades informacionais de Tópico pois considerou-se que procurar retomadas por repetição em todos os 5.438 enunciados do *subcorpus* seria tarefa demasiado exaustiva. Dessa forma, visto que o *subcorpus* de PE não possui etiquetagem informacional, o procedimento metodológico 4 não se estendeu ao mesmo.

---

<sup>89</sup> As formas *e', ea, es* e *eas* são contrações de *ele, ela, eles* e *elas*, respectivamente. Todas essas formas são respeitadas nas transcrições do C-ORAL-BRASIL.

O procedimento metodológico 5 prevê a identificação de contextos favoráveis à retomada por pronome lembrete no *subcorpus* de PB. Foram considerados contextos favoráveis ao emprego da retomada lembrete os enunciados que apresentam (a) um SN na unidade informacional de Tópico (b) uma oração na unidade informacional de Comentário e (c) uma relação anafórica de natureza semântica entre algum constituinte da oração em Comentário e o SN em Tópico. Veja-se o exemplo (5.9).

Exemplo (5.9) – bfamdl02

\*BAL: [36] a Estefânia /=TOP= apanhou //COM=

Assim como a TLA entende que não existem relações sintáticas entre constituintes de unidades informacionais diferentes, o SN “a Estefânia”, em Tópico, e o verbo “apanhou”, em Comentário, não podem ser vistos como constituintes de uma mesma oração. Ainda assim, a TLA admite a possibilidade da existência de estruturas oracionais tanto em uma unidade informacional quanto na outra, o que é o caso da unidade de Comentário do enunciado em questão. Uma análise tradicional da oração “apanhou”, em Comentário, como aquela proposta por Cunha (1971), classificaria o seu sujeito como um sujeito oculto determinado, ou seja, aquele que “não está materialmente expresso na oração, mas pode ser identificado”. Assim, existiria uma relação semântica de correferência entre o sujeito do verbo “apanhar”, em Comentário, e o SN “a Estefânia”, em Tópico. Mesmo em um análise menos tradicional, a qual classifique a oração “apanhou” de formas alternativas, o fundamental é perceber a existência de uma relação semântica de correferência entre o SN “a Estefânia”, em Tópico, e algum elemento da oração em Comentário, os quais não podem ser analisados como sendo constituintes de uma mesma oração.

Em face dessa análise, conclui-se que o enunciado (5.9) contém um SN na unidade de Tópico e uma oração na unidade de Comentário, e que o sujeito da oração em Comentário possui uma relação semântica com o SN em Tópico. Assim, (5.9) seria um enunciado com contexto favorável à presença da retomada lembrete.

## 6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Esse capítulo divide-se em duas principais seções. A primeira é relativa às formas entonacionais de Tópico em PE e a segunda trata da relação entre a unidade informacional de Tópico e o pronome lembrete.

### 6.1 Formas entonacionais de Tópico de PE

No *subcopus* de Português Europeu foram encontradas 73 unidades informacionais de Tópico. Por meio da análise prosódica, verificou-se que o PE apresenta as quatro formas entonacionais de Tópico descritas anteriormente, embora, em alguns casos, o número de ocorrências seja muito limitado. As subseções que se seguem tratam de cada uma das formas entonacionais encontradas, caracterizando os seus núcleos (ou semi núcleos) em termos de movimentos de F0, duração, intensidade e alinhamento (entre movimentos de F0 e as sílabas da unidade tonal).

#### 6.1.1 Forma entonacional de Tópico de tipo 1

A forma entonacional de Tópico de tipo 1 possui o núcleo localizado à direita, o qual pode ser precedido por uma porção de preparação. O núcleo é formado por um movimento ascendente-descendente de F0 que se realiza na última tônica e na postônica subsequente, as quais são também alongadas. No caso do Tópico ser concluído por uma palavra oxítônica, a sílaba tônica recebe um alongamento ainda maior, de modo a conter tanto o movimento ascendente quanto o descendente.

No *subcorpus* dessa pesquisa, foi encontrada somente uma unidade informacional de Tópico de tipo 1. Essa unidade encontra-se no enunciado (6.1), abaixo.

Exemplo (6.1) – pfamd101

\*LUI: [571] evidentemente /=TOP= eles não sentem /=SCA= não estão bem /=COB= <com eles> /=COB= / e portanto não se consegue /=SCA= &me /=EMP= que eles se sintam bem

dentro da aula //COM=

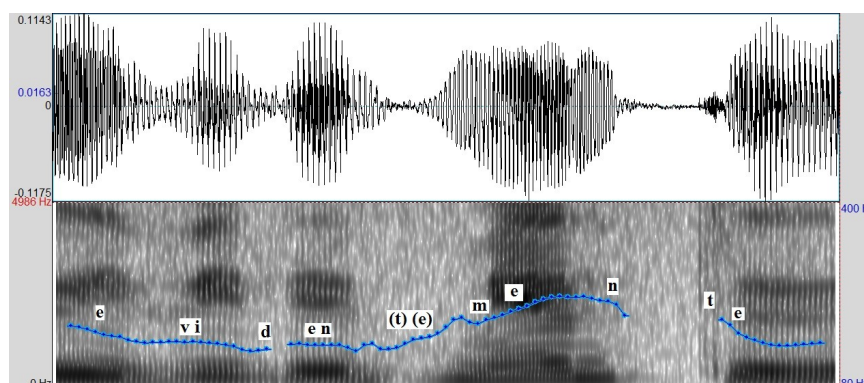


Figura 6.1 – Tópico do enunciado (6.1)

Tabela 6.1 – Medidas prosódicas do Tópico do enunciado (6.1)

pfamd101[571]	e	vi	den (te)	men	te
<b>Duração silábica</b>	0.117	0.674	0.510	0.266	0.244
<b>Duração vocálica</b>	0.117	0.691	0.085	0.103	0.122
<b>F0 mínima</b>	161.4	147.2	147.9	152.4	156.0
<b>F0 máxima</b>	188.4	163.4	159.3	239.3	189.8
<b>Db mínimo</b>	58.3	56.5	47.0	42.6	33.3
<b>Db máximo</b>	69.9	65.3	67.1	67.9	67.7

### 6.1.1.1 Movimentos de F0

A importância dos movimentos ascendente e descendente do núcleo para a identificação da forma entonacional foi comprovada por meio de manipulações de F0. A Figura 6.2 (áudio 6.2-pfamdl01[571]a) mostra uma manipulação em que o movimento ascendente e o movimento descendente foram transformados em um único movimento nivelado que se estende pela tônica e pela postônica. O resultado é uma unidade tonal que, sobretudo se ouvida em isolamento (áudio 6.2-pfamdl01[571]a1), não pode ser mais identificada como uma forma entonacional de Tópico de tipo 1 e que se assemelha, em certa medida, a uma forma entonacional ilocucionária.



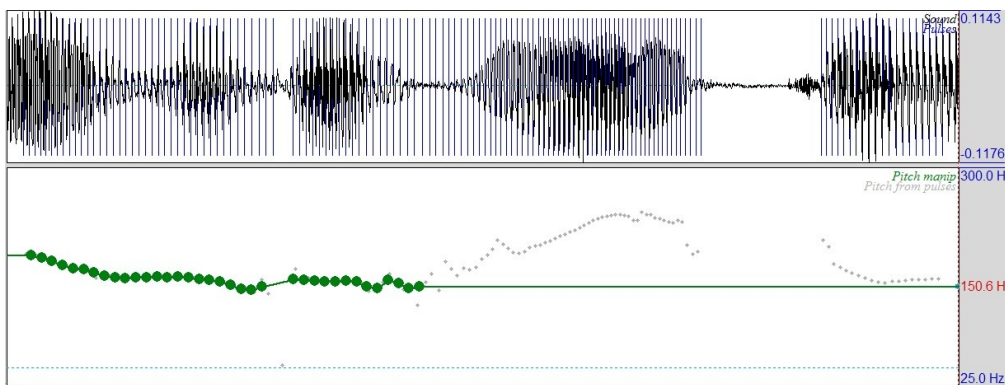


Figura 6.2 – Transformação do movimento ascendente-descendente do núcleo do Tópico do enunciado (6.1) em um movimento nivelado

Resultado semelhante é obtido transformando somente o movimento ascendente em um movimento nivelado, como na Figura 6.3 (áudio 6.1-pfamdl01[571]b).

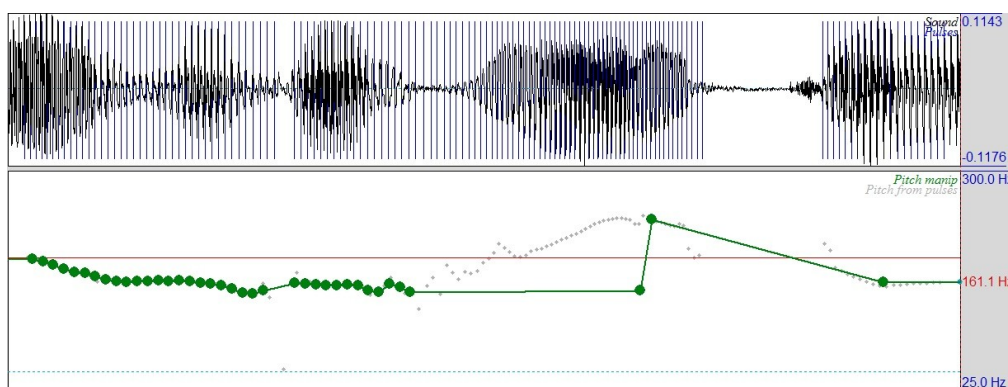


Figura 6.3 – Transformação do movimento ascendente do núcleo do Tópico do enunciado (6.1) em um movimento nivelado

Por outro lado, quando o movimento ascendente é manipulado sozinho. O resultado é outro. Transformando-o em um movimento nivelado, a unidade tonal não é mais reconhecida como uma forma de tipo 1, mas sim de tipo 2 anômala – Figura 6.4 e áudio 6.1-pfamdl01[571]c.

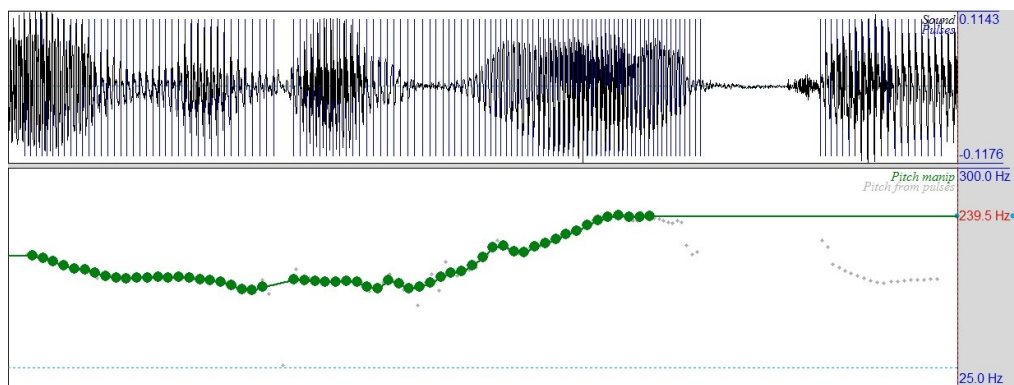


Figura 6.4 – Planificação do movimento descendente do núcleo do Tópico do enunciado (6.1)

Com a transformação em um movimento ascendente, os resultados são ainda mais expressivos. Isso pode ser atestado comparando a Figura 6.5 (áudio 6.1-pfamdl01[571]d), que exhibe a manipulação no Tópico de (6.1), com a Figura 6.6, que mostra o primeiro Tópico do enunciado (6.2), o qual é de tipo 2.

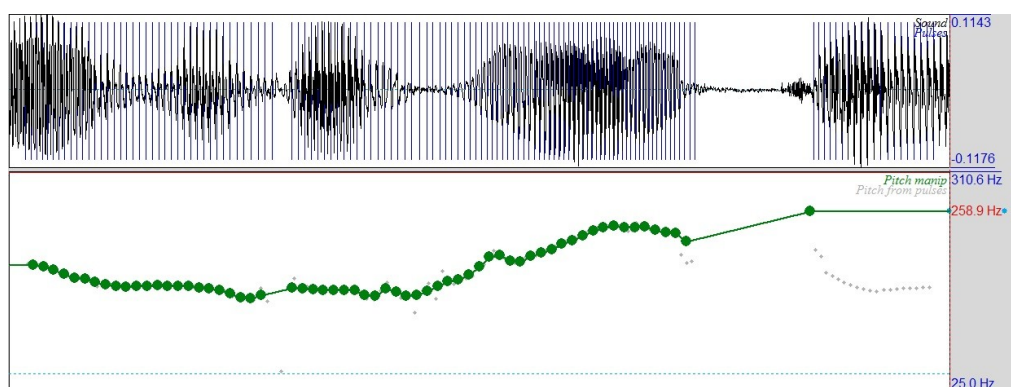


Figura 6.5 – Transformação do movimento descendente do núcleo do Tópico do enunciado (6.1) em um movimento ascendente

#### Exemplo (6.2) – pfamdl01

\*LUI: [555] **o problema** /=TOP= que me parece mais complicado nisto tudo /=TOP= é que /=COB\_s= em cada grupo /=TOP= há sempre /=COB= em cada turma /=TOP= há sempre /=SCA= alguns alunos que /=i\_COM= de facto /=PAR= não embarcam /=SCA= nisto //COM=

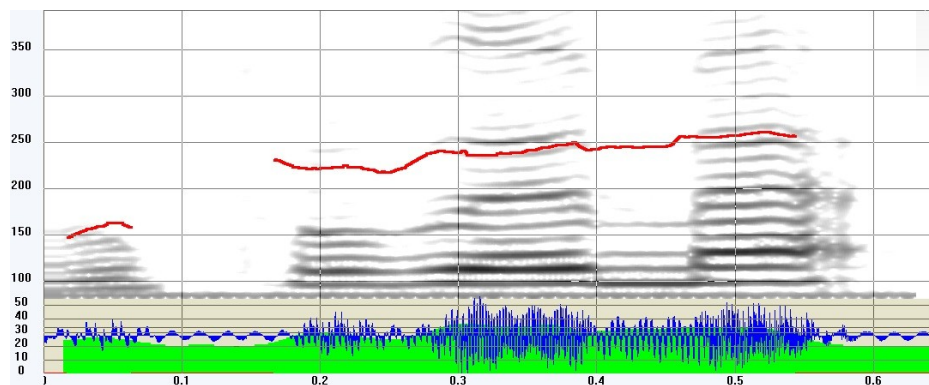


Figura 6.6 – Primeiro Tópico do enunciado (6.2)

### 6.1.1.2 Duração

A importância do parâmetro prosódico *duração* para a forma entonacional de Tópico de tipo 1 foi testada por meio da eliminação do alongamento das sílabas do núcleo do Tópico. Na Figura 6.7, encontra-se a tela do programa *WinPitch* que mostra a redução da duração das sílabas tônica e postônica do Tópico de (6.1).

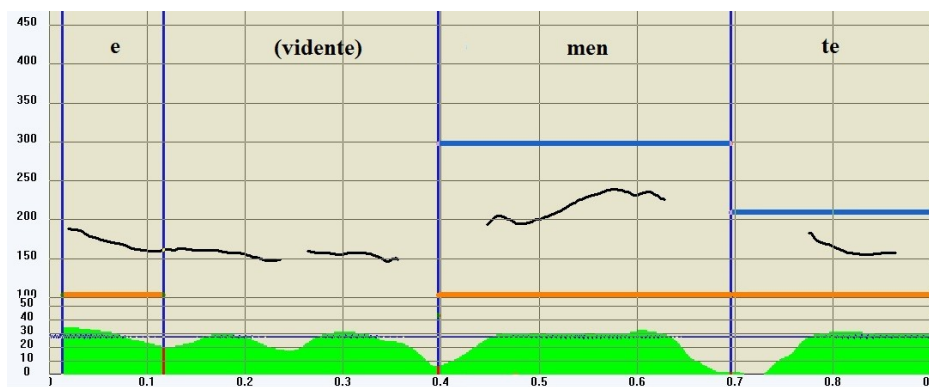


Figura 6.7 – Redução da duração da sílabas tônica e postônica do núcleo do Tópico de (6.1)

Como pode ser notado no áudio 6.1-pfamdl01[571]e, a redução da tônica e da postônica não faz com que a unidade tonal deixe de ser interpretada como um Tópico de tipo 1, mas claramente é interpretada como uma forma anômala.

A eliminação do alongamento da postônica e a manutenção do alongamento da tônica mostra-se igualmente prejudicial à interpretação da unidade tonal, uma vez que a mesma passa a ser

identificada de forma ambígua como uma forma entonacional de valor ilocucionário ou como um Tópico de tipo 1 anômalo. Veja-se, a esse respeito, a Figura 6.8 e áudio 6.1-pfamdl01[571]f.

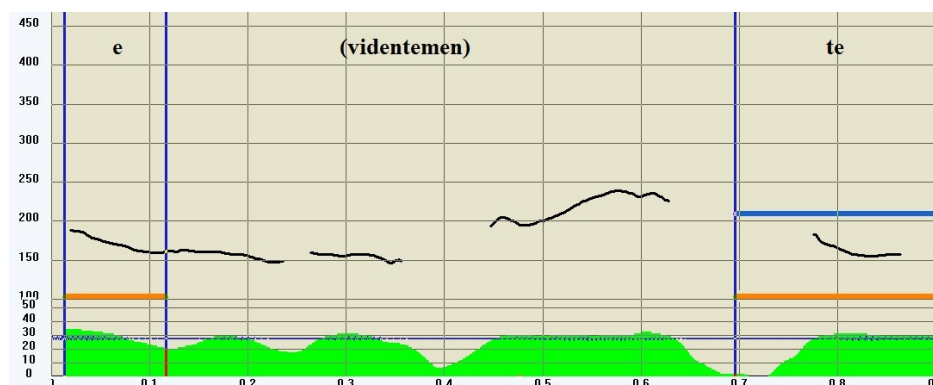


Figura 6.8 – Redução da duração da sílaba postônica do núcleo do Tópico de (6.1)

### 6.1.1.3 Intensidade

A Tabela A mostra que o pico de intensidade do Tópico do exemplo (A) encontra-se em sua primeira pretônica, mas as demais sílabas da unidade informacional apresentam valores semelhantes de intensidade.

### 6.1.1.4 Alinhamento

De acordo com o único exemplo de forma entonacional de Tópico de tipo 1 encontrado no *subcorpus* de PE, pode-se dizer que o movimento ascendente-descendente se inicia na última tônica do Tópico e se prolonga na postônica.

### 6.1.2 Forma entonacional de tipo 2

A forma entonacional de Tópico de tipo 2 apresenta, em sua forma básica, um semi núcleo com movimento ascendente e alongamento que começam na última sílaba tônica da unidade informacional e se estendem pelas eventuais postônicas. Assim, o ponto mais alto de F0 da forma entonacional de tipo 2 encontra-se sempre na última sílaba da unidade. O alongamento da tônica, por sua vez, tende a ser maior que o das postônicas.

Seguem três enunciados – (6.3), (6.4) e (6.5) – com unidades informacionais de Tópicos de tipo 2 encontrados durante a pesquisa. No primeiro, o núcleo da unidade está em uma palavra oxítônica, de modo que a sílaba tônica do núcleo é a última sílaba do Tópico. No segundo enunciado, o Tópico é concluído por uma paroxítônica, e a última sílaba do núcleo é a postônica da paroxítônica. O Tópico do terceiro enunciado é uma proparoxítônica, sendo que o núcleo termina na última postônica.

Exemplo (6.3) – pfamd101

\*LUI: [447] é isso /=COB= e /=DCT= e o que eu [/4]=EMP= o que eu acho que é a maior confusão /=TOP= é que depois o aluno se /=SCA= calha //COM=

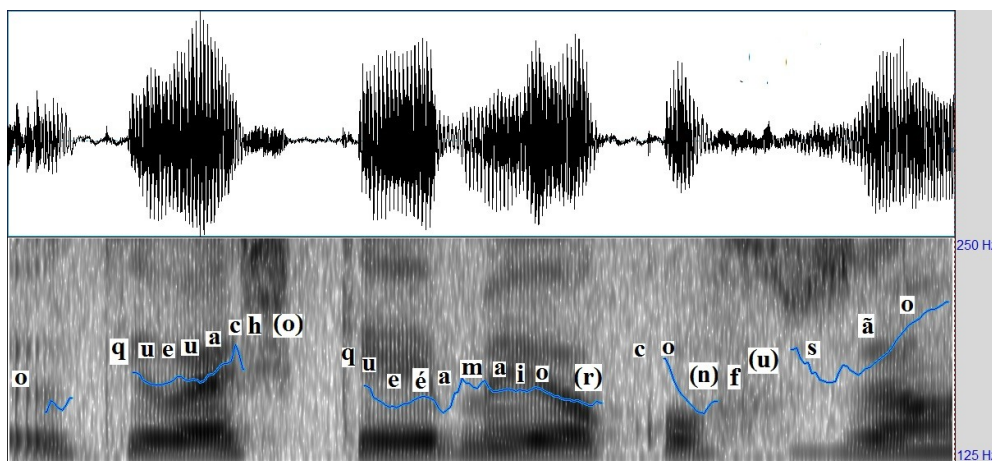


Figura 6.8a – Tópico do enunciado (6.3)

Tabela 6.2 – Medidas prosódicas do Tópico do enunciado (6.3)

pfamd101[447]	o	que eu	a ch(o)	que é	mai	(or)	co(n) fu(s)	ão
<b>Duração silábica</b>	0.10 4	0.162	0.189	0.227	0.150	0.079	0.323	0.241
<b>Duração vocálica</b>	0.10 4	0.069	0.097	0.128	0.079	0.079	0.064	0.147
<b>F0 mínima</b>	158. 8	168.9	170.6	156.7	154.9	157.7	153.0	169.5
<b>F0 máxima</b>	159. 4	174.1	185.8	166.3	169.6	165.9	188.2	211.3
<b>Db mínimo</b>	52.3	40.1	35.0	34.0	53.7	60.5	39.1	49.8
<b>Db máximo</b>	60.7	67.7	69.4	69.6	69.6	68.8	65.5	66.8

Exemplo (6.4) – pfamd101

\*JOS: [537] alunos /=TOP= que nós temos de preparar /=COB= para a vida /=COM=

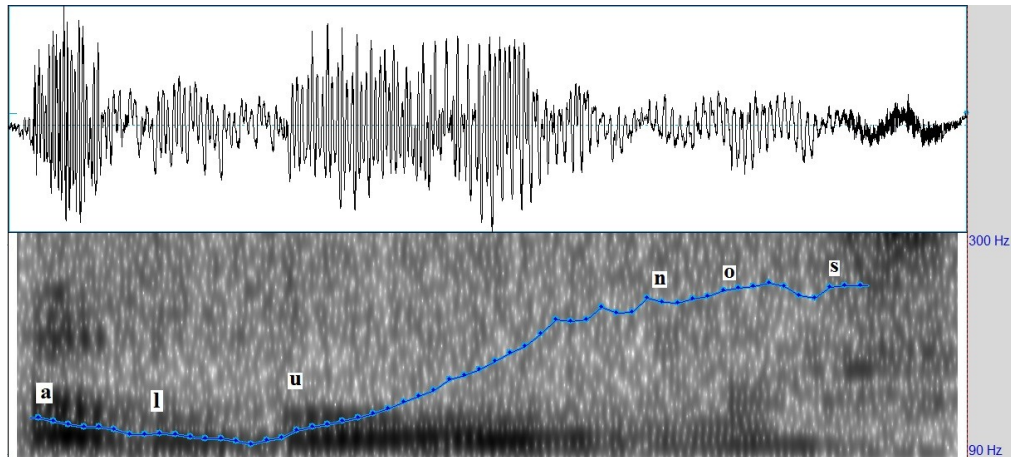


Figura 6.9 – Tópico do enunciado (6.4)

Tabela 6.3 – Medidas prosódicas do Tópico do enunciado (6.4)

pfamd101[537]	a	lu	nos
<b>Duração silábica</b>	0.078	0.241	0.204
<b>Duração vocálica</b>	0.078	0.175	0.062
<b>F0 mínima</b>	112.7	105.4	221.8
<b>F0 máxima</b>	124.3	221.8	253.5
<b>Db mínimo</b>	55.0	52.7	47.2
<b>Db máximo</b>	58.7	62.5	54.3

Exemplo (6.5) – pnatte03

\*MAR: [36] **sumário** /=TOP= é /=COB= &e [1]=SCA= exactamente aquilo /=SCA= que aparece aqui /=COB= o imperador Carlos Magno /=TOP= apaixonou-se por uma rapariga alemã /=COM=

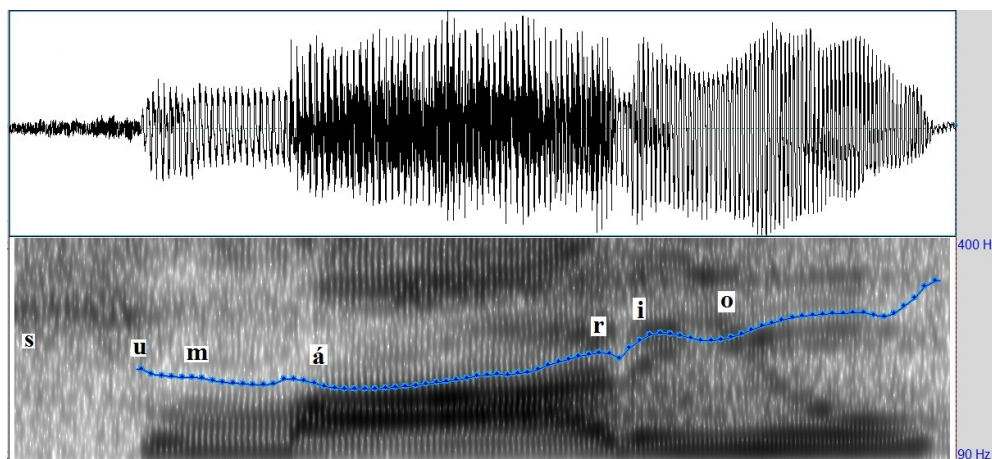


Figura 6.10 – Tópico do enunciado (6.5)

Tabela 6.4 – Medidas prosódicas do Tópico do enunciado (6.5)

<b>pnatte03[36]</b>	<b>su</b>	<b>má</b>	<b>ri</b>	<b>o</b>
<b>Duração silábica</b>	0.149	0.345	0.137	0.143
<b>Duração vocálica</b>	0.040	0.258	0.123	0.143
<b>F0 mínima</b>	207.0	191.7	240.2	284.7
<b>F0 máxima</b>	212.5	240.2	284.7	310.6
<b>Db mínimo</b>	40.8	57.2	61.4	61.3
<b>Db máximo</b>	58.0	62.5	65.0	64.4

#### 6.1.2.1 Movimentos de F0

Na forma entonacional de Tópico de tipo 2, os movimentos de F0 são um parâmetro prosódico de extrema relevância para a identificação da forma entonacional. O fato de que os falantes, ao ouvirem uma forma de Tópico de tipo 2, a reconheçam como um Tópico e, mais especificamente, como um Tópico de tipo 2, deve-se, em boa medida, ao movimento ascendente de F0 do núcleo. Alterando os movimentos de F0 do núcleo de um Tópico de tipo 2, altera-se também a forma entonacional da unidade tonal. Um resultado comum que advém do nivelamento do movimento ascendente de F0 do núcleo é que a unidade tonal passa a ser interpretada como uma forma entonacional ilocucionária. Aa Figura 6.11 (áudio 6.3-pfamdl01[447]c) mostra uma síntese do Tópico de (6.3) sem o movimento ascendente final de F0. Como resultado, obtem-se uma unidade informacional que não é mais interpretável como um Tópico de tipo 2 e que parece veicular uma ilocução.

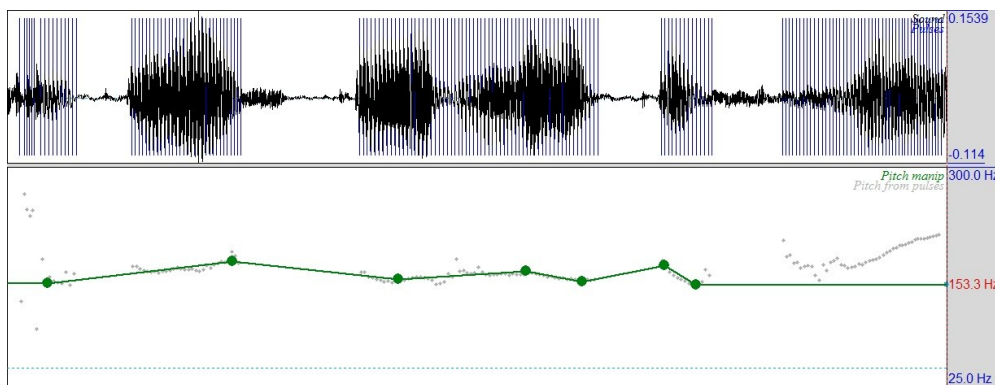


Figura 6.11 – Nivelamento do movimento de F0 do núcleo do Tópico de (6.3)

Um resultado semelhante foi obtido com a manipulação do núcleo do Tópico de (6.4), que pode ser ouvida no áudio 6.4\_pfamd101[537]a.

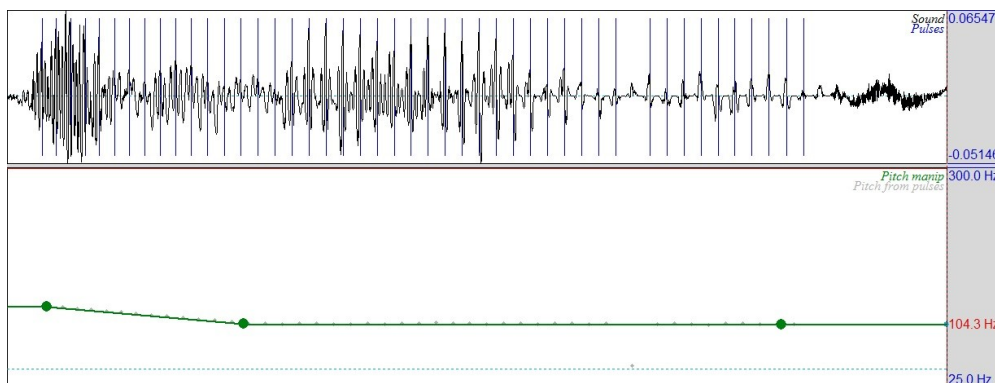


Figura 6.12 – Manipulação do movimento de F0 do núcleo do Tópico de (6.4)

O fato de que a simples eliminação do movimento ascendente do núcleo cause uma mudança tão expressiva na identificação da forma entonacional mostra a importância desse parâmetro prosódico para o reconhecimento de seu núcleo.

As manipulações de F0 das postônicas mostram-se igualmente significativas. Na manipulação presente na Figura 6.13, que toma como base o enunciado (6.5), o resultado final é interpretado como uma forma ilocucionária não conclusiva<sup>90</sup> (áudio 6.5\_pnatte[36]a). A impressão que se tem é a de que o "sumário" é um dos elementos de uma lista que está sendo criada pelo falante, e que os outros elementos serão apresentados com a mesma entonação.

<sup>90</sup> Por "não conclusiva" entende-se que a unidade tonal não apresenta uma quebra de perfil terminal. As unidades informacionais de Comentários Múltiplos e Comentários ligados, por exemplo, possuem formas entonacionais ilocucionárias não conclusivas.



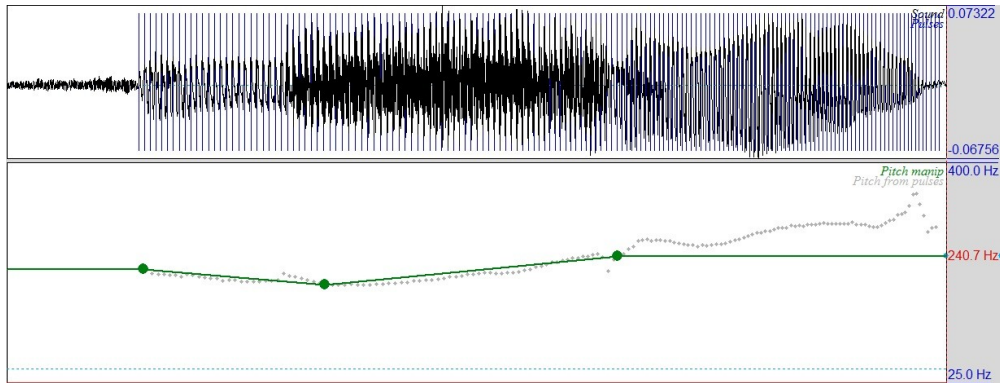


Figura 6.13 – Manipulação do movimento de F0 do núcleo do Tópico de (6.5)

A substituição do movimento ascendente da postônica do núcleo de um Tópico de tipo 2 por um movimento descendente também pode ter consequências drásticas. Veja-se o primeiro Tópico do enunciado (6.6), mostrado na Figura 6.14. Aqui, mais uma vez, o resultado obtido com a manipulação é uma unidade tonal que se assemelha a uma forma entonacional ilocucionária. Em todo caso, é certo que a unidade tonal não pode mais ser identificada como um Tópico de tipo 2 pela simples manipulação da curva de F0 da postônica do núcleo. Essa manipulação aparece na Figura (6.15) e no áudio 6.6-pnatte03[17]a.

Exemplo (6.6) – pnatte03

\*MAR: [17] **pausa** /=TOP= aqui /=TOP= evidentemente /=TOP= deve ser entendida também no sentido narrativo //COM=

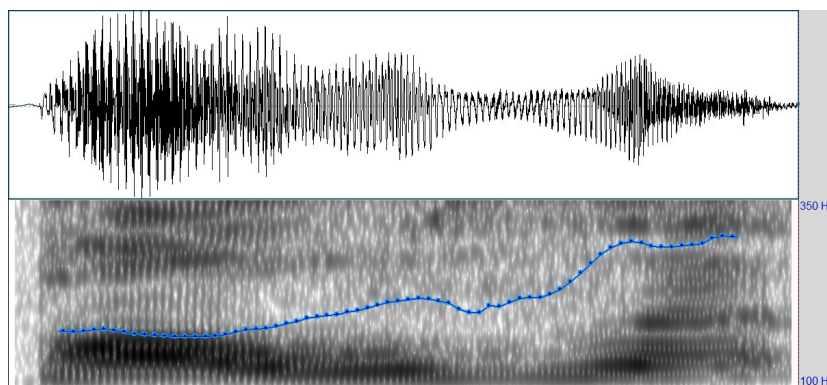


Figura 6.14 – Primeiro Tópico do enunciado (6.6)

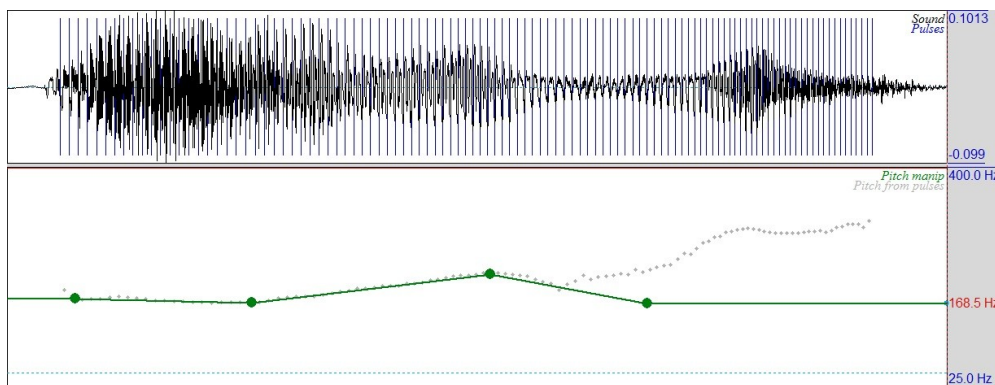


Figura 6.15 – Substituição do movimento ascendente de F0 da postônica por um movimento descendente

O exame do *subcorpus* revelou, ainda, a existência de Tópicos de tipo 2 que contém, fora do núcleo informacional, saliências prosódicas com valores de F0 que se aproximam aos valores do núcleo. Nesse ponto, cabe lembrar um aspecto importante da Teoria da Língua em Ato: o núcleo informacional está sempre associado a uma saliência prosódica significativa (seja em termos de F0, duração, intensidade *etc*), mas a recíproca não é verdadeira. É possível que se tenham pontos de saliência prosódica nas unidades de Tópico e de Comentário que não constituam a núcleos informacionais, mas simples ênfases semânticas sem valor funcional. Veja-se (6.3), por exemplo.

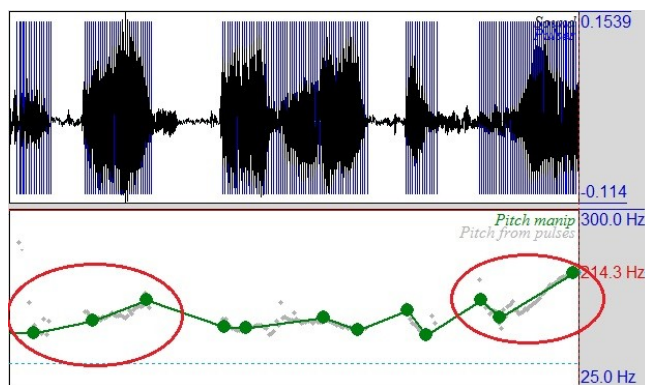


Figura 6.16 – Pontos de saliência prosódica do Tópico de (6.3)

O Tópico desse enunciado tem dois pontos de saliência prosódica, marcados na Figura 6.16. O primeiro corresponde a um pico de F0 e está localizado à esquerda na unidade. O segundo, que localiza-se à direita, corresponde a um movimento ascendente de F0 e do alongamento das sílabas do movimento ascenente. Ambas as saliências apresentam valores máximos de F0 semelhantes: 229.2 Hz para a primeira e 232.7 Hz para a segunda. A princípio, poderia-se

pensar que esse se trata de um Tópico com dois semi núcleos funcionais (o que, ao que tudo indica, é recorrente em Português Europeu, como será visto adiante).

Por outro lado, dois testes diferentes deixam claro que somente uma dessas saliências prosódicas constitui o núcleo informacional do Tópico. Um dos testes é o nivelamento dos movimentos de F0 presentes na primeira saliência – Figura 6.17. Como é possível perceber no áudio 6.3-pfamdl01[447]a, a eliminação desses movimentos não traz prejuízos à identificação da forma entonacional de Tópico de tipo 2.

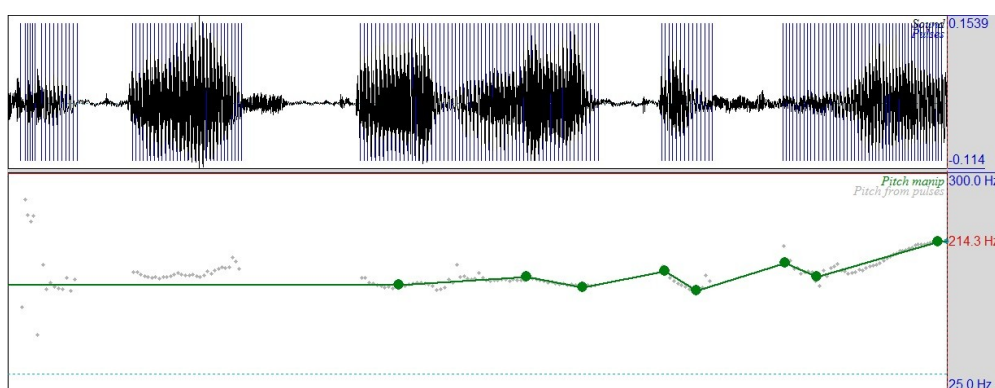


Figura 6.17 – Tópico de (6.3) com movimentos de F0 da primeira saliência prosódica nivelados

O outro teste é a eliminação de tudo aquilo que antecede a segunda saliência para verificar se ela é suficiente para atribuir a função à unidade informacional. Ou seja, verificar se a primeira saliência faz parte de uma porção de preparação ao núcleo da unidade informacional. O áudio 6.3-pfamdl01[447]b mostra que, efetivamente, a segunda saliência prosódica consegue, sozinha, ser interpretada como uma forma entonacional de Tópico de tipo 2 e, portanto, atribuir o valor funcional à unidade, sendo assim o núcleo da unidade informacional. Assim, tudo aquilo que a antecede são movimentos de preparação.

Dessa forma, fica demonstrado que o Tópico de tipo 2 pode apresentar mais de uma saliência prosódica, ainda que somente uma delas tenha a função de núcleo.

#### 6.1.2.2 Duração

Assim como os movimentos de F0, o alongamento da tônica desempenha um papel

fundamental no núcleo da forma entonacional de Tópico de tipo 2. Se a duração da tônica é reduzida para valores semelhantes aos das demais sílabas anteriores ao núcleo, o reconhecimento da forma entonacional de Tópico de tipo 2 é comprometido. Também nesses casos, é frequente que a unidade tonal seja interpretada como uma forma entonacionalilocucionária. A esse respeito, compare-se o áudio original do enunciado (6.4) ao áudio 6.4\_pfamdl01[537]b. Esse último contém uma manipulação da duração da sílaba tônica do núcleo do Tópico em que o alongamento é suprimido. Se ouvida em isolamento, a unidade tonal se assemelha significativamente a uma forma entonacionalilocucionária. A síntese, realizada no programa *WinPitch*, pode ser observada na Figura 6.18, em seguida.

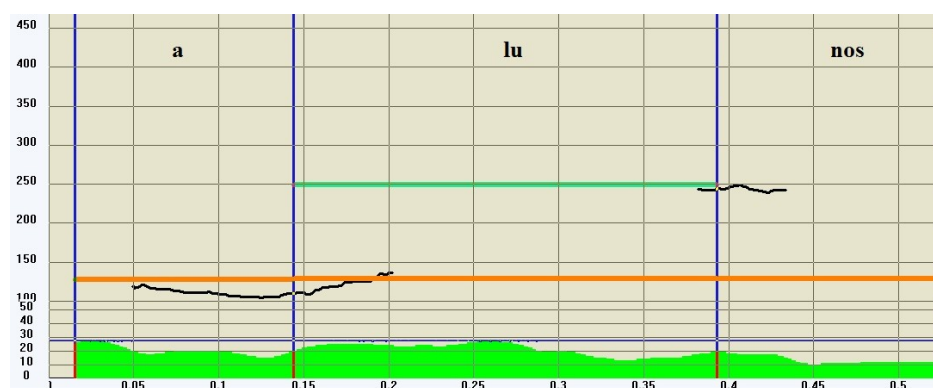


Figura 6.18 – Redução da duração da tônica do Tópico do enunciado (6.4)

A duração das postônicas também parece influir na interpretação da unidade tonal, embora de maneira menos regular que a duração da tônica. Nas manipulações realizadas nessa pesquisa, a duração das postônicas foi reduzida de modo a ser comparável, preferencialmente, à de sílabas pretônicas ou postônicas exteriores ao núcleo do Tópico. Todavia, em alguns casos, por falta de opção, foram reduzidas para a duração de tônicas da porção de preparação. Com essas manipulações, verificou-se que a eliminação do alongamento em sílabas postônicas frequentemente mantém inalterada a forma entonacional original. Todavia, em alguns casos, as unidades tonais são interpretadas como formas entonacional de tipo 2 anômalas. Essa propriedade pode ser contemplada nos exemplos (6.7) e (6.8) e suas respectivas manipulações (áudios 6.7-pfamcv09[159]a e 6.8-pfamdl01[498]a).

Exemplo (6.7) – pfamcv09

\*CAR: [159] <toda &e> /=EMP= toda essa &regi /=EMP= &ah /=TMT= toda essa região

dos Balcãs /=TOP= sempre foi &terri +=EMP=

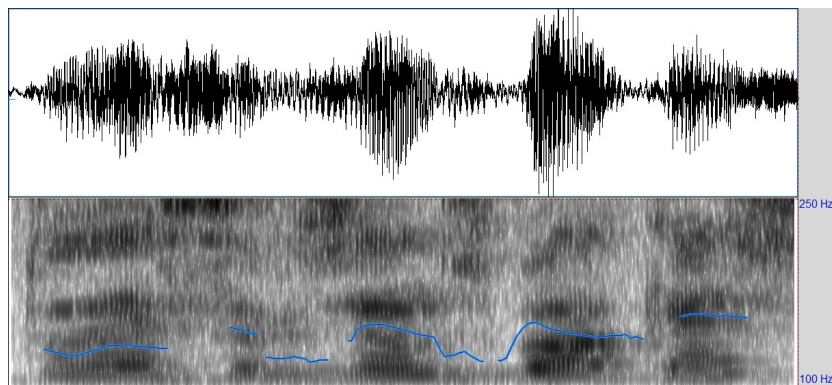


Figura 6.19 – Tópico do enunciado (6.7)

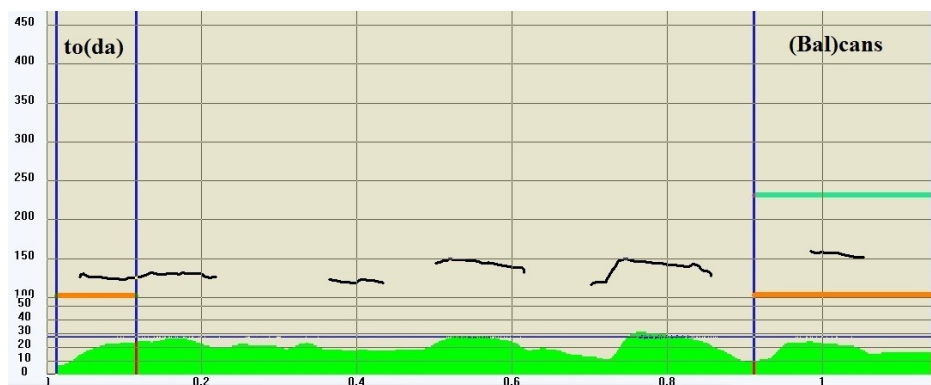


Figura 6.20 – Redução da duração da postônica do Tópico do enunciado (6.7)

Exemplo (6.8) – pfamd101

\*LUI: [498] também como professora /=TOP= acho que devia conhecer //COM=

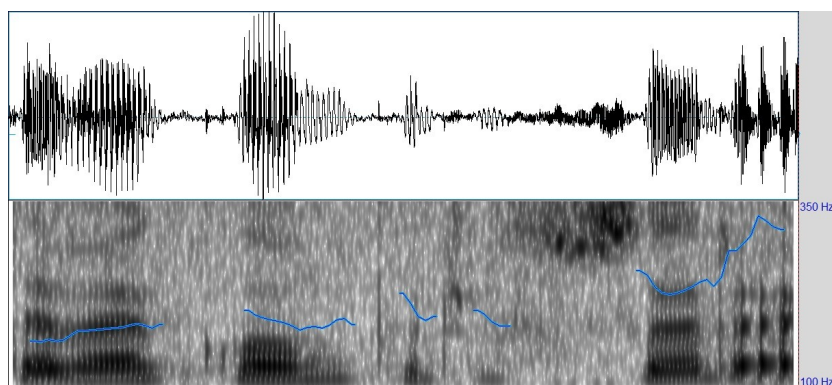


Figura 6.21 – Tópico do enunciado (6.8)

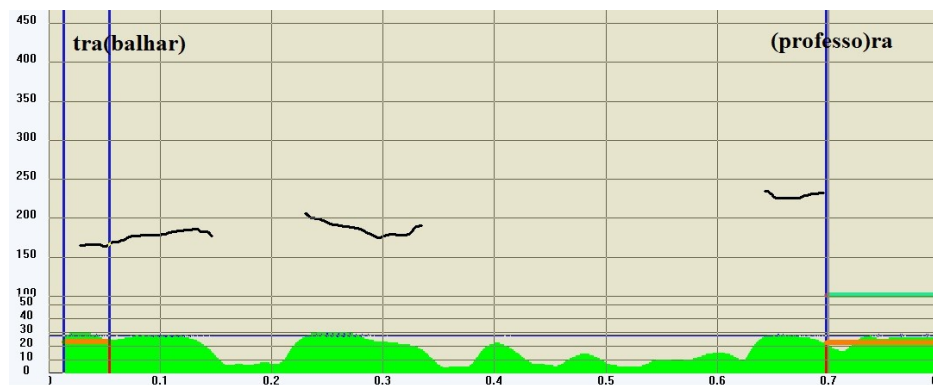


Figura 6.22 – Redução da duração da postônica do Tópico do enunciado (6.8)

### 6.1.2.3 Alinhamento

O núcleo da forma entonacional de Tópico de tipo 2 caracteriza-se por um movimento ascendente e um alongamento que começam na última tônica do Tópico e prosseguem pelas eventuais postônicas. Casos como esses correspondem a 25 das 28 ocorrências de Tópico de tipo 2 encontradas no *subcorpus* de PE. No entanto, há duas variantes à forma padrão que devem ser mencionadas. Em primeiro lugar, há três casos em que palavras paroxítonas são pronunciadas como oxítonas: em (6.9), cujo conteúdo locutivo do Tópico é "enquanto decorria", as vogais "i" e "a", pertencentes a sílabas diferentes, são pronunciadas como um ditongo. No terceiro Tópico do enunciado (6.10), cujo conteúdo locutivo corresponde à expressão "evidentemente", ocorre a redução da vogal "e" pertencente à última sílaba. Como consequência, "ment" é pronunciado como uma sílaba única. O mesmo processo se dá no Tópico de (6.11), com a apócope da vogal final em "adiante".

Exemplo (6.9) – pfamcv09

\*CAR: [109] enquanto /=DCT= enquanto a viagem decorria /=TOP= os ingleses /=INT= olha /=CMM= vêm tantos /=CMM= vêm tantos /=CMM= são assim /=CMM= formação tal e tal /=CMM= e /=DCT= planeavam tudo e o +=EMP=

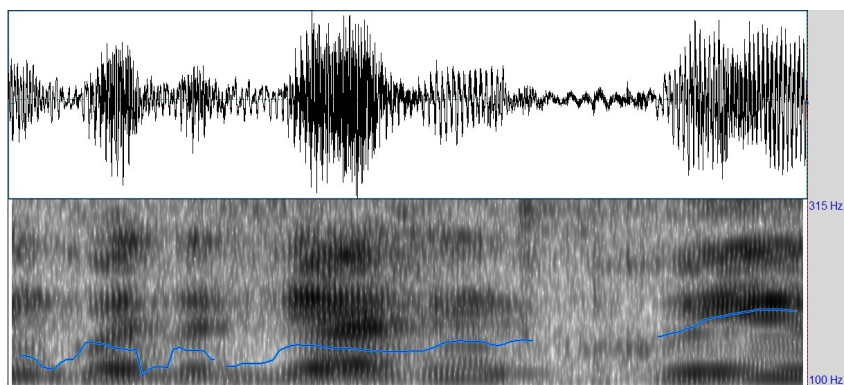


Figura 6.23 – Tópico do enunciado (6.9)

Exemplo 6.10 – pnatte03

\*MAR: [17] pausa /=TOP= aqui /=TOP= **evidentemente** /=TOP= deve ser entendida também no sentido narrativo //COM=

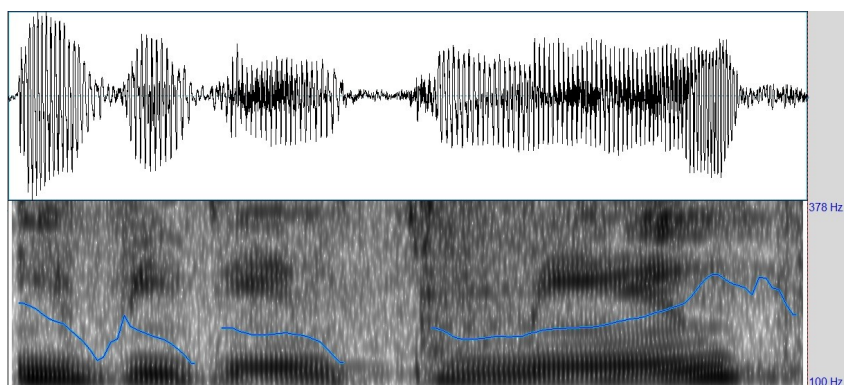


Figura 6.24 – Terceiro Tópico do enunciado (6.10)

Exemplo (6.11) – pnatte03\_37

\*MAR: [37] ou mais &aci [3]=EMP= ou mais adiante /=TOP= um rei adoeceu //COM=

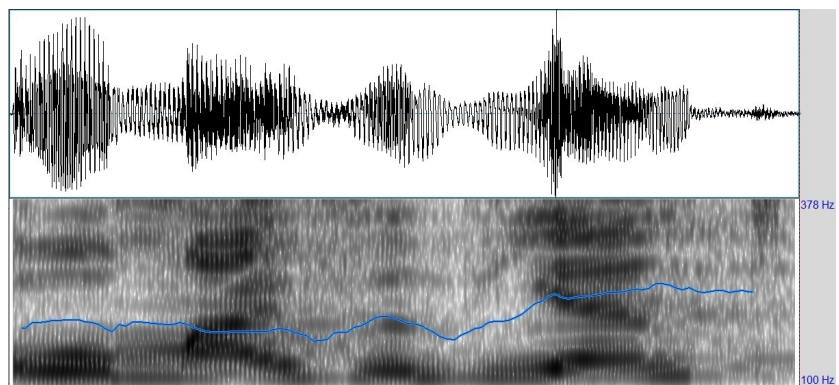


Figura 6.25 – Tópico do enunciado (6.11)

A segunda e variante também diz respeito ao Tópico de (6.11). O movimento de F0 e o alongamento que caracterizam o núcleo da unidade informacional começam não na sílaba tônica, mas sim na pretônica. O deslocamento da posição inicial do núcleo não é comum, mas ocorre também no segundo Tópico de (6.12), começando na postônica.

Exemplo (6.12) – pnatte03

\*MAR: [28] inclusivamente /=TOP= **noutras circunstâncias** /=TOP= Camilo /=TOP= tem /=i-COM= de facto /=PAR= tendência para pôr a acção muito rápida //COM=

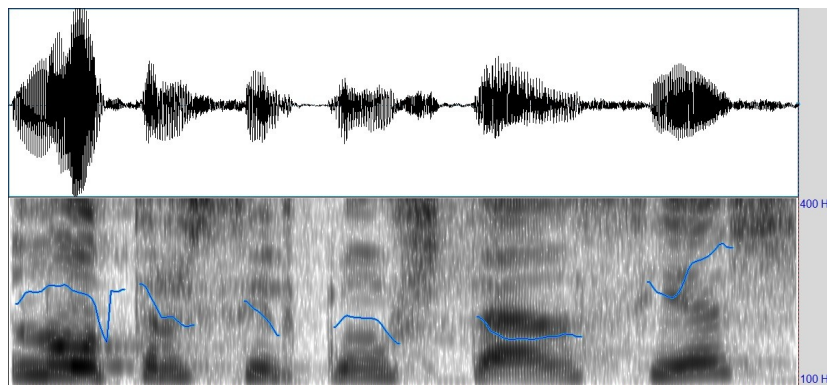


Figura 6.26 – Segundo Tópico do exemplo (6.12)

### 6.1.3 Forma entonacional de Tópico de tipo 3

Foram encontrados, no *subcorpus* de PE, 4 enunciados com Tópicos com a forma entonacional de tipo 3. Essa forma entonacional é composta de dois semi núcleos que, em conjunto, conferem a interpretação da função da unidade tonal. Antes do primeiro semi núcleo pode existir uma porção de preparação, a qual pode ser eliminada sem prejuízos para a interpretação da unidade informacional. Da mesma forma, pode existir uma porção de ligação entre os dois semi núcleos que também pode ser eliminada. O primeiro semi núcleo apresenta um movimento descendente de F0 e suas sílabas não são alongadas. O segundo semi núcleo é caracterizado por um movimento ascendente de F0 que começa na última sílaba tônica do Tópico e continua nas eventuais postônicas. Os valores máximos de F0 de cada semi núcleo são semelhantes, diferentemente da forma entonacional de tipo 4, em que o primeiro semi núcleo apresenta valores extra altos de F0 que nunca são alcançados pelo segundo semi



núcleo.

Observe-se o exemplo (6.13), que apresenta a forma entonacional de Tópico de tipo 3.

Exemplo (6.13) – pnatte03

\*MAR: [33] e /=DCT= o aspecto dito claramente durativo /=TOP= é aquele /=COB= que /=DCT= &eh /=TMT= refere /=COB\_s= a relação entre /=INT= o discurso do narrador /=COB= e /=DCT= a história //COM=

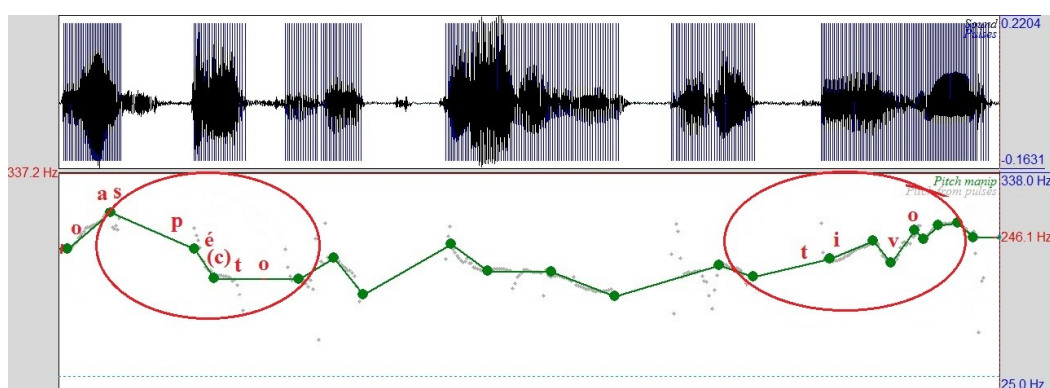


Figura 6.27 – Tópico do enunciado (6.13)

Tabela 6.6 – Medidas prosódicas do Tópico do enunciado (6.13)

pnatte03[33]	o	as	pe(c)	to	di t(o)	cla	ra	ment(e)	du	ra	tí	vo
<b>Duração silábica</b>	0.070	0.149	0.200	0.181	0.216	0.237	0.079	0.273	0.102	0.105	0.305	0.258
<b>Duração vocálica</b>	0.070	0.060	0.101	0.075	0.086	0.107	0.061	0.094	0.076	0.088	0.156	0.170
<b>F0 mínima</b>	234.4	260.1	182.5	178.5	164.6	197.7	192.4	151.9	187.7	178.0	210.8	211.6
<b>F0 máxima</b>	260.1	279.2	251.6	217.6	227.6	232.6	198.7	194.5	196.6	207.4	238.3	265.3
<b>Db mínimo</b>	62.3	50.8	35.9	41.6	33.0	28.1	60.0	32.8	44.9	49.3	35.9	46.0
<b>Db máximo</b>	68.7	72.7	71.6	60.6	65.9	71.8	66.6	60.8	66.4	70.2	66.7	65.3

Os semi núcleos do Tópico do exemplo (6.13) – em destaque na Figura 6.27 – permitem a identificação da unidade tonal como uma forma entonacional de Tópico de tipo 3 e da função unidade informacional de Tópico. O movimento ascendente que antecede o primeiro semi núcleo é uma porção de preparação e a parte localizada entre os dois semi núcleos é uma porção de ligação. Assim, ouvindo somente o primeiro semi núcleo seguido da porção de

ligação (áudio 6.13-pnatte03[33]a) ou somente o segundo semi núcleo precedido pela porção de ligação (áudio 6.13-pnatte03[33]b), a unidade tonal não é interpretada como um Tópico de tipo 3 e, conseqüentemente, a função da unidade tonal não é interpretada de maneira adequada. No caso da primeira edição, em particular, não é possível atribuir função alguma à unidade tonal, a qual é interpretada como uma disfluência. Ainda que a unidade tonal editada se assemelhe a alguma das formas entonacionais de Tópico, o falante nativo percebe que a forma entonacional resultante é anômala. Isso ocorre sobretudo na segunda edição, em que o segundo semi núcleo pode se assemelhar em certo nível a uma forma entonacional de Tópico de tipo 2 anômala.

É somente o conjunto dos semi núcleos que faz com que a unidade tonal seja interpretada como uma forma entonacional de Tópico de tipo 3 bem realizada. Em contrapartida, a porção de ligação, que se localiza entre os semi núcleos, pode ser eliminada sem quaisquer prejuízos à compreensão da função da unidade informacional (6.13-pnatte03[33]c).

#### 6.1.3.1 O primeiro semi núcleo

O primeiro semi núcleo do Tópico de tipo 3 apresenta um movimento descendente de F0 necessário para a interpretação da unidade tonal como uma forma entonacional de Tópico de tipo 3. Manipulações em todos os 4 exemplos encontrados no *subcorpus* mostram que a transformação do movimento descende em um movimento nivelado faz com que a unidade tonal seja interpretada como um Tópico de tipo 2 anômalo. Vejam-se, por exemplo, as manipulações dos Tópicos dos enunciados (6.13), (6.14), (6.15) (6.16) nas Figuras 6.28, 6.30, 6.32 e 6.34 (áudios 6.13-pnatte03[33]d, 6.14-pfamdl01[417]a, 6.15-pfamdl01[506]a e 6.16-pfamcv09[166]a).

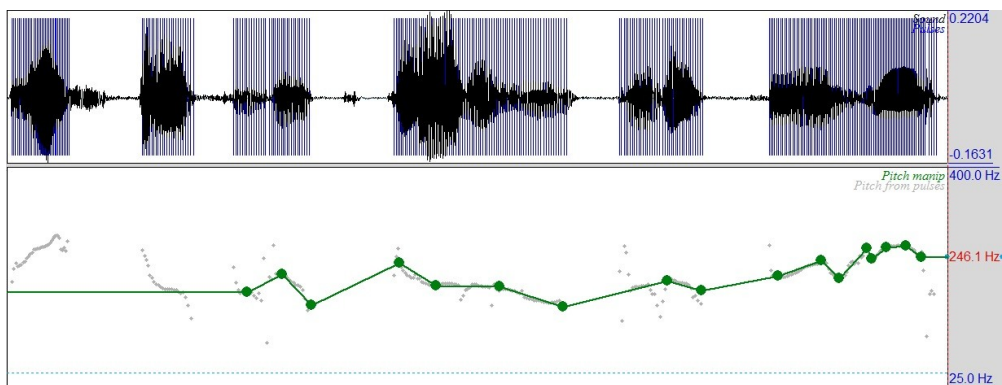


Figura 6.28 – Transformação do movimento descendente do primeiro semi núcleo do Tópico do enunciado (6.13) em um movimento nivelado

Exemplo (6.14) – pfamd101

\*LUI: [417] mas /=DCT= &eh /=TMT= mas /=DCT= enquanto não é isso /=TOP= é uma maneira da criança se querer fazer <ouvir> //COM=

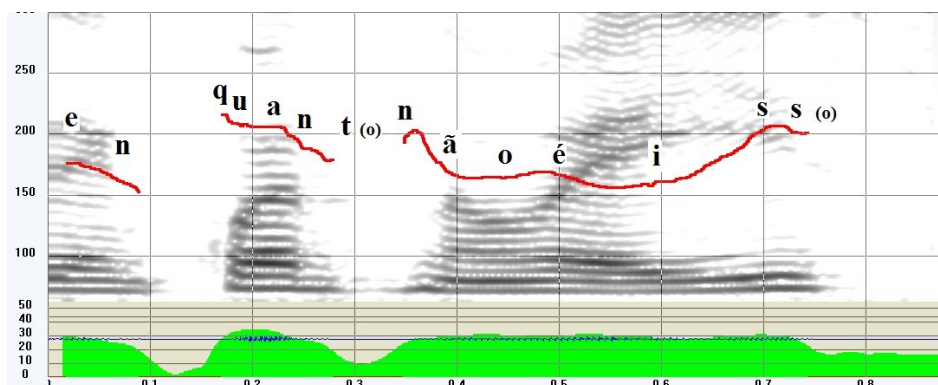


Figura 6.29 – Tópico do enunciado (6.14)

Tabela 6.7 – Medidas prosódicas do Tópico do enunciado (6.14)

pfamd101[417]	en	quan t(o)	nã	é	iss(o)
<b>Duração silábica</b>	0.120	0.201	0.155	0.118	0.283
<b>Duração vocálica</b>	0.120	0.077	0.074	0.118	0.153
<b>F0 mínima</b>	185.7	219.5	199.3	171.0	210.9
<b>F0 máxima</b>	155.6	168.7	163.5	156.0	160.7
<b>Db mínimo</b>	65.3	70.8	67.2	67.7	66.9
<b>Db máximo</b>	42.4	44.8	45.3	65.1	50.6

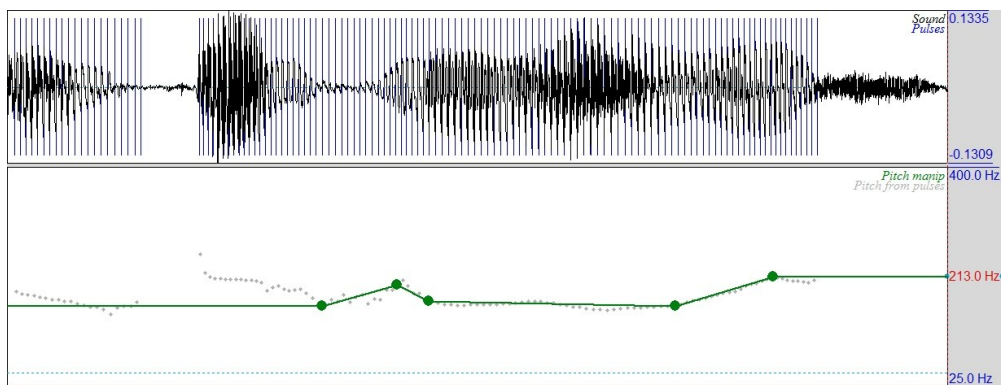


Figura 6.30 – Transformação do movimento descendente do primeiro semi núcleo do Tópico do enunciado (6.14) em um movimento nivelado

Exemplo (6.15) – pfamdl01

\*LUI: [506] onde a sociedade devia investir mais /=TOP= &de /=EMP= devia ser na educação e na formação das pessoas //COM=

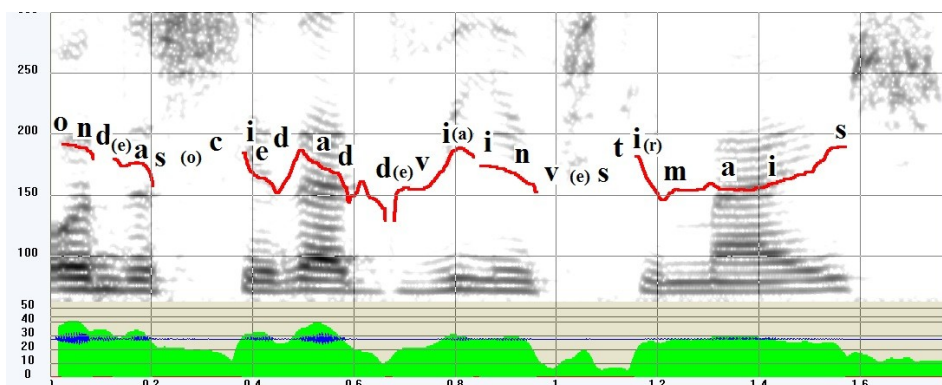


Figura 6.31 – Tópico do enunciado (6.15)

Tabela 6.8 – Medidas prosódicas do Tópico do enunciado (6.15)

pfamdl01[506]	ond(e)	a	s(o)cie	dad(e)	d(e) vi(a)	in	v(e)s ti(r)	mais
<b>Duração silábica</b>	0.128	0.061	0.247	0.138	0.243	0.118	0.236	0.574
<b>Duração vocálica</b>	0.098	0.061	0.080	0.084	0.058	0.118	0.029	0.278
<b>F0 mínima</b>	174.1	168.0	156.1	161.4	149.0	157.9	151.8	147.2
<b>F0 máxima</b>	192.7	177.2	174.9	188.2	190.5	179.1	177.2	191.6
<b>Db mínimo</b>	69.3	61.7	52.7	59.8	48.5	58.8	42.2	48.2
<b>Db máximo</b>	76.0	69.3	68.0	74.76	66.6	65.0	61.3	65.1

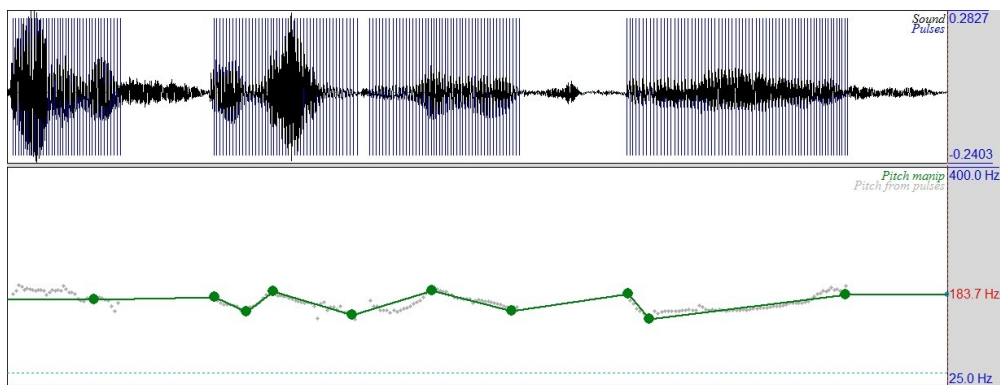


Figura 6.32 – Transformação do movimento descendente do primeiro semi núcleo do Tópico do enunciado (6.15) em um movimento nivelado

Exemplo (6.16) – pfamcv09

\*CAR: [166] <agora> /=DCT= a verdade é que ele depois /=INT= quando faz a invasão da União Soviética /=TOP= ele faz assim /=INT= vai direito a Moscovo //COM=

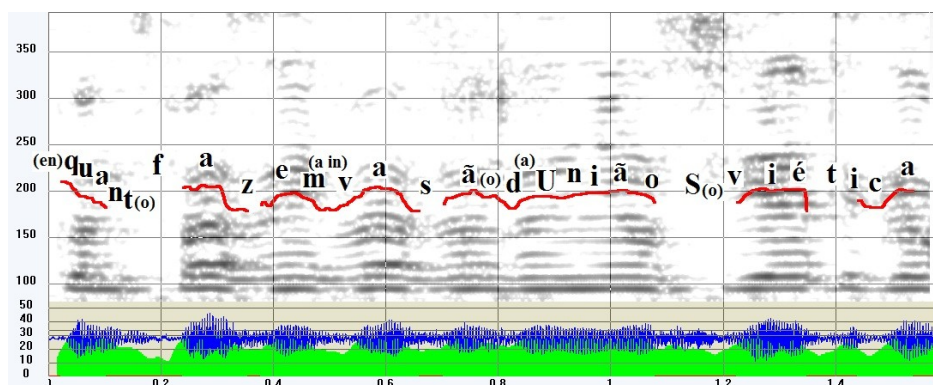


Figura 6.33 – Tópico do enunciado (6.16)

Tabela 6.9 – Medidas prosódicas do Tópico do enunciado (6.16)

pfamcv09 [166]	(en)quant(o)	fa	zem (a in)	va	sã(o)	d(a) U	ni	ão	S(o) vi é	ti	ca
<b>Duração silábica</b>	0.172	0.169	0.169	0.132	0.148	0.125	0.090	0.079	0.284	0.087	0.118
<b>Duração vocálica</b>	0.085	0.098	0.130	0.092	0.095	0.090	0.043	0.079	0.148	0.041	0.077
<b>F0 mínima</b>	187.1	182.5	180.6	182.4	179.4	184.9	196.7	188.5	181.5	187.3	183.8
<b>F0</b>	214.4	211.0	199.1	205.6	199.9	196.7	199.6	200.4	205.3	212.5	200.

<b>máxima</b>											4
<b>Db mínimo</b>	55.8	49.4	54.5	53.7	55.2	58.6	62.0	61.0	53.3	52.7	52.9
<b>Db máximo</b>	64.4	65.2	64.0	64.3	63.3	63.9	64.2	63.7	65.4	59.3	64.1

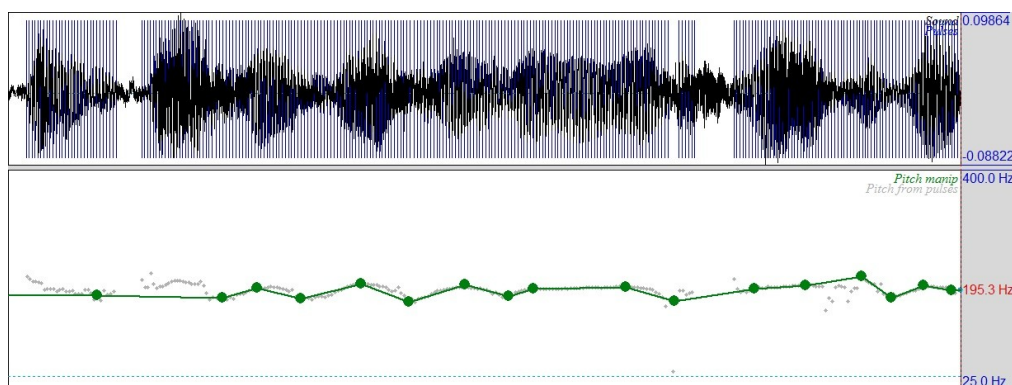


Figura 6.34 – Transformação do movimento descendente do primeiro semi núcleo do Tópico do enunciado (6.16) em um movimento nivelado

Quanto ao parâmetro prosódico *duração*, as sílabas do primeiro semi núcleo não registram alongamento significativo em relação às demais sílabas do Tópico, como pode ser visto nas Tabelas A, B, C e D. Por outro lado, o pico de intensidade de todos os Tópicos analisados encontram-se no primeiro semi núcleo.

#### 6.1.3.2 O segundo semi núcleo

O segundo semi núcleo corresponde a um movimento ascendente de F0 acompanhado do alongamento da sílaba tônica e, em alguns casos, das eventuais postônicas. Diferentemente da forma entonacional de tipo 4, o movimento ascendente pode alcançar valores que se aproximam do pico de F0 do primeiro semi núcleo, como mostra a Tabela 6.10. No exemplo (6.16), em especial, a F0 do segundo semi núcleo supera a do primeiro.

Tabela 6.10 – Comparação dos picos de F0 do primeiro e do segundo semi núcleos

<b>Enunciado</b>	<b>Pico do primeiro semi núcleo</b>	<b>Pico do segundo semi núcleo</b>	<b>Diferença</b>
pnatte03[33]	279.2 Hz	265.3 Hz	13.9 Hz
pfamdl01[417]	168.7 Hz	160.7 Hz	8 Hz

pfamd101[506]	192.7 Hz	191.6 Hz	1.1 Hz
pfamcv09[166]	212.5 Hz	214.4 Hz	-1.9 Hz

Manipulações de F0 do movimento ascendente do segundo semi núcleo mostraram que o mesmo é fundamental para que a unidade tonal seja percebida como uma forma entonacional de Tópico de tipo 3. Se o movimento de F0 do segundo semi núcleo é transformado em um movimento nivelado, a unidade tonal é interpretada como uma forma entonacional de Tópico de tipo 2 anômala ou como uma forma entonacional de valor ilocucionário. Esse primeiro efeito, que ocorre nos exemplos (6.13), (6.15) e (6.16) será demonstrado com a manipulação do Tópico de (6.16) – áudio 6.16 -pfamcv09[166]b. O outro efeito, resultante da manipulação de (6.14), pode ser verificado no áudio 6.14-pfamcv01[417]b.

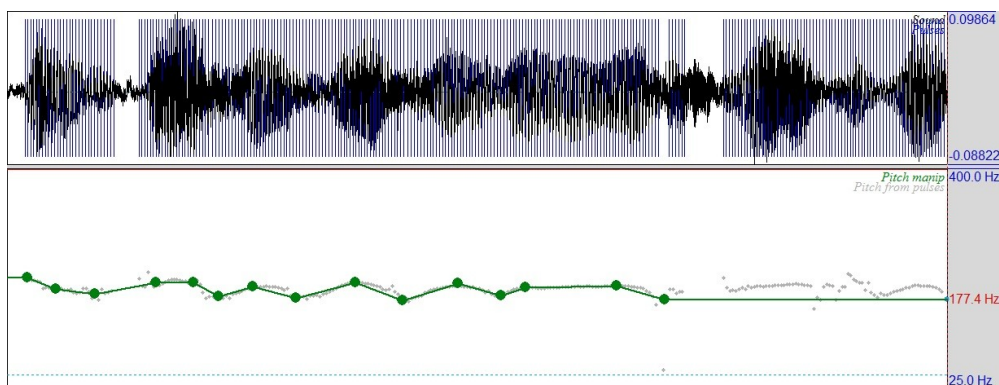


Figura 6.35 – Transformação do movimento ascendente do segundo semi núcleo do Tópico do enunciado (6.16) em um movimento nivelado

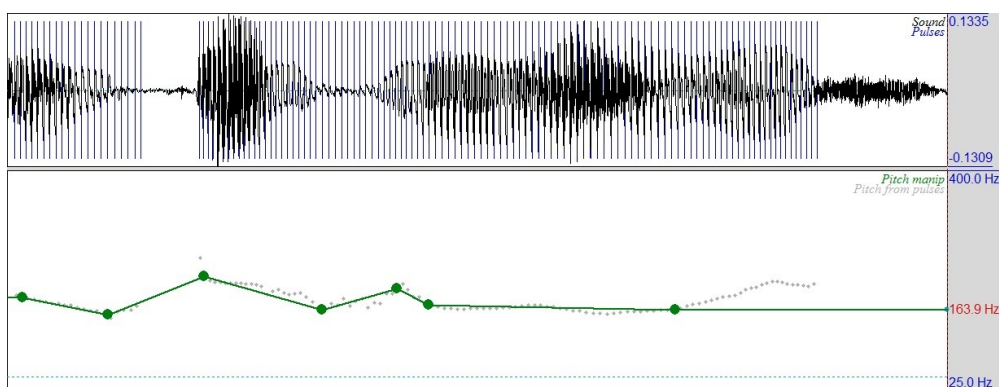


Figura 6.36 – Transformação do movimento ascendente do segundo semi núcleo do Tópico do enunciado (6.14) em um movimento nivelado

A transformação do movimento ascendente em um movimento descendente faz com que, em

todos os casos, a unidade tonal seja interpretada como uma forma entonacional de valor ilocucionário, à exemplo das manipulações dos Tópicos de (6.13) e (6.15) – áudios 6.13-pnatte03[33]c e 6.15-pfamdl01[506]b.

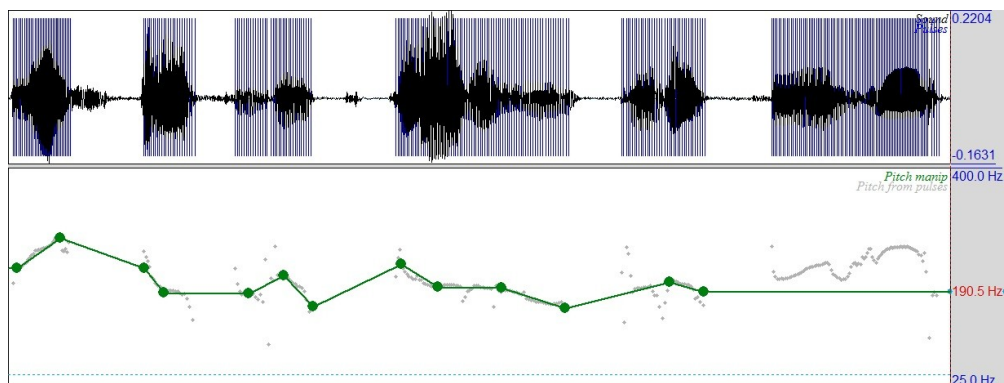


Figura 6.37 – Transformação do movimento ascendente do segundo semi núcleo do Tópico do enunciado (6.13) em um movimento nivelado

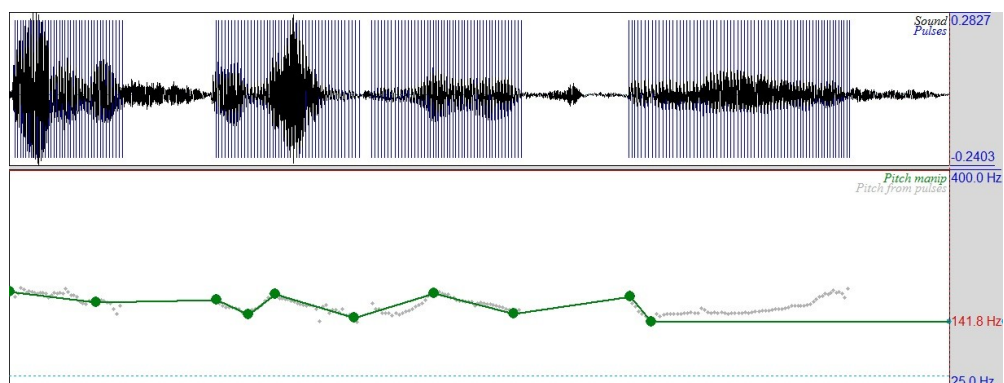


Figura 6.38 – Transformação do movimento ascendente do segundo semi núcleo do Tópico do enunciado (6.15) em um movimento nivelado

O alongamento do segundo semi núcleo mostra-se também um parâmetro prosódico significativo para a interpretação da forma entonacional. É somente na manipulação Tópico do exemplo (6.13) que a forma entonacional continua sendo interpretada como uma forma de Tópico de tipo 3 bem realizada. Nesse caso, inclusive, a diferença perceptual entre a unidade tonal original (áudio 6.13-pnatte03[33]) e a unidade tonal manipulada (6.13-pnatte03[33]d) é notoriamente pequena.

Nas demais manipulações, como em (6.14), a unidade tonal é interpretada com uma forma de Tópico de tipo 3 anômala (áudio 6.14-pfamdl01[417]c).



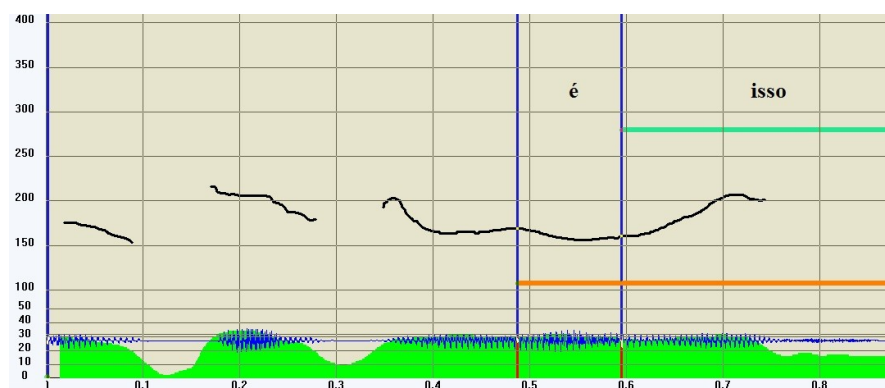


Figura 6.39 – Redução da duração da tônica do segundo semi núcleo do segundo Tópico do enunciado (6.14)

### 6.1.3.3 Alinhamento

O movimento descendente do primeiro semi núcleo pode começar em uma pretônica, como em (6.13), ou na tônica, como em (6.14), (6.15) e (6.16), mas nunca após a tônica. Nos casos em que o movimento tem seu início na sílaba tônica, a pretônica pode constituir uma porção de preparação ou sofrer aférese, como nos Tópicos de (6.14) e (6.16), respectivamente. Ainda, o exemplo (6.13) possui uma palavra funcional átona como preparação ao primeiro semi núcleo. O movimento descendente pode se localizar em uma única palavra, no caso de (6.13), ou se estender por mais de uma palavra, o que ocorre nos demais Tópicos.

Em três dos Tópicos analisados, o movimento ascendente do segundo semi núcleo começa na última sílaba tônica. No Tópico de (6.16), o movimento começa antes, na pretônica (Figura D3). Ambas as tendências opõem-se às descrições do Italiano e do PB (FIRENZUOLI, 2003; RASO-MORAES-MITTMANN-ROCHA, em preparação), segundo as quais o movimento ascendente começa somente na última sílaba do Tópico, seja ela tônica ou postônica.

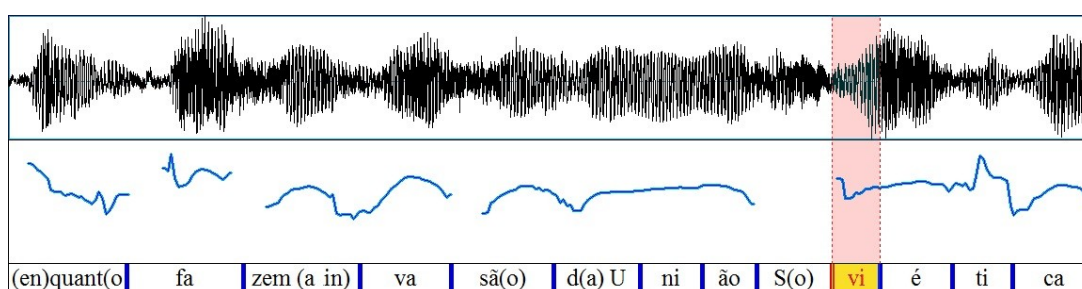


Figura 6.40 – Tópico do enunciado (6.16) com início do movimento ascendente do segundo semi núcleo em

destaque

#### 6.1.4 Forma entonacional de tipo 4

Foi identificada uma quarta forma entonacional de Tópico composta por dois semi núcleos e porções opcionais de preparação e ligação. O primeiro semi núcleo caracteriza-se por um pico com valores extra altos de F0 localizado em uma das primeiras sílabas da unidade informacional. O segundo semi núcleo constitui-se do alongamento da última sílaba tônica da unidade informacional e pode ter movimentos variados de F0. No Tópico de tipo 4, pode haver uma porção de preparação que antecede o primeiro semi núcleo e uma porção de ligação entre o primeiro e o segundo semi núcleos.

As propriedades prosódicas do primeiro e do segundo semi núcleos serão aprofundadas nas seções dedicadas aos mesmos. Por ora, serão feitas observações gerais sobre a importância dos semi núcleos para a atribuição da função da unidade informacional de Tópico de tipo 4.

Em primeiro lugar, observem-se os Tópicos dos enunciados (6.17), (6.18) e (6.19), exemplos da forma entonacional de Tópico de tipo 4. Note-se que o segundo semi núcleo de cada um dos Tópicos dos enunciados a seguir apresenta um movimento de F0 diferente dos demais (descendente, nivelado e ascendente, respectivamente).

Exemplo (6.17) – pfamcv09

\*CAR: [134] derrepente /=TOP= os aviões param /=SCA= no radar /=COB= e aparecem não &s /=SCA= &on /=EMP= onze mil aviões no radar //COM=

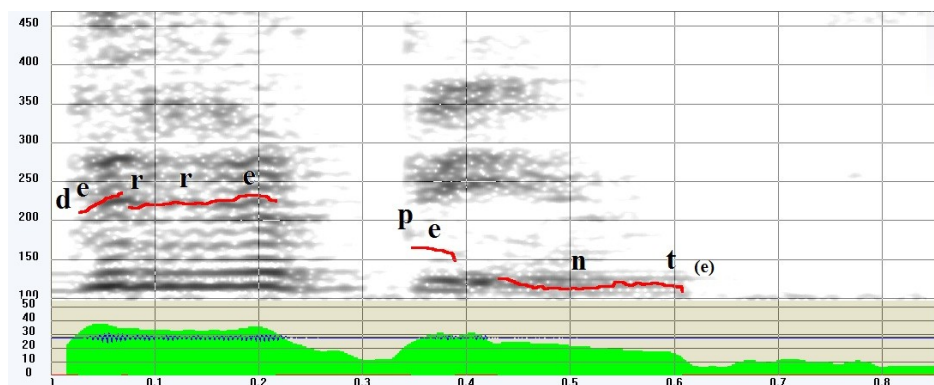


Figura 6.42 – Tópico do enunciado (6.17)

Tabela 6.11 – Características prosódicas do exemplo (6.17)

pfamev09[134]	de	rre	pen t(e)
<b>Duração silábica</b>	0.101	0.195	0.556
<b>Duração vocálica</b>	0.062	0.150	0.244
<b>F0 mínima</b>	197.7	170.0	113.2
<b>F0 máxima</b>	234.4	233.7	166.7
<b>Db mínimo</b>	69.6	52.0	42.8
<b>Db máximo</b>	72.6	70.6	66.1

Exemplo (6.18) – pfamdl06

\*RUI: [83] e então /=DCT= cada pessoa que aparecia lá com o cartão /=TOP= tínhamos que estar ali meia hora a discutir /=COB= que tinha que pagar na mesma /=COM=

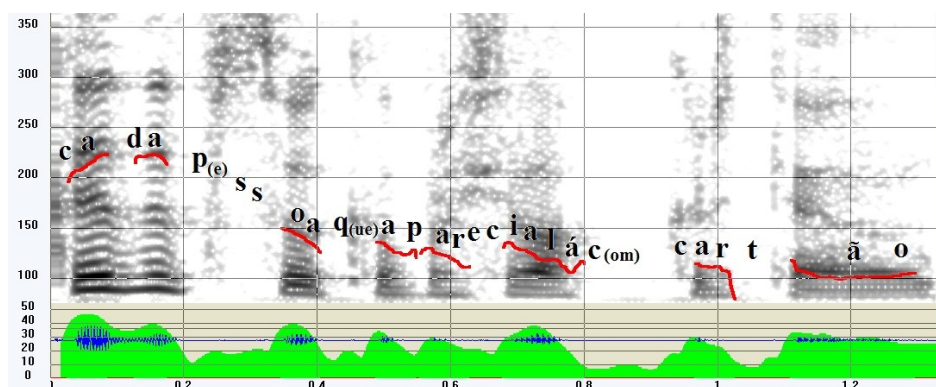


Figura 6.43 – Tópico do enunciado (6.18)

Tabela 6.12 – Características prosódicas do exemplo (6.18)

pfamdl06[83]	ca	da	p(e) ssoa	q(ue) a	p(a)r(e) c(ia) lá	c(om) car	tão
<b>Duração silábica</b>	0.111	0.076	0.226	0.118	0.334	0.115	0.304
<b>Duração vocálica</b>	0.068	0.046	0.062	0.039	0.062	0.035	0.221
<b>F0 mínima</b>	204.8	197.9	132.9	126.8	116.2	112.3	100.5
<b>F0 máxima</b>	222.9	224.9	197.9	138.8	138.5	114.2	109.6
<b>Db mínimo</b>	72.5	70.6	51.0	52.3	43.4	48.4	45.2
<b>Db máximo</b>	81.8	74.5	74.5	68.3	73.3	65.1	68.6

Exemplo (6.19) – pnatte03

\*MAR: [58] "o imperador Carlos Magno em idade avançada"<sup>91</sup> / em idade avançada /=TOP= pode ser considerado /=COB= de certo modo /=COB= um compromisso entre /=COB\_s= um sumário /=CMM= e uma pausa //CMM=

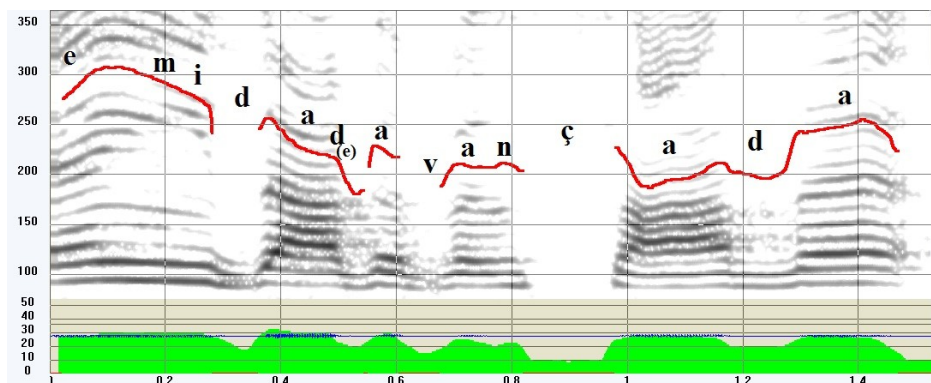


Figura 6.44 – Tópico do enunciado (6.19)

Tabela 6.13 – Características prosódicas do exemplo (6.19)

pnatte03[58]	em	i	da	d(e) a	van	ça	da
Duração silábica	0.195	0.086	0.219	0.119	0.194	0.368	0.352
Duração vocálica	0.195	0.086	0.122	0.057	0.095	0.195	0.234
F0 mínima	281.6	255.8	194.9	185.5	207.6	187.8	197.7
F0 máxima	309.2	294.2	263.5	233.7	212.7	231.3	254.7
Db mínimo	63.5	64.2	55.9	56.8	52.1	45.1	55.2
Db máximo	66.0	65.6	67.7	64.3	61.0	63.4	63.9

Tendencialmente, os semi núcleos da forma entonacional de Tópico de tipo 4 localizam-se (a) em palavras diferentes e (b) em palavras lexicais. Os exemplos (6.18) e (6.19) são expoentes dessas tendências. Todavia, não é raro que os semi núcleos se encontrem na mesma palavra, como em (6.17), sobretudo quando se há, no Tópico, somente uma palavra lexical no Tópico. Esse assunto será igualmente retomado e aprofundado posteriormente.

#### 6.1.4.1 Os semi núcleos, a porção de preparação e a porção de ligação

91 No formato de transcrição adotado pelo C-ORAL-BRASIL, as áspas indicam que um trecho foi lido e, por esse motivo, não recebe etiquetagem informacional.

O valor funcional do Tópico de tipo 4 é atribuído de forma composicional pelos dois semi núcleos da unidade informacional. Ouvindo o primeiro semi núcleo e, em seguida, o segundo, o falante se dá conta de que foi realizada uma unidade informacional de Tópico de tipo 4. A porção de ligação, presente em muitos casos, existe exclusivamente para o preenchimento do conteúdo locutivo da unidade informacional. Dessa forma, a porção de ligação pode ser eliminada sem que se traga prejuízos à interpretação da forma entonacional da unidade tonal. A esse respeito, observe-se o áudio 6.18-pfamdl03[83]a, que exclui a porção de ligação do Tópico do exemplo (6.18), preservando somente seus semi núcleos<sup>92</sup>.

A eliminação de qualquer um dos semi núcleos, por outro lado, é extremamente danosa à interpretação da forma entonacional da unidade tonal. Ouvindo-se somente o primeiro ou o segundo semi núcleo seguido do restante do enunciado (6.18-pfamdl06[83]b e 6.18-pfamdl06[83]c, respectivamente), não é possível interpretar a unidade como um Tópico de tipo 4. O mesmo ocorre ouvindo-se o primeiro semi núcleo seguido da porção de ligação (6.18-pfamdl06[83]d) ou o segundo semi núcleo precedido pela porção de ligação (6.18-pfamdl06[83]e).

O Tópico presente no exemplo (6.18) apresenta, em seu segundo semi núcleo, um movimento nivelado de F0. Seria possível imaginar que o segundo semi núcleo não consegue, sozinho, atribuir a função de Tópico à unidade tonal justamente pela falta variações expressivas de F0 no mesmo. Todavia, isso ocorre mesmo em Tópicos de tipo 4 com movimentos de F0 ascendentes ou descendentes em seu segundo semi núcleo. No enunciado (6.19), por exemplo, o Tópico é concluído por um movimento ascendente, o qual, sozinho, não atribui a função de Tópico à unidade tonal (áudio 6.19-pnatte03[58]a). Em contrapartida, a união dos semi núcleos faz com que o falante perceba a unidade como um Tópico (áudio 6.19-pnatte03[58]b).

A forma com que os diversos parâmetros prosódicos afetam a interpretação da unidade tonal de Tópico de tipo 4 será explorada na subseção seguinte.

---

92 Naturalmente, ouvindo a edição que conta somente com os semi núcleos, o falante percebe que parte do conteúdo locutivo foi eliminado, o que causa estranhamento do ponto de vista semântico. Nessa edição, em particular, o conteúdo locutivo do Tópico, que era “cada pessoa que aparecia lá com o cartão”, foi reduzido para “cada tão”. Todavia, o que se pretende demonstrar com essa edição é que, mesmo com a eliminação da porção de ligação, a **entonação** característica da forma entonacional de Tópico é preservada. Ou seja, do ponto de vista exclusivamente prosódico, a unidade tonal continua sendo percebida como um Tópico de tipo 4.

#### 6.1.4.2 O primeiro semi núcleo

##### 6.1.4.2.1 Movimentos de F0

O primeiro semi núcleo da forma entonacional de tipo 4 é definido pela presença de um pico de F0 com valores extra altos em uma das primeiras sílabas da unidade informacional de Tópico. Em Como será visto logo adiante, esse pico de F0, juntamente com o segundo núcleo, são os responsáveis para que a unidade tonal seja percebida como um Tópico de tipo 4.

O exame do subcorpus evidenciou que, sobretudo nos casos que o pico de F0 não coincide com a sílaba de ataque do Tópico (ou seja, a primeira sílaba), é frequente que o pico seja precedido por um movimento ascendente de F0. Com o intuito de avaliar se esse movimento é importante para a interpretação da função da unidade informacional, foram feitas manipulações que transformavam o movimento ascendente de F0 em um movimento nivelado. À exemplo do Tópico do enunciado (6.20), as manipulações mostraram que a transformação do movimento ascendente em um movimento nivelado com os mesmos valores de frequência do pico de F0 não comprometem a interpretação da forma entonacional da unidade tonal (áudio 6.20-pnatte03[1]a). A Figura 6.45a mostra a manipulação que nivela o movimento inicial de (6.20). Conclui-se, assim, que o movimento ascendente anterior ao pico de F0 não faz parte do primeiro semi núcleo e que é, portanto, uma porção de preparação desprovida de funções informacionais.

Exemplo (6.20) – pnatte03

\*MAR: [1] notem que /=INT= o que ele está a fazer /=TOP= é uma teorização da narrativa //COM=

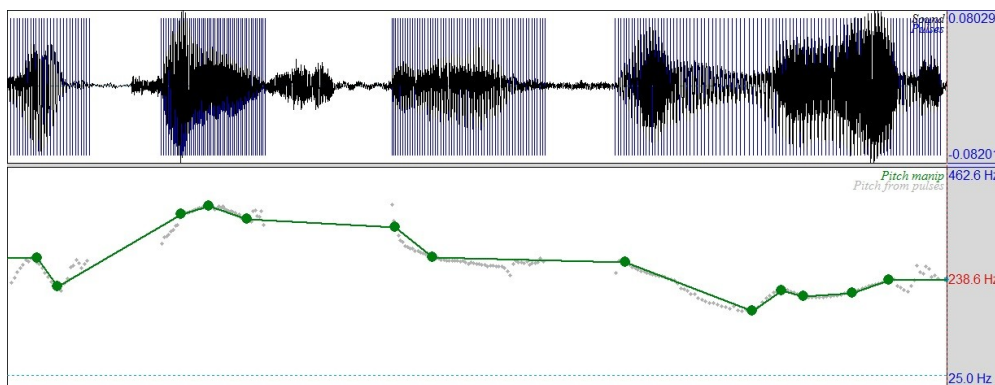


Figura 6.45 – Tópico do enunciado (6.20)

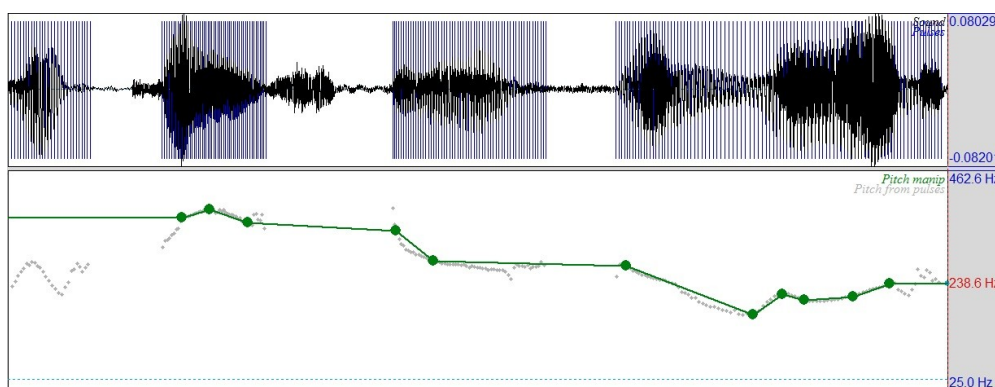


Figura 6.45a – Transformação do movimento ascendente no início do Tópico de (6.20) em um movimento nivelado

A importância do pico com valores extra altos de F0 para o primeiro semi núcleo foi comprovada com a realização de manipulações que ora o atenuavam (reduzindo a diferença de F0 entre os semi núcleos) e ora o suprimiam (transformando o pico de F0 do primeiro semi núcleo em um movimento nivelado com valores baixos de frequência). Comparando as manipulações ao áudio original, atestou-se que tanto a atenuação quanto a supressão do pico de F0 acarretam sempre em uma diferença significativa de percepção da curva melódica da unidade tonal em relação à curva melódica do áudio original. Além disso, no plano cognitivo, as manipulações mostraram-se danosas à interpretação adequada da unidade tonal: com a atenuação do pico de F0, a unidade tonal passa a ser interpretada como uma forma entonacional de Tópico de tipo 4 anômala. Com a supressão total do pico, a unidade tonal é interpretada como outra forma entonacional.

O primeiro efeito será exemplificado por meio da atenuação do pico de F0 do primeiro semi núcleo do enunciado (6.19) – áudio 6.19-pnatte03[58]a e Figura 6.47. Nessa manipulação, o

pico de F0 foi reduzido de 309.2 Hz para 259.7 Hz. Logo, em relação ao restante da unidade tonal, o mesmo não apresenta mais valores extra altos de F0. Como consequência, ainda que a unidade tonal continue sendo interpretada como um Tópico de tipo 4, o falante entende que a mesma foi realizada de forma anômala.

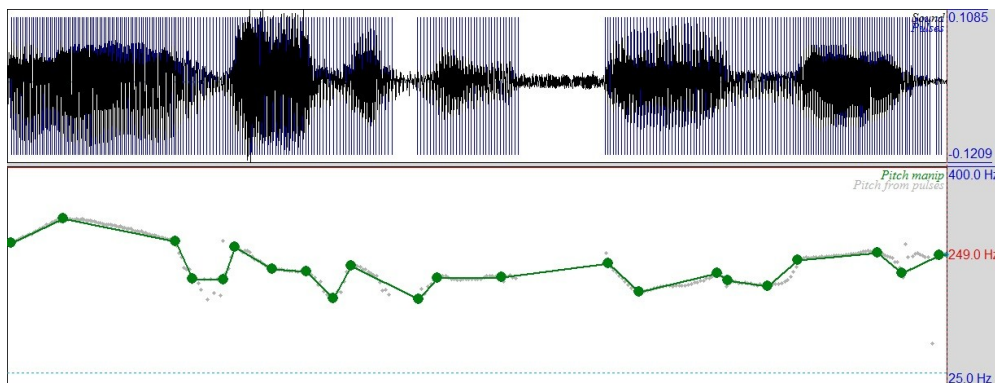


Figura 6.46 – Estilização das curvas de F0 do Tópico do enunciado (6.19)

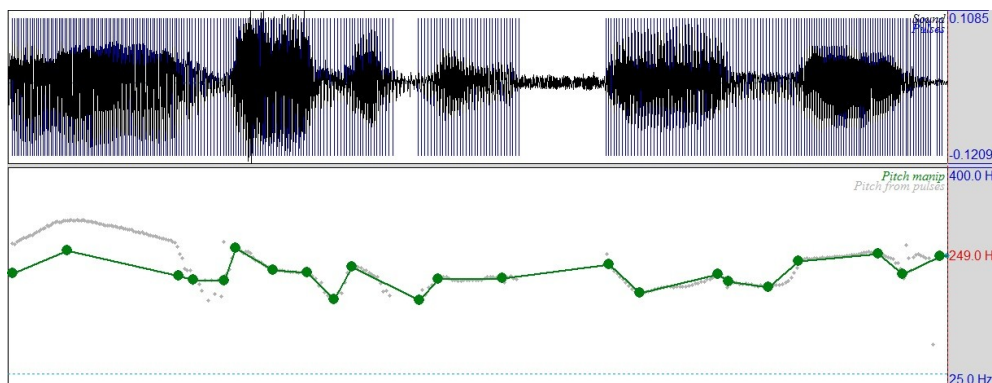


Figura 6.47 – Atenuação dos movimentos de F0 do primeiro semi núcleo do Tópico do enunciado (6.19)

A supressão do primeiro pico de F0 fez com que, em todos os exemplos analisados, a unidade tonal deixasse de ser interpretada como um Tópico de tipo 4. Nos Tópicos de tipo 4 que terminam por uma curva ascendente acentuada, à exemplo de (6.19), a unidade tonal é avaliada como uma forma entonacional de Tópico de tipo 2 anômala. Esse efeito pode ser notado no áudio 6.19-pnatte03[58]d, com a transformação do pico primeiro semi núcleo de (6.19) em um movimento nivelado.



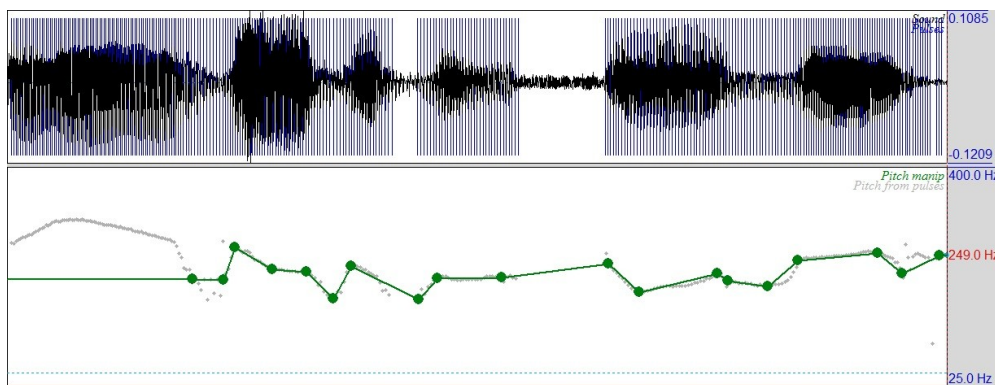


Figura 6.48 – Transformação dos movimentos de F0 do primeiro semi núcleo do Tópico do enunciado (6.19) em um movimento nivelado

Em outros casos, a supressão do pico de F0 pode fazer com que unidade tonal se assemelhe a uma forma entonacional ilocucionária. Para exemplificar essa propriedade, reporta-se o exemplo (6.21) e a Figura 6.49 (áudio 6.21-pfamdl06[197]a). A Figura 6.49 exhibe a estilização da curva de F0 do Tópico do enunciado (6.21). A Figura 6.50 corresponde a uma síntese da estilização original em que os movimentos de F0 do primeiro semi núcleo do Tópico são transformados em um movimento nivelado. Conseqüentemente, a unidade tonal, que antes era claramente interpretada como um Tópico de tipo 4, passa a se confundir com uma forma entonacional ilocucionária. Naturalmente, em casos como esse, o contexto pode fornecer pistas para a interpretação adequada da unidade informacional. Ressalta-se, no entanto, que o objetivo dessas manipulações é justamente entender quais são os parâmetros prosódicos que, se alterados, mudam a interpretação da forma entonacional da unidade tonal. Nessa ótica, são igualmente relevantes os casos em que a interpretação é alterada por completo e os casos em que a interpretação passa a ser cada vez mais condicionada pelo contexto. Nesse sentido, o parâmetro prosódico movimentos de FO mostrou-se muito relevante para o primeiro semi núcleo dos Tópicos de tipo 4.

Exemplo (6.21) – pfamdl06

\*RUI: [197] e então /=DCT= na noite de fados /=TOP= estavam lá /=INT= familiares  
 /=COB= nossos //COM=

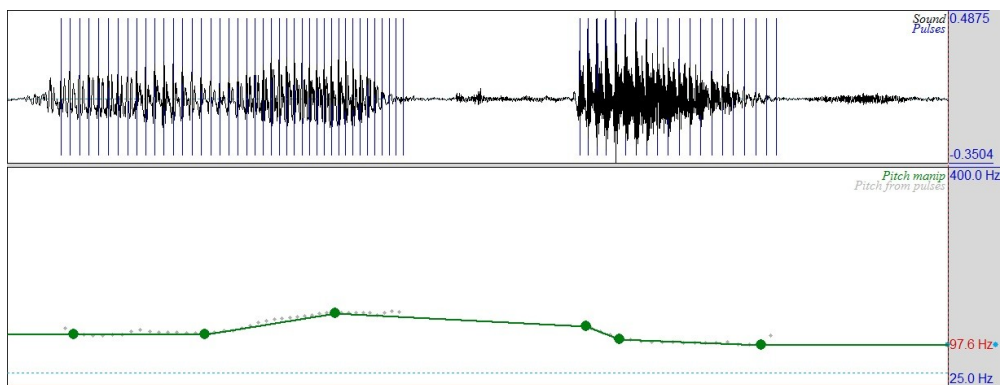


Figura 6.49 – Tópico do exemplo (6.21)

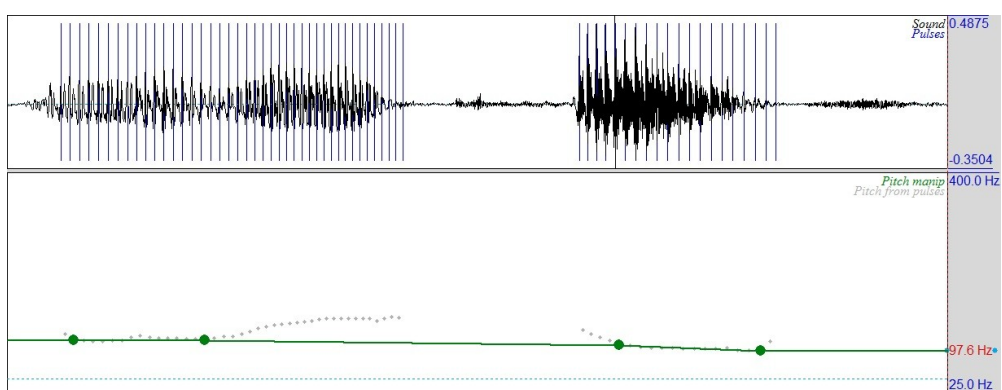


Figura 6.50 – Nivelamento do Tópico do exemplo (6.21)

Ainda com relação à supressão do pico de F0 do primeiro semi núcleo, há de se destacar um caso em particular: o de Tópicos de tipo 4 que não apresentam porção de ligação entre seus semi núcleos e cujos segundo semi núcleos possuem movimentos nivelados ou descendentes. O Tópico do enunciado (6.17) possui ambas características.

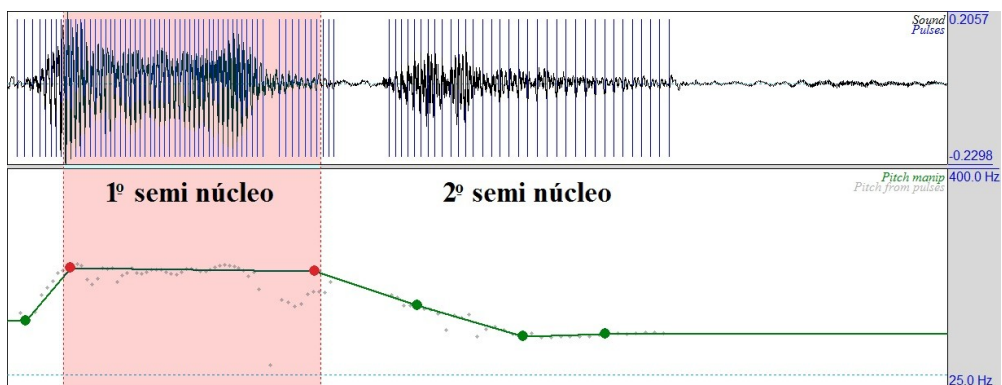


Figura 6.51 – Estilização dos movimento de F0 do Tópico de (6.17) com semi núcleos em destaque

A supressão do pico de F0 de Tópicos como o de (6.17) gera uma unidade tonal cujo único movimento de F0 é aquele presente na preparação, como pode ser observado na Figura 6.52 (áudio 6.17-pfamcv09[134]a). Em casos como esse, a unidade tonal pode, inclusive, não ser reconhecida como nenhuma forma entonacional, sendo interpretada como uma disfluência ou como uma unidade de Escansão.

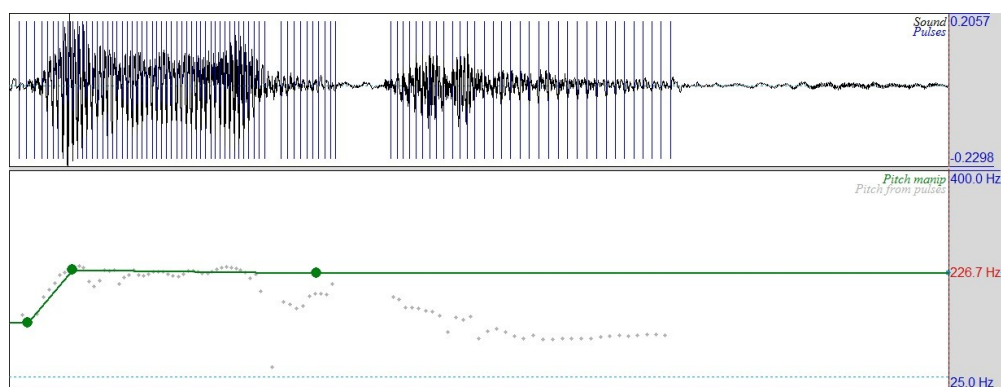


Figura 6.52 – Transformação do movimento descendente do segundo semi núcleo do Tópico do enunciado (6.17) em um movimento nivelado

#### 6.1.4.2.2 Duração

As sílabas presentes no primeiro semi núcleo do Tópico de tipo 4, sejam elas pretônicas, tônicas ou postônicas, tem uma duração comparável a de outras sílabas presentes na porção de ligação do Tópico. Logo, o primeiro semi núcleo da forma entonacional de tipo 4 não se caracteriza pela presença de alongamento em suas sílabas. Todavia, em alguns casos, o falante pode utilizar o alongamento um como recurso para dar ênfase a alguma palavra do primeiro semi núcleo que é semanticamente relevante para o Tópico. Assim, não é de todo raro que alguma sílaba do primeiro semi núcleo (normalmente aquela com o pico de F0) seja alongada.

No texto pnatte03, por exemplo, uma professora universitária discorre a respeito de um recurso narrativo chamado pausa. Para a professora, a pausa seria uma interrupção na apresentação dos fatos que compõem uma história para fazer reflexões acerca de algum fato já apresentado ou da história em si. Em seguida, a professora cita, em cada uma das duas unidades informacionais de Tópico do enunciado [27], dois autores (Camilo Castelo Branco e Garrett, respectivamente) que fazem uso desse recurso narrativo. O primeiro semi núcleo do Tópico de conteúdo locutivo “ou Garrett”, localizado na conjunção conjunção “ou”, é

significativamente alongado: enquanto essa sílaba é pronunciada em em 0.269 s, a pretônica “Ga”, de Garrett, é realizada em 0.171 e a tônica em 0.272. Levando-se em consideração o contexto de realização do enunciado, acredita-se que o alongamento na sílaba “ou” tenha sido feito justamente para enfatizar que Garrett utiliza a pausa de forma tão significativa quanto Camilo Castelo Branco. Sendo assim, o alongamento do primeiro semi núcleo do segundo Tópico de (6.22) não está atrelado à atribuição de sua função informacional.

Exemplo (6.22) – pnatte03

\*MAR: [27] e estes espaços /=i-TOP= por exemplo /=PAR= em autores como Camilo Castelo Branco /=TOP= **ou Garrett** /=TOP= são determinantes para a interpretação /=SCA= &d /=EMP= dos acontecimentos //COM=

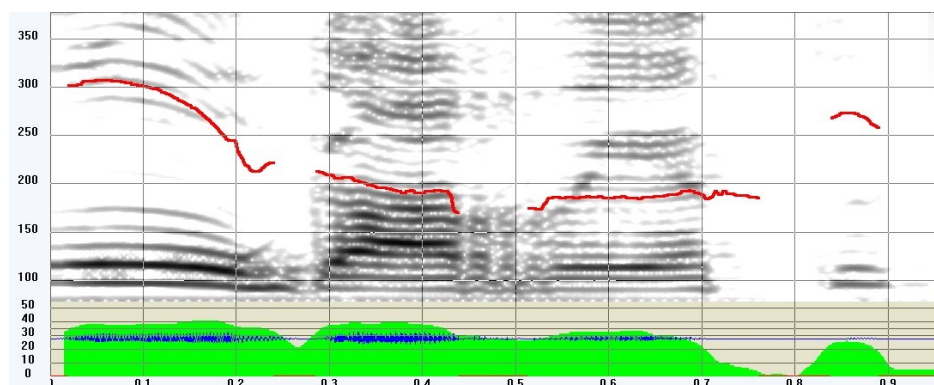


Figura 6.53 – Segundo Tópico do enunciado (6.22)

Tabela 6.14 – Medidas prosódicas do segundo Tópico do enunciado (6.22)

<b>pnatte03[27]</b>	<b>ou</b>	<b>Ga</b>	<b>rre</b>	<b>tt</b>
<b>Duração silábica</b>	0.269	0.171	0.272	0.240
<b>Duração vocálica</b>	0.269	0.143	0.162	0.058
<b>F0 mínima</b>	217.2	190.6	179.1	267.0
<b>F0 máxima</b>	307.5	214.5	192.9	275.2
<b>Db mínimo</b>	65.4	63.8	58.8	38.2
<b>Db máximo</b>	76.0	74.9	69.0	60.9

### 6.1.4.3 O segundo semi núcleo

#### 6.1.4.3.1 Movimentos de F0

O segundo semi núcleo da forma entonacional de Tópico de tipo 4 pode apresentar movimentos descendentes, nivelados ou ascendentes de F0, como nos exemplos (6.17), (6.18) e (6.19). Também existem dois casos particulares, com um movimento ascendente-descendente, os quais serão abordados posteriormente. Considerando a variação de movimentos possíveis no segundo semi núcleo, diz-se que a forma entonacional de tipo 4 não apresenta um movimento de F0 característico. Todavia, como será visto logo adiante, isso não significa que o movimento não seja importante para a interpretação da função unidade informacional: a manipulação do movimento sempre causa diferenças de percepção em relação ao áudio original e pode fazer, em muitos casos, que a unidade tonal não seja mais interpretada como um Tópico. O primeiro Tópico do enunciado (6.23), de forma entonacional de tipo 4, passa a ser interpretado como uma forma entonacional ilocucionária se o movimento de F0 de seu segundo semi núcleo, que atinge 262.1Hz, é transformado em um movimento descendente cujo ponto mais baixo é de 120.9Hz (Figura 6.55 e áudio 6.23-pnatte03[1]a ).

Exemplo (6.23) – pnatte03

\*MAR: [72] designa-se /=INT= **na narraturgia** /=TOP= no estudo da narrativa /=TOP=  
 pausa //COM=

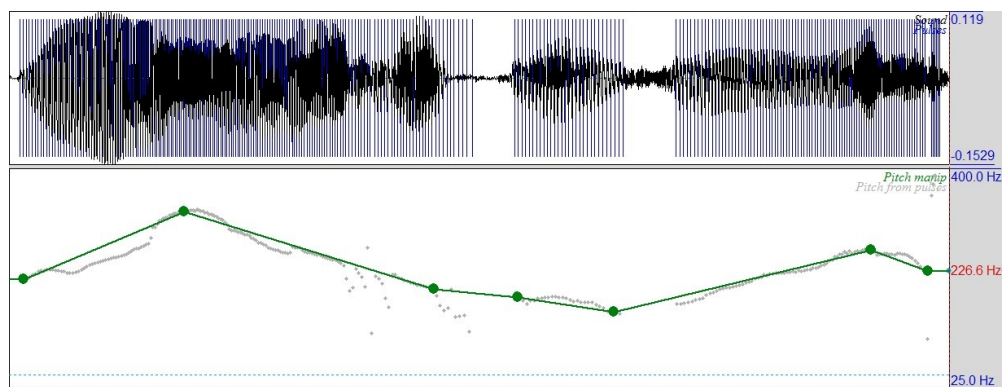


Figura 6.54 – Estilização do Tópico do enunciado (6.23)

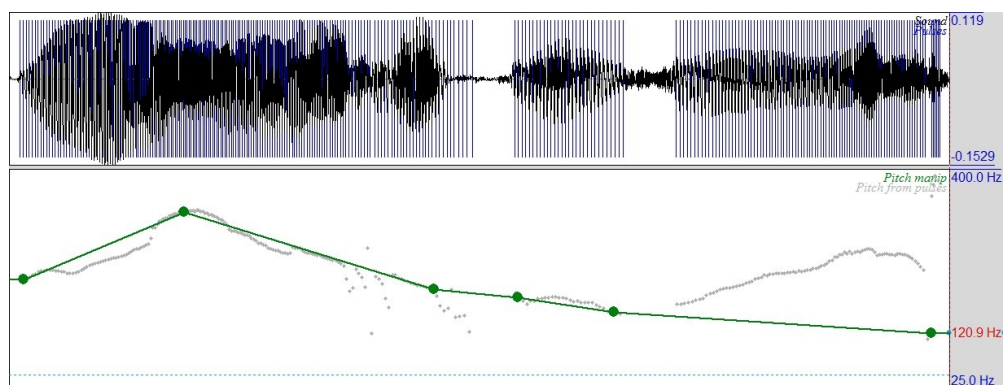


Figura 6.55 – Transformação do movimento ascendente do segundo semi núcleo de (6.23) em um movimento descendente

Tabela 6.15 – Medidas prosódicas do Tópico do enunciado (6.23)

pnatte03[72]	na	na	rra	tur	gi	a
<b>Duração silábica</b>	0.348	0.178	0.142	0.287	0.357	0.149
<b>Duração vocálica</b>	0.121	0.078	0.072	0.172	0.266	0.149
<b>F0 mínima</b>	218.8	234.2	190.6	155.1	168.7	241.3
<b>F0 máxima</b>	328.1	297.4	234.2	190.6	258.0	262.1
<b>Db mínimo</b>	64.7	66.3	60.9	40.1	49.9	60.6
<b>Db máximo</b>	73.2	69.2	68.0	65.9	64.2	66.2

As subseções que se seguem destinam-se a avaliar a forma com que a manipulação do movimento de F0 e da duração do segundo semi núcleo afetam a percepção auditiva e a interpretação cognitiva dos Tópicos de tipo 4 de final ascendente, nivelado, descendente e descendente-ascendente. Devido ao grande número de manipulações realizadas nessas subseções e à necessidade de avaliá-las de uma forma criteriosa, é oportuno consultar a seção da metodologia dedicada à pormenorização das categorias de análise elaboradas para a avaliação das manipulações (5.2.4) para o esclarecimento de eventuais dúvidas a respeito da classificação dos resultados.

#### 6.1.4.3.1.1 Tópicos de tipo 4 com segundo semi núcleo ascendente

À semelhança do exemplo (6.23), a realização de manipulações dos movimentos de F0 do segundo núcleo dos Tópicos de tipo 4 influencia, em larga escala, a interpretação da função da unidade tonal.

Essa propriedade foi atestada realizando-se, em um grupo de 9 Tópicos de tipo 4, dois tipos

de manipulação: a primeira transformando o movimento final ascendente em um movimento nivelado e a segunda transformando o movimento ascendente em um movimento descendente. A Tabela 6.16 mostra os resultados dessas manipulações. Ao longo dessa subseção, serão apresentadas as manipulações de alguns dos Tópicos presentes na tabela.

Tabela 6.16 – Manipulação do movimento de F0 do segundo semi núcleo de Tópicos de tipo 4 com final ascendente

Enunciado	Ascendente → Nivelado	Ascendente → Descendente
pfamcv07[25]	Mantem forma entonacional	Mantem forma entonacional
pnatte03[27] (primeiro Tópico) 93	Mantem forma entonacional	Mantem forma entonacional
pnatte03[54] (primeiro Tópico)	Mantem forma entonacional	Muda forma entonacional (dúvida)
pfamdl06[148] (segundo Tópico)	Mantem forma entonacional	Muda forma entonacional (dúvida)
pnatte03[14] (primeiro Tópico)	Mantem forma entonacional	Muda forma entonacional (dúvida)
pfamcv07[213]	Mantem forma entonacional	Muda forma entonacional (ilocução)
pnatte03[54] (segundo Tópico)	Altera forma entonacional (anômala)	Muda forma entonacional (dúvida)
pnatte03[76] (primeiro Tópico)	Altera forma entonacional (anômala)	Muda forma entonacional (dúvida)
pfamcv07[101]	Muda forma entonacional (ilocução)	Muda forma entonacional (ilocução)

Como mostra a Tabela 6.16, em 6 dos 9 casos analisados, o movimento ascendente do segundo semi núcleo da forma entonacional de tipo 4 pode ser nivelado sem que se a unidade tonal deixe de ser interpretada como uma forma entonacional de Tópico de tipo 4, à exemplo do segundo Tópico do enunciado (6.24), cuja estilização encontra-se na Figura 6.56 e a manipulação na Figura 6.57 (áudio 6.24-pnatte03[27]a). Dentre os outros casos, estão 2 exemplos em que a unidade tonal é interpretada como um Tópico de tipo 4 com problemas de execução, ou seja, um Tópico de tipo 4 anômalo, como o segundo Tópico de (6.25) – Figura 6.59 e áudio 6.25-pnatte03[54]a. Ainda, foi encontrado 1 Tópico – o do enunciado (6.26) – em que o nivelamento do movimento ascendente do primeiro semi núcleo fez com que a unidade tonal fosse interpretada como uma forma entonacional ilocucionária (Figura 6.61 e áudio 6.26-pfamcv07[101]a).

Exemplo (6.24) – pnatte03

\*MAR: [27] e estes espaços /=i-TOP= por exemplo /=PAR= em autores como Camilo

93 Alguns enunciados na Tabelas 6.16, 6.17 e 6.18 estão sinalizados com os dizeres “primeiro Tópico” ou “segundo Tópico”. Essa marcação foi feita nos enunciados que possuem mais de um Tópico para indicar qual está sendo analisado.

Castelo Branco /=TOP= ou Garrett /=TOP= são determinantes para a interpretação / &d / dos acontecimentos //COM

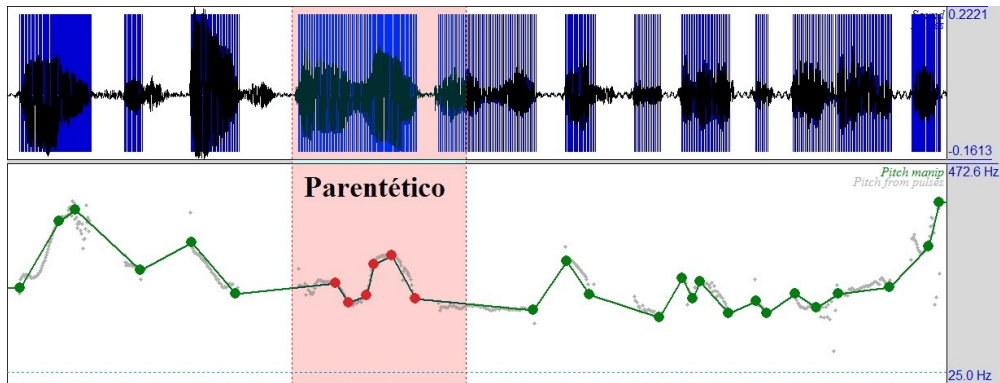


Figura 6.56 – Estilização do Tópico do enunciado (6.24)

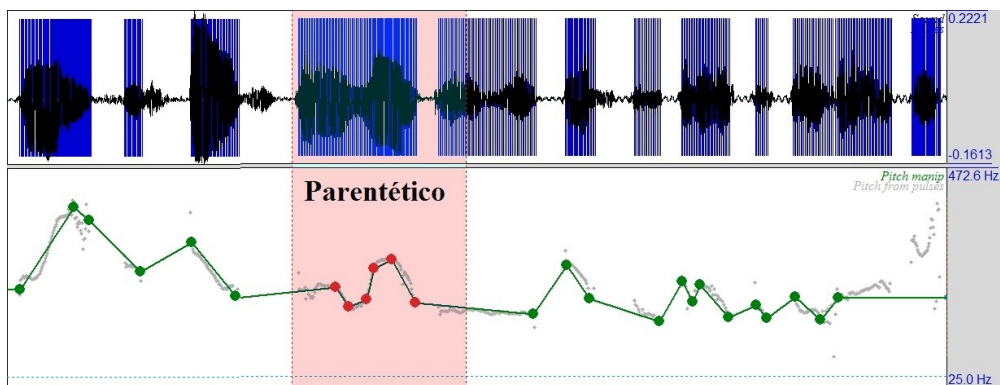


Figura 6.57 – Transformação do movimento ascendente do segundo núcleo do Tópico do enunciado (6.24) em um movimento nivelado

Exemplo (6.25) – pnatte03

\*MAR: [54] mas neste caso /=TOP= o tempo da /=SCA= &eh /=TMT= da realização da acção /=TOP= corresponde ao tempo /=COB= &eh /=TMT= que está na história //COM=



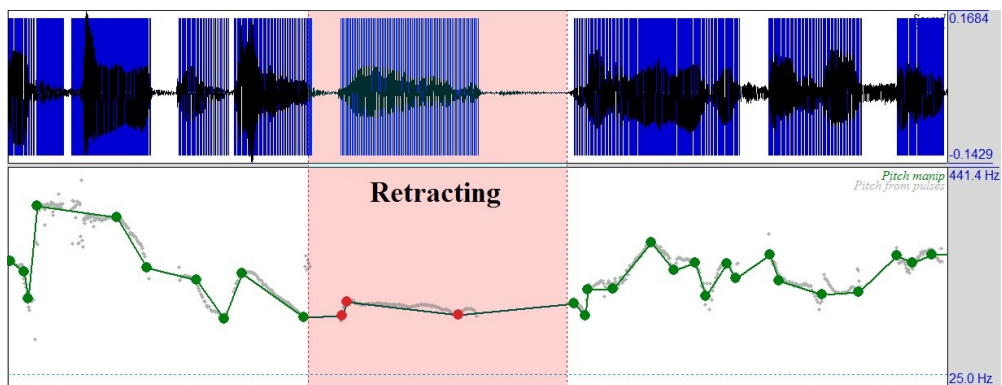


Figura 6.58 – Estilização do Tópico do enunciado (6.25)

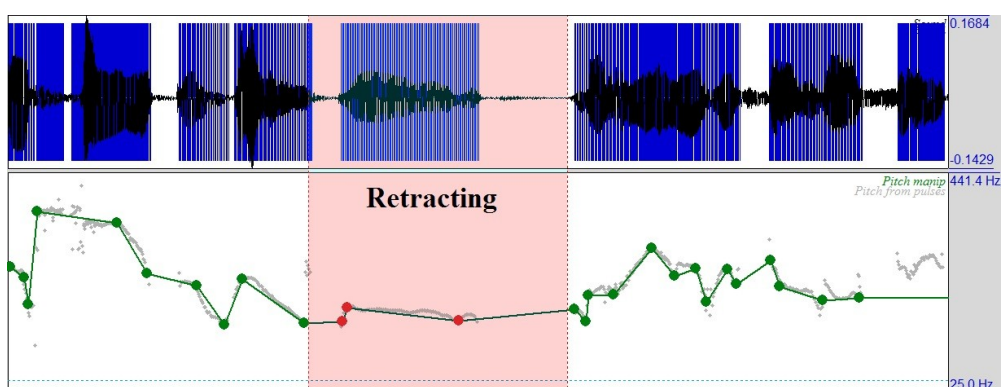


Figura 6.59 – Transformação do movimento ascendente do segundo semi núcleo do Tópico do enunciado (6.25) em um movimento nivelado

Exemplo (6.26) – pfamcv07

\*FER: [101] nós também /=TOP= hhh não precisamos de te reter aqui /=COB= muito mais tempo //COM=

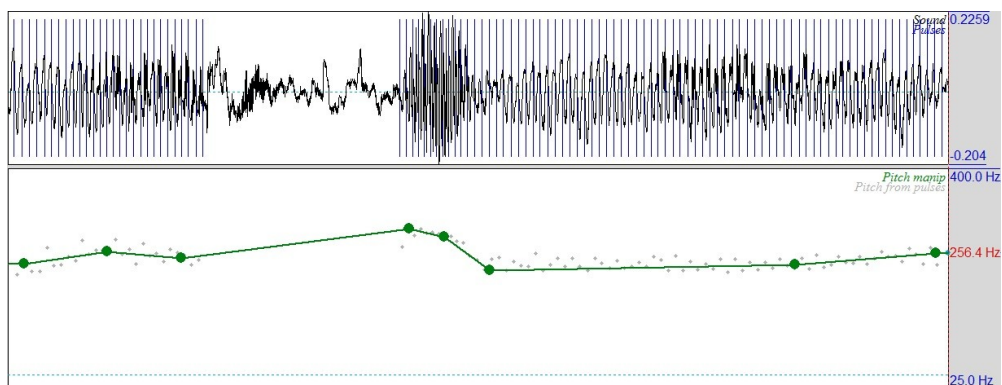


Figura 6.60 – Estilização do Tópico do enunciado (6.26)

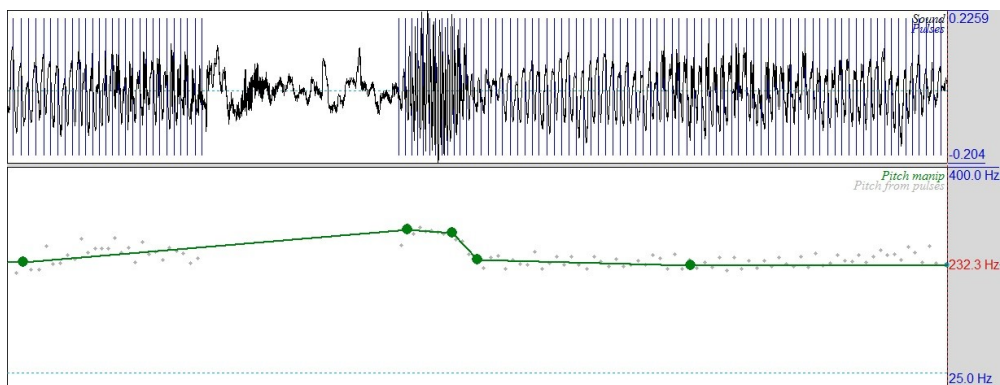


Figura 6.61 – Transformação do movimento ascendente do segundo semi núcleo do Tópico do enunciado (6.26) em um movimento nivelado

Em contrapartida, a transformação do movimento ascendente em um movimento descendente faz com que, em apenas 2 dos 9 casos, a unidade tonal continue sendo claramente interpretada como uma unidade informacional de Tópico. É isso o que acontece com a manipulação do Tópico do exemplo (6.24), como mostram a Figura 6.62 e o áudio 6.24-pnatte03[27]b. Em mais 5 casos, a transformação em movimento descendente gerou uma forma entonacional ambígua, que se assemelha tanto a uma unidade de Tópico de tipo 4 anômalo, quanto a uma unidade de Comentário anômala. Essa situação é ilustrada pela manipulação do Tópico do enunciado (6.25), presente na Figura 6.63 e áudio 6.25-pnatte03[54]b. Por fim, o terceiro resultado obtido com a transformação do movimento ascendente em um movimento descendente foi que a unidade tonal deixasse em absoluto de ser interpretada como uma forma entonacional de Tópico de tipo 4 para ser interpretada como uma forma entonacional ilocucionária, assim como a manipulação de (6.26) – Figura 6.64 e áudio 6.26-pfamcv07[101]b.

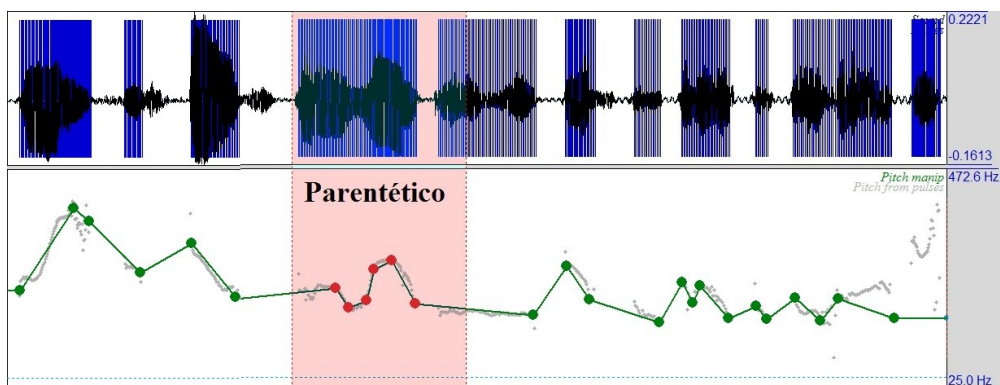


Figura 6.62 – Transformação do movimento ascendente do segundo semi núcleo do Tópico do enunciado (6.24) em um movimento descendente

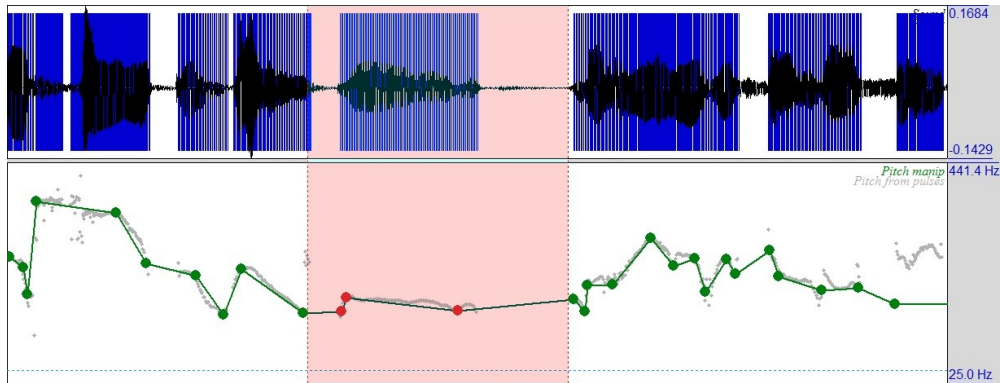


Figura 6.63 – Transformação do movimento ascendente do segundo semi núcleo do Tópico do enunciado (6.25) em um movimento descendente

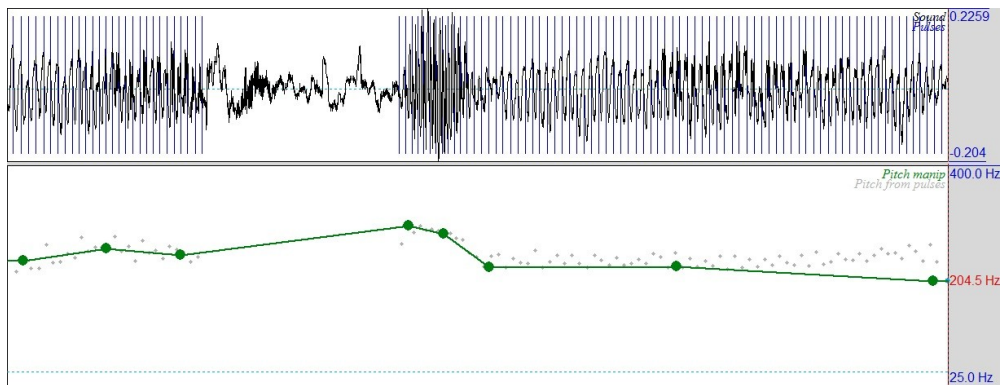


Figura 6.64 – Transformação do movimento do segundo semi núcleo do Tópico do enunciado (6.26) em um movimento descendente

Com base nesses resultados, é seguro afirmar que o parâmetro *movimentos de F0* é importante para a caracterização do segundo semi núcleo do Tópico de tipo 4 de final ascendente, uma vez que, em 10 das 18 manipulações realizadas, a forma entonacional de tipo 4 não foi mantida.

#### 6.1.4.3.1.2 Tópicos de tipo 4 com segundo semi núcleo nivelado

Dos três tipos de movimento finais do segundo semi núcleo do Tópico 4, o movimento nivelado é aquele que pode ser manipulado com mais liberdade sem que unidade tonal deixe de ser interpretada como um Tópico de tipo 4. Foram realizados dois tipos de manipulações em um grupo de 9 Tópicos de tipo 4 com final nivelado. Uma manipulação transformava o movimento nivelado em movimento ascendente e outra manipulação o transformava em

movimento descendente. Os resultados advindos dessas manipulações podem ser vistos na Tabela 6.17.

Tabela 6.17 – Manipulação do movimento de F0 do segundo semi núcleo de Tópicos de tipo 4 com final nivelado

<b>Enunciado</b>	<b>Nivelado → Ascendente</b>	<b>Nivelado → Descendente</b>
pfamdl01[381]	Mantem a forma entonacional	Mantem a forma entonacional
pfamdl06[109]	Mantem a forma entonacional	Mantem a forma entonacional
pfamdl06[159]	Mantem a forma entonacional	Mantem a forma entonacional
pfamcv09[14]	Mantem a forma entonacional	Mantem a forma entonacional
pfamdl06[83]	Mantem a forma entonacional	Mantem a forma entonacional
pfamdl06[197] (segundo Tópico)	Mantem a forma entonacional	Mantem a forma entonacional
pfamdl06[1]	Mantem a forma entonacional	Muda a forma entonacional (Dúvida)
pfamdl06[187]	Mantem a forma entonacional	Muda a forma entonacional (Comentário)
pfamcv09[71]	Mantem a forma entonacional	Muda a forma entonacional (Comentário)

A tabela mostra que um movimento nivelado pode sempre ser transformado em ascendente sem prejuízos à interpretação da forma entonacional. Isso pode ser atestado nas manipulações dos Tópicos dos enunciados (6.27) e (6.28) que transformam o movimento nivelado do segundo semi núcleo em um movimento ascendente. As manipulações encontram-se nos áudios 6.27-pfamcv09[14]a e 6.28-pfamdl06[187]a e as curvas de F0 resultantes das manipulações estão nas Figuras 6.66 e 6.68, a seguir. Mesmo com as manipulações, os Tópicos dos enunciados (6.27) e (6.28) continuam sendo percebidos como Tópicos de tipo 4 bem realizados.

Exemplo (6.27) – pfamcv09

\*CAR: [14] os ditadores /=TOP= querem conquistar //COM=

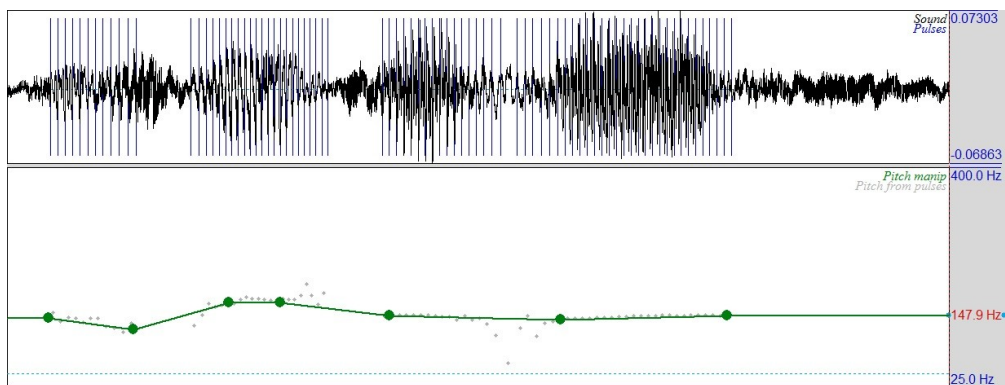


Figura 6.65 – Estilização do Tópico do enunciado (6.27)

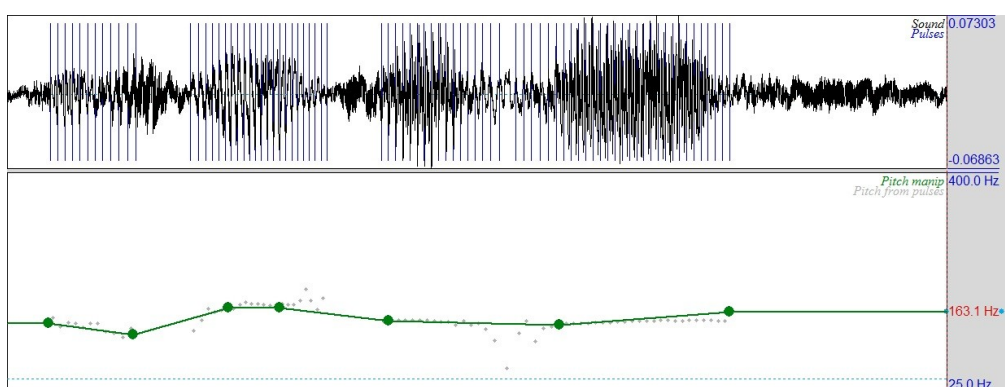


Figura 6.66 – Transformação do movimento do segundo núcleo do Tópico do enunciado (6.27) em um movimento ascendente

Exemplo (6.28) – pfamd106

\*RUI: [187] <montes> de pessoas /=TOP= não vão saber /=COB= o que é que aquilo é  
//=COM=

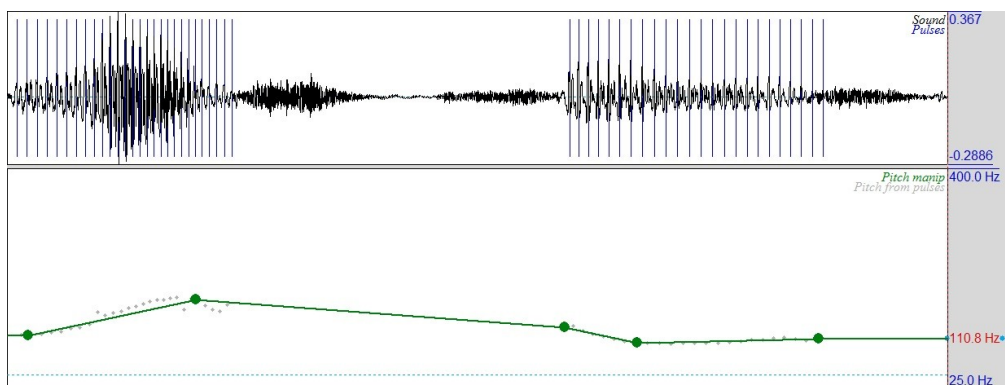


Figura 6.67 – Estilização do Tópico do enunciado (6.28)

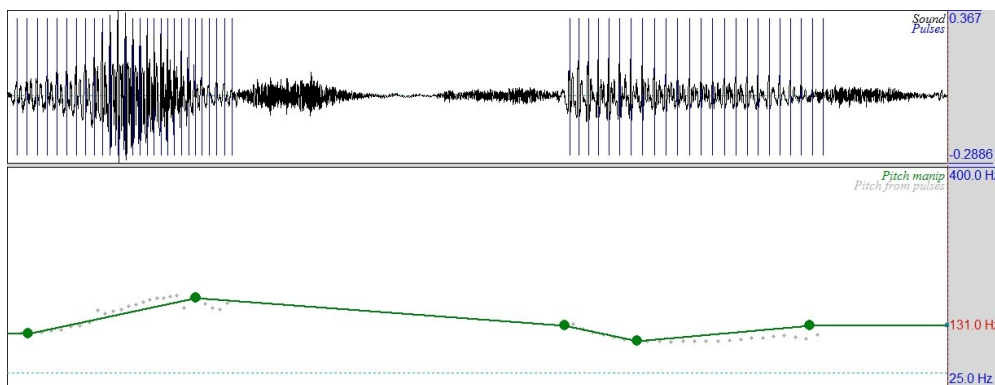


Figura 6.68 – Transformação do movimento nivelado do segundo semi núcleo do Tópico de (6.28) em um movimento ascendente

Quanto à transformação do segundo movimento do semi núcleo em um movimento descendente, o exame dos 9 Tópicos apontou três tendências. A primeira seria a de que o Tópico continua sendo interpretado como um Tópico de tipo 4 bem realizado. O Tópico do enunciado (6.27) comporta-se dessa forma (Figura 6.69 e áudio 6.27-pfamcv09[14]b).

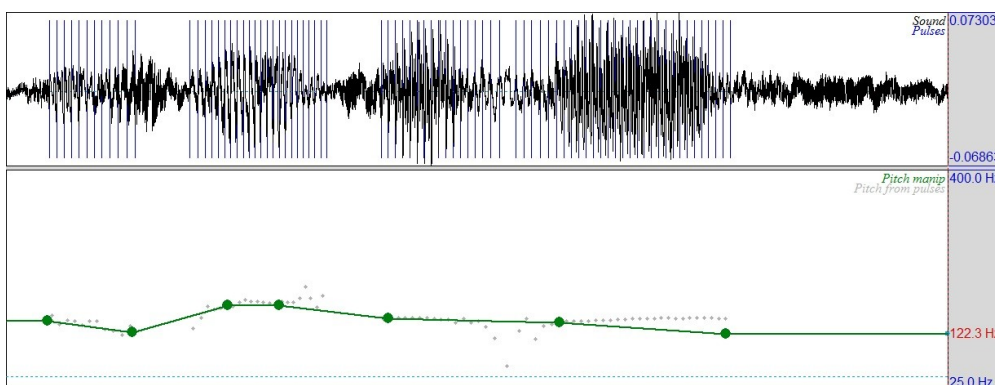


Figura 6.69 – Transformação do movimento nivelado do segundo semi núcleo do Tópico de (6.27) em um movimento descendente

Na segunda tendência, a unidade passa a ser interpretada como sendo uma forma de valor ilocucionário, o que ocorre na manipulação do Tópico de (6.28) – Figura 6.70 e áudio 6.28-pfamdl06[187]b. No caso, a unidade tonal resultante da manipulação parece veicular uma ilocução.

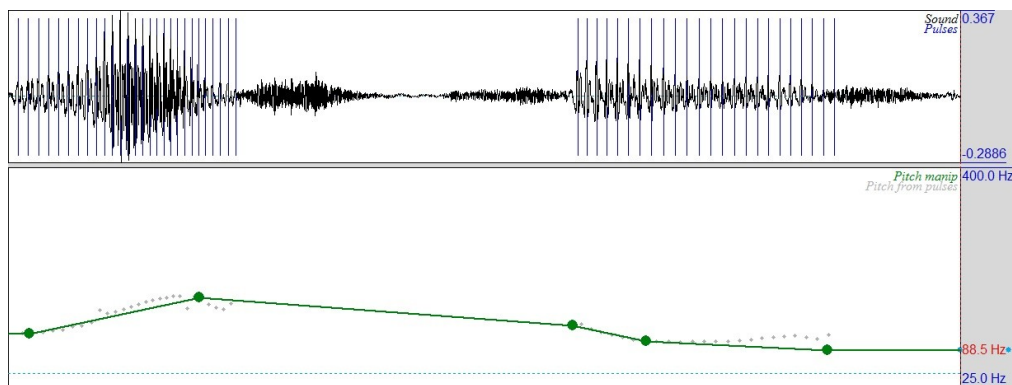


Figura 6.70 – Transformação do movimento nivelado do segundo semi núcleo do Tópico de (6.28) em um movimento descendente

A terceira e última tendência seria que a unidade tonal é percebida de forma ambígua, não sendo possível determinar com exatidão se se trata de uma unidade de Tópico ou de Comentário. Esse é o caso da manipulação do enunciado (6.29), disponível no áudio 6.29-pfamdl06[1] e na Figura 6.72.

Exemplo (6.29) – pfamdl06

\*RUI: [1] os últimos anos /=TOP= não [1] não foram maus //COM=

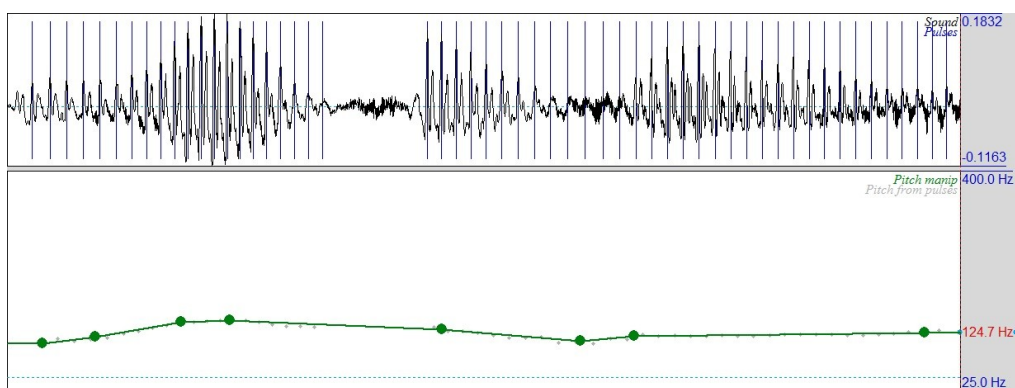


Figura 6.71 – Estilização do Tópico do enunciado (6.29)

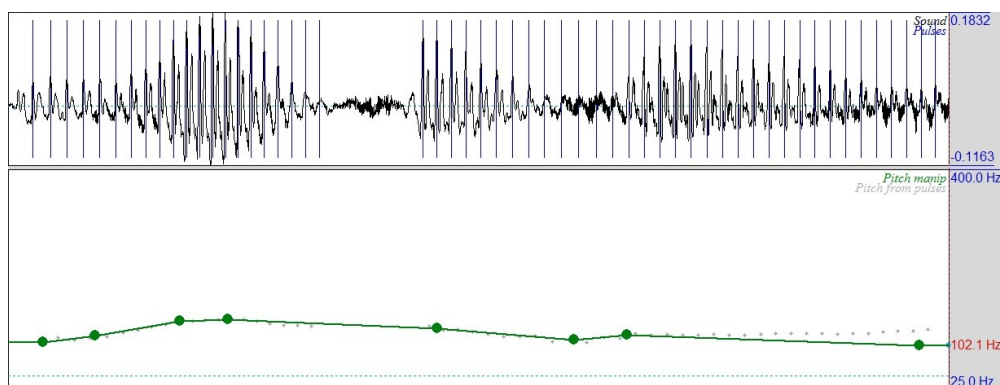


Figura 6.72 – Transformação do movimento nivelado do segundo semi núcleo do Tópico de (6.29) em um movimento ascendente

#### 6.1.4.3.1.3 Tópicos de tipo 4 com segundo semi núcleo descendente

No *subcorpus* de PE, foram identificadas somente três ocorrências de Tópico de tipo 4 com movimento descendente de F0 no segundo semi núcleo. Aqui também foram realizadas manipulações para compreender os efeitos que mudança de direção da F0 do segundo semi núcleo provoca na interpretação da função da unidade informacional. Apesar da baixa incidência de Tópicos de tipo 4 com o segundo semi núcleo descendente, o exame da Tabela 6.18 mostra que, assim como para os Tópicos com o final ascendente, a F0 é um fator prosódico importante para a interpretação de sua função.

Tabela 6.18 – Manipulação do movimento de F0 do segundo semi núcleo de Tópicos de tipo 4 com final descendente

<b>Enunciado</b>	<b>Descendente → Nivelado</b>	<b>Descendente → Ascendente</b>
pfamdl06[75]	Muda a forma entonacional (Escansão)	Muda a forma entonacional (Tópico de tipo 2)
pfamcv09[116]	Muda a forma entonacional (Escansão)	Muda a forma entonacional (Tópico de tipo 2)
pfamcv09[134]	Muda a forma entonacional (Escansão)	Muda a forma entonacional (Tópico de tipo 2)

As manipulações tiveram resultados semelhantes nos três Tópicos analisados, como mostra a Tabela 6.18, os quais serão exemplificados por meio das manipulações do Tópico do enunciado (6.30). O Tópico desse enunciado apresenta um conteúdo locutivo muito pequeno, de modo que a unidade informacional não possui porção de ligação. A Figura 6.73 mostra a estilização do Tópico desse enunciado, destacando o primeiro e o segundo semi núcleos e a porção de preparação.

Exemplo (6.30) – pfamcv09

\*CAR: [116] os alemães /=TOP= como fizeram em todo o lado /=PAR= julgavam que os outros eram /=SCA= eram uma porcaria /=CMM= correu-lhes mal /=CMM= porque /=DCT= depois /=SCA= é que perceberam que /=SCA= eles tinham sido derrotados pelo radar e não /=SCA= tanto pela capacidade militar dos ingleses //CMM=



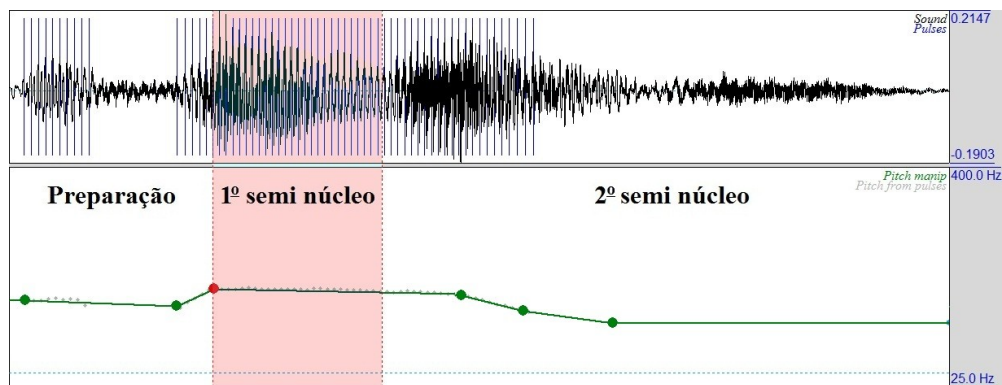


Figura 6.73 – Estilização dos movimentos de F0 do Tópico de (6.30)

Com base na Figura 6.73, percebe-se a existência de dois movimentos relevantes de F0 ao longo da curva melódica do Tópico de (6.30). O primeiro deles localiza-se na porção de preparação do Tópico e o segundo encontra-se em seu segundo semi núcleo. Dessa forma, a transformação do movimento do segundo semi núcleo de um Tópico de tipo 4 descendente em um movimento nivelado faz com que o único movimento presente no Tópico seja aquele da preparação, como mostra a Figura 6.74.

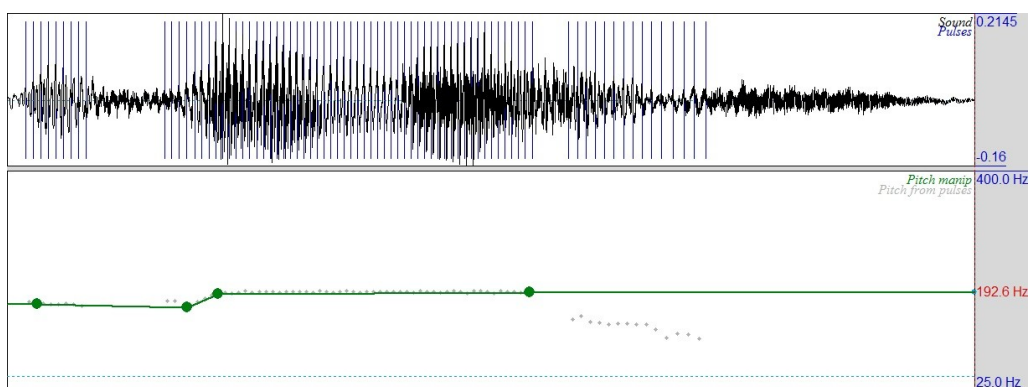


Figura 6.74 - Transformação do movimento descendente do segundo semi núcleo do Tópico de (6.30) em um movimento nivelado

Por conseguinte, a curva melódica resultante dessa manipulação é perceptualmente muito diferente da curva melódica original e não é associada a nenhuma forma entonacional de Tópico. Além disso, as características prosódicas resultantes dessa manipulação (um movimento ascendente ao início da unidade seguido de um movimento plano sem alongamento em nenhuma de suas sílabas) gera uma unidade tonal desprovida de função no padrão informacional. Em outras palavras, o nivelamento do movimento de F0 do segundo núcleo de um Tópico de tipo 4 com final descendente faz com a unidade tonal seja

interpretada como uma unidade de Escansão, sem valor informacional, ou como uma disfluência.

A mesma situação se verifica com a manipulação do Tópico de (6.31), a qual pode ser ouvida no áudio 6.31-pfamdl06[75]a.

Enunciado (6.31) – pfamdl06

\*RUI: [75] e então /=DCT= esse cartão /=TOP= dava acesso directo ||=COM=

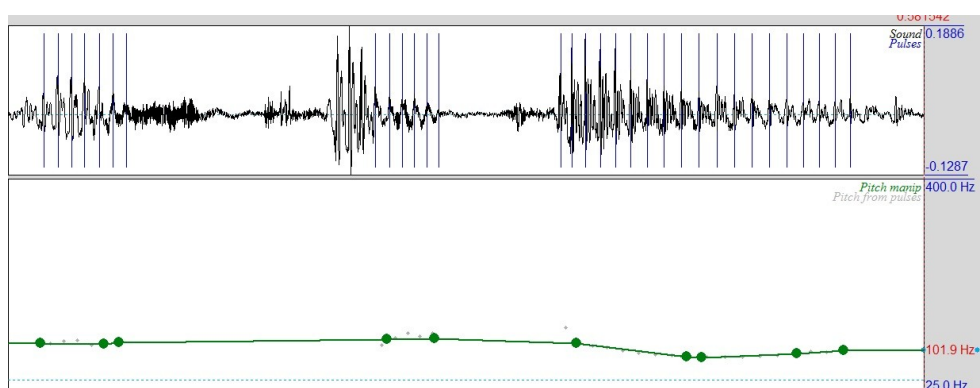


Figura 6.75 – Estilização do Tópico do enunciado (6.31)

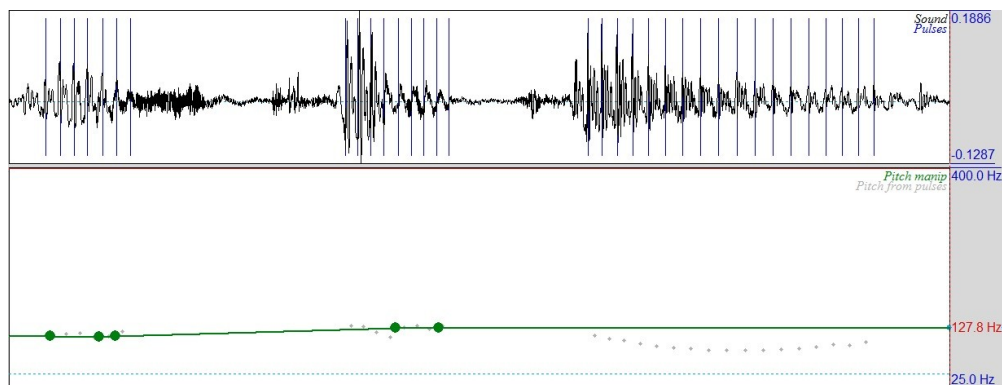


Figura 6.76 – Transformação do movimento descendente do segundo semi núcleo do Tópico de (6.31) em um movimento nivelado

Já a transformação do movimento descendente do segundo semi núcleo de (6.30) e de (6.31) em um movimento ascendente parece simular, em ambos os casos, Tópicos de tipo 2 anômalos (áudios 6.30-pfamcv09[116]b e 6.31-pfamdl06[75]b). Isso ocorre porque, nesses casos, a transformação do movimento do segundo semi núcleo em um movimento ascendente faz com que, necessariamente, o pico de F0 de todo o Tópico seja transferido para a última

sílaba tônica, assim como na forma entonacional de tipo 2. Em outras palavras, o nivelamento do movimento descendente de F0 nos Tópicos de tipo 4 com final descendente faz com que não seja mais possível distinguir os semi núcleos do Tópico, os quais são vistos como um só núcleo.

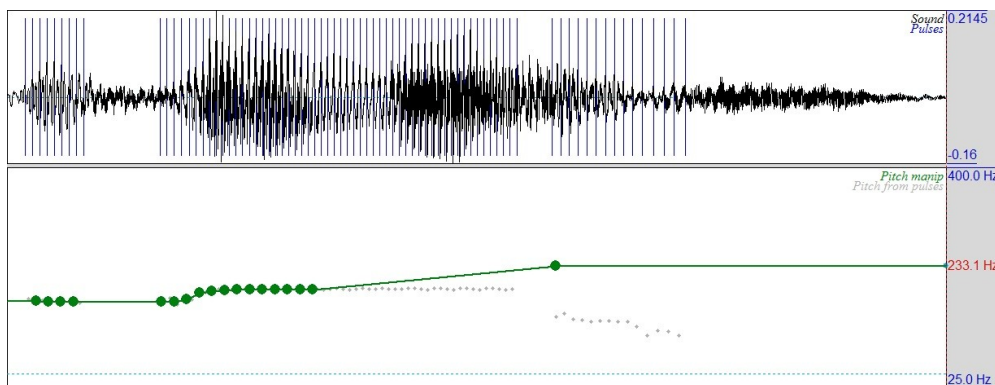


Figura 6.76a – Transformação do movimento descendente do segundo semi núcleo do Tópico de (6.30) em um movimento ascendente

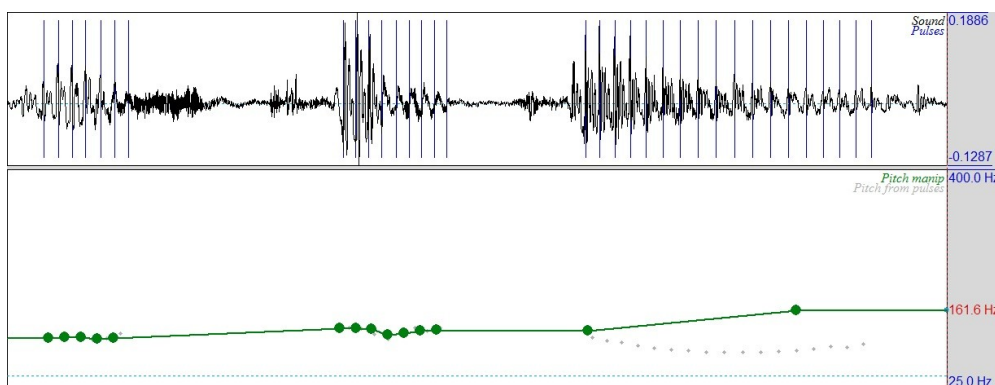


Figura 6.77 – Transformação do movimento descendente do segundo semi núcleo do Tópico de (6.31) em um movimento ascendente

Dessa forma, o parâmetro prosódico *movimentos de F0* mostra-se relevante para a atribuição da função à forma entonacional de tipo 4 com final descendente e sem porção de ligação justamente porque é esse movimento que marca a divisão entre o primeiro e o segundo semi núcleos da forma entonacional. No entanto, a importância dos movimentos de F0 para segundo núcleo dos Tópicos de tipo 4 com final ascendente continua ainda uma questão em aberto por insuficiência dos dados.

#### 6.1.4.3.1.4 Tópicos de tipo 4 com segundo semi núcleo descendente-ascendente

A busca no *subcorpus* de PE revelou ainda dois casos peculiares da forma entonacional de Tipo 4, cujo segundo semi núcleo possui um movimento ascendente-descendente. São eles os Tópicos dos exemplos (6.32) e (6.33). O movimento ascendente localiza-se na última sílaba tônica do núcleo, e o movimento ascendente na pós-tônica que se segue. Observem-se os exemplos.

Exemplo (6.32) – pnatte03

\*MAR: [81] mas /=DCT= de qualquer modo /=TOP= não é /=SCA= uma acção nuclear //COM=

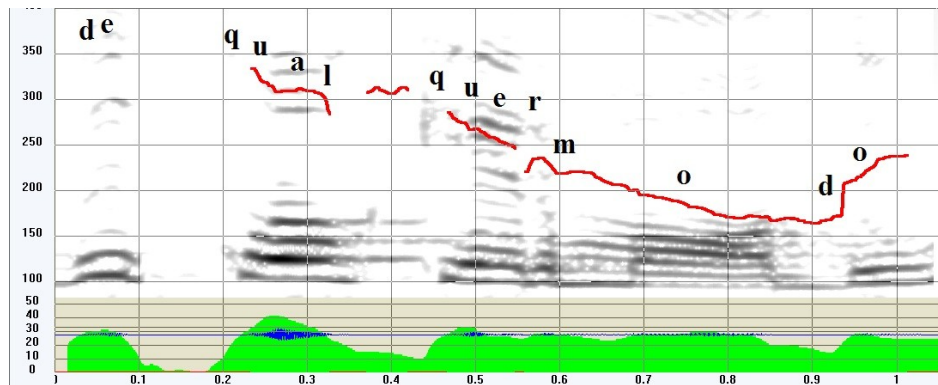


Figura 6.78 – Tópico do enunciado (6.32)

Exemplo (6.33) – pfamd101

\*LUI: [381] um miúdo de três anos /=TOP= manifesta /=SCA= de facto /=SCA= &hum /=TMT= &eh /=TMT= atitudes /=COB= que merecem um respeito /=COB= que às vezes /=SCA= uma pessoa não se dá conta //COM=

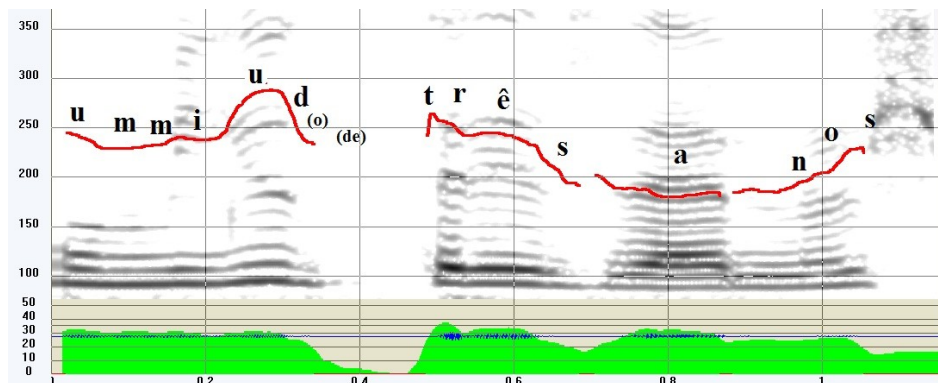


Figura 6.79 – Tópico do enunciado (6.33)

Tanto no enunciado (6.32) quanto no (6.33), a planificação do movimento ascendente na postônica final faz com que a unidade tonal não traz prejuízos à interpretação da forma entonacional, que continua sendo vista como uma forma de tipo 4. As manipulações podem ser ouvidas nos áudios 6.32-pnatte03[81]a e 6.33\_pfamdl01[381]a.

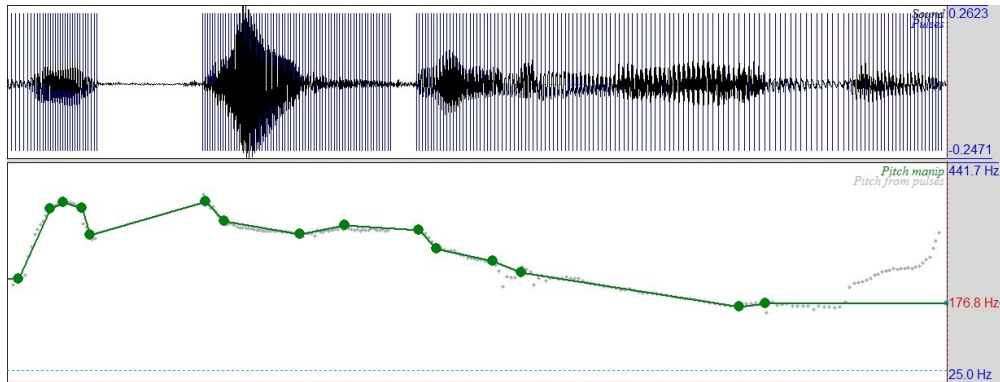


Figura 6.80 – Nivelamento do movimento ascendente da postônica do segundo semi núcleo de (6.32)

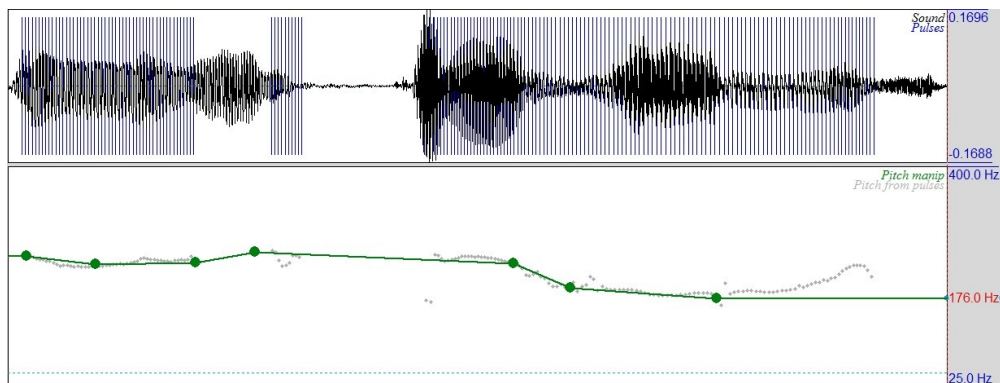


Figura 6.81 – Nivelamento do movimento ascendente da postônica do segundo semi núcleo de (6.33)

O nivelamento de todo o segundo semi núcleo (ou seja, do movimento descendente da tônica e do ascendente da postônica) faz com que o Tópico do exemplo (6.32) seja interpretado como uma forma de tipo 4 anômala, enquanto, para o Tópico de (6.33), não traz grandes prejuízos à interpretação da forma entonacional (áudios 6.32-pnatte03[81]b e 6.33-pfamdl01[381]b).

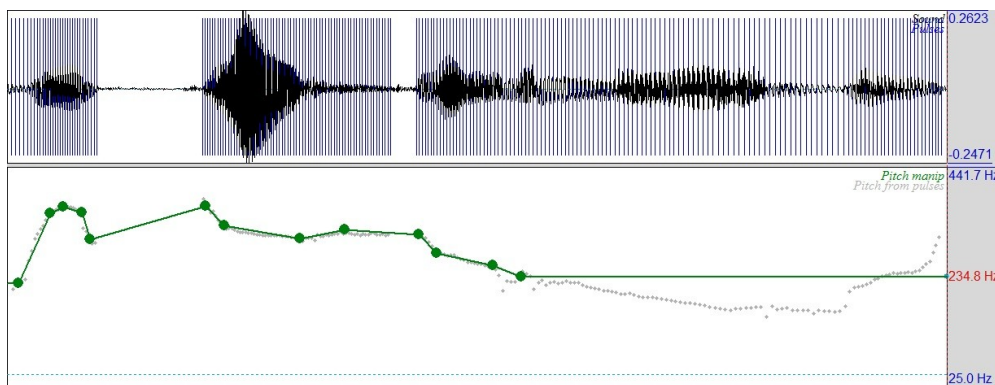


Figura 6.82 – Nivelamento do movimento ascendente da tônica e da postônica do segundo semi núcleo de (6.32)

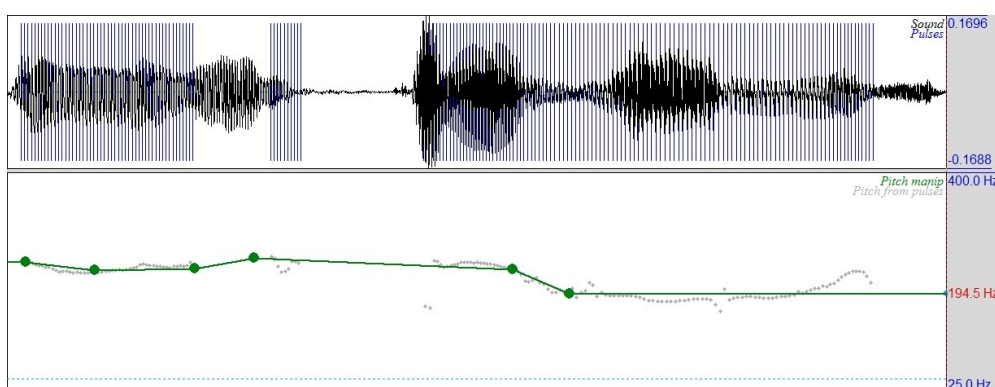


Figura 6.83 – Nivelamento do movimento ascendente da tônica e da postônica do segundo semi núcleo de (6.33)

Em princípio, devido a quantidade escassa de exemplos para análise e visto que o primeiro semi núcleo é idêntico ao dos demais casos do Tópico de tipo 4, esses Tópicos serão tratados como uma sub forma da forma entonacional de tipo 4 e não como uma forma entonacional diferente.

#### 6.1.4.3.2 Duração

O segundo semi núcleo da forma entonacional de tipo 4 é marcado pelo alongamento sistemático da última sílaba tônica da unidade informacional de Tópico. Nas paroxítonas, a postônica pode ou não ser alongada. Essa característica será melhor explorada na subseção dedicada ao alinhamento entre as sílabas e os parâmetros prosódicos do segundo semi núcleo.

A importância do alongamento para o segundo semi núcleo da forma entonacional de Tópico de tipo 4 foi comprovada por meio da realização de manipulações que reduziam a duração das

sílabas tônicas e postônicas para uma duração equivalente a de sílabas tônicas e postônicas não alongadas presentes no mesmo Tópico. As manipulações foram feitas separadamente nos Tópicos de final ascendente, nivelado, descendente e descendente-ascendente para observar se os resultados variavam em função dos diferentes tipos de movimento.

#### 6.1.4.3.2.1 A duração em Tópicos de tipo 4 com final ascendente

Os resultados das manipulações nos Tópicos de tipo 4 com movimento final ascendente podem ser vistos na Tabela 6.19.

Tabela 6.19 – Eliminação do alongamento da tônica e eventuais postônicas de Tópicos de tipo 4 com segundo semi núcleo ascendente

<b>Enunciado</b>	<b>Com alongamento → Sem alongamento</b>
pfamcv07[25]	Mantem integralmente a forma entonacional
pfamcv07[213]	Mantem integralmente a forma entonacional
pnatte03[54] (segundo Tópico)	Mantem a forma entonacional
pnatte03[14] (segundo Tópico)	Mantem a forma entonacional
pnatte03[27] (primeiro Tópico)	Altera a forma entonacional (anômala)
pnatte03[54] (primeiro Tópico)	Altera a forma entonacional (anômala)

A Tabela 6.19 mostra que a eliminação do alongamento das sílabas tônicas e postônicas do segundo semi núcleo fez com que, em apenas 2 dos 6 dos casos analisados, a unidade tonal deixasse de ser interpretada como uma forma entonacional de Tópico de tipo 4.

Ainda, com relação aos Tópicos dos enunciados pfamcv07[25] e pfamcv07[213], verifica-se uma situação particularmente interessante e inédita em relação a todas as manipulações realizadas até então nesse trabalho: a eliminação do alongamento da tônica causa uma diferença de percepção muito pequena entre o Tópico original e o Tópico manipulado. Ou seja, comparando as duas versões do Tópico, não é evidente qual dos dois arquivos é o original e qual foi manipulado. Naturalmente, a diferença é percebida em uma observação cuidadosa ou quando os parâmetros prosódicos são analisados.

Em (6.34), a sílaba tônica do segundo semi núcleo (a sílaba fonética “lágres” de “Milágres”) tem a duração de 0.323s. Na manipulação do áudio 6.34-pfamcv07[213]a, a duração dessa

sílaba foi reduzida para 0.239s, comparável à tônica da palavra “Porto”, presente no primeiro semi núcleo desse Tópico. A Figura 6.84 ilustra a eliminação do alongamento.

Enunciado (6.34) – pfamcv07

\*JOS: [213] no "Porto dos Milagres" /=TOP= reparou que ninguém fuma //=COM=

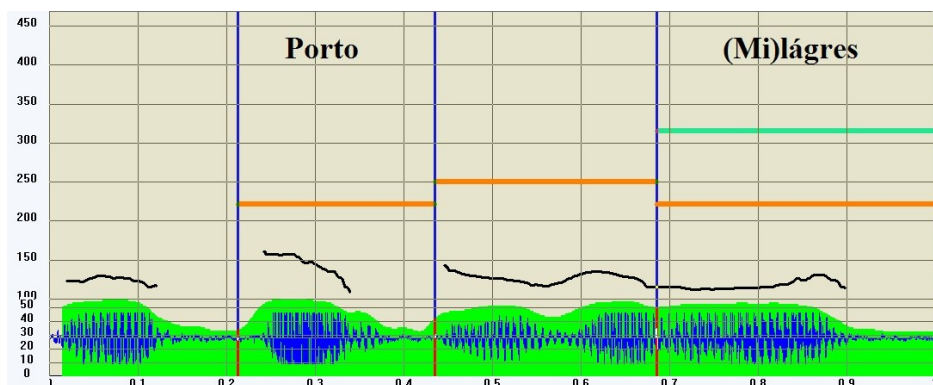


Figura 6.84 – Redução da duração da tônica do segundo semi núcleo do Tópico do enunciado (6.34)

Tabela 6.20 – Medidas prosódicas do Tópico de (6.34)

pfamcv07[213]	no	Por (to)	dos	mi	la gr(es)
Duração silábica	0.127	<b>0.239</b>	0.190	0.122	<b>0.323</b>
Duração vocálica	0.065	0.075	0.045	0.061	0.147
F0 mínima	110.8	109.6	117.8	116.3	113.3
F0 máxima	131.1	158.1	160.0	136.2	132.6
Db mínimo	84.0	69.4	68.7	79.3	67.3
Db máximo	91.1	92.3	87.4	90.3	88.8

O Tópico de (6.35) também se comporta da mesma forma.

Enunciado (6.35) – pfamcv07

\*MAR: [25] eu acho que o problema aqui /=TOP= é a burocratização //=COM=



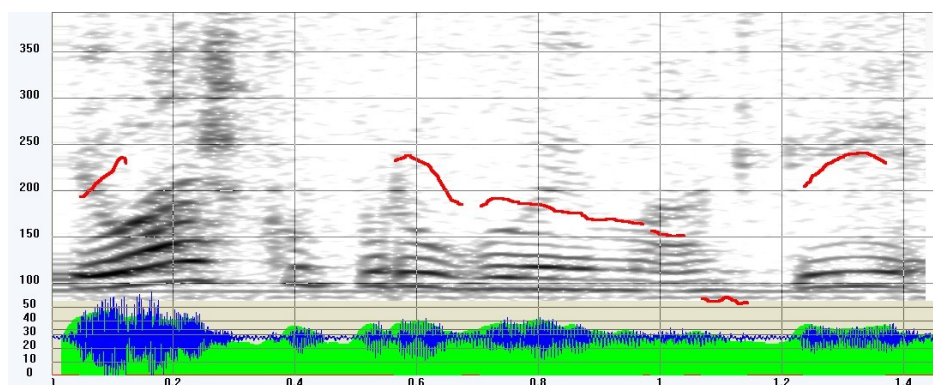


Figura 6.85 – Tópico do enunciado (6.35)

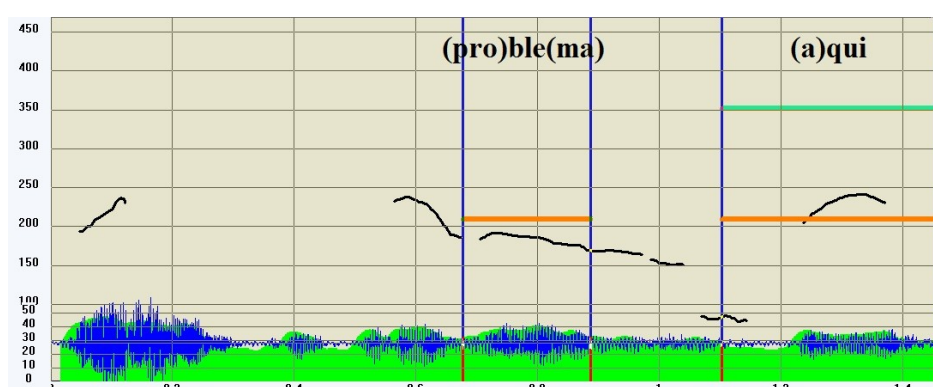


Figura 6.86 – Redução da duração da tônica do segundo semi núcleo do Tópico do enunciado (6.35)

Tabela 6.21 – Medidas prosódicas do Tópico de (6.35)

pfamcv07[25]	eu	a ch(o)	q(ue) o	pro	ble	ma a	qui
Duração silábica	0.126	0.224	0.079	0.251	0.216	0.205	0.351
Duração vocálica	0.091	0.124	0.040	0.097	0.131	0.127	0.364
F0 mínima	248.5	329.6	293.1	250.2	193.4	172.4	241.9
F0 máxima	200.9	248.5	244.7	185.8	168.5	152.2	148.7
Db mínimo	70.4	58.5	61.9	59.1	68.4	64.0	59.2
Db máximo	82.9	80.1	72.3	75.7	76.0	69.0	73.2

Nos outros dois casos analisados (o primeiro Tópico dos enunciados pnatte03[27] e pnatte03[54]), a redução da duração da tônica do segundo semi núcleo fez com que a unidade tonal fosse interpretada como um Tópico de tipo 4 realizado de forma anômala. Veja-se o primeiro Tópico do enunciado (6.36), disponível no áudio 6.36-pnatte03[54].

Exemplo (6.36) – pnatte03

\*MAR: [54] **mas neste caso /=TOP=** o tempo da /=SCA= &eh /=TMT= da realização da

acção /=TOP= corresponde ao tempo /=COB= &eh /=TMT= que está na história //COM=

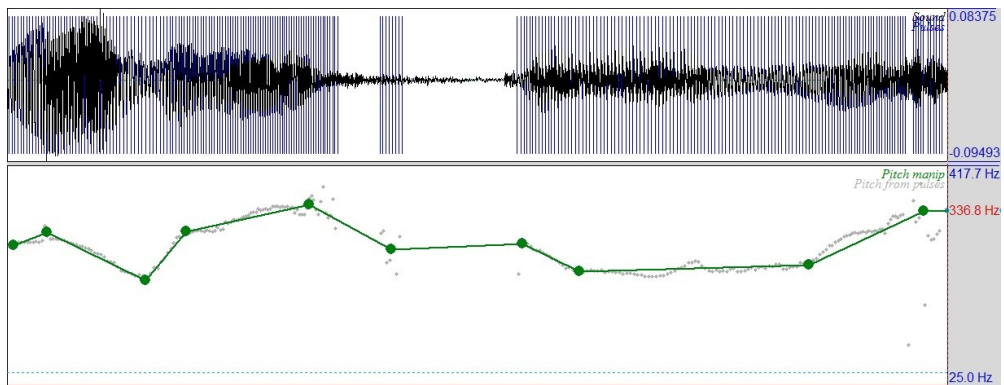


Figura 6.87 – Estilização do segundo Tópico do enunciado (6.36)

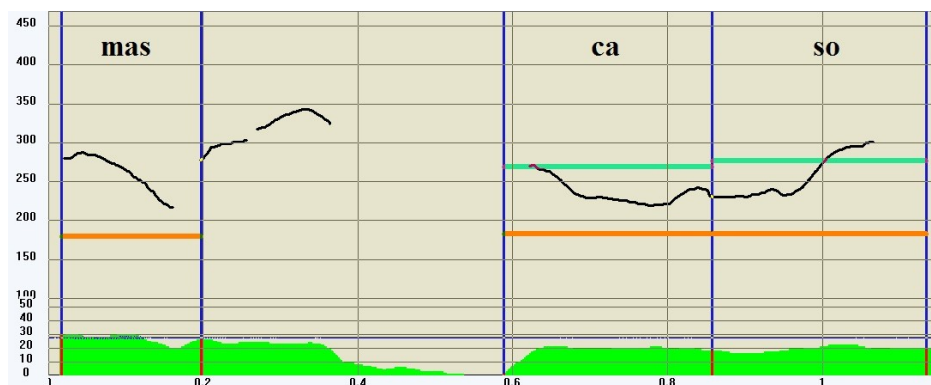


Figura 6.88 – Redução da duração da tônica do segundo semi núcleo do segundo Tópico do enunciado (6.36)

Tabela 6.22 – Medidas prosódicas do Tópico do enunciado (6.87)

<b>pnatte03[54]1</b>	<b>mas</b>	<b>nest(e)</b>	<b>ca</b>	<b>so</b>
Duração silábica	0.182	0.359	0.314	0.290
Duração vocálica	0.077	0.107	0.217	0.097
F0 mínima	209.7	234.5	218.9	227.9
F0 máxima	303.8	360.3	276.6	328.7
Db mínimo	55.2	36.6	31.4	52.1
Db máximo	66.9	62.9	57.8	58.4

#### 6.1.4.3.2.2 A duração em Tópicos de tipo 4 com final nivelado

As manipulações da duração do segundo semi núcleo de Tópicos de tipo 4 de final nivelado influenciaram de forma significativa a interpretação da maior parte das unidades tonais manipuladas. Os resultados podem ser apreciados na Tabela 6.23.

Tabela 6.23 – Eliminação do alongamento da tônica e eventuais postônicas de Tópicos de tipo 4 com segundo semi núcleo nivelado

<b>Enunciado</b>	<b>Com alongamento → Sem alongamento</b>
pfamcv09[14]	Altera a forma entonacional (anômala)
pfamcv09[71]	Altera a forma entonacional (anômala)
pfamdl06[83]	Muda a forma entonacional (dúvida)
pfamdl06[147]	Muda a forma entonacional (dúvida)
pfamdl06[159]	Muda a forma entonacional (dúvida)
pfamdl06[197]	Muda a forma entonacional (dúvida)

Nos testes com Tópicos de tipo 4 de final nivelado, todas as manipulações causaram diferença significativa de percepção e de interpretação em relação aos Tópicos originais. Como mostra a Tabela 6.23, dois dos Tópicos manipulados (do enunciados pfamcv09[14] e pfamdl09[71]) continuam sendo interpretados como unidades informacionais de Tópico de tipo 4, mas realizados de forma anômala.

O Tópico de (6.37) é um expoente dessa tendência. Com a sua manipulação (áudio 6.37\_pfamcv09[14]c), o falante é capaz de interpretar a unidade tonal como uma forma entonacional de tipo 4, mas fica evidente que a mesma foi concluída de forma abrupta. Ou seja, a diferença perceptual atestada pelo falante faz com que, no plano da interpretação, a unidade seja vista uma forma entonacional de tipo 4 anômala. Nesse caso, o contexto prosódico e semântico em que a unidade tonal se insere é um elemento decisivo para a identificação da função da unidade tonal.

Exemplo (6.37)<sup>94</sup> – pfamcv09

\*CAR: [14] os ditadores /=TOP= querem conquistar //COM=

94 Esse exemplo contém o mesmo Tópico de (6.27).

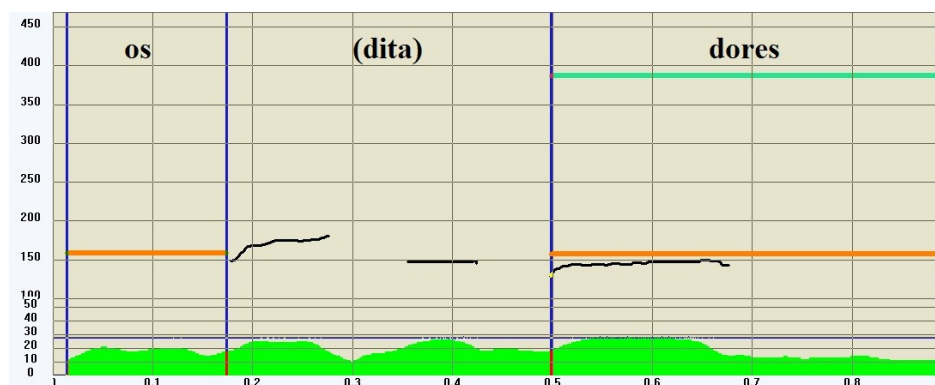


Figura 6.89 – Redução da duração da tônica do segundo semi núcleo do segundo Tópico do enunciado (6.37)

Tabela 6.24 – Medidas prosódicas do Tópico do enunciado (6.37)

pfamcv09[14]	os	di	ta	do r(e)s
Duração silábica	0.147	0.160	0.157	0.423
Duração vocálica	0.086	0.104	0.104	0.162
F0 mínima	125.6	145.6	139.7	137.5
F0 máxima	143.1	181.0	148.1	148.2
Db mínimo	54.2	50.4	49.2	49.1
Db máximo	56.1	60.8	62.1	63.7

As manipulações dos demais Tópicos de segundo núcleo nivelado (pfamdl06[83], pfamdl06[147], pfamdl06[159], pfamdl06[197]) causaram uma diferença tal, ouvindo-as em isolamento, a unidade tonal parece ser interpretada principalmente como uma forma entonacional ilocucionária ou como uma forma de Tópico 4 anômala – o que pode ser atestado no exemplo (6.38). Nesse exemplo, o segundo núcleo é formado pela palavra “aquilo”, vogal átona “o” sofre apócope. Assim, as duas últimas sílabas são pronunciadas como uma só sílaba fonética fonética, com a duração de 0.396s. Na manipulação (áudio 6.38-pfamdl06[159]b), a duração dessa sílaba foi reduzida para 0.105s, comparável à tônica da palavra “organizou”, que se encontra na porção de ligação do Tópico. Em (6.38), a manipulação da duração faz com que a unidade tonal tenda a ser interpretada como uma forma entonacional ilocucionária.

Exemplo (6.38) – pfamdl06

\*RUI: [159] só que quem organizou aquilo /=TOP= pôs /=INT= &ah /=TMT= noite de fado /=COB= no pavilhão /=COB= tatata //COM=

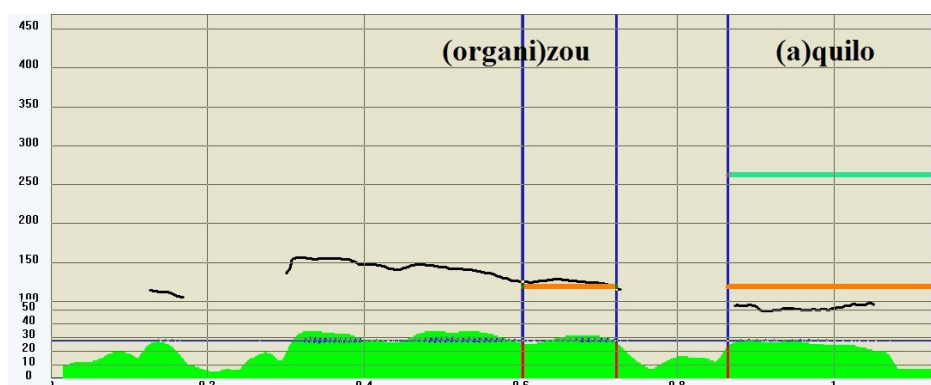


Figura 6.90 – Redução da duração da tônica do segundo semi núcleo do segundo Tópico do enunciado (6.38)

Tabela 6.25 – Medidas prosódicas do Tópico do enunciado (6.38)

pfamd106[159]	só q(ue)	que(m)	or	ga	(n)i	zo(u)	a	quil(o)
Duração silábica	0.179	0.169	0.111	0.088	0.041	0.105	0.041	0.396
Duração vocálica	0.045	0.028	0.047	0.064	0.041	0.041	0.041	0.090
F0 mínima	109.4	155.5	142.2	139.8	129.3	124.2	119.0	89.1
F0 máxima	114.1	158.1	155.5	147.3	139.8	129.7	124.2	96.4
Db mínimo	48.7	41.8	62.6	66.2	65.6	61.9	61.6	45.4
Db máximo	61.8	70.1	69.5	70.1	69.2	67.4	66.7	63.7

Considerando os efeitos registrados com a manipulação da duração das sílabas tônicas e postônicas de Tópicos de tipo 4 de final nivelado, conclui-se que esse parâmetro prosódico mostra-se relevante para a identificação adequada da função da unidade tonal, podendo mudar a interpretação da unidade tonal caso seja alterado.

#### 6.1.4.3.2.3 A duração em Tópicos de tipo 4 com final descendente

Foram realizadas manipulações de duração nos três Tópicos de tipo 4 com segundo semi núcleo descendente encontrados, cujos resultados estão na Tabela 6.26.

Tabela 6.26 – Eliminação do alongamento da tônica e eventuais postônicas de Tópicos de tipo 4 com segundo semi núcleo descendente

Enunciado	Com alongamento → Sem alongamento
pfamcv09_134	Muda a forma entonacional (dúvida)
pfamcv09_116	Muda a forma entonacional (ilocução)

Nos três casos, a redução do alongamento do segundo semi núcleo da tônica e das eventuais postônicas causa uma grande diferença de percepção em relação aos áudios originais. A identificação da função informacional é comprometida nos três Tópicos, em dois níveis. No caso de (6.39), a redução da tônica e da postônica de 0.321s e 0.244s para 0.195s faz com que a unidade tonal seja interpretada como uma unidade informacional de Tópico de tipo 4 anômala ou como uma unidade de Comentário anômala (áudio 6.39-pfamcv09[134]a).

Exemplo (6.39)<sup>95</sup> – pfamdl09

\*CAR: [134] de repente /=TOP= os aviões param /=SCA= no radar /=COB= e aparecem não &s /=SCA= &on /=EMP= onze mil aviões no radar //COM=

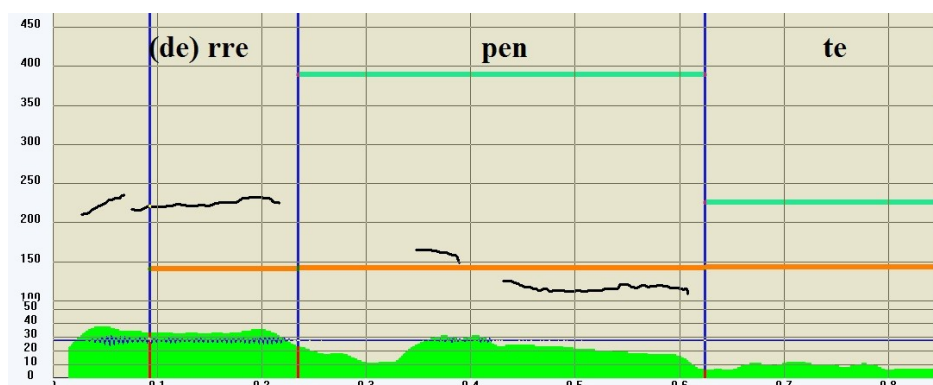


Figura 6.91 – Redução da duração da tônica e da postônica do segundo semi núcleo do Tópico do enunciado (6.39)

Tabela 6.27 – Descrição prosódica do Tópico do enunciado (6.39)

pfamcv09[134]	de	rre	pen t(e)
Duração silábica	0.101	0.195	0.556
Duração vocálica	0.062	0.150	0.244
F0 mínima	197.7	170.0	113.2
F0 máxima	234.4	233.7	166.7
Db mínimo	69.6	52.0	42.8
Db máximo	72.6	70.6	66.1

Já o exame das manipulações unidades tonais dos outros dois enunciados (pfamcv09[116] e

<sup>95</sup> Esse exemplo é o mesmo de (6.17).

pfamd106[75]) em isolamento leva à interpretação das mesmas como formas entonacionais de valor ilocucionário. Veja-se o exemplo de (6.40), na Figura 6.92 e áudio 6.40-pfamd106[75]a. Nele, a duração da tônica foi diminuída de 0.311s para 0.161s, comparável ao pronome tônico “esse” no primeiro semi núcleo do Tópico.

Exemplo (6.40)<sup>96</sup> – pfamd106

\*RUI: [75] e então /=DCT= esse cartão /=TOP= dava acesso directo //COM=

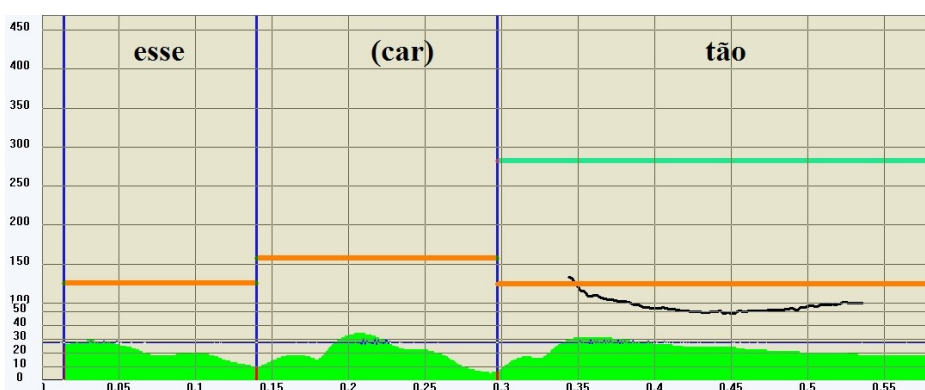


Figura 6.92 – Redução da duração da tônica e da postônica do segundo semi núcleo do Tópico do enunciado (6.40)

Tabela 6.28 – Descrição prosódica do Tópico do enunciado (6.40)

pfamd106[75]	ess(e)	car	tão
Duração silábica	0.161	0.109	0.311
Duração vocálica	0.069	0.039	0.226
F0 mínima	113.1	119.6	88.9
F0 máxima	116.2	130.5	113.5
Db mínimo	49.0	52.4	45.1
Db máximo	62.4	68.6	67.2

Por outro lado, valendo-se do contexto em que se insere (ou seja, ouvindo-a com a unidade informacional de Comentário subsequente) é possível interpretar a manipulação de (6.40) como uma unidade informacional de Tópico. Ainda assim, ela seria interpretada como uma forma extremamente extremamente anômala em relação à forma canônica de Tópico de tipo 4 com final descendente, a qual pressupõe o alongamento.

<sup>96</sup> Esse exemplo é o mesmo de (6.31).

Com base nessas manipulações, é seguro afirmar que o alongamento do último semi núcleo da unidade informacional de Tópico de final descendente é um fator prosódico decisivo para a interpretação adequada de toda a unidade, sem o qual a unidade tonal pode se assemelhar à forma prosódica ilocucionária.

#### 6.1.4.3.3 Intensidade

A falta de instrumentos que permitam a manipulação da intensidade de um sinal sonoro fez com que esse parâmetro prosódico não pudesse ser testado da mesma forma que os demais. No entanto, a localização dos picos de intensidade nos diversos Tópicos analisados, bem como a análise dos valores gerais desse parâmetro, permitem fazer considerações sobre o modo com que o mesmo atua na forma entonacional de Tópico de tipo 4.

Para tal fim, foi elaborada a Tabela 6.29, que mostra, para cada Tópico de tipo 4, (a) a localização do pico de intensidade e (b) a intensidade no semi núcleo que não carrega o pico de intensidade, segundo a classificação entre “intensidade alta” ou “intensidade mediana”. A “intensidade alta” refere-se aos casos que, embora o semi núcleo não apresente o pico de intensidade, esse parâmetro chega a valores semelhantes ao do pico. A “intensidade mediana” corresponde aos demais casos. Ressalta-se que essa medição foi feita de forma aproximativa e pode ser tomada, portanto, apenas como um indicativo geral da intensidade nos Tópicos.

Tabela 6.29 – Localização do pico de intensidade

<b>Intensidade nos semi núcleos</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Enunciados</b>
<b>Primeiro semi núcleo: pico de intensidade</b> Segundo semi núcleo: intensidade alta	4	pfamd106[75], pfamd106[148] (segundo Tópico), pfamd106[109], pfamcv09[116]
<b>Primeiro semi núcleo: pico de intensidade</b> Segundo semi núcleo: intensidade mediana	20	pnatte03[14] (primeiro Tópico), pnatte03[14] (segundo Tópico), pnatte03[27] (primeiro Tópico), pnatte03[27] (segundo Tópico), pnatte03[54] (segundo Tópico), pnatte03[58], pnatte03[76] (segundo Tópico), pnatte03[81], pnatte03[96], pfamd101 [420], pfamd101[555], pfamd106[1], pfamd106[83],



		pfamdl06[148](primeiro Tópico), pfamdl06[159], pfamdl06[187], pfamcv07[25], pfamcv07[213], pfamcv09[127], pfamcv09[134]
Primeiro semi núcleo: intensidade alta <b>Segundo semi núcleo: pico de intensidade</b>	9	pnatte03[1], pnatte03[21], pnatte03[34], pnatte03[51], pnatte03[62], pfamcv01[381], pfamcv06[66], pfamdl09[14], pfamdl09[71]
Primeiro semi núcleo: intensidade mediana <b>Segundo semi núcleo: pico de intensidade</b>	3	pfamcv06[197], pfamdl07[101], pfamdl09[128]
Primeiro semi núcleo: intensidade alta Segundo semi núcleo: intensidade mediana <b>Pico de intensidade: fora dos semi núcleos</b>	2	pnatte03[54] (primeiro Tópico), pfamdl06[147]
<b>Primeiro semi núcleo: pico de intensidade</b> <b>Segundo semi núcleo: pico de intensidade</b>	1	pfamcv07[28]

O exemplo (6.41) ilustra como primeiro semi núcleo desse enunciado possui “intensidade alta” apesar do pico de intensidade estar localizado no segundo semi núcleo. A Figura 6.93 mostra as curvas de F0 e de intensidade do Tópico do exemplo (6.41), onde a curva de intensidade corresponde às linhas contínuas e a curva de F0 às linhas fragmentadas. Os semi núcleos são marcados com a forma retangular, enquanto o pico de intensidade é marcado pela forma oval. A Tabela 6.30 mostra as características prosódicas desse Tópico, evidenciando os valores máximos de intensidade do primeiro e do segundo semi núcleos (66.7 Db e 67.1 Db, respectivamente).

Exemplo (6.41) – pnatte03

\*MAR: [1] notem que /=INT= o que ele está a fazer /=TOP= é uma teorização da narrativa //COM=

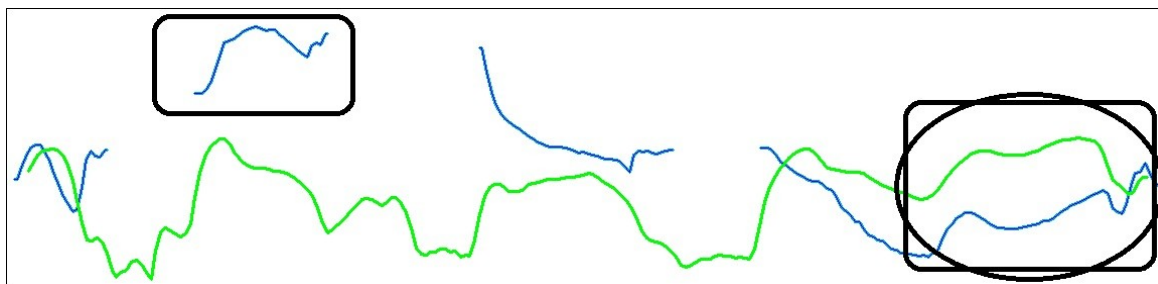


Figura 6.93 – Tópico do enunciado (6.41)

Tabela 6.30 – Descrição prosódica do Tópico do enunciado (6.41)

pnatte03[01]	o	que el(e)	(e)stá a	fa	zer
Duração silábica	0.081	0.258	0.351	0.214	0.358
Duração vocálica	0.081	0.084	0.163	0.075	0.144
F0 mínima	217.6	325.7	260.0	228.6	178.8
F0 máxima	277.1	383.1	367.6	276.1	254.2
Db mínimo	43.9	34.5	38.1	36.8	53.4
Db máximo	60.0	66.7	58.4	63.7	67.1

O pico de intensidade da forma entonacional de Tópico de tipo 4 encontra-se, tendencialmente, no primeiro semi núcleo, na mesma sílaba do pico de F0 ou próximo a ela. Dos 39 Tópicos analisados, 25 apresentam esse padrão. Nos demais, o pico de intensidade pode tanto acompanhar o segundo núcleo, como em 13 casos, quanto localizar-se nas porções de preparação ou ligação, como em 2 casos. Há um Tópico – o do enunciado pfamcv07[28] – em que o pico encontra-se contemporaneamente nos dois semi núcleos<sup>97</sup>.

Todavia, como mostra a Tabela 6.29, ainda que o pico de intensidade não se encontre no primeiro semi núcleo, o mesmo apresenta quase sempre valores elevados de intensidade. Isso ocorre em 12 casos em que o pico não está no primeiro semi núcleo.

Somando-se os casos que o primeiro núcleo abriga o pico de intensidade aos casos que o mesmo apresenta valores altos de intensidade mesmo sem o pico, chega-se ao total de 36 ocorrências. Ou seja, em 36 dos 39 casos dos Tópicos analisados, o primeiro pico de F0 apresenta valores elevados de intensidade (que podem ou não ser o pico de intensidade do Tópico). O segundo semi núcleo, por outro lado, apresenta valores elevados de intensidade em somente 17 dos 39 Tópicos.

Com base nesses dados, conclui-se que abrigar valores altos de intensidade é uma característica recorrente do primeiro núcleo da forma entonacional de tipo 4. Já o segundo semi núcleo se mostra mais livre em relação aos valores de intensidade que pode alcançar.

#### 6.1.4.3.4 Alinhamento

<sup>97</sup> Esse Tópico e seus semi núcleos serão discutido na subseção seguinte, no exemplo (6.43).

Como visto anteriormente, a forma entonacional de Tópico de tipo 4 constitui-se de dois semi núcleos: o primeiro marcado pela presença de um pico com valores extra altos de F0 e o segundo por um alongamento da tônica e por três possíveis movimentos de F0. Essa subseção destina-se a expor, com mais detalhes, a forma com que se dá o alinhamento entre os parâmetros prosódicos característicos de cada semi núcleo e as sílabas da unidade informacional.

Uma primeira característica que deve ser notada quanto ao alinhamento é que, na forma entonacional de tipo 4, os semi núcleos localizam-se em sílabas distintas, ainda que de uma mesma palavra. É o caso do primeiro Tópico de (6.42), de conteúdo locutivo “os acontecimentos”, cujos semi núcleo localizam-se, na primeira e nas duas últimas sílabas da palavra “acontecimentos”.

Exemplo (6.42) – pnatte03

\*MAR: [14] os acontecimentos /=TOP= independentemente da sua duração /=TOP= tornam-se /=COB\_s= agudos //COM=

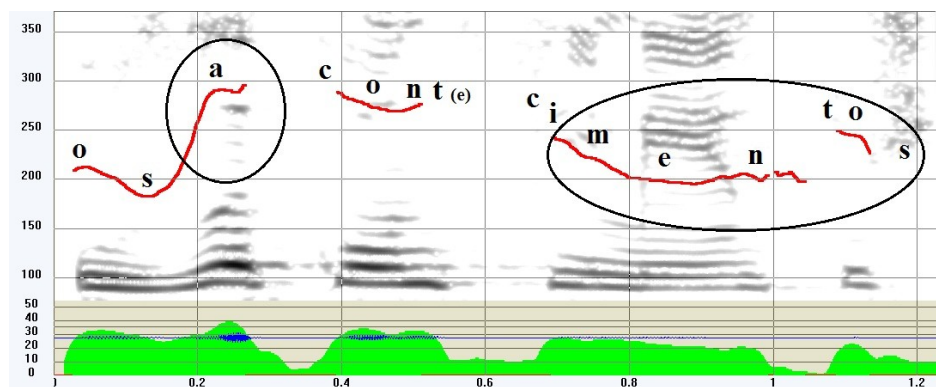


Figura 6.94 – Primeiro Tópico do enunciado (6.42)

Em todo o *subcorpus*, foi encontrado somente um exemplo que contraria essa tendência geral: o Tópico do enunciado (6.43).

Exemplo (6.43) – pfamcv07

\*MAR: [28] e eu &a /=SCA= eu sei que /=SCA= há leitores /=COB= e /=DCT= o Zé /=TOP= certamente foi um deles /=COB= que /=DCT= por um lado /=TOP= estavam

/=SCA= a /=SCA= trabalhar muitíssimo bem /=CMM= e por outro lado sentiram-se extremamente maltratados //CMM=

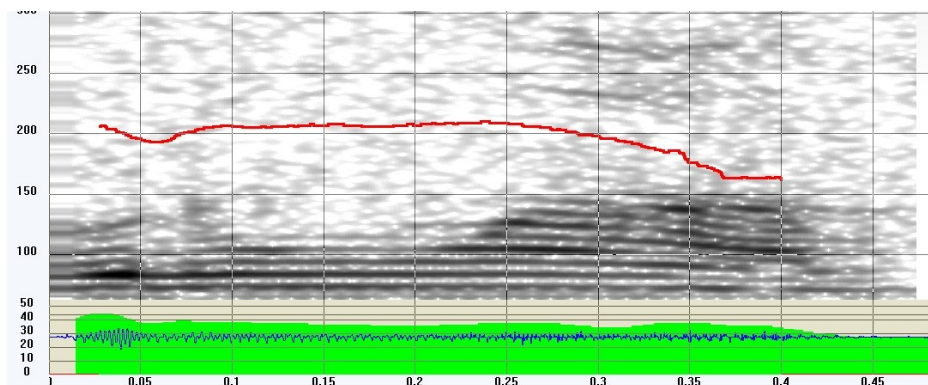


Figura 6.95 – Tópico do enunciado (6.43)

Nele, o primeiro semi núcleo estende-se desde a primeira sílaba do Tópico (a sílaba “por”) até uma parte de sua última sílaba fonética (a sílaba “lad”, redução da palavra “lado” resultante da apócope da vogal “o”). É somente na metade da última sílaba fonética que se inicia o movimento descendente que permite o contraste do pico de F0 do primeiro semi núcleo com a F0 do restante do Tópico. O segundo semi núcleo constitui-se do alongamento da última sílaba fonética do Tópico (“lad”). Assim, conclui-se que o primeiro e o segundo semi núcleos desse Tópico realizam-se, em parte, na mesma sílaba. Esse é, todavia, um caso único em todo o *subcorpus* de PE.

#### 6.1.4.3.4.1 Alinhamento do primeiro semi núcleo

O pico com valores extra altos de F0 do primeiro semi núcleo de Tópicos de tipo 4 localiza-se sempre em uma das sílabas iniciais da unidade informacional, predominantemente na primeira ou na segunda sílaba, como mostra a Tabela 6.31.

Tabela 6.31 – Posição do pico de F0 do primeiro semi núcleo de Tópicos de tipo 4

Sílaba do pico de F0	Ocorrências
1ª sílaba	11
2ª sílaba	23
3ª sílaba	3
A partir da 4ª sílaba	2

Além disso, em 23 dos 39 casos analisados (58,9%), o pico de F0 recai sobre a primeira sílaba tônica da unidade informacional. A princípio, esse valor pode não parecer significativo. No entanto, o exame do conteúdo locutivo dos Tópicos de tipo 4 revela a existência de dois contextos em que torna-se inviável a colocação do pico de F0 na primeira tônica e de um contexto desfavorável. Esses contextos são apresentados e exemplificados na Tabela 6.32.

Tabela 6.32 – Contextos desfavoráveis à colocação do pico de F0 na primeira tônica do Tópico de tipo 4

Contexto	Exemplo	Ocorrências
Tópico formado por uma palavra	*MAR: [62] porque /=INT= <b>nuclear</b> /=TOP= é /=COB= apaixonar-se //COM= (pnatte03[62])	pnatte03[62]
Tópico formado por duas palavras, sendo a primeira átona	*CAR: [116] <b>os alemães</b> /=TOP= como fizeram em todo o lado /=PAR= julgavam que os outros eram /=SCA= eram uma porcaria /=COB= correu-lhes mal /=COB= porque /=DCT= depois /=SCA= é que perceberam que /=SCA= eles tinham sido derrotados pelo radar e não /=SCA= tanto pela capacidade militar dos ingleses //COB= (pfamcv09[116])	pfamcv09[14] pfamcv09[71] pfamcv09[116] pfamcv09[134] pnatte03[14] (primeiro Tópico) pnatte03[21] pnatte03[27] (segundo Tópico)
Tópico cuja primeira sílaba tônica se localiza após a terceira sílaba	*MAR: [14] os acontecimentos /=TOP= <b>independentemente</b> da sua duração /=TOP= tornam-se /=COB_s= agudos //COM= (pnatte03[14])	pfamdl06[148] (segundo Tópico) pnatte03[14] (segundo Tópico)

Com relação aos dois primeiros contextos mostrados na tabela, colocar o primeiro semi núcleo na única sílaba tônica do Tópico implicaria em fazer com que o primeiro semi núcleo coincidissem em parte com o segundo. Como foi visto anteriormente, essa situação foi identificada uma única vez nos 39 Tópicos de tipo 4 analisados e não parece ser uma estratégia frequente na língua. O terceiro contexto é o dos casos em que a primeira tônica está além da terceira sílaba do Tópico. Como foi observado na Tabela 6.31, isso ocorreu em apenas 2 dos 39 Tópicos do *subcorpus* de PE. Sendo assim, pode-se afirmar que o pico de F0 é colocado na primeira tônica do Tópico em 23 dos 31 casos em que seria possível fazê-lo (74,1%) e que essa constitui uma tendência marcante para o primeiro semi núcleo.

Por fim, o exame do *subcorpus* mostra outra propriedade significativa: a de que o pico de F0 do primeiro semi núcleo da forma entonacional de Tópico de tipo 4 pode se estender por mais de uma sílaba, fazendo com que a sílaba subsequente apresente valores elevados de F0. Observe-se, a esse respeito, o segundo Tópico do enunciado (6.44). Nele, o pico com valores extra altos de F0 está na sílaba “de”, com 234.4 Hz, mas a sílaba seguinte também apresenta valores elevados, chegando a 233.7 Hz.

Exemplo (6.44)<sup>98</sup> – pfamcv09

\*CAR: [134] de repente /=TOP= os aviões param /=SCA= no radar /=COB= e aparecem não &s [2]=SCA= &on [1]=EMP= onze mil aviões no radar //=COM=

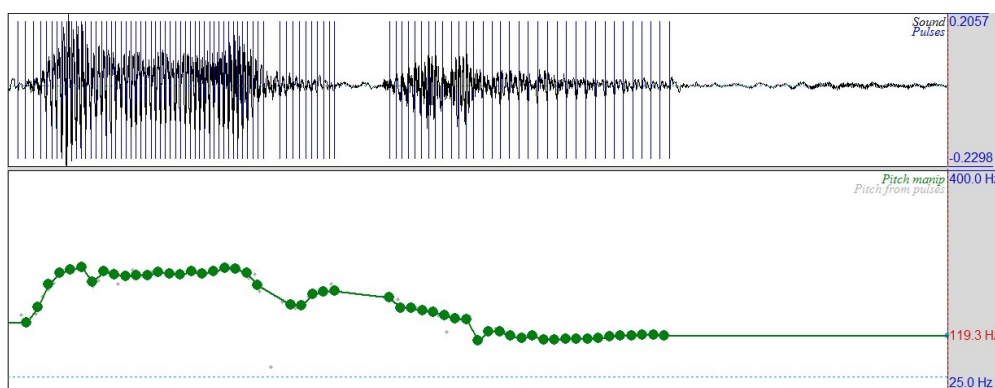


Figura 6.96 – Segundo Tópico do enunciado (6.44)

Tabela 6.33 – Mediadas prosódicas do segundo Tópico do enunciado (6.44)

pfamcv09[134]	de	rre	pen t(e)
Duração silábica	0.101	0.195	0.556
Duração vocálica	0.062	0.150	0.244
F0 mínima	197.7	170.0	113.2
F0 máxima	234.4	233.7	166.7
Db mínimo	69.6	52.0	42.8
Db máximo	72.6	70.6	66.1

Em resumo, com relação ao alinhamento entre movimentos de F0 e as sílabas, verificou-se que o pico de F0 do primeiro semi núcleo da forma entonacional de tipo 4 localiza-se, preferencialmente:

<sup>98</sup> Esse exemplo é o mesmo de (6.17).

1. na primeira ou na segunda sílaba da unidade tonal, podendo também ocorrer na terceira sílaba;
2. na primeira sílaba tônica da unidade tonal, podendo também ocorrer na segunda tônica ou em pretônicas e átonas;
3. em uma palavra lexical, podendo também ocorrer em palavras funcionais;
4. em uma única sílaba, podendo também estender-se à sílaba subsequente.

#### 6.1.4.3.4.2 Alinhamento do segundo semi núcleo

O Tópico de tipo 4 apresenta sistematicamente um alongamento em sua sílaba tônica. Quanto às eventuais postônicas, registram-se duas tendências. A majoritária, presente em 16 dos 26 casos de Tópico 4 que terminam por paroxítonas, é a redução da última vogal átona do Tópico, podendo chegar a um ponto tal que a tônica e a postônica sejam pronunciadas como uma só sílaba fonética. O exemplo (6.45) é um expoente dessa tendência, uma vez que a vogal postônica “e”, de “bailes”, não é pronunciada.

Exemplo (6.45) – pfamd106

\*RUI: [66] o segundo baile /=TOP= correu muito mal //=COM=

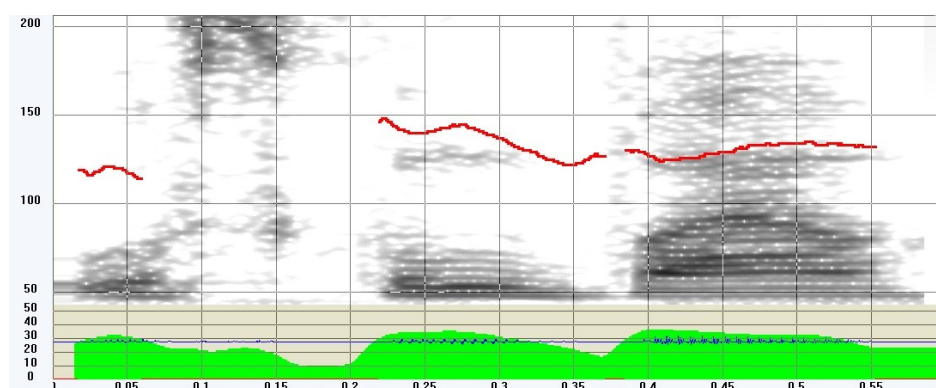


Figura 6.97 – Tópico do enunciado (6.45)

Tabela 6.34 – Medidas prosódicas do Tópico do enunciado (6.45)

pfamd106[66]	o s(e)	gun(do)	bail(e)
Duração silábica	0.087	0.169	0.251
Duração vocálica	0.087	0.078	0.132
F0 mínima	117.1	126.6	126.4

F0 máxima	122.6	144.6	135.1
Db mínimo	52.2	45.7	56.9
Db máximo	66.8	70.5	72.0

Nos demais casos, registra-se o alongamento da postônica, o qual pode ocorrer em toda a sílaba, como em (6.46), ou somente em sua vogal, como em (6.47).

Enunciado (6.46) – pnatte03

\*MAR: [96] imaginem que historicamente /=COB= se chegava à conclusão /=SCA= por determinados estudos /=COB= que Carlos Magno /=TOP= sofria de alguma das doenças /=SCA= da velhice /=SCA= que agora são tão conhecidas //COM=

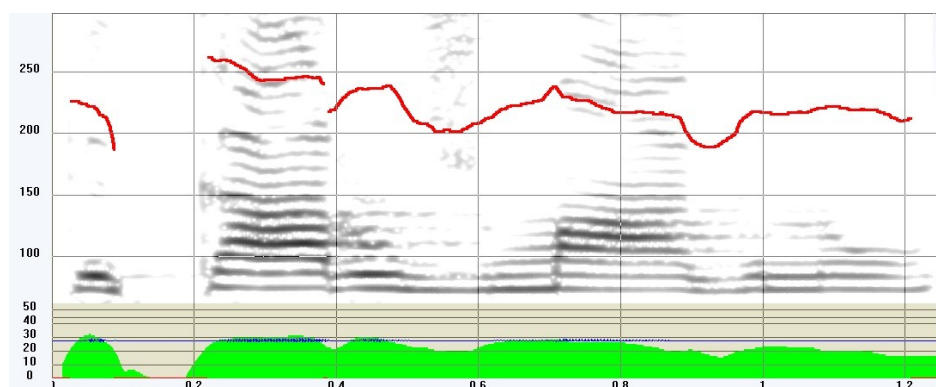


Figura 6.98 – Tópico do enunciado (6.46)

Tabela 6.35 – Medidas prosódicas do Tópico do enunciado (6.46)

<b>pnatte03[96]</b>	<b>q(ue)</b>	<b>Car</b>	<b>los</b>	<b>Mag</b>	<b>no</b>
Duração silábica	0.096	0.302	0.215	0.387	0.249
Duração vocálica	0.061	0.150	0.087	0.177	0.146
F0 mínima	203.1	204.6	205.5	187.7	212.0
F0 máxima	227.1	260.3	241.9	234.5	222.9
Db mínimo	63.9	36.2	55.0	52.7	52.8
Db máximo	66.2	66.9	65.6	63.7	59.0

Exemplo (6.47) – pnatte03

\*MAR: [34] esse aspecto /=TOP= pode /=COB= apresentar /=COB\_s= a acção /=COB= ou seja /=PAR= o tempo da história /=COB= em sumário //COM=



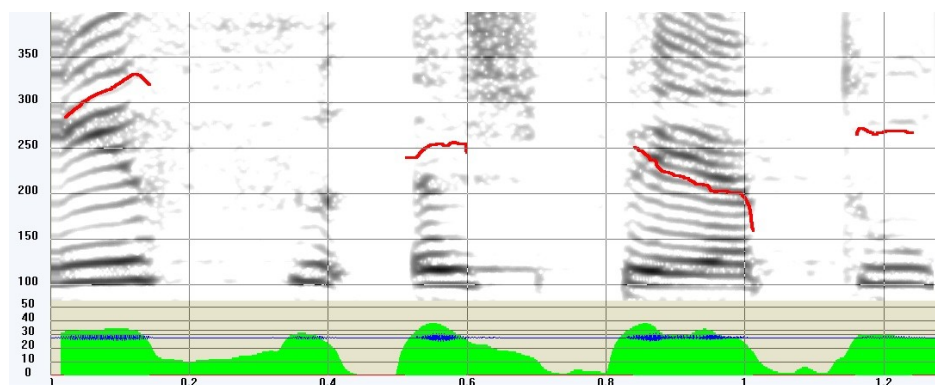


Figura 6.99 – Tópico do enunciado

Tabela 6.36 – Medidas prosódicas do Tópico do enunciado (6.47)

<b>pnatte03[34]</b>	<b>e</b>	<b>sse</b>	<b>as</b>	<b>pe(c)</b>	<b>to</b>
Duração silábica	0.142	0.284	0.278	0.311	0.266
Duração vocálica	0.142	0.064	0.076	0.174	0.121
F0 mínima	292.1	291.1	247.7	200.5	265.0
F0 máxima	331.3	328.4	257.1	266.6	290.8
Db mínimo	68.4	46.9	34.9	38.8	39.2
Db máximo	70.0	66.3	72.9	72.6	65.5

A distribuição das duas tendências nos exemplos de Tópicos com formas entonacionais de tipo 4 encontradas no *subcorpus* pode ser vista na Tabela 6.37.

Tabela 6.37 – Paroxítonas com alongamento da postônica e paroxítonas com redução da postônica

<b>Pós tónica</b>	<b>Ocorrências</b>	<b>Enunciados</b>
Redução	15	pfamcv07[28], pfamcv07[213], pfamcv09[14], pfamcv09[71], pfamcv09[127], pfamcv09[128], pfamdl01[555], pfamdl06[1], pfamdl06[66], pfamdl06[147], pfamdl06[148] (primeiro Tópico), pfamdl06[148] (segundo Tópico), pfamdl06[159], pfamdl06[187], pfamdl06[197]
Alongamento	9	pfamcv09[134], pfamdl01[381], pnatte03[14] (primeiro Tópico), pnatte03[27] (primeiro Tópico), pnatte03[27] (segundo Tópico), pnatte03[34], pnatte03[54] (primeiro Tópico), pnatte03[58], pnatte03[96]

Observando os enunciados em que foram realizados Tópicos de tipo 4 com redução da última postônica e enunciados em que a última postônica foi alongada, chama a atenção o fato de que os **textos de origem** desses enunciados se distribuem de maneira aproximadamente uniforme

entre essas duas categorias. Os enunciados do texto pnatte03, por exemplo, encontram-se quase todos na categoria “Alongamento”. Os enunciados do texto pfamdl06 estão, em sua totalidade, na categoria “Redução”. Essa regularidade dá margem para se pensar que a forma entonacional de Tópico de tipo 4 aceita ambas as alternativas e que, em face disso, alongar ou não a postônica seja uma característica idiossincrática de cada falante.

O segundo semi núcleo pode apresentar quatro tipos de movimentos de F0: ascendente, nivelado, descendente e ascendente-descendente. Os movimentos ascendente, nivelado e descendente sempre se iniciam na última tônica do Tópico e se estendem pelas postônicas, caso a vogal não sofra apagamento. O movimento ascendente-descendente tem sua primeira parte realizada na tônica e a segunda parte na postônica.

## 6.2 O pronome lembrete e a unidade informacional de Tópico em Português Brasileiro

No *subcorpus* de Português Brasileiro, foram encontradas 21 ocorrências de retomadas com pronome lembrete, 9 ocorrências de retomada por repetição do elemento retomado e 2 ocorrências de retomada em orações relativas. Todas as ocorrências encontram-se no ANEXO B. A Tabela 6.38 mostra os tipos de retomada encontrados e o número de ocorrências para cada tipo, evidenciando, em cinza claro, os casos tradicionalmente reconhecidos como pronome lembrete em uma análise discursiva. A Tabela 6.39 exhibe um exemplo de cada tipo de retomada encontrado, destacando, em negrito, o elemento retomado e o elemento que o retoma.

Tabela 6.38 – Tipos de retomada e número de ocorrências

<b>Tipo de retomada</b>	<b>Elemento retomado</b>	<b>Elemento que retoma</b>	<b>Posição da retomada</b>	<b>Ocorrências</b>
<b>A</b>	SN de núcleo nominal	Pronome pessoal	Sujeito na oração principal	12
B	SN de núcleo nominal	Repetição	Sujeito na oração principal	3
<b>C</b>	SN de núcleo pronome pessoal	Pronome pessoal	Sujeito na oração principal	9
D	SN de núcleo nominal	Repetição	Sujeito na oração subordinada	1
E	SN de núcleo pronome demonstrativo	Repetição	Sujeito na oração principal	5
F	SN de núcleo nominal	Pronome pessoal	Sujeito na oração relativa	2

Tabela 6.39 – Exemplos de cada tipo de retomada

Tipo	Exemplo	Conteúdo locutivo	Áudio
A	(6.48)	*SHE: [72] então /=PHA= <b>a orientadora</b> /=TOP= <b>ela</b> nũ quer fazer o papel da coordenadora //COM=	6.48-bpubmn01[72]
B	(6.49)	*TER: [164] e < outra é que /=i-TOP= o' /=CNT= <b>o tio</b> > <b>dele</b> /=TOP= <b>o tio dele</b> fica só assim /=INT= gente /=EXP_r= marca essa data //COM_r=	6.49-bfamcv02[164]
C	(6.50)	*EMM: [527] mas <b>ele</b> /=TOP= principalmente pa mulher /=TOP= <b>ele</b> pode causar infertilidade //COM=	6.50-bpubcv01[527]
D	(6.51)	*DFL: [99] <b>o papai</b> /=TOP= e' decidiu que <b>papai</b> ia ser /=SCA= médico //COM=	6.51-bfammn02[99]
E	(6.52)	*CES: [112] aqui o' /=CNT= <b>aquela ali</b> /=TOP= <b>aquea ali</b> que é a Joaquim Nabuco //COM=	6.52-bfamdl05[112]
F	(6.53)	*CES: [58] é <b>a rua</b> que a gente tava <b>nela</b> //COM=	6.53-bfamdl05[58]

Observando a Tabela 6.39, um fato chama atenção entre as retomadas presentes nos exemplos de tipo A a E: todas elas ocorrem em contexto Tópico-Comentário, com o elemento retomado posicionado na unidade informacional de Tópico e o elemento que o retoma na unidade de Comentário. Na retomada de tipo F, a situação é outra. O elemento retomado (o SN “a rua”) e o elemento que o retoma (o pronome pessoal “ela”) aparecem em uma mesma unidade informacional, ou seja, linearizados. No que tange essa questão, a tabela é representativa da situação de todos exemplos encontrados no *subcorpus* de PB. Dessa forma, confirmam a hipótese de que as retomadas por pronome lembrete e por repetição são exclusivas do padrão Tópico-Comentário e de que a retomada em orações relativas pode ocorrer de forma linearizada.

Assim como a retomada por pronome lembrete (tipos A e C) e a retomada por repetição (tipos B, D e E) ocorrem no mesmo contexto prosódico, esses dois tipos de retomada serão chamados de *retomada lembrete*<sup>99</sup>.

Apesar de presente no PB, a análise de dados revelou que a retomada lembrete não é adotada

99 A rigor, para que se tenha certeza de que os dois tipos de retomada ocorrem **exclusivamente** no mesmo contexto, é necessário confirmar que a retomada por repetição não ocorre fora do contexto Tópico-Comentário, o que pode ser feito buscando esse tipo de retomada em enunciados que não contém unidades informacionais de Tópico. Todavia, assim como nenhum dos enunciados com unidade informacional de Tópico analisados apresenta retomadas por repetição linearizadas em quaisquer unidades informacionais, julga-se plausível considerar que as retomadas por pronome lembrete e por repetição compartilhem das mesmas restrições prosódicas.

na maior parte dos contextos em que se poderia usá-la. Por contextos favoráveis<sup>100</sup> foram considerados os enunciados com (a) um SN na unidade informacional de Tópico (b) uma oração na unidade informacional de Comentário e (c) uma relação anafórica de natureza semântica entre algum constituinte da oração em Comentário e o SN em Tópico.

No *subcorpus* de PB, foram encontrados 117 contextos favoráveis ao emprego da retomada lembrete. Os contextos dividem-se com base na posição sintática que o elemento que retoma poderia ocupar (sujeito, objeto direto) e da oração em que se encaixa (principal ou subordinada), da forma que mostra a Tabela 6.40.

Tipo de contexto	Descrição do elemento que efetua a retomada	Contextos encontrados	Retomadas efetuadas
Contexto 1	Sujeito na oração principal	102	26 (retomadas A + B + C + E)
Contexto 2	Sujeito na oração subordinada	4	1 (retomada D)
Contexto 3	Objeto direto na oração principal	9	0
Contexto 4	Objeto direto na oração subordinada	2	0

Tabela 6.40 – Contextos favoráveis à ocorrência de retomada lembrete

Assim, com relação ao contexto 1, a leitura da Tabela 6.40 mostra que:

- a) o contexto 1 refere-se aos casos em que o elemento que retoma o SN em Tópico exerce a função de sujeito na oração principal;
- b) o contexto 1 foi encontrado em 102 enunciados do *subcorpus* de PB;
- c) a retomada lembrete foi efetuada em 26 dos 102 contextos 1;
- d) os 26 casos com retomada lembrete no contexto 1 correspondem à soma das ocorrências de retomadas de tipo A, B, C e E presentes na Tabela 6.38.

O exemplo (6.48), presente na Tabela 1, é um caso de retomada efetuada em um contexto 1.

Com base nas Tabelas 6.38 e 6.40, percebe-se ainda que a retomada lembrete é realizada em

<sup>100</sup>Para uma melhor caracterização dos contextos favoráveis ao emprego do pronome lembrete, veja-se a seção 5.3.

30 dos 117 enunciados com contexto favorável, o que corresponde a 25,6% do total de casos. Considerando somente as retomadas por pronome lembrete (retomadas de tipo A e C da Tabela 6.38), esse percentual é ainda menor: 19,6%. Essa tendência, apesar de significativa para o Português Brasileiro, se contrapõe à afirmação de Galves (2001) de que a retomada por pronome lembrete seria uma estratégia preferencial do Português Brasileiro.

Por outro lado, os dados presentes na Tabela 6.40 comprovam uma tendência apontada por Pontes (1987): a de que, embora possível em outros contextos, o uso de pronome lembrete é mais frequente nos casos em que o pronome se insere na posição sintática de sujeito da oração.

Se as explorações conduzidas ao longo dessa pesquisa mostraram que a retomada lembrete é presente no Português Brasileiro de forma significativa (em pouco mais que 1/4 dos casos em que seria possível ocorrer), as buscas no *subcorpus* de Português Europeu comprovaram que essa estratégia é, de fato, inexistente nessa língua. Nos 10 textos do subcorpus de PE não foi encontrada nenhuma ocorrência de retomada por pronome lembrete.

A análise dos dados relacionados ao uso da retomada lembrete parece ainda ser um indício favorável a uma tendência apontada anteriormente, na seção 3.6. A de que o uso da retomada lembrete estaria correlacionada ao processo de empobrecimento da flexão verbal do PB, o que estaria aumentando a necessidade de se preencher a função de sujeito nas unidades informacionais com conteúdo locutivo oracional. Naturalmente, devido à pequena quantidade de dados utilizados para essa pesquisa, essa tendência deve ser explorada em *corpora* de dimensões maiores.

## 7 CONCLUSÕES

Esse trabalho teve como objetivo estudar a unidade informacional de Tópico, tal qual descrita pela Teoria da Língua em Ato (CRESTI, 2000), em uma perspectiva baseada em *corpus*. Os aspectos enfocados nessa pesquisa foram: (a) a descrição das formas entonacionais de Tópico em Português Europeu e (b) a identificação de relações existentes entre a unidade informacional de Tópico e o uso do pronome lembrete em Português Brasileiro. Os dados do PB foram extraídos do *minicorpus* do C-ORAL-BRASIL (RASO, 2012), constituído de 20 textos etiquetados informacionalmente. Para o PE, foi compilado um *subcorpus* de 20 textos extraídos do C-ORAL-ROM de Português Europeu. A princípio, buscou-se criar um *subcorpus* comparável ao de PB, mas tal tarefa mostrou-se impossível devido, sobretudo, à pouca variação de contextos de fala do *corpus* de PE (muito abaixo do C-ORAL-BRASIL e do C-ORAL-ROM de Italiano). Assim, buscou-se equiparar os critérios sociolinguísticos dos participantes, mas obteve-se dificuldade semelhante.

No *subcorpus* de PE, foram encontradas 72 unidades informacionais de Tópico. A análise prosódica dos Tópicos encontrados revelou a existência, nessa língua, das quatro formas entonacionais já descritas para o Italiano (FIRENZUOLI, 2003) e para o Português Brasileiro (RASO-MORAES-MITTMANN-ROCHA, em preparação). Os Tópicos encontrados se distribuem da seguinte forma: 1 Tópico de tipo 2; 28 Tópicos de tipo 2; 4 Tópicos de tipo 3; 39 Tópicos de tipo 4. Na análise de dados, foram feitas manipulações dos movimentos de F0 e da duração dos núcleos de exemplos de cada uma das formas entonacionais, o que permitiu uma descrição detalhada de cada forma entonacional.

A avaliação dos efeitos produzidos pelas manipulações teve como objetivo identificar em quais casos a forma entonacional de Tópico era preservada e em quais casos a forma entonacional não era preservada. Considerou-se que a forma foi preservada nos casos em que o falante não percebe uma diferença perceptual significativa entre a unidade tonal original e a unidade tonal manipulada e nos casos em que o falante percebe uma diferença, mas ainda assim avalia a unidade tonal manipulada como pertencente à mesma forma entonacional do Tópico original. As manipulações foram avaliadas em isolamento, ou seja, ouvindo-as fora do contexto original do enunciado. Naturalmente, o contexto desempenha um papel fundamental

para a identificação da função da unidade informacional de Tópico. Todavia, considerou-se que avaliá-las de forma isolada permite compreender melhor os parâmetros prosódicos que, por si só, levam ao reconhecimento da unidade tonal como uma forma entonacional de Tópico (ainda que, nem sempre, esses parâmetros sejam suficientes para tal fim).

A forma entonacional de Tópico de tipo 1 caracteriza-se pela presença de um núcleo informacional com movimento ascendente-descendente de F0 que tem seu início na última sílaba tônica da unidade e prossegue na postônica, bem como pelo alongamento da tônica e da postônica. O núcleo do Tópico de tipo 1 pode ser precedido por uma porção de preparação. O pico de intensidade do Tópico de tipo 1 analisado localiza-se na primeira pretônica da unidade informacional, mas as demais sílabas apresentam valores semelhantes de intensidade.

A forma entonacional de Tópico de tipo 2 apresenta um núcleo localizado na última sílaba tônica da unidade informacional e se estende pelas eventuais postônicas. Em termos prosódicos, o núcleo caracteriza-se por um movimento ascendente de F0 (com o pico na última sílaba do Tópico) e pelo alongamento da tônica e das eventuais postônicas. Todavia, o alongamento mostrou-se significativo sobretudo na sílaba tônica do Tópico, uma vez que a redução da postônica nem sempre alterou a percepção da forma entonacional da unidade tonal manipulada. Ainda, em 3 casos, houve redução das postônicas, as quais, em conjunto com a tônica passaram a formar uma sílaba fonética. Foi encontrado também 1 caso em que o movimento do núcleo começa não na tônica, mas na pretônica.

A forma entonacional de Tópico de tipo 3 apresenta dois semi núcleos que, em conjunto, atribuem a função de Tópico à unidade tonal. Tanto o primeiro quanto o segundo semi núcleos, em isolamento, não são suficientes para que o falante perceba que a unidade tonal trata-se de um Tópico. Assim, o Tópico de tipo 3 é interpretado de forma holística. O Tópico pode conter uma porção de ligação anterior ao primeiro semi núcleo e também uma porção de ligação entre os semi núcleos. O primeiro semi núcleo, à esquerda, constitui-se de um movimento descendente de F0 que começa na primeira pretônica do Tópico ou, no máximo, na primeira tônica. As sílabas do primeiro semi núcleo não são alongadas. O pico de intensidade da forma entonacional de Tópico de tipo 3 está, em todos os exemplos analisados, sempre no primeiro semi núcleo. O segundo semi núcleo inicia-se na última tônica do Tópico

e apresenta um movimento ascendente de F0 e o alongamento da tônica. Em alguns casos, a postônica é também alongada. O movimento ascendente continua nas eventuais postônicas e se aproximam dos valores atingidos pelo primeiro semi núcleo.

A forma entonacional de Tópico de tipo 4 possui dois semi núcleos, sendo também interpretado de forma holística. O primeiro semi núcleo pode ser precedido por uma porção de preparação e, em muitos casos é existe uma porção de ligação entre o primeiro e o segundo semi núcleos. O primeiro semi núcleo possui valores extra altos de F0, os quais eventualmente se estendem por mais de uma sílaba. O pico de F0 localiza-se preferencialmente em uma das duas primeiras sílabas do Tópico e, na maior parte dos casos, em uma sílaba tônica. A duração das sílabas do primeiro semi núcleo não se destaca em relação a duração das sílabas da porção de preparação, exceto em casos em que o falante realiza uma ênfase em uma das primeiras sílabas do Tópico. Dessa forma, foram encontrados exemplos de Tópico de tipo 4 com o alongamento principal no primeiro semi núcleo. O segundo semi núcleo encontra-se sempre à direita e apresenta sistematicamente o alongamento da última tônica. As eventuais postônicas podem ser alongadas ou reduzidas. Analisando essas duas tendências, observa-se uma regularidade na forma com que cada falante realiza as postônicas. O movimento de F0 do segundo núcleo pode ser ascendente, nivelado ou descendente. Quando o movimento é ascendente, o alongamento da tônica parece ser menos relevante para a caracterização do segundo semi núcleo. Quando o movimento não é ascendente, o alongamento mostra-se mais relevante que o movimento de F0. Em todo caso, as manipulações levam a crer que o segundo semi núcleo é caracterizado de forma composicional pela interação entre esses dois fatores prosódicos. Foram também encontrados dois Tópicos de forma entonacional de tipo 4 com movimento final descende-ascendente que começa na tônica e termina na tônica, nos quais o movimento final de F0 parece não ter particular importância para a atribuição da função informacional. O pico de intensidade fica, na maior parte dos casos, no primeiro semi núcleo. Ainda que o pico se localize no segundo semi núcleo ou entre os semi núcleos, o primeiro tende a apresentar valores altos de intensidade.

A comparação dos dados referentes às formas entonacionais de Tópico de PE com as formas de PB e de Italiano aponta tendências interessantes. Com relação à forma entonacional de tipo



4, alguns fatos merecem destaque. Em primeiro lugar, chama a atenção que, nos textos etiquetados do *corpus* C-ORAL-ROM de Italiano, não foi encontrada uma ocorrência sequer de Tópico de tipo 4. Essa informação torna-se ainda mais relevante considerando que o *subcorpus* de PE em que foram localizadas as 39 ocorrências de Tópico de tipo 4 é formado por apenas 5 textos, enquanto o C-ORAL-ROM de Italiano possui 100 textos etiquetados (os quais, inclusive, abrangem uma variação de contextos de produção de fala muito superior ao do *subcorpus* de PE). Soma-se a isso o fato de que investigações preliminares mostram que essa forma entonacional soa agramatical para falantes nativos de Italiano. Em contrapartida, a forma de Tipo 4 foi encontrada no *minicorpus* do C-ORAL-BRASIL. Embora ainda não tenham sido realizados estudos relativos à frequência dessa forma entonacional em PB, ao que tudo indica não é uma forma majoritária para a língua. Além disso, os exemplos analisados por Raso, Moraes, Mittmann e Rocha (no prelo) mostram que todos os exemplos de Tópicos de tipo 4 encontrados no PB até então possuem porção de ligação. Em contrapartida, a análise dos Tópicos de tipo 4 de PE, o quais correspondem inclusive a mais da metade dos Tópicos encontrados no *subcorpus*, mostra diversos casos em que não há porção de preparação entre os semi núcleos. Em resumo, a quarta forma entonacional de Tópico parece ser muito frequente e versátil em PE, não muito frequente e pouco versátil em PB e inexistente em Italiano. Com base nesses dados, é possível formular a hipótese de que a forma de tipo 4 seja oriunda do PB seja oriunda do PE. No entanto, para que isso seja afirmado com maior segurança faz-se necessário o estudo em uma quantidade maior de dados, bem como a verificação da existência de Tópicos de tipo 4 em outras línguas do C-ORAL-ROM.

A análise comparativa da forma entonacional de Tópico de tipo 3 também abre possibilidades para novas investigações. O exame do *subcorpus* de PE revelou a existência de apenas 4 ocorrências de Tópico de tipo 3. Conforme dito anteriormente, o segundo semi núcleo dessa forma caracteriza-se pelo alongamento da tônica e das eventuais postônicas, bem como pelo movimento ascendente que tem seu início na tônica. Comparando com as descrições do Italiano e do PB, segundo as quais o movimento do segundo semi núcleo e o alongamento ocorrem exclusivamente na última sílaba do Tópico (seja ela tônica ou postônica), os casos encontrados em PE constituem uma variante à forma prototípica. Esses dados abrem caminhos para se pensar que a presença do Tópico 3 no PB tenha sido alimentada não pelo PE, mas sim por outras línguas. Naturalmente, isso deve ser aprofundado em estudos futuros.

Cabe ainda ressaltar que até agora não foram identificadas diferenças funcionais para o uso de cada uma das formas entonacionais de Tópico em PE, PB e Italiano. Ainda que se considere que a motivação para a alternância entre algumas de suas variantes seja de natureza contextual (ou seja, para se adaptar melhor ao contexto prosódico que se segue), considera-se muito improvável que as três línguas disponham de um repertório de pelo menos três recursos destinados a cumprir uma mesma função (servir de campo de aplicação para a ilocução desempenhada no Comentário). Sendo assim, o estudo da função da unidade de Tópico no enunciado é ainda uma questão em aberto e deve ser aprofundado.

Com relação ao pronome lembrete, esse estudo fornece dados interessantes que permitem uma compreensão adequada do problema. No *subcorpus* de PB, foram encontradas 21 ocorrências de pronome lembrete, sendo que o elemento retomado aparece sempre na posição de sujeito na oração principal. Além disso, em todos os exemplos, o SN retomado encontra-se em uma unidade informacional de Tópico e o elemento que o retoma em uma unidade informacional de Comentário. Foram encontradas também 5 retomadas por repetição, as quais também ocorrem com exclusividade em contexto Tópico-Comentário. Por compartilharem das mesmas restrições prosódicas e informacionais, os dois tipos de retomadas podem ser visto como um único fenômeno, definido como *retomada lembrete*.

Foram identificados 107 enunciados, dentre os quais figuram 11 enunciados em que a retomada ocorreria em posição de objeto direto. Não foi encontrado nenhum contexto favorável em que o elemento retomado apareceria na função de objeto indireto. De todos os casos, a retomada lembrete foi efetuada em somente em 26,5% do total de possibilidades. Já o pronome lembrete aparece em 19,6% dos contextos favoráveis. Esses números indicam que a retomada por pronome lembrete não seja uma estratégia preferencial no PB. Ainda sim, pode ser considerada uma estratégia relevante na língua visto que, no *subcorpus* de PE, não foi encontrado nenhum exemplo desse fenômeno.

Além disso, visto que todas as retomadas lembrete foram realizadas em posição de sujeito da oração do Comentário, essa pesquisa abre caminhos para se pensar que esse fenômeno esteja relacionado ao processo de empobrecimento da flexão verbal do PB, de modo que o falante

sente, cada vez mais, a necessidade de preencher sintaticamente o sujeito da oração em Comentário. Todavia, essa impressão só poderá ser confirmada com um exame em *corpora* de dimensões mais significativas.

Por fim, atestou-se que as retomadas com o pronome resumptivo em estruturas relativas não compartilham das mesmas restrições prosódicas e informacionais que a retomada lembrete e que, portanto, constituem um fenômeno diferente.

## REFERÊNCIAS

- ALVES DE DEUS, L. **O Tópico no português do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- ASH, R; CHINEN, M. *et alii*. Audacity: O Editor de Áudio Digital Livre. Disponível em: <<http://audacity.sourceforge.net>>.
- AUSTIN, L. J. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- BAZZANELLA, Carla. I segnali discorsivi. Em: RENZI, Lorenzo, Giampaolo SALVI & Anna CARDINALETTI (orgs.) *Grande Grammatica Italiana di Consultazione*. Vol. III: *Tipi di Frase, Deissi, Formazione delle Parole*. Bologna: il Mulino, 2000. p. 225-257.
- BERRETTA, M. Il parlato italiano contemporaneo. Em: SERIANNI, L; TRIFONE, P. (Orgs.). *Storia della lingua italiana: Scritto e Parlato*. Torino: Giulio Einaudi, 1994. v. VV. p. 239-270.
- BICK, E. *The Parsing System Palavras: Automatic Grammatical Analysis of Portuguese in a Constraint Grammar Framework*. Aarhus: Aarhus University Press, 2000.
- BOERSMA, P.; WEENINK, D. Praat: doing phonetics by computer. Software livre. Versão 5.1.07. Disponível em: <<http://www.praat.org/>>.
- BORTOLINI, U; PIZZUTO, E. *Il progetto CHILDES Italia*. Pisa: Del Cerro, 1997.
- CÂMARA JR, J. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CASTRO, E. *Araweté: os Deuses canibais*. Rio de Janeiro: J. Zahar/Anpocs, 1986.
- CHAFE, W. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, and topics. Em: LI, C (ed.). *Subject and Topic*; New York: Academic Press, 1976.
- CRESTI, E. Enunciato e frase: teoria e verifiche empiriche. Em: Biffi, M.; Calabrese, O.; Salibra, L (Orgs.). *Italia Linguistica: discorsi di scritto e di parlato*. Scritti in onore di Giovanni Nencioni. Siena: Prolagon, 2005a. p. 249-260.
- CRESTI, E. Per una nuova classificazione dell'illocuzione. In: Burr, E (ed.). *Tradizione e innovazione - Atti del VI convergno SILFI (Duisburg 28.06/02.07 2000)*. Firenze: Cesati, 2005b. p. 233-246
- CRESTI, E. *The informational patterning theory and the corpus based description of spoken language*. Comunicação apresentada no 3rd IINTERNARIONAL LABLITA WORKSHOP IN, 2008.

CRESTI. La Stanza: un'unità di costruzione testuale del parlato. Em: *Atti del X Congresso della Società Internazionale di Linguistica e Filologia Italiana*. 2009. Disponível em: <[http://lablita.dit.unifi.it/preprint/cresti\\_silfi2008/uploadingfile/at\\_download](http://lablita.dit.unifi.it/preprint/cresti_silfi2008/uploadingfile/at_download)>. Acessado em: 13 set 2011.

CRESTI, E.; FIRENZUOLI, V. Illocution and intonational contours in Italian. *Revue Française de Linguistique Appliquée*, v. IV, n. 2, p. 77-98, 2001.

CRESTI E., GRAMIGNI P. Per una linguistica corpus based dell'italiano parlato: le unità di riferimento. In: F. Albano Leoni, F. Cutugno, F. Pettorino, M. Savy (a cura di). *Il parlato italiano*. Atti del Convegno internazionale. Napoli: D'Auria Editore, 2004.

CRESTI, E. MONEGLIA, M. *Specifications of the Textual Units*. No prelo.

CRESTI, E. MONEGLIA, M. (orgs.). *C-ORAL-ROM: Integrated Reference Corpora for Spoken Romance Languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005.

CRESTI, E.; MONEGLIA, M. Informational patterning theory and the corpus-based description of spoken language: The compositionality issue in the topic-comment pattern. In: A. Panunzi (Ed.); *Bootstrapping Information from Corpora in a Cross-Linguistic Perspective*. Firenze: FUP, 2010.

CRYSTAL, D. *The english tone of voice*. Londres: Edward Arnold, 1975.

CUNHA, C. *Gramática do Português contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares S/A, 1971.

FIRENZUOLI, V. **Forme Intonative di Valore Illocutivo dell'Italiano Parlato: Analisi Sperimentale di un Corpus di Parlato Spontaneo**. Tese (doutorado) – Università degli Studi di Firenze, 2003.

FIRENZUOLI, V.; SIGNORINI, S. L'unità informativa di topic: correlati intonativi. Em: *Atti delle Giornate del Gruppo di Fonetica Sperimentale*. Pisa: Edizioni ETS, 2002. p.177-184.

FROSALI, Fabrizio. *Le unità di informazione di Ausilio dialogico: valori percentuali, caratteri intonativi, lessicali e morfo-sintattici in un corpus di italiano parlato (C-ORAL-ROM)*. Em: CRESTI, Emanuela (org.). *Prospettive nello studio del lessico italiano*. Firenze University Press, 2008. p. 417-424.

GALVES, C. Algumas diferenças entre o português europeu e o português brasileiro e a Teoria de Regência e Ligação. Em: *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

GIANI, D. Le discours directe rapporté dans l'italien parlé et écrit. Em: SCARANO: Antonietta (Org.). *Macrosyntaxe et Pragmatique: l'analyse de l'oral*. Roma: Bulzoni, 2003. p. 203-213.

GIANI, D. Una strategia di costruzione del testo parlato: l'introduttore locutivo. Em: ALBANO LEONI, F. (org). *Atti del congresso "Il parlato italiano"*. Napoli: D'Auria, 2004. p. 84-97.

HALLIDAY, M. Theme and information in the English Clause. Em: KRESS, G. Halliday: System and function in language. Oxford University Press, 1976.

HALLIDAY, M. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1994.

't HART, J.; COLLIER, R.; COHEN, A. *A perceptual study on intonation: An experimental approach to speech melody*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

KATO, M. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. Em: ROBERTS, I. & KATO, M. (orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica* (Homenagem a Fernando Tarallo). Campinas, Unicamp, 1993.

KOCH, M; et alii. Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. Em: *Gramática do Português falado*, v.I. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

KOCH; SOUSA E SILVA. Estratégias de desaceleração do texto falado. Em: M. A. KATO (org.) *Gramática do Português Falado V: Convergências*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. 2a ed.

LAMBRECHT, K. Information structure and sentence form: Topic, focus, and the mental representation of discourse referents. Em: *Cambridge Studies in Linguistics 71*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LI, C.; THOMPSON, S. Em: LI (ed.). *Subject and Topic*. New York: Academic Press, 1976. p. 457-489.

MAIA ROCHA, B. **A unidade de introdutor locutivo no português do Brasil**. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, UFMG, 2011.

MAIA ROCHA, B. ; RASO, T. A unidade informacional de Introdutor Locutivo no português do Brasil: uma primeira descrição baseada em corpus. Em: *Revista Domínios de Lingu@Gem*, v. 5, p. 1-16, 2011.

MACWHINNEY, B. *The CHILDES Project: Tools for Analyzing Talk*, 2 vol. 3rd ed. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2000.

MELLO, H.; RASO, T. (2009). Para a transcrição da fala espontânea: o caso do CORAL-BRASIL. *Revista Portuguesa de Humanidades*, v. 13, n. 1, p. 153-178. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/11/ARTIGO-Tommaso-Raso-e-Heliana-Mello.pdf>>. Acesso em : 13 nov 2011.

MITTMANN, M. A unidade informacional Tópico na fala espontânea: um estudo baseado em corpus. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras,

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, em preparação.

MONEGLIA, M. The C-ORAL-ROM resource. Em: Cresti, E.; Moneglia, M. (eds.). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005.

MONEGLIA, M. Spoken corpora and pragmatics. Anais do congresso RBLA, Belo Horizonte, v. 11, n.2, p.479-519, 2011.

MONEGLIA, M.; CRESTI, E. L'intonazione e i criteri di trascrizione del parlato adulto e infantile. Em: BORTOLINI, U.; PIZZUTO, E. (Eds.). Il Progetto CHILDES Italia. p.57-90. Pisa: Del Cerro, 1997.

MOTA, B. A. **A unidade informacional de parentético na fala espontânea no espanhol.** (Mestrado em Estudos Lingüísticos Neolatinos/Língua Espanhola) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

NENCIONI, G. Parlato-parlato, parlato-scritto, parlato-recitato. Em: Nencioni, G. *Di scritto e di parlato. Discorsi linguistici.* Bologna: Zanichelli, 1983.

OLIVEIRA, C. O Apêndice de Comentário: classificação informacional e morfossintática à luz da teoria da Língua em Ato. *Letra Magna*, v. Ano 06, p. 2º sem, 2010.

OLIVEIRA, C. Distinção entre Apêndice de Comentário, Comentários Ligados e Inciso, três unidades informacionais, em final de enunciado, à luz da Teoria da Língua em Ato. *Revista e-hum*, v. 2, p. 1/1-16/1, 2009.

PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil.* Campinas: Pontes, 1987.

RASO, T. O C-ORAL-BRASIL e a Teoria da Língua em Ato. Em: RASO, T.; MELLO, H. (Orgs.). C-ORAL-BRASIL. *Corpus de referência da fala espontânea informal do português do Brasil.* Belo Horizonte: UFMG, 2012.

RASO, T.; GOULART, L. L. As unidades informacionais de alocutivo em italiano e português do Brasil. *Fragmentos*, v. 9, p. 84-96, 2009.

RASO, T.; LEITE, F. Estudo contrastivo do uso de Alocutivos em italiano, português e espanhol europeus e português brasileiro. *Domínios de Linguagem*, n.1, 2010.

RASO, T.; MELLO, H. (Orgs.). C-ORAL-BRASIL. *Corpus de referência da fala espontânea informal do português do Brasil.* Belo Horizonte: UFMG, 2012.

RASO, T.; MELLO, H. The C-ORAL-BRASIL corpus. Em: Moneglia, M.; Panunzi, A., (orgs.) Bootstrapping Information from Corpora in a Cross Linguistic Perspective. Firenze University Press, 2010.

RASO, T. ; MELLO, H. ; ALVES DE DEUS, L.; JESUS, A. U. Uma aplicação da teoria da língua em ato ao português do Brasil. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 15/2, p. 125-146, 2007.

RASO, T.; MITTMANN, M. As principais medidas da fala. Em: RASO, T.; MELLO, H. (Orgs.). C-ORAL-BRASIL. *Corpus de referência da fala espontânea informal do português do Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

RASO, T.; MORAES, J.; MITTMANN, M.; ROCHA, B. *A Topic prosodic form in Brazilian Portuguese*, em preparação.

RASO, T.; ULISSES, A. Tópico e Apêndice no português do Brasil: algumas considerações. Em: Revista de estudos da linguagem. 2008.

SIGNORINI, S. *Il Topic*: criteri di identificazione e correlati morfosintattici in un corpus di italiano parlato. Em: Albano Leoni, F. (org). Atti del congresso “Il parlato italiano”. Napoli: D’Auria, 2004a. p. 15-39.

SIGNORINI, S. *L’unità di topic*: caratteristiche e frequenza in un corpus di italiano parlato. Il topic complesso. Em: P. D’Achille (org.). Generi, architetture e forme testuali. Atti del VII convegno internazionale SILFI (Roma, 1-5 ottobre 2002.). Firenze: Franco Cesati, 2004b, p.227-238

SIGNORINI, S. *Topic e soggetto in corpora di italiano parlato spontaneo*. Tese (doutorado) – Università di Firenze. 2005.

TARALLO, F. **Relativization Strategies in Brazilian Portuguese**. Un. Of Pennsylvania, Ph. D. Dissertation, 1983.

TIMM *et alii*. BrOffice 3: the document foundation. Disponível em: <<http://broffice.org/>>.

ULISSES, A. **A unidade de Apêndice no português do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

VALE, H. P. **A unidade informacional de parentético no português do Brasil: uma análise baseada em corpus**. Dissertação de Mestrado - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, UFMG, 2010.



## ANEXO A – ENUNCIADOS COM UNIDADES INFORMACIONAIS DE TÓPICO NO SUBCORPUS DE PE

\*MAR: [25] eu acho que o problema aqui /=TOP= é a burocratização //COM=

pfamecv07[25]	eu	a ch(o)	q(ue) o	pro	ble	ma a	qui
Duração silábica	0.126	0.224	0.079	0.251	0.216	0.205	0.351
Duração vocálica	0.091	0.124	0.040	0.097	0.131	0.127	0.364
F0 mínima	248.5	329.6	293.1	250.2	193.4	172.4	241.9
F0 máxima	200.9	248.5	244.7	185.8	168.5	152.2	148.7
Db mínimo	70.4	58.5	61.9	59.1	68.4	64.0	59.2
Db máximo	82.9	80.1	72.3	75.7	76.0	69.0	73.2

pfamecv09[27]	tant(o)	quan	t(o) eu	sei
Duração silábica	0.138	0.137	0.121	0.155
Duração vocálica	0.067	0.088	0.063	0.071
F0 mínima	143.2	155.4	148.6	166.2
F0 máxima	147.4	159.5	157.5	171.5
Db mínimo	47.7	47.3	50.0	54.1
Db máximo	64.8	63.2	61.6	61.3

\*MAR: [28] e eu &a /=SCA= eu sei que /=SCA= há leitores /=COB= e /=DCT= o Zé /=TOP= certamente foi um deles /=COB= que /=DCT= por um lado /=TOP= estavam /=SCA= a /=SCA= trabalhar muitíssimo bem //CMM= e por outro lado sentiram-se extremamente maltratados //CMM=

pfamecv07[28]	po	r um	la d(o)
Duração silábica	0.040	0.129	0.316
Duração vocálica	0.019	0.110	0.221
F0 mínima	202.6	195.6	153.1
F0 máxima	203.4	207.9	210.4
Db mínimo		72.4	66.7
Db máximo		76.5	73.6

\*FER: [101] nós também /=TOP= hhh não precisamos de te reter aqui /=COB= muito mais tempo //COM=

pfamecv07[101]	nós	tam	bem
Duração silábica	0.203	0.103	0.232
Duração vocálica	0.053	0.084	0.171
F0 mínima	263.5	291.7	252.2
F0 máxima	240.0	235.0	233.6
Db mínimo	69.9	74.0	70.6
Db máximo	60.4	63.7	67.8

\*MAR: [140] vai /=INT= fazer a revisão /=CMM= e depois da revisão /=TOP= &ah /=TMT= vai à inspeção /=CMM=

pfamcv07[140]	d(e)	pois	da	r(e)vi	são
Duração silábica	0.055	0.253	0.122	0.255	0.518
Duração vocálica		0.051	0.088	0.110	0.412
F0 mínima		199.0	207.1	172.2	182.1
F0 máxima		229.2	212.5	213.3	232.7
Db mínimo	61.1	60.9	66.6	64.0	65.4
Db máximo	64.4	76.5	76.7	74.5	76.1

\*JOS: [213] no "porto dos milagres" /=TOP= reparou que ninguém fuma /=COM=

pfamcv07[213]	no	Por (to)	dos	mi	la gr(e)s
Duração silábica	0.127	0.239	0.190	0.122	0.323
Duração vocálica	0.065	0.075	0.045	0.061	0.147
F0 mínima	110.8	109.6	117.8	116.3	113.3
F0 máxima	131.1	158.1	160.0	136.2	132.6
Db mínimo	84.0	69.4	68.7	79.3	67.3
Db máximo	91.1	92.3	87.4	90.3	88.8

\*JOS: [214] outro dia /=TOP= pensei nisto /=COM=

pfamcv07[214]	ou	tro	di a
Duração silábica	0.092	0.136	0.315
Duração vocálica	0.577	0.036	0.225
F0 mínima	95.2	98.2	91.6
F0 máxima	96.7	104.6	105.4
Db mínimo	70.4	62.6	71.8
Db máximo	78.2	75.3	79.8

\*RIC: [10] <mas ele /=EMP= a questão> aí é diferente /=COB= porque ele em /=SCA= em /=EMP= na /=EMP= na Espanha /=TOP= &n /=EMP= não sei /=COB= mas /=DCT= se calhar /=TOP= é pelo /=SCA= talvez por uma coisa de estatuto //

pfamcv09[10]1	na (E)s	pa	nha
Duração silábica	0.258	0.114	0.120
Duração vocálica	0.047	0.088	0.047
F0 mínima	107.1	115.3	127.1
F0 máxima	109.4	127.1	133.6
Db mínimo	45.3	57.1	56.4
Db máximo	59.3	62.9	57.7

\*RIC: [10] <mas ele /=EMP= a questão> aí é diferente /=COB= porque ele em /=SCA= em /=EMP= na /=EMP= na Espanha /=TOP= &n /=EMP= não sei /=COB= mas /=DCT= se calhar /=TOP= é pelo /=SCA= talvez por uma coisa de estatuto //

pfamcv09[10]2	s(e)	ca	lhar
Duração silábica	0.097	0.062	0.182
Duração vocálica		0.040	0.086
F0 mínima		142.9	141.8
F0 máxima		150.4	156.7
Db mínimo	41.9	43.2	52.0
Db máximo	52.5	63.1	61.3

\*CAR: [14] os ditadores /=TOP= querem conquistar //COM=

pfamcv09[14]	os	di	ta	do r(e)s
Duração silábica	0.147	0.160	0.157	0.422
Duração vocálica	0.086	0.104	0.104	0.162
F0 mínima	125.6	145.6	139.7	137.5
F0 máxima	143.1	181.0	148.1	148.2
Db mínimo	54.2	50.4	49.2	49.1
Db máximo	56.1	60.8	62.1	63.7

\*CAR: [71] em Dunkerck /=TOP= se o Hitler +=EMP=

pfamcv09[71]	em	Dun	quer	qu(e)
Duração silábica	0.127	0.208	0.253	0.136
Duração vocálica	0.127	0.154	0.214	
F0 mínima	120.1	138.8	160.3	
F0 máxima	141.9	189.5	172.3	
Db mínimo	59.4	55.4	51.2	43.1
Db máximo	61.5	68.7	69.8	49.0

\*CAR: [109] enquanto /=DCT= enquanto a viagem decorria /=TOP= os ingleses /=INT= olha /=CMM= vêm tantos /=CMM= vêm tantos /=CMM= são assim /=CMM= formação tal e tal /=CMM= e /=DCT= planeavam tudo e o +=EMP=

pfamcv09[109]	en	quan	t(o) a	vi	a	gem	d(e) c(o) rri a
Duração silábica	0.086	0.096	0.076	0.097	0.124	0.121	0.355
Duração vocálica	0.069	0.048	0.059	0.064	0.124	0.086	0.166
F0 mínima	120.8	123.1	121.2	124.2	141.0	141.2	152.9
F0 máxima	140.6	151.8	145.1	148.7	148.2	153.2	189.0
Db mínimo	49.3	52.1	52.2	52.1	51.8	50.0	43.3
Db máximo	55.5	64.0	57.7	61.8	64.8	58.1	64.4

\*CAR: [116] os alemães /TOP= como fizeram em todo o lado /PAR= julgavam que os outros eram /SCA= eram uma porcaria /CMM= correu-lhes mal /CMM= porque /DCT= depois /SCA= é que perceberam que /SCA= eles tinham sido derrotados pelo radar e não /SCA= tanto pela capacidade militar dos ingleses //CMM=

pfamcv09[116]	os	z al(e)	mães
Duração silábica	0.080	0.178	0.487
Duração vocálica	0.060	0.084	0.183
F0 mínima	168.3	172.6	137.3
F0 máxima	174.2	192.5	191.2
Db mínimo	60.7	55.0	50.1
Db máximo	64.2	70.5	70.3

\*CAR: [127] / no livro /EMP= no livro que eu li sobre isso /TOP= o que era engraçado /TOP= é que era a cama de baldaquim //COM=

pfamcv09[127]	no	li vr(o)	q(ue) eu	li	so	br(e) iss(o)
Duração silábica	0.287	0.155	0.156	0.105	0.169	0.155
Duração vocálica	0.080	0.063	0.096	0.074	0.057	0.060
F0 mínima	157.9	174.2	171.1	171.1	156.6	153.2
F0 máxima	180.6	188.4	183.3	177.6	183.8	157.2
Db mínimo	53.1	47.1	43.7	63.8	50.8	51.0
Db máximo	63.5	61.8	69.9	67.5	61.9	59.5

\*CAR: [128] o que se passa /TOP= é que depois / quando há /EMP= &ah /TMT= em termos quando /SCA= quando se dá a reviravolta /COB= e portanto são os americanos e os ingleses a /SCA= a /EMP= a fazerem a reconquista do /SCA= do espaço /EMP= do espaço europeu /COB= os ingleses dão a volta a esse assunto //COM=

pfamcv09[128]	o q(ue) s(e)	pa	ssa
Duração silábica	0.340	0.208	0.149
Duração vocálica	0.132	0.174	0.044
F0 mínima	162.2	128.5	154.4
F0 máxima	173.4	150.1	156.0
Db mínimo	45.3	55.5	52.7
Db máximo	59.6	74.5	54.6

\*CAR: [134] de repente /TOP= os aviões param /SCA= no radar /COB= e aparecem não &s /SCA= &on /EMP= onze mil aviões no radar //COM=

pfamcv09[134]	de	rre	pen t(e)
Duração silábica	0.101	0.195	0.556

Duração vocálica	0.062	0.150	0.244
F0 mínima	197.7	170.0	113.2
F0 máxima	234.4	233.7	166.7
Db mínimo	69.6	52.0	42.8
Db máximo	72.6	70.6	66.1

\*CAR: [159] < toda &e> /=EMP= toda essa &regi /=EMP= &ah /=TMT= toda essa região dos Balcãs /=TOP= sempre foi &terri +=EMP=

pfamcv09[159]	to	da	e	ssa	r(e)	g(i)	ão	dos	bal	cans
Duração silábica	0.118	0.040	0.069	0.129	0.082	0.076	0.070	0.140	0.203	0.223
Duração vocálica	0.063	0.032	0.069	0.128	0.032	0.037	0.070	0.043	0.116	0.093
F0 mínima	128.6	132.5	132.8	145.9	142.3	144.2	149.2	144.1	150.6	157.6
F0 máxima	124.4	127.6	130.0	130.0	121.8	119.7	144.1	120.1	121.6	137.9
Db mínimo	59.2	60.6	62.4	58.5	55.4	56.8	63.8	62.6	67.0	59.7
Db máximo	47.2	59.7	56.6	55.4	53.3	53.3	59.6	49.0	45.9	46.3

\*CAR: [168] / a verdade é que ele depois /=INT= enquanto fazem a invasão da União Soviética /=TOP= ele faz assim /=INT= vai direito a Moscovo //COM=

pfamcv09[166]	(en)quant(o)	fa	zem (a in)	va	sã(o)	d(a) U	ni	ão	S(o) vi é	ti	ca
Duração silábica	0.172	0.169	0.169	0.132	0.148	0.125	0.090	0.079	0.284	0.087	0.118
Duração vocálica	0.085	0.098	0.130	0.092	0.095	0.090	0.043	0.079	0.148	0.041	0.077
F0 mínima	187.1	182.5	180.6	182.4	179.4	184.9	196.7	188.5	181.5	187.3	183.8
F0 máxima	214.4	211.0	199.1	205.6	199.9	196.7	199.6	200.4	205.3	212.5	200.4
Db mínimo	55.8	49.4	54.5	53.7	55.2	58.6	62.0	61.0	53.3	52.7	52.9
Db máximo	64.4	65.2	64.0	64.3	63.3	63.9	64.2	63.7	65.4	59.3	64.1

\*LUI: [381] / um miúdo de três anos /=TOP4= manifesta /=SCA= de facto /=SCA= &hum /=TMT= &eh /=TMT= atitudes /=COB= que merecem um respeito /=COB= que às vezes /=SCA= uma pessoa não se dá conta //COM=

pfamdl01[381]	um	mi	ud(o)	(de) trê	z a	nos
Duração silábica	0.120	0.133	0.106	0.284	0.239	0.273
Duração vocálica	0.120	0.090	0.057	0.088	0.124	0.062
F0 mínima	228.9	231.6	237.3	221.8	174.8	182.0
F0 máxima	245.3	277.8	290.9	270.6	219.0	230.6
Db mínimo	66.5	63.1	49.0	32.2	52.1	50.14
Db máximo	68.5	67.2	67.5	73.7	69.3	62.8

\*LUI: [417] mas /=DCT= &eh /=TMT= mas /=DCT= enquanto não é isso /=TOP= é uma maneira da criança se querer fazer <ouvir> //COM=

pfamdl01[417]	en	quan t(o)	não	é	iss(o)
Duração silábica	0.120	0.201	0.155	0.118	0.283

Duração vocálica	0.120	0.077	0.074	0.118	0.153
F0 mínima	185.7	219.5	199.3	171.0	210.9
F0 máxima	155.6	168.7	163.5	156.0	160.7
Db mínimo	65.3	70.8	67.2	67.7	66.9
Db máximo	42.4	44.8	45.3	65.1	50.6

\*LUI: [420] &ah /=TMT= mas ainda no que diz respeito às /=SCA= à parte pedagógica /=TOP4= neste momento há uma situação um bocadinho complicada /=COB= que é a seguinte /=COM=

pfamd101[420]	mas	s (a)in	da	no	q(ue)	diz	r(e)s	pei	t(o)	retra cting	a	par(t e)	pe	da	go	gi	ca
Duração silábica	0.129	0.196	0.130	0.122	0.076	0.119	0.122	0.069	0.038		0.092	0.180	0.192	0.105	0.183	0.195	0.387
Duração vocálica	0.064	0.111	0.130	0.092		0.060		0.056			0.092	0.057	0.040	0.072	0.143	0.094	0.224
F0 mínima	176.7	187.9	170.6	168.1	178.2	162.5		170.0	169.6		70.3	172.2	152.6	153.0	132.5	130.4	146.7
F0 máxima	192.0	210.6	204.6	199.1	178.4	199.0		191.0	184.4		79.8	181.0	157.3	175.6	165.9	160.0	179.2
Db mínimo	61.2	58.3	48.1	42.2	39.0	49.7	40.9	60.4	42.4		50.2	41.0	42.2	56.1	53.6	49.5	40.1
Db máximo	72.6	71.4	71.0	68.2	53.0	63.0	53.4	67.6	57.9		65.9	69.8	60.1	66.0	65.6	60.2	53.1

\*LUI: [429] professores que podem fazer o /=SCA= o /=EMP= fazem o curso superior /=TOP3= e podem fazer o /=SCA= o /=EMP= os /=EMP= só os primeiros anos /=TOPou= &eh /=TMT= têm preparação adequada para fazer o /=SCA= o chamado quinto e sexto ano do <ensino> /=SCA= básico /=COM=

pfamd101[429]	prof(e)	ssor(e)s	q(ue)	retracting	fa	zem	o	cur	(so) su	pe	ri	or
Duração silábica	0.145	0.213	0.102	retracting	0.162	0.135	0.059	0.162	0.194	0.120	0.141	0.237
Duração vocálica	0.047	0.060		retracting	0.095	0.083	0.059	0.066	0.063	0.031	0.105	0.197
F0 mínima	161.2	230.7		retracting	181.7	180.2	171.2	174.0	162.7	163.5	162.2	183.5
F0 máxima	202.9	266.9		retracting	211.7	193.4	185.5	218.8	222.2	226.3	185.4	231.8
Db mínimo	51.2	46.5	34.4	retracting	46.5	60.6	48.9	37.4	53.9	37.8	55.2	66.4
Db máximo	65.9	73.8	61.9	retracting	73.1	69.7	68.7	68.3	68.5	64.6	71.0	71.3

\*LUI: [447] é isso /COB= e /TMT= e o que eu /EMP= o que eu acho que é a maior confusão /TOP= é que depois o aluno se /SCA= calha /COB= &apanha /EMP= encontrar professores /COB= com /SCA= estes tipos variados de formação /CMM= e com perspectivas diferentes /CMM= acho que pode /SCA= ser /SCA= muito /SCA= irregular /CMB= muito /EMP= pode-se /SCA= perder um bocado /CMB= pode criar muita insegurança nos alunos /CMB= &eh /TMT= porque / até pode ter um professor /SCA= do ensino secundário /COB= que venha dar uns primeiros anos /COB= e depois ter um professor /SCA= com uma preparação /SCA= para /SCA= &eh /TMT= crianças mais pequenas /COB= que venha /SCA= posteriormente /COB= e portanto /DCT= faz uns /SCA= um /EMP= uma curva um bocadinho /SCA= um bocadinho /SCA= irregular /COB= de altos e baixos /COB= <e não> +=EMP=

pfamdl01[447]	o	que eu	a ch(o)	que é	mai	(or)	co(n) fu(s)	ão
Duração silábica	0.104	0.162	0.189	0.227	0.150	0.079	0.323	0.241
Duração vocálica	0.104	0.069	0.097	0.128	0.079	0.079	0.064	0.147
F0 mínima	158.8	168.9	170.6	156.7	154.9	157.7	153.0	169.5
F0 máxima	159.4	174.1	185.8	166.3	169.6	165.9	188.2	211.3
Db mínimo	52.3	40.1	35.0	34.0	53.7	60.5	39.1	49.8
Db máximo	60.7	67.7	69.4	69.6	69.6	68.8	65.5	66.8

\*JOS: [472] &eh /TMT= eu concordo &exacta /SCA= com tudo isso que tu disseste /COB= e isso às vezes faz-me pensar /COB= que numa coisa tão séria como é um sistema educativo /TOP= porque eu acho que é das coisas mais <sérias que pode haver> /COB= &ah /TMT= para um país progredir /COB= nos tempos em que vivemos eu penso que um sistema educativo /SCA= é /SCA= uma coisa mais séria do que / por exemplo / termos /i\_COM= &eh /TMT= &eh /TMT= um exército forte //COM=

pfamdl01[472]	q(ue)	nu	ma	coi	s(a)	tão	sé	ria	co	mo é	um	s(i)s	te	ma (e)	du	ca	ti	v(o)
Dur s	0.105	0.087	0.095	0.123	0.064	0.199	0.244	0.112	0.135	0.100	0.089	0.354	0.153	0.192	0.095	0.109	0.183	0.107
Dur v		0.066	0.061	0.065		0.089	0.114	0.078	0.043	0.075	0.089		0.114	0.106	0.072	0.063	0.072	
F0 mín	109.2	108.1	97.1	138.8	138.4	125.4	125.7	116.6	114.9	111.3	94.5		135.8	97.5	96.0	106.4	98.3	96.2
F0 máx	115.4	112.3	108.5	146.3	140.5	142.0	137.6	127.9	124.2	119.1	111.8		145.1	135.3	101.6	112.5	110.7	98.3
Db mín	43.5	56.3	48.1	43.2	44.4	38.7	41.4	48.8	43.1	57.0	53.0	37.3	43.5	52.5	43.8	47.6	38.3	41.6
Db máx	52.9	60.6	56.2	66.4	58.1	60.8	57.5	62.0	55.8	62.1	60.9	51.7	64.4	64.4	54.0	58.6	53.7	47.2

\*LUI: [498] também como professora /TOP= acho que devia conhecer //COM=

pfamdl01[498]	tam	bem	com(o)	pro f(e)	sso	ra
Duração silábica	0.071	0.084	0.200	0.189	0.149	0.105
Duração vocálica	0.038	0.084	0.074	-	0.048	0.060
F0 mínima	163.6	175.6	180.7	183.9	226.7	235.5
F0 máxima	175.6	185.5	204.7	218.1	225.3	325.4
Db mínimo	61.5	58.1	42.9	41.9	44.2	56.3
Db máximo	63.1	64.1	66.3	56.3	63.7	61.9

\*LUI: [506] / onde a sociedade devia investir mais /=TOP= &de /=EMP= devia ser na educação e na formação das pessoas //COM=

pfamdl01[506]	ond(e)	a	s(o)cie	dad(e)	d(e) vi(a)	in	v(e)s tí(r)	mais
Duração silábica	0.128	0.061	0.247	0.138	0.243	0.118	0.236	0.574
Duração vocálica	0.098	0.061	0.080	0.084	0.058	0.118	0.029	0.278
F0 mínima	174.1	168.0	156.1	161.4	149.0	157.9	151.8	147.2
F0 máxima	192.7	177.2	174.9	188.2	190.5	179.1	177.2	191.6
Db mínimo	69.3	61.7	52.7	59.8	48.5	58.8	42.2	48.2
Db máximo	76.0	69.3	68.0	74.76	66.6	65.0	61.3	65.1

\*JOS: [537] alunos /=TOP= que nós temos de preparar /=COB= para a vida //COM=

pfamdl01[537]	a	lu	nos
Duração silábica	0.078	0.241	0.204
Duração vocálica	0.078	0.175	0.062
F0 mínima	112.7	105.4	221.8
F0 máxima	124.3	221.8	253.5
Db mínimo	55.0	52.7	47.2
Db máximo	58.7	62.5	54.3

\*JOS: [544] e eu /=TOP= para mim /=TOP= é difícil /=SCA= às vezes /=COB= de /=SCA= gerir /=SCA= este compromisso //COM=

pfamdl01[544]	pa	ra	mim
Duração silábica	0.068	0.080	0.127
Duração vocálica	0.046	0.064	0.184
F0 mínima	157.9	161.8	187.7
F0 máxima	150.9	139.5	120.7
Db mínimo	69.9	71.3	62.2
Db máximo	69.9	60.0	57.0

\*LUI: [555] o problema /=TOP= que me parece mais complicado nisto tudo /=TOP= é que / em cada grupo /=TOP= há sempre /=COB= em cada turma /=TOP= há sempre /=SCA= alguns alunos que /=i\_COM= de facto /=PAR= não embarcam /=SCA= nisto //COM=

pfamdl01[555]l	o	pro	ble	ma
Duração silábica	0.081	0.161	0.165	0.234
Duração vocálica	0.081	0.060	0.098	0.085
F0 mínima	166.3	236.1	249.0	262.2
F0 máxima	151.5	222.2	220.7	246.8



Db mínimo	62.5	66.2	72.4	69.8
Db máximo	58.9	55.4	60.9	55.4

\*LUI: [555] o problema /TOP= que me parece mais complicado nisto tudo /TOP= é que / em cada grupo /TOP= há sempre /COB= em cada turma /TOP= há sempre /SCA= alguns alunos que /i\_COM= de facto /PAR= não embarcam /SCA= nisto //COM=

pfamd101 [555]2	que m(e)	pa	rec(e)	mais	com	pli	cad(o)	nis(so)	tu	do
Duração silábica	0.153	0.114	0.258	0.171	0.138	0.154	0.204	0.214	0.235	0.079
Duração vocálica	0.054	0.063	0.097	0.063	0.091	0.081	0.091	0.072	0.121	0.059
F0 mínima	214.8	203.9	180.1	195.5	181.2	185.1	174.2	171.2	235.7	219.6
F0 máxima	247.3	235.1	205.1	237.8	197.1	215.1	214.7	185.2	249.6	228.3
Db mínimo	66.1	59.0	57.4	53.4	50.6	46.2	47.1	39.9	36.9	58.6
Db máximo	73.9	74.3	73.5	69.0	65.7	65.0	67.6	60.4	65.9	58.9

\*LUI: [555] o problema /TOP= que me parece mais complicado nisto tudo /TOP= é que / em cada grupo /TOP= há sempre /COB= em cada turma /TOP= há sempre /SCA= alguns alunos que /i\_COM= de facto /PAR= não embarcam /SCA= nisto //COM=

pfamd101[555]3	em	ca	da	gru	po
Duração silábica	0.111	0.117	0.120	0.245	0.239
Duração vocálica	0.111	0.062	0.057	0.122	0.077
F0 mínima	154.1	154.1	175.6	175.8	205.8
F0 máxima	170.5	194.0	194.7	230.5	246.9
Db mínimo	53.9	46.6	56.3	56.8	31.8
Db máximo	66.1	71.8	68.4	70.2	61.3

\*LUI: [571] evidentemente /TOP= eles não sentem /SCA= não estão bem /COB= <com eles> //APC= e portanto não se consegue /SCA= &me /EMP= que eles se sintam bem dentro da aula //COM=

pfamd101[571]	e	vi	den	men	te
Duração silábica	0.117	0.674	0.510	0.266	0.244
Duração vocálica	0.117	0.691	0.085	0.103	0.122
F0 mínima	161.4	147.2	147.9	152.4	156.0
F0 máxima	188.4	163.4	159.3	239.3	189.8
Db mínimo	58.3	56.5	47.0	42.6	33.3
Db máximo	69.9	65.3	67.1	67.9	67.7

\*RUI: [1] os últimos anos /=TOP= não [1] não foram maus //COM=

pfamd106[1]	o	sul	tím(os)	s an(o)s
Duração silábica	0.049	0.119	0.123	0.215
Duração vocálica	0.049	0.084	0.037	0.096
F0 mínima	111.4	115.2	112.3	111.0
F0 máxima	115.1	144.7	134.1	124.9
Db mínimo		61.3	52.3	55.7
Db máximo		71.4	67.4	67.4

\*RUI: [11] &ah /=DCT= mas /=DCT= por outro lado /=TOP= tinham /=SCA= coisas giras /=COB= que eram /=SCA= as tais /=SCA= bailes e /=SCA= e concertos /=COB= que fizemos //COM=

pfamd106[11]	po	rout(ro)	la(do)
Duração silábica	0.058	0.145	0.085
Duração vocálica	0.031	0.046	0.074
F0 mínima	114.0	113.2	119.4
F0 máxima	114.7	120.8	121.2
Db mínimo		56.1	
Db máximo		62.2	

\*RUI: [15] um /=TOP= foi /=SCA= um /=SCA= balho //COM=

pfamd106[15]	um
Duração silábica	0.282
Duração vocálica	0.241
F0 mínima	58.7
F0 máxima	62.5
Db mínimo	60.8
Db máximo	62.6

\*RUI: [66] o segundo baile /=TOP= correu muito mal //COM=

pfamd106[66]	o s(e)	gun(d0)	bail(e)
Duração silábica	0.087	0.169	0.251
Duração vocálica	0.087	0.078	0.132
F0 mínima	117.1	126.6	126.4
F0 máxima	122.6	144.6	135.1
Db mínimo	52.2	45.7	56.9
Db máximo	66.8	70.5	72.0

\*RUI: [75] e então /=TOP= esse cartão /=TOP= dava acesso directo /=COM=

pfamd106[75]	ess(e)	car	tão
Duração silábica	0.161	0.109	0.311
Duração vocálica	0.069	0.039	0.226
F0 mínima	113.1	119.6	88.9
F0 máxima	116.2	130.5	113.5
Db mínimo	49.0	52.4	45.1
Db máximo	62.4	68.6	67.2

\*RUI: [83] e então /=TOP= cada pessoa que aparecia lá com o cartão /=TOP= tínhamos que estar ali meia hora a discutir /=COB= que tinha que pagar na mesma /=COM=

pfamd106[83]	ca	da	p(e) ssoa	q(ue) a	p(a)r(e) c(ia) lá	c(om) car	tão
Duração silábica	0.111	0.076	0.226	0.118	0.334	0.115	0.304
Duração vocálica	0.068	0.046	0.062	0.039	0.062	0.035	0.221
F0 mínima	204.8	197.9	132.9	126.8	116.2	112.3	100.5
F0 máxima	222.9	224.9	197.9	138.8	138.5	114.2	109.6
Db mínimo	72.5	70.6	51.0	52.3	43.4	48.4	45.2
Db máximo	81.8	74.5	74.5	68.3	73.3	65.1	68.6

\*RUI: [109] / naquela região /=TOP= não tão assim /=COM=

pfamd106[109]	na	que	la	re	gi	ão
Duração silábica	0.066	0.098	0.098	0.048	0.142	0.135
Duração vocálica	0.028	0.036	0.086	0.022	0.051	0.135
F0 mínima	165.7	120.7	110.8	110.7	111.8	109.3
F0 máxima	175.0	165.7	120.7	117.6	121.8	122
Db mínimo	70.7	52.6	61.8	60.9	61.4	63.5
Db máximo	70.7	68.4	67	63.1	64.9	68.1

\*RUI: [147] as pessoas que ficaram /=SCA= com a /=SCA= publicidade +=TOP=

pfamd106[147]	as	p(e)sso	(a)s	q(ue) fi	ca	ram	co	a	pu	bli	ci	da d(e)
Duração silábica	0.089	0.165	0.076	0.170	0.184	0.125	0.233	0.113	0.197	0.079	0.174	0.318
Duração vocálica	0.054	0.049	0.076	0.040	0.082	0.098	0.065	0.113	0.054	0.050	0.059	0.157
F0 mínima		136.4	132.0		105.1	102.9	102.0	96.6	120.2	110.3	95.5	84.5
F0 máxima		139.2	139.0		116.2	108.7	103.5	101.8	126.4	120.8	117.8	94.1

Db mínimo	54.5	50.7	48.1	44.9	46.6	53.6	42.9	56.4	44.8	61.1	54.8	42.8
Db máximo	56.5	67.6	67.0	64.2	67.1	62.8	62.8	61.5	69.8	69.0	68.0	60.7

\*RUI: [148] é que /=DCT= nos outros bailes /=TOP= as &p /=EMP= a &p /=EMP= a publicidade de região era o suficiente //COM=

pfamd106[148]1	no(s)	s o(u)t(ros)	bail(e)s
Duração silábica	0.097	0.250	0.488
Duração vocálica	0.043	0.047	0.143
F0 mínima	113.1	119.2	94.3
F0 máxima	121.6	148.7	114.2
Db mínimo	66.5	47.0	45.9
Db máximo	69.6	74.5	65.8

\*RUI: [148] é que /=DCT= nos outros bailes /=TOP= as &p /=EMP= a &p /=EMP= a publicidade de região era o suficiente //COM=

pfamd106[148]2	a	pub(li)	c(i)	dad(e) da	r(e)	gião
Duração silábica	0.092	0.207	0.128	0.189	0.093	0.336
Duração vocálica	0.092	0.098		0.099		0.153
F0 mínima	116.2	147.5	152.8	88.9		106.1
F0 máxima	121.8	153.6	152.9	96.3		118.5
Db mínimo	61.6	43.7	49.4	55.7	55.5	59.2
Db máximo	64.5	68.8	62.5	70.5	61.0	67.1

\*RUI: [159] só que quem organizou aquilo /=TOP= pôs /=INT= &h /=TMT= noite de fado /=COB= no pavilhão /=COB= tatata //COM=

pfamd106[159]	só q(ue)	que(m)	or	ga	(n)i	zo(u)	a	quil(o)
Duração silábica	0.179	0.169	0.111	0.088	0.041	0.105	0.041	0.396
Duração vocálica	0.045	0.028	0.047	0.064	0.041	0.041	0.041	0.090
F0 mínima	109.4	155.5	142.2	139.8	129.3	124.2	119.0	89.1
F0 máxima	114.1	158.1	155.5	147.3	139.8	129.7	124.2	96.4
Db mínimo	48.7	41.8	62.6	66.2	65.6	61.9	61.6	45.4
Db máximo	61.8	70.1	69.5	70.1	69.2	67.4	66.7	63.7

\*RUI: [166] e em que depois /=TOP= tu não /=EMP= tu não dás a rua /=COM=

pfamd106[166]	e	em q(ue)	d(e) pois
Duração silábica	0.132	0.206	0.307
Duração vocálica	0.132	0.071	0.100
F0 mínima	100.0	119.4	134.0
F0 máxima	126.4	127.5	141.9
Db mínimo	62.7	45.4	42.5
Db máximo	67.0	67.3	71.2

\*RUI: [187] / [<] <montes> de pessoas /=TOP= não vão saber /=COB= o que é que aquilo é /=COM=

pfamd106[187]	mont(e)	p(e)sso	as
Duração silábica	0.355	0.216	0.213
Duração vocálica	0.086	0.105	0.099
F0 mínima	118.3	101.8	102.1
F0 máxima	179.8	130.6	111.3
Db mínimo	45.2	50.9	56.6
Db máximo	76.8	69.6	64.9

\*RUI: [197] e então /=TOP= na noite de fados /=TOP= estavam lá /=INT= familiares /=COB= nossos /=COM=

pfamd106[197]	na	noi	t(e) d(e) fa	d(o)s
Duração silábica	0.171	0.187	0.321	0.181
Duração vocálica	0.060	0.135	0.159	
F0 mínima	112.9	115.9	97.4	96.4
F0 máxima	120.2	151.9	105.6	97.3
Db mínimo	70.1	64.2	47.1	45.4
Db máximo	71.7	73.5	76.9	60.5

\*MAR: [1] notem que /=INT= o que ele está a fazer /=TOP= é uma teorização da narrativa /=COM=

pnatte03[01]	o	que el(e)	(e)s tá	fa	zer
Duração silábica	0.081	0.258	0.351	0.214	0.358
Duração vocálica	0.081	0.084	0.163	0.075	0.144
F0 mínima	217.6	325.7	260.0	228.6	178.8
F0 máxima	277.1	383.1	367.6	276.1	254.2
Db mínimo	43.9	34.5	38.1	36.8	53.4
Db máximo	60.0	66.7	58.4	63.7	67.1

\*MAR: [14] os acontecimentos /=TOP= independentemente da sua duração /=TOP= tornam-se /=COB s= agudos //COM=

pnatte03[14]1	o(s)	s a	cont(e)	ci	men	tos
Duração silábica	0.126	0.164	0.257	0.188	0.238	0.241
Duração vocálica	0.126	0.087	0.111	0.058	0.133	0.033
F0 mínima	185.2	183.8	244.4	221.6	195.9	233.6
F0 máxima	215.3	294.6	294.4	266.9	221.6	249.7
Db mínimo	66.2	61.7	42.7	46.7	55.4	38.6
Db máximo	68.4	73.8	69.5	62.9	62.4	57.6

\*MAR: [14] os acontecimentos /=TOP= independentemente da sua duração /=TOP= tornam-se /=COB s= agudos //COM=

pnatte03[14]2	in	de	pen	dent(e)	ment(e)	da	sua	du	ra	ção
Duração silábica	0.284	0.090	0.308	0.317	0.327	0.073	0.212	0.071	0.095	0.391
Duração vocálica	0.188	0.060	0.114	0.129	0.099	0.050	0.086	0.026	0.073	0.242
F0 mínima	255.1	227.8	200.9	187.6	163.2	160.7	141.3	155.1	158.8	165.0
F0 máxima	361.1	286.3	282.5	253.1	221.2	165.7	165.7	158.8	175.3	249.7
Db mínimo	59.8	53.3	37.5	37.2	35.4	53.0	42.5	47.6	58.0	45.9
Db máximo	68.7	62.2	64.2	62.0	62.7	61.3	60.0	56.6	64.1	60.8

\*MAR: [17] pausa /=TOP= aqui /=TOP= evidentemente /=TOP= deve ser entendida também no sentido narrativo //COM=

pnatte03[17]1	pau	sa
Duração silábica	0.311	0.273
Duração vocálica	0.247	0.149
F0 mínima	168.6	203.5
F0 máxima	218.0	300.5
Db mínimo	61.3	52.2
Db máximo	66.7	62.2

\*MAR: [17] pausa /=TOP= aqui /=TOP= evidentemente /=TOP= deve ser entendida também no sentido narrativo //COM=

pnatte03[17]2	a	qui
---------------	---	-----

Duração silábica	0.087	0.417
Duração vocálica	0.087	0.254
F0 mínima	159.3	168.2
F0 máxima	171.7	331.7
Db mínimo	56.0	36.5
Db máximo	59.0	60.3

\*MAR: [17] pausa /=TOP= aqui /=TOP= evidentemente /=TOP= deve ser entendida também no sentido narrativo //COM=

pnaate03[17]3	e	vi	den	men t(e)
Duração silábica	0.085	0.119	0.167	0.515
Duração vocálica	0.085	0.069	0.107	0.172
F0 mínima	173.2	147.2	143.5	139.9
F0 máxima	216.3	189.5	189.5	267.2
Db mínimo	58.3	50.2	47.5	35.9
Db máximo	60.8	58.5	54.2	60.4

\*MAR: [21] e depois /=TOP= tem páginas e páginas sobre a questão /=COB= da /=EMP= do /=EMP= do que é o visualismo /=COB= em /=EMP= em literatura /=COB= os amigos das visualidades /=COB= que põem coisas que afinal nunca existiram //COM=

pnaate03[21]	e	de	pois
Duração silábica	0.107	0.119	0.549
Duração vocálica	0.107	0.061	0.250
F0 mínima	246.6	212.8	207.0
F0 máxima	275.7	290.6	279.8
Db mínimo	71.6	61.9	39.4
Db máximo	74.5	69.2	75.8

\*MAR: [25] notem como /=COB= a pausa /=TOP= ocupa /=COB\_s= um espaço da narração /=COB= a que não corresponde tempo de acção nenhum //COM=

pnaate03[25]	a	pau	sa
Duração silábica	0.114	0.601	0.383
Duração vocálica	0.094	0.363	0.198
F0 mínima	246.8	235.1	233.1
F0 máxima	259.0	303.8	334.2
Db mínimo	69.5	38.4	59.8
Db máximo	72.4	76.6	68.9

\*MAR: [27] e estes espaços /=i-TOP= por exemplo /=PAR= em autores como Camilo Castelo Branco /=TOP= ou Garrett

/=TOP= são determinantes para a interpretação / &d / dos acontecimentos //COM=

pnatte03 [27]1	e	es	t(e)s	es	paç(o)s	em	au	to	r(e)s	com(o)	Ca	mil(o)	Cas	tel(o)	Bran	co
Dur s	0.162	0.167	0.114	0.180	0.491	0.110	0.145	0.199	0.114	0.212	0.072	0.158	0.164	0.180	0.278	0.212
Dur v	0.124	0.106		0.082	0.157	0.075	0.145	0.091		0.038	0.037	0.061	0.045	0.044	0.126	0.077
F0 mín	219.1	298.3		256.1	208.0	173.6	174.9	176.0	208.3	160.1	201.6	165.6	168.3	167.8	182.4	291.5
F0 máx	298.3	378.8		273.0	314.3	183.7	180.1	287.3	229.9	210.1	238.6	234.0	194.3	213.6	238.4	349.9
Db mín	41.6	48.7	43.9	47.1	37.1	51.0	47.4	40.7	47.4	46.4	47.9	58.7	47.3	47.4	57.0	49.6
Db máx	71.5	71.4	43.9	62.2	73.7	61.6	63.5	68.5	61.3	58.5	67.7	67.8	61.1	66.0	67.5	65.6

\*MAR: [27] e estes espaços /=TOP= por exemplo /=PAR= em autores como Camilo Castelo Branco /=TOP= ou Garrett /=TOP= são determinantes para a interpretação / &d / dos acontecimentos //COM=

pnatte03[27]2	ou	Ga	rre	tt
Duração silábica	0.269	0.171	0.272	0.240
Duração vocálica	0.269	0.143	0.162	0.058
F0 mínima	217.2	190.6	179.1	267.0
F0 máxima	307.5	214.5	192.9	275.2
Db mínimo	65.4	63.8	58.8	38.2
Db máximo	76.0	74.9	69.0	60.9

\*MAR: [28] inclusivamente /=TOP= noutras circunstâncias /=TOP= Camilo /=TOP= tem /=TOP= de facto /=INT= tendência para pôr a acção muito rápida //COM=

pnatte03[28]1	in	clu	si	va	men	te
Duração silábica	0.138	0.151	0.192	0.114	0.308	0.225
Duração vocálica	0.116	0.069	0.087	0.060	0.174	0.120
F0 mínima	238.7	225.3	168.3	178.5	202.4	300.9
F0 máxima	352.3	244.3	241.3	216.7	312.6	377.5
Db mínimo	69.9	55.2	67.9	67.9	61.7	42.8
Db máximo	71.3	75.1	75.3	71.2	69.8	69.6

\*MAR: [28] inclusivamente /=TOP= noutras circunstâncias /=TOP= Camilo /=TOP= tem /=TOP= de facto /=INT= tendência para pôr a acção muito rápida //COM=

pnatte03[28]2	nou	tras	cir	cuns	tan	ci	as
Duração silábica	0.173	0.181	0.197	0.278	0.260	0.222	0.216
Duração vocálica	0.096	0.038	0.055	0.099	0.174	0.066	0.071
F0 mínima	230.9	195.0	193.3	172.7	174.8	178.4	277.3
F0 máxima	259.4	260.4	230.6	210.4	207.5	277.3	325.3
Db mínimo	72.5	50.8	49.4	40.8	42.5	46.9	48.1
Db máximo	77.1	68.9	68.3	65.6	67.5	68.9	68.5



\*MAR: [28] inclusivamente /=TOP= noutras circunstâncias /=TOP= Camilo /=TOP= tem /=TOP= de facto /=INT= tendência para pôr a acção muito rápida //COM=

pna03[28]3	Ca	mi	lo
Duração silábica	0.087	0.199	0.212
Duração vocálica	0.050	0.137	0.132
F0 mínima	238.6	233.2	256.5
F0 máxima	253.1	259.8	307.2
Db mínimo	71.6	66.2	64.3
Db máximo	73.4	68.9	67.1

\*MAR: [33] e /=DCT= o aspecto dito claramente durativo /=TOP= é aquele /=COB= que /=DCT= &eh /=TMT= refere /=COB\_s= a relação entre /=INT= o discurso do narrador /=COB= e /=DCT= a história //COM=

pna03[33]	o	as	pe(c)	to	dí t(o)	cla	ra	ment(e)	du	ra	ti	vo
Duração silábica	0.070	0.149	0.200	0.181	0.216	0.237	0.079	0.273	0.102	0.105	0.305	0.258
Duração vocálica	0.070	0.060	0.101	0.075	0.086	0.107	0.061	0.094	0.076	0.088	0.156	0.170
F0 mínima	234.4	260.1	182.5	178.5	164.6	197.7	192.4	151.9	187.7	178.0	210.8	211.6
F0 máxima	260.1	279.2	251.6	217.6	227.6	232.6	198.7	194.5	196.6	207.4	238.3	265.3
Db mínimo	62.3	50.8	35.9	41.6	33.0	28.1	60.0	32.8	44.9	49.3	35.9	46.0
Db máximo	68.7	72.7	71.6	60.6	65.9	71.8	66.6	60.8	66.4	70.2	66.7	65.3

\*MAR: [34] esse aspecto /=TOP= pode /=COB= apresentar /=COB\_s= a acção /=COB= ou seja /=PAR= o tempo da história /=COB= em sumário //COM=

pna03[34]	e	sse	as	pe(c)	to
Duração silábica	0.142	0.284	0.278	0.311	0.266
Duração vocálica	0.142	0.064	0.076	0.174	0.121
F0 mínima	292.1	291.1	247.7	200.5	265.0
F0 máxima	331.3	328.4	257.1	266.6	290.8
Db mínimo	68.4	46.9	34.9	38.8	39.2
Db máximo	70.0	66.3	72.9	72.6	65.5

\*MAR: [36] sumário /=TOP= é &e / exactamente aquilo / que aparece aqui / o imperador Carlos Magno /=TOP= apaixonou-se por uma rapariga alemã //

pna03[36]	su	má	ri	o
Duração silábica	0.149	0.345	0.137	0.143
Duração vocálica	0.040	0.258	0.123	0.143
F0 mínima	207.0	191.7	240.2	284.7
F0 máxima	212.5	240.2	284.7	310.6
Db mínimo	40.8	57.2	61.4	61.3
Db máximo	58.0	62.5	65.0	64.4

\*MAR: [37] ou mais &aci /=EMP= ou mais adiante /=TOP= um rei adoeceu //COM=

pna03[37]	ou	mai	s a	di	ant(e)
Duração silábica	0.117	0.205	0.133	0.151	0.275
Duração vocálica	0.117	0.124	0.048	0.051	0.116
F0 mínima	187.8	180.9	176.1	173.2	232.4
F0 máxima	199.4	196.1	203.4	235.4	251.1
Db mínimo	63.9	59.1	52.2	54.8	41.8
Db máximo	68.4	62.7	63.5	64.8	66.5

\*MAR: [41] a cena /=TOP= é uma correspondência /=COB= no discurso da narração /=TOP= à própria /=COB= temporalidade da história //COM=

pna03[41]	a	ce	na
Duração silábica	0.088	0.368	0.280
Duração vocálica	0.088	0.152	0.167
F0 mínima	239.0	262.8	316.5
F0 máxima	262.8	328.7	349.8
Db mínimo	63.0	50.2	56.6
Db máximo	67.1	69.4	62.3

\*MAR: [49] o tempo da história /=TOP= &correpon /=EMP= corresponde ao tempo da narração //COM=

pna03[49]	o	tem	po	da (hi)s	tó	ri	a
Duração silábica	0.107	0.591	0.245	0.308	0.496	0.107	0.112
Duração vocálica	0.107	0.219	0.107	0.054	0.332	0.080	0.112
F0 mínima	173.7	152.7	151.4	133.4	201.0	270.7	305.2
F0 máxima	216.6	312.3	173.4	188.9	281.3	305.2	317.3
Db mínimo	61.1	33.0	37.1	51.8	34.8	61.6	63.6
Db máximo	65.3	69.1	62.6	65.5	73.1	64.7	65.9

\*MAR: [51] porque &po / noutra versão /=TOP= poderia estar / os médicos disseram-lhe / &eh / que se ele se quisesse curar /=TOP= teria /=COB= de / de ter uma pena de ogre //COM=

pna03[51]	nou	tra	v(e)r	são
Duração silábica	0.164	0.172	0.113	0.285
Duração vocálica	0.098	0.043		0.166

F0 mínima	197.5	164.0	150.3	199.6
F0 máxima	236.7	232.4	175.0	232.3
Db mínimo	62.8	43.1	53.9	43.7
Db máximo	72.3	64.4	62.4	67.9

\*MAR: [54] mas neste caso /=TOP= o tempo da /=SCA= &eh /=TMT= da realização da acção /=TOP= corresponde ao tempo /=COB= &eh /=TMT= que está na história //COM=

pna03[54]1	mas	nest(e)	ca	so
Duração silábica	0.182	0.359	0.314	0.290
Duração vocálica	0.077	0.107	0.217	0.097
F0 mínima	209.7	234.5	218.9	227.9
F0 máxima	303.8	360.3	276.6	328.7
Db mínimo	55.2	36.6	31.4	52.1
Db máximo	66.9	62.9	57.8	58.4

\*MAR: [54] mas neste caso /=TOP= o tempo da /=SCA= &eh /=TMT= da realização da acção /=TOP= corresponde ao tempo /=COB= &eh /=TMT= que está na história //COM=

pna03[54]2	o	tem	po	da	re	a	li	za	ção	da a(c)	ção
Duração silábica	0.196	0.311	0.346	0.160	0.196	0.092	0.128	0.146	0.291	0.232	0.390
Duração vocálica	0.196	0.189	0.200	0.073	0.096	0.092	0.107	0.075	0.157	0.152	0.212
F0 mínima	194.2	250.8	157.8	174.5	219.6	261.6	213.9	213.9	217.0	202.0	244.2
F0 máxima	257.3	349.6	250.8	223.7	297.1	298.2	258.2	258.2	282.3	233.4	283.3
Db mínimo	63.3	61.2	40.1	40.6	61.3	63.5	63.5	54.0	48.0	56.4	49.7
Db máximo	69.4	71.6	63.4	66.2	64.5	64.7	66.4	64.0	64.3	64.6	62.3

\*MAR: [58] "o imperador Carlos Magno / em idade avançada" / em idade avançada /=TOP= pode ser considerado / de certo modo /=COB= um compromisso entre /=COB\_s= um sumário /=CMM= e uma pausa //CMM=

pna03[58]	em	i	da	d(e) a	van	ça	da
Duração silábica	0.195	0.086	0.219	0.119	0.194	0.368	0.352
Duração vocálica	0.195	0.086	0.122	0.057	0.095	0.195	0.234
F0 mínima	281.6	255.8	194.9	185.5	207.6	187.8	197.7
F0 máxima	309.2	294.2	263.5	233.7	212.7	231.3	254.7
Db mínimo	63.5	64.2	55.9	56.8	52.1	45.1	55.2
Db máximo	66.0	65.6	67.7	64.3	61.0	63.4	63.9

\*MAR: [62] porque / nuclear /=TOP= é /=COB= apaixonar-se //COM=

pna03[62]	nu	cle	ar
-----------	----	-----	----

Duração silábica	0.173	0.219	0.271
Duração vocálica	0.082	0.105	0.218
F0 mínima	238.2	227.7	223.4
F0 máxima	282.0	261.1	258.5
Db mínimo	71.0	45.8	63.8
Db máximo	73.3	71.5	69.9

\*MAR: [72] designa-se /=INT= na narratologia /=TOP= no estudo da narrativa /=TOP= pausa /=COM=

pna03[72]1	na	na	rra	tur	gi	a
Duração silábica	0.348	0.178	0.142	0.287	0.357	0.149
Duração vocálica	0.121	0.078	0.072	0.172	0.266	0.149
F0 mínima	218.8	234.2	190.6	155.1	168.7	241.3
F0 máxima	328.1	297.4	234.2	190.6	258.0	262.1
Db mínimo	64.7	66.3	60.9	40.1	49.9	60.6
Db máximo	73.2	69.2	68.0	65.9	64.2	66.2

\*MAR: [72] designa-se /=INT= na narratologia /=TOP= no estudo da narrativa /=TOP= pausa /=COM=

pna03[72]2	no (e)s	tu	do	da	na	rra	ti	va
Duração silábica	0.388	0.272	0.164	0.078	0.126	0.098	0.138	0.100
Duração vocálica	0.092	0.127	0.117	0.060	0.068	0.052	0.063	0.062
F0 mínima	239.6	259.2	169.7	197.5	197.5	174.3	243.1	228.6
F0 máxima	339.2	329.5	259.2	252.0	215.1	197.7	256.6	246.5
Db mínimo	53.5	36.9	59.6	66.7	62.7	56.8	41.4	60.2
Db máximo	74.0	69.2	67.5	70.8	65.0	60.8	64.8	60.9

\*MAR: [80] porque /=DCT= em idade avançada /=TOP= é uma /=SCA= condição fundamental /=COB= para perceber /=SCA= a paixão /=COM=

pna03[80]	em	i	da	d(e) a	van	ça	da
Duração silábica	0.284	0.265	0.336	0.145	0.241	0.369	0.216
Duração vocálica	0.284	0.121	0.183	0.044	0.121	0.171	0.059
F0 mínima	271.0	201.6	207.5	183.6	180.3	165.0	189.5
F0 máxima	351.0	250.4	260.4	208.9	188.2	201.2	268.5
Db mínimo	56.9	38.8	50.7	49.4	44.4	38.8	48.8
Db máximo	64.9	63.9	65.3	61.6	54.2	60.6	60.8

\*MAR: [81] mas /=DCT= de qualquer modo /=TOP= não é /=SCA= uma acção nuclear /=COM=

pna03[81]	de	qual	quer	mo	do
-----------	----	------	------	----	----

Duração silábica	0.115	0.242	0.240	0.254	0.202
Duração vocálica	0.078	0.102	0.066	0.167	0.110
F0 mínima	306.3	306.3	229.6	171.9	166.1
F0 máxima	364.1	361.1	315.4	229.6	245.0
Db mínimo	57.4	37.2	48.7	60.1	52.5
Db máximo	65.8	76.0	67.9	65.0	63.4

\*MAR: [82] porque a acção nuclear aqui /=TOP= é sempre /=SCA= apaixonar-se //COM=

pna03[82]	p(or)	que a	ção	nu	cli	a	ra	qui
Duração silábica	0.072	0.168	0.274	0.102	0.241	0.164	0.102	0.263
Duração vocálica		0.115	0.123	0.049	0.094	0.164	0.072	0.132
F0 mínima		213.1	307.0	253.7	226.9	184.7	187.8	188.1
F0 máxima		251.7	343.7	307.0	324.2	264.1	216.2	267.9
Db mínimo	36.9	35.7	48.3	58.9	63.5	57.7	55.7	39.7
Db máximo	36.9	50.2	65.2	64.0	63.5	65.8	62.0	62.0

\*MAR: [87] o resto /=TOP= os /=SCA= comentários que ajudam a perceber /=TPL= a razão de ser destas acções /=TPL= e a sua sucessão /=TPL= que dão lógica /=SCA= a tudo +=TPL=

pna03[87]1	o	res	to
Duração silábica	0.124	0.535	0.259
Duração vocálica	0.124	0.215	0.130
F0 mínima	243.4	232.7	330.4
F0 máxima	266.9	298.5	345.5
Db mínimo	68.3	48.8	34.8
Db máximo	69.4	68.6	65.2

\*MAR: [94] e os factos é que /=COB\_s= em idade avançada /=TOP= ele /=TOP= se apaixonou /=SCA= de maneiras diversas +=COB=

pna03[94]1	em	i	da	d(e) a	van	ça	da
Duração silábica	0.318	0.061	0.198	0.101	0.148	0.275	0.168
Duração vocálica	0.318	0.061	0.125	0.050	0.082	0.144	0.094
F0 mínima	208.4	164.1	180.6	168.6	199.9	247.6	278.3
F0 máxima	309.4	208.9	226.6	207.8	208.5	285.6	326.8
Db mínimo	64.8	61.4	55.0	59.5	55.0	40.2	56.2
Db máximo	70.8	65.3	71.5	64.1	62.4	60.0	62.6

\*MAR: [94] e os factos é que /=COB\_s= em idade avançada /=TOP= ele /=TOP= se apaixonou /=SCA= de maneiras diversas +=COB=

pnaate03[94]2	e	le
Duração silábica	0.458	0.103
Duração vocálica	0.458	0.107
F0 mínima	249.6	304.5
F0 máxima	323.18	335.1
Db mínimo	63.8	63.2
Db máximo	68.9	64.8

\*MAR: [96] imaginem que historicamente /=COB= se chegava à conclusão /=SCA= por determinados estudos /=COB= que Carlos Magno /=TOP= sofria de alguma das doenças / da velhice / que agora são tão conhecidas //COM=

pnaate03[96]	q(ue)	Car	los	Mag	no
Duração silábica	0.096	0.302	0.215	0.387	0.249
Duração vocálica	0.061	0.150	0.087	0.177	0.146
F0 mínima	203.1	204.6	205.5	187.7	212.0
F0 máxima	227.1	260.3	241.9	234.5	222.9
Db mínimo	63.9	36.2	55.0	52.7	52.8
Db máximo	66.2	66.9	65.6	63.7	59.0

## ANEXO B – ENUNCIADOS COM RETOMADA LEMBRETE E RETOMADA EM RELATIVAS

A	SN de núcleo nominal em retomado por pronome pessoal como sujeito na oração principal
bfamcv01	*LEO: [127] <b>os cara que são bem mais</b> /=SCA= <b>boleiros</b> /=TOP= eles /=SCA= com < certeza > vão saber alguma coisa //COM=
bfamdl02	*BAL: [158] existem vários > /=COB= só que a maioria /=TOP= &he /=EMP= tá julgando improcedência /=COB= tal /=COB= porque /=DCT= &he /=EMP= de certa forma /=TOP= <b>a bancada evangélica</b> /=TOP= <b>eles</b> tão /=SCA= muito contra /=COM= essa coisa /=APC= né //PHA=
bfamdl03	*LUZ: [315] <b>eu</b> /=TOP= <b>e esse carro de trás</b> /=TOP= <b>nós</b> vamo lá na Maria Elisa e no Duda //COM=
bfammn02	*DFL[5]: < <b>o Laurinho</b> > /=TOP= < &s > [/1]=EMP= &he /=TMT= sobrinho do João /=APT= <b>ele</b> estudou no /=SCA= do Bueno Brandão //COM=
bfammn02	*DFL: [92] mas /=DCT= o [/1]=EMP= o [/1]=EMP= o tio &Vi [3]=EMP= o tio [2]=EMP= <b>tio Carlos</b> /=TOP= <b>ele</b> +=TOP=
bpubcv01	*EMM: [228] e no outro dia /=TOP= o &na [2]=EMP= <b>o auxiliar</b> /=TOP= nosso auxiliar administrativo /=PAR= <b>ele digitava</b> //COM=
bpubcv01	*EMM: [231] então a [/1]=SCA= <b>o Alessandro</b> /=TOP= né /=PHA= < e > <b>o Evaldo</b> /=APT= <b>eles</b> acharam mais fácil //COM=
bpubcv01	*EMM: [256] o [/1]=EMP= <b>o gateelevê</b> /=TOP= <b>ele</b> nã chega a matar //COM=
bpubcv02	*OSV: [6] <b>o Geraldo</b> /=TOP= <b>ele</b> me deu isso < aqui pra fazer as cópias > /=COB= e ele foi lá na prefeitura /=COB= porque /=DCT= o [/1]=SCA= o Ibraim /=TOP= tá questionando o seguinte //COM=
bpubmn01	*SHE: [72] então /=PHA= <b>a orientadora</b> /=TOP= <b>ela</b> nã quer fazer o papel da coordenadora //COM=
bpubmn01	*SHE: [89] agora /=PHA= na outra escola /=TOP= que nã tem &a [/1]=SCA= &um [/1]=EMP= &al [/1]=EMP= uma pessoa comprometida com isso /=PAR= <b>o aluno</b> /=TOP= também <b>ele</b> nã quer /=SCA= se comprometer //COM=
bpubmn01	*SHE: [129] e <b>o aluno</b> /=TOP= <b>ele</b> é extremamente carente //COM=

B	SN de núcleo nominal retomado pela sua repetição como sujeito na oração principal
bfamcv02	*TER: [164] e < outra é que /=i-TOP= o' /=CNT= <b>o tio</b> > <b>dele</b> /=TOP= <b>o tio dele</b> fica só assim /=INT= gente /=EXP_r= marca essa data //COM_r=
bfamcv02	*TER: aí /=DCT= <b>a Dani</b> /=TOP= <b>a Dani</b> vai arrumar o dia todo /=SCA= na < casa da +=EMP=
bfamdl02	*BAL: <b>a minha igreja</b> /=TOP= o [/1]=EMP= isso aquele /=SCA= Marcelo Crivella /=PAR= < aquele bispo > lá /=PAR(1)= <b>a minha igreja</b> não aceita homossexuais //COM_r=

C	SN de núcleo pronome pessoal retomado por pronome pessoal como sujeito na oração principal
bfamcv02	*TER[358]: < <b>e'</b> toda vez > /=TOP= <b>e'</b> fala //COM=
bfammn01	*MAI[30]: e' [/1]=EMP= aí <b>ele</b> /=TOP= pr' ea não [/1]=SCA= não avançar ele de uma vez /=TOP= <b>ele</b> tirou um chapéu que ele tinha lá //COM=
bfammn01	*MAI[67]: certamente ea tava querendo fazer o seguinte /=INT= <b>eu</b> /=TOP= <b>eu</b> matei esse /=CMM= eu vou matar o resto tudo /=CMM= da [/1]=EMP= &he /=TMT= dentro da casa

	//=APC=
bfammn05	*CAR[29]: aí ele fez /=SCA= todo o processo /=COB= e tudo /=COB= e <b>eu</b> /=TOP= como eu sou uma pessoa muito [1]=SCA= muito /=SCA= fervorosa /=TOP= acredito muito em Deus /=APT= <b>eu</b> falei /=SCA= com Deus //=COM=
bfammn05	*CAR[92]: mas /=DCT= eu /=TOP= uma coisa eu falo pra minha filha //=COM=
bfammn05	*CAR[99]: então /=INP= <b>eu</b> /=TOP= <b>eu</b> sei /=COB= Mara /=ALL= que /=DCT= ela me tirou /=i-COB= assim +=PAR=
bfammn05	*CAR[117]: então /=DCT= <b>ele</b> /=TOP= <b>ele</b> +=EMP=
bpubcv01	*EMM[257]: mas <b>ele</b> /=TOP= principalmente pa mulher /=TOP= <b>ele</b> pode causar infertilidade //=COM=
bpubdl01	*PAU[100]: <b>eu</b> &o [2]=EMP= &o [1]=EMP= ontem /=TOP= <b>eu</b> passei com ela dois dias seguido /=CMM= hoje eu nã passei /=CMM= a' lá //=CMM=

<b>D</b>	SN de núcleo nominal retomado por repetição como sujeito na subordinada
bfammn02	*DFL: [99] <b>o papai</b> /=TOP= e' decidiu que <b>papai</b> ia ser /=SCA= médico //=COM=

<b>E</b>	SN de núcleo nominal retomado por repetição como sujeito na subordinada
bfammn01	*DFL [99]: <b>o papai</b> /=TOP= e' decidiu que <b>papai</b> ia ser /=SCA= médico //=COM=
bpubdl01	*PAU[65]: <b>esse aqui</b> /=TOP= <b>esse aqui</b> tá com +=EMP=
bpubdl01	*PAU[71]: <b>esse tipo de muro</b> /=TOP= se ficar baixo demais <b>ele</b> fica feio //=COM=
bfamdl02	*BAL[209]: <porque /=PHA= <b>isso aqui</b> > /=TOP= < <b>isso aqui</b> > foi feito pra ser pregado aqui //=COM=
bfamdl05	*CES[112]: aqui o' /=CNT= <b>aquela ali</b> /=TOP= <b>aquea ali</b> que é a Joaquim Nabuco //=COM=

<b>F</b>	Retomada em relativa resumptiva
bfamdl05	*CES: [58] uai /=PHA= mas essa rua aqui /=TOP= é <b>a rua</b> que a gente tava <b>nela</b> //=COM=
bfammn03	*ALO: [17] <b>a mulher</b> que ele tá mulher morando com <b>ela</b> /=TOP= nã +=EMP



## ANEXO C – NOMENCLATURA DOS ARQUIVOS DE ÁUDIO

Ao longo do trabalho, são usados inúmeros exemplos extraídos dos *corpora* C-ORAL-BRASIL e C-ORAL-ROM de Português Europeu. Cada exemplo está associado a dois arquivos de áudio disponíveis no CD-R em anexo. Um dos arquivos contém somente a unidade informacional de Tópico em exame. O outro contém a unidade informacional de Tópico e a unidade informacional de Comentário do mesmo enunciado. Além disso, ao longo desse trabalho, são feitas inúmeras demonstrações com base em edições ou manipulações das unidades informacionais de Tópico. Nas edições, foram excluídas algumas partes da unidade informacional de Tópico em exame. Nos arquivos de manipulação, foram alterados parâmetros prosódicos como movimentos de F0 ou duração do Tópico em exame. Para cada edição e para cada manipulação, também foram disponibilizados dois arquivos de áudio.

A nomenclatura dos arquivos de áudio foi desenvolvida com os objetivos de:

1. indicar o texto e o enunciado dos quais foram extraídos os exemplos;
2. diferenciar os arquivos com unidades informacionais de Tópico originais dos arquivos com unidades informacionais de Tópico editadas ou manipuladas.

Para que o leitor compreenda de forma clara como os exemplos foram nomeados, será tomado como base o nome de um dos arquivos:

2.13-pfamdl01[35]a0

Em primeiro lugar, cabe dizer que o nome de cada arquivo de áudio decompõe-se em 5 partes. Assim, a versão decomposta do nome do arquivo anterior seria:

2.13 | pfamdl01 | [35] | a | 0

Os dois primeiros números anteriores ao hífen e separados por ponto (no exemplo, os números “2” e “13”) indicam, respectivamente, o capítulo e o número do exemplo. Assim, esse seria o décimo terceiro exemplo do capítulo 2.

A sigla “pfamdl01” indica, segundo a nomenclatura do C-ORAL-ROM de Português Europeu e do C-ORAL-BRASIL, o texto do qual o exemplo foi retirado. Nessa nomenclatura, a primeira vogal refere-se ao *corpus* (“p” é usado para o *corpus* de Português Europeu e “b” para o de Português Brasileiro). As três letras que se seguem mostram se o domínio é familiar/privado ou público (“fam” para familiar/privado e “pub” para público). As duas letras seguintes indicam a tipologia de interação (“mn” para monólogos, “dl” para diálogos e “cv” para conversação). Os dois números colocados em seguida são identificam cada texto dentre os outros semelhantes (no exemplo, o “01” diferencia esse texto dos demais diálogos familiares do *corpus* de PE).

O número entre colchetes indica, dentro de um certo texto, o número do enunciado cujo Tópico está sendo analisado.

As letras em caracteres minúsculos marcam que o áudio em questão trata-se de uma edição ou de uma manipulação do áudio original. Assim, 2.13-pfamdl01[35]a0 é uma edição ou uma manipulação de 2.13-pfamdl01[35]0. Assim como, nesse trabalho, foram feitas várias edições ou manipulações de um mesmo enunciado, elas são identificadas por ordem alfabética. Os exemplos que não tem uma letra em caractere minúsculo após o número em colchetes tratam-se, portanto, de arquivos de áudio originais que não sofreram manipulações.

O número 0 colocado ao fim do nome do exemplo indica que o arquivo de áudio em questão contém somente o Tópico que está sendo analisado. O número 1 indica que o arquivo de áudio contém o Tópico e a unidade de Comentário do mesmo enunciado.

## ANEXO D – O PROGRAMA *WINPITCH*

O programa *WinPitch* foi desenvolvido para se trabalhar com Linguística de Corpus. Um dos objetivos primordiais do *WinPitch* é o de fornecer ao usuário uma interface simples que possibilite acessar, contemporaneamente, um arquivo de som, sua transcrição e seus parâmetros prosódicos. Assim, clicando em um dos enunciados de um texto, o usuário pode ouvir o segmento de áudio correspondente, visualizar seus formantes e alguns parâmetros prosódicos como valores de F0, curvas de F0, duração, intensidade e ondas sonoras. Para tanto, o programa utiliza um formato de arquivo próprio, o *wp2*, que associa uma transcrição (guardada dentro de si) a um arquivo de som de formato *wav*.

O tratamento necessário para que uma transcrição seja associada a um arquivo de som chama-se *alinhamento*. Assim, um texto *alinhado* é aquele que encontra-se disponível em formato *wp2*, que está associado a um arquivo *wav* e que tem seus diversos enunciados associados às suas partes correspondentes no arquivo de áudio. O processo de alinhamento é complexo e não será tratado nesse anexo, o qual se versará exclusivamente sobre a visualização dos textos alinhados e a manipulação da duração de segmentos de áudio de um texto.

A tela inicial do *WinPitch* apresenta um menu fixo em sua parte superior com diversas funcionalidades, dentre as quais *Load Save*, *Synthe*, *Spectro* e *Align*. Além disso, o programa possui um sub menu à esquerda, que mostra as opções da funcionalidade que está selecionada no momento. Assim, clicando em *Load Save*, por exemplo, aparecem no menu à esquerda funcionalidades como *Save Selecition*, *Save All* e outras. A tela inicial pode ser vista na Figura A.

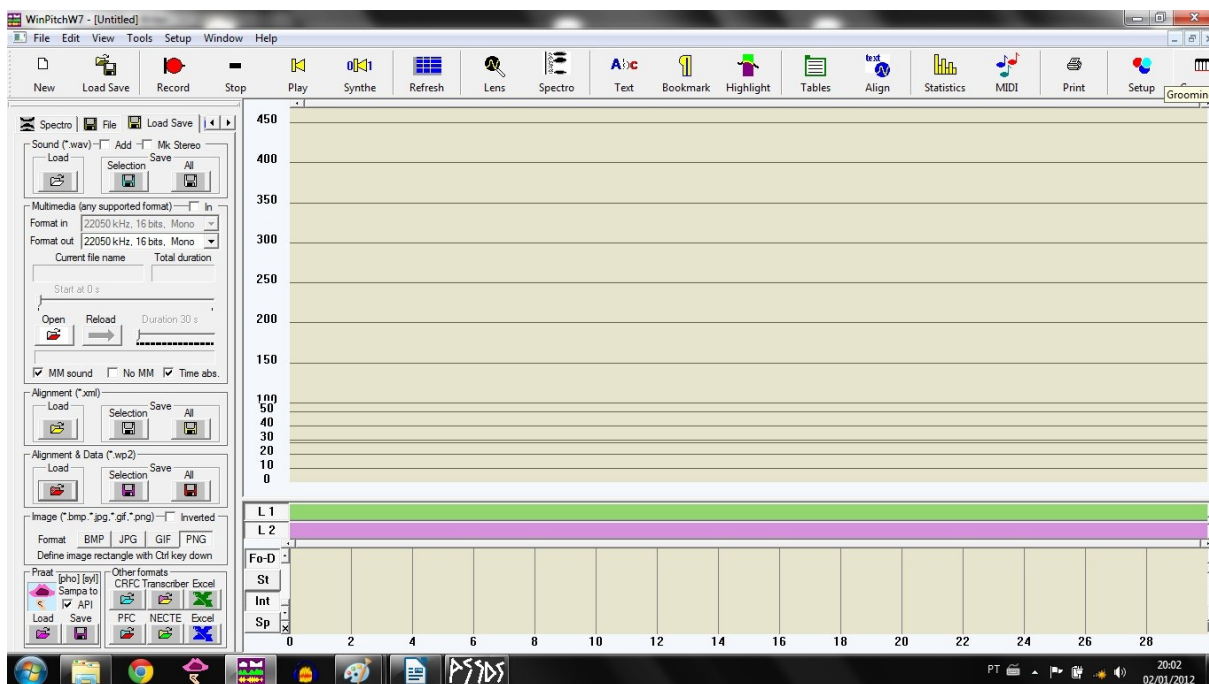


Figura A – Tela inicial do programa *WinPitch*

Para carregar um arquivo de alinhamento, deve-se clicar no menu superior em *Load Save* e, em seguida, no menu à esquerda, no botão *Load* da seção *Alignment*. Ao fazê-lo, abre-se uma janela para selecionar o arquivo de alinhamento a ser carregado. A Figura B mostra, em destaque no canto inferior esquerdo, o botão *Load* e, mais centralizada, a janela para a seleção do arquivo.

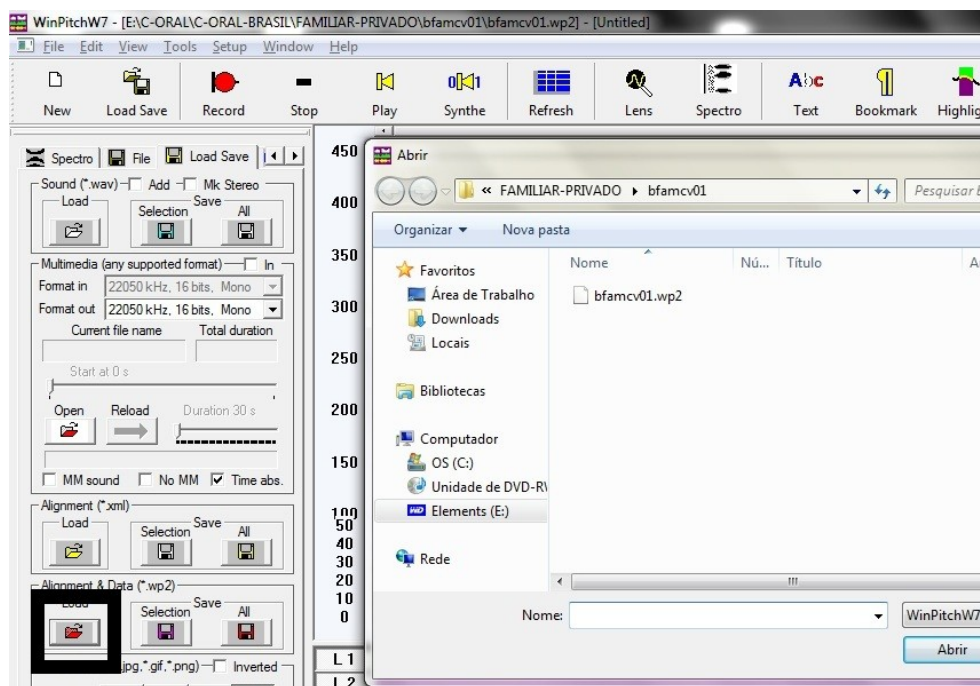


Figura B – Carregar arquivos de alinhamento (*wp2*) no WinPitch

Uma vez selecionado, o arquivo se abrirá e será exibida a tela de alinhamento (também acessível por meio da opção *Align* do menu superior). Na parte central dessa tela (Figura C, número 1), encontra-se a transcrição do texto, cujos enunciados aparecem separados por um cifrão ("\$") e os turnos dialógicos são colocados em linhas diferentes. É possível fazer com que o programa mostre o número de cada enunciado, clicando na opção *Rank* (Figura C, número 2).

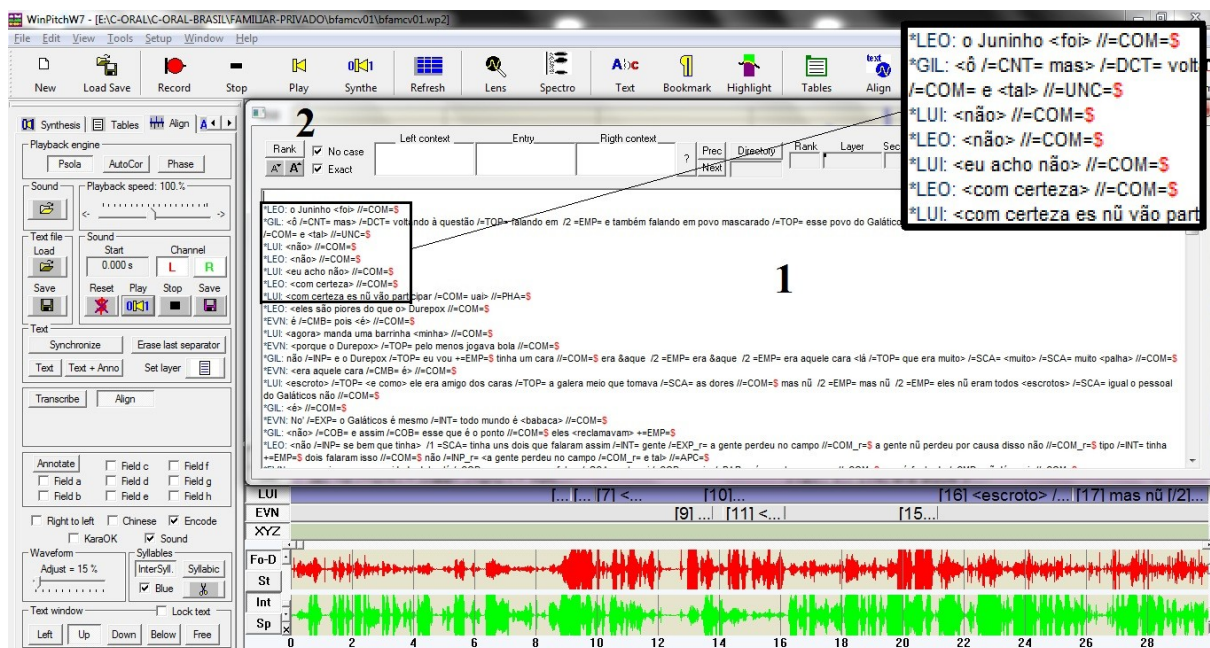


Figura C – Tela de alinhamento com trecho da transcrição em destaque

Para ouvir o segmento de áudio que corresponde a um certo enunciado, bem como para visualizar seus parâmetros prosódicos, o usuário deve simplesmente clicar sobre o enunciado que será automaticamente direcionado para a tela de áudio. Caso queira ouvir mais de um enunciado de uma só vez, o usuário pode clicar sobre o primeiro enunciado e arrastar o cursor até o último. Dessa forma, na tela de áudio estará todo o trecho desde o primeiro até o último enunciado selecionados.

Como pode ser visto na Figura D, a tela de áudio mostra, no plano central, as curvas de F0 (número 1) e as ondas sonoras (número 2) do trecho selecionado na tela anterior. Na parte inferior, encontra-se uma barra horizontal colorida para cada falante presente no texto. Sobre as barras, aparece a transcrição do enunciado que foi selecionado. Na figura D, consta somente a transcrição "[107] você está condenado" do falante LEO (número 3), em que "107" corresponde ao número do enunciado. Sobre as demais barras não aparece nada visto que os outros falantes estão calados enquanto LEO profere o enunciado em questão.

Ainda na tela de áudio, percebe-se que um segmento de áudio encontra-se destacado dos demais (o que é sinalizado, na Figura D, pela seta preta). Essa seleção permite verificar, no sub menu à esquerda, a duração do trecho de áudio em destaque.

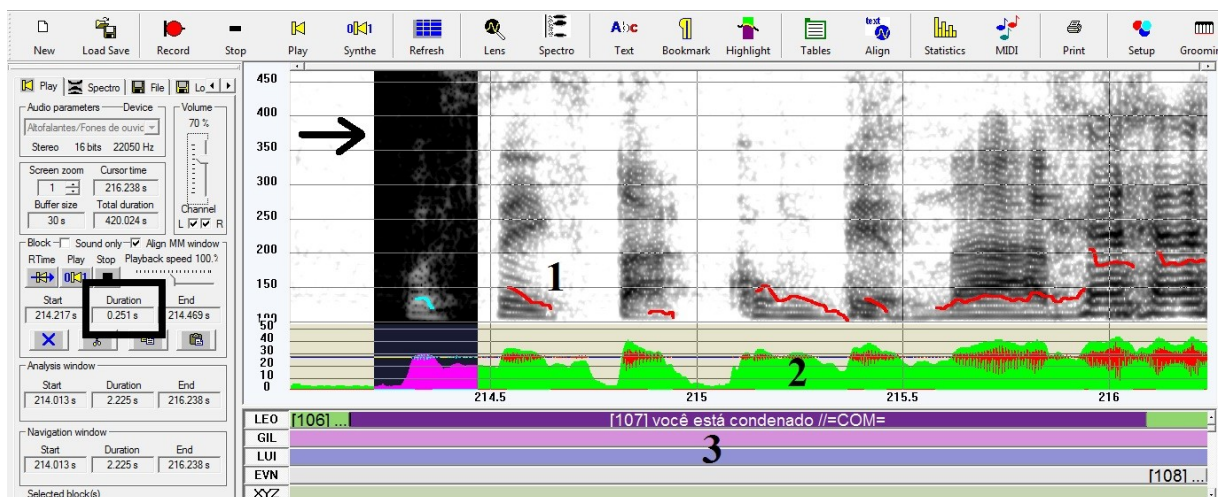


Figura D – Tela de áudio do programa *WinPitch*

A manipulação da duração é feita, no *Winpitch*, acessando o menu superior *Synthe*. Ao fazê-lo, é aberta a tela de manipulação, visível na Figura E. Ressalta-se que o *WinPitch* suporta, para a manipulação, somente arquivos de qualidade *mono*. Para que um arquivo *stereo* possa ser manipulado, faz-se necessário transformá-lo em *mono*, valendo-se de um programa de edição de áudio como o *Audacity* (ASH *et alii*).

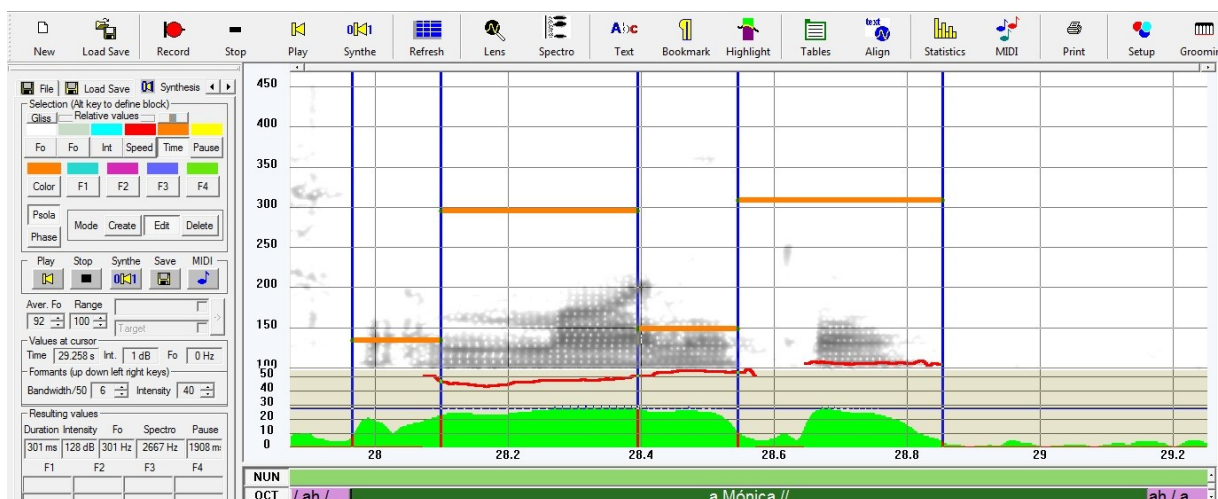


Figura E – Tela de manipulação do programa *WinPitch*

Para efetuar a manipulação da duração da sílaba de um enunciado, o usuário deve preparar o enunciado. Primeiramente, deve-se clicar com o botão direito do *mouse* na opção *Time* do sub menu, pressionando, ao mesmo tempo, a tecla *Ctrl*. Isso fará com que apareçam barras azuis verticais e barras laranjas horizontais na parte de visualização do áudio (visíveis na Figura E).

As barras verticais indicam os limites entre as sílabas e as barras horizontais indicam a duração da sílaba em relação às demais. Quanto mais alto está uma barra horizontal, maior é a duração de um segmento. No entanto, o *WinPitch* nem sempre reconhece de forma correta os limites entre as sílabas, fazendo com que as barras azuis sejam posicionadas em locais inadequados, fora dos limites de cada sílaba. Assim, o usuário deve arrastar as barras para os limites entre as sílabas do enunciado selecionado, clicando sobre as mesmas e movendo-as para os lados. Caso o número de barras azuis seja insuficiente para o número de sílabas do enunciado, é possível criar barras adicionais clicando com o botão direito do *mouse* no ponto onde se deseja criá-las.

A manipulação da duração de uma sílaba é feita arrastando sua barra horizontal para cima ou para baixo. No primeiro caso, faz-se com que a duração aumente e, no segundo, que diminua. Como mostra a Figura F, ao se arrastar a barra horizontal para cima ou para baixo, a posição inicial é marcada por outra barra horizontal na cor azul clara (número 1) e a posição nova é marcada por uma barra horizontal laranja (número 2). O usuário pode ouvir o resultado de sua síntese clicando em *Synthe* (número 3) e salvá-la com a opção *Save* (número 4).

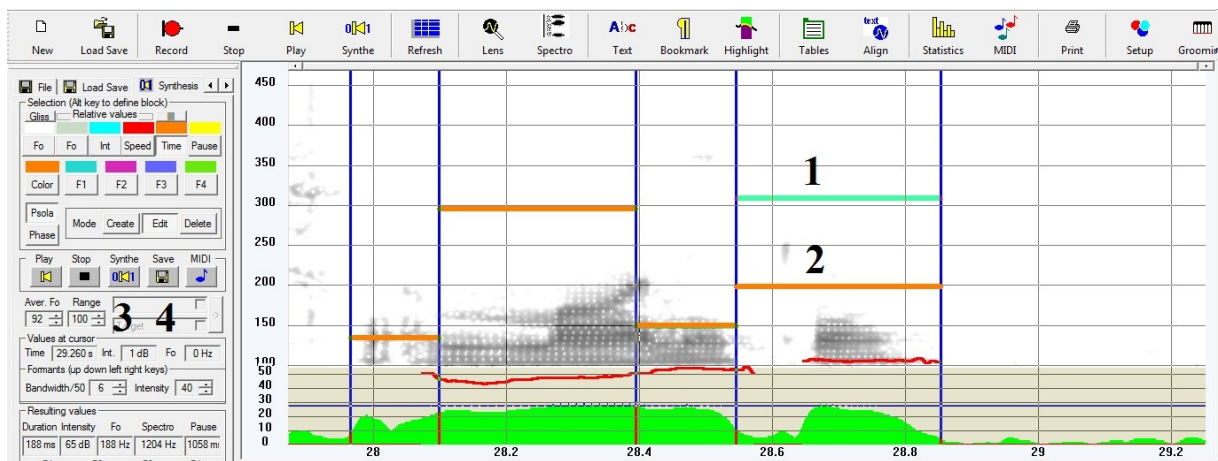


Figura F – Manipulação da duração no programa WinPitch



## **ANEXO E – O PROGRAMA *PRAAT***

Ao longo dessa pesquisa, o programa Praat (BOERSMA-WEENINK, 2011), que pode ser baixado gratuitamente em seu site oficial, foi utilizado com as seguintes finalidades:

1. visualizar formantes e valores de frequência, de intensidade e duração de um Tópico ou de partes de um Tópico;
2. manipular movimentos de F0 de um Tópico ou de partes de um Tópico;
3. manipular, em casos especiais, a duração de partes de um Tópico.

Se, por um lado, a interface do *Praat* não é, por vezes, auto explicativa, o programa é simples de ser usado, uma vez que o usuário compreenda alguns de seus comandos básicos. Esse anexo pretende servir como um pequeno tutorial para que um usuário sem experiência com o *Praat* consiga realizar algumas das operações empreendidas durante o curso desse trabalho.

Em primeiro lugar, deve-se carregar um arquivo de som no programa. Para tanto, utiliza-se os comandos *Open>Read from file* (os quais possibilitam ler qualquer tipo de arquivo suportado pelo *Praat*) disponíveis no menu superior, disponíveis na tela inicial do programa.

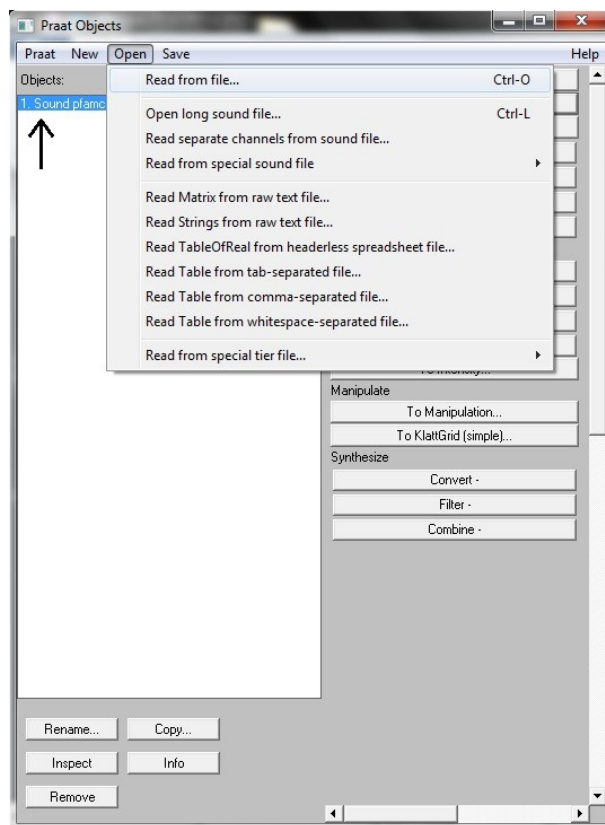


Figura A – Tela inicial do programa *Praat* e comandos *Open>Read from file...*

Clicando em *Read from file...*, se abrirá uma janela em que o usuário seleciona o arquivo que será carregado. É uma janela padrão de carregar arquivos tal qual em inúmeros programas de computador disponíveis. O arquivo aberto aparecerá em uma área branca da tela principal do Praat, marcado em azul. Na Figura A, o arquivo aberto é destacado pela seta preta.

Com o arquivo de som selecionado, pode-se clicar nos botões *View & Edit* ou *To Manipulation*, localizados no menu à direita, para visualizar o arquivo de som ou para realizar manipulações no mesmo.

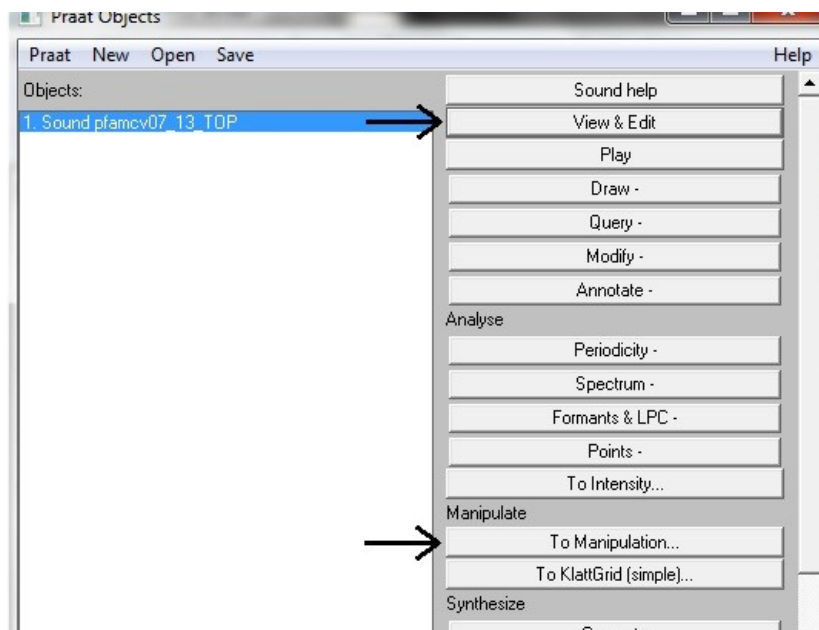


Figura B – Botões *View & Edit* e *To Manipulation...*

Acessando o botão *View & Edit*, abre-se a janela de visualização do arquivo de som. Na parte superior, encontram-se as ondas sonoras do áudio. Na parte inferior, podem ser vistos o espectrograma, os formantes, os movimentos de F0 e os movimentos de intensidade do som. O espectrograma é o conjunto das manchas, em diferentes tons de cinza, que contém os diversos formantes do som vocal. Os formantes correspondem aos agrupamentos, ora mais e ora menos ondulados, de manchas mais intensas. Os movimentos de F0 e de intensidade são identificados pelos números 1 e 2 na Figura C. Além disso, clicando em um determinado ponto da parte inferior da tela (a parte que mostra os formantes), são mostradas duas linhas pontilhadas que se cruzam, indicando o ponto clicado. Uma vez que um ponto é selecionado, os valores de frequência e de intensidade referentes àquele ponto (números 3 e 4, respectivamente) são mostrados à direita na tela. A duração do segmento de áudio é exibida na parte inferior da tela, em *Total duration* (marcado como 5). Para ouvir o som, basta clicar na barra que mostra a duração ou pressionar a tecla *Tab*.

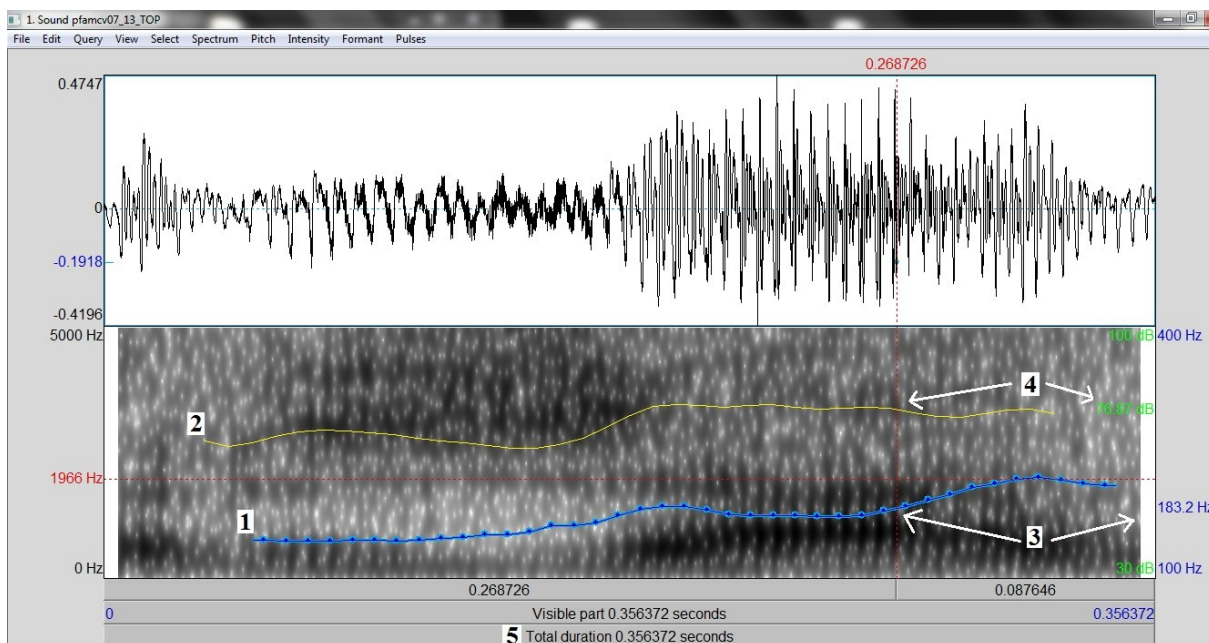


Figura C – Parâmetros prosódicos na tela de visualização do áudio

Ainda, selecionando uma parte do arquivo de som (o que pode ser feito clicando em uma de suas partes e arrastando para a direita ou para a esquerda), é mostrada, na parte inferior, a duração da seleção (Figura D, número 1) e, à direita, o valor médio de frequência (Figura D, número 2).

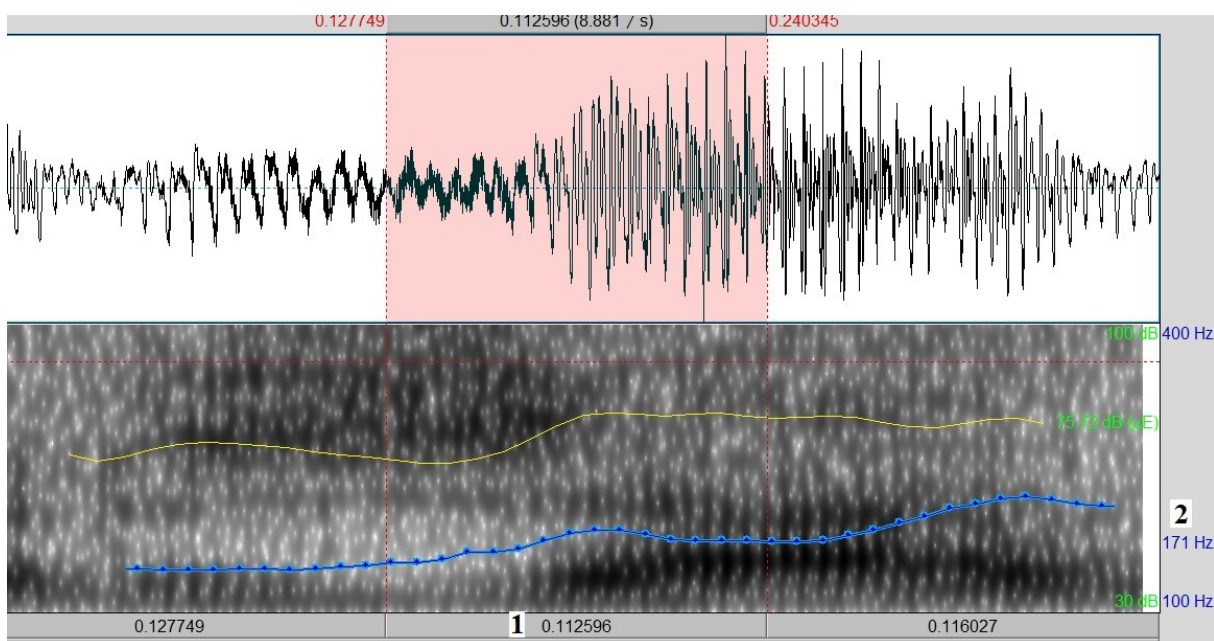


Figura D – Outros parâmetros prosódicos na tela de visualização do áudio

A manipulação dos movimentos de F0 pode ser feita no Praat acessando o botão *To Manipulation...* do menu à esquerda da tela inicial do programa. Quando isso é feito, abre-se a tela de manipulação, também constituída de três seções. A seção superior mostra as ondas sonoras do áudio. A seção mediana mostra os diversos pontos que compõem os movimentos de F0 do áudio. A parte inferior destina-se à manipulação da duração do áudio.

A manipulação dos movimentos de F0 é simples: basta clicar em um ponto e arrastá-lo para cima, para baixo ou para um dos lados. Para ouvir o resultado, clica-se na barra da duração ou aperta-se a tecla *Tab*. Caso for necessário, o usuário pode também adicionar novos pontos de F0 à curva original. Para isso, é necessário clicar no lugar em que se deseja criar o ponto e, em seguida, apertar as teclas *Ctrl+T*. A remoção de pontos é feita de forma semelhante, apertando as teclas *Ctrl+Alt+T*.

De posse desses conhecimentos, comparem-se as partes direita e esquerda da Figura E. A parte direita mostra a tela de manipulação dos movimentos de F0 de um determinado áudio ainda inalterada. A parte esquerda exibe uma manipulação com pontos excluídos (número 1) e pontos alterados (número 2).

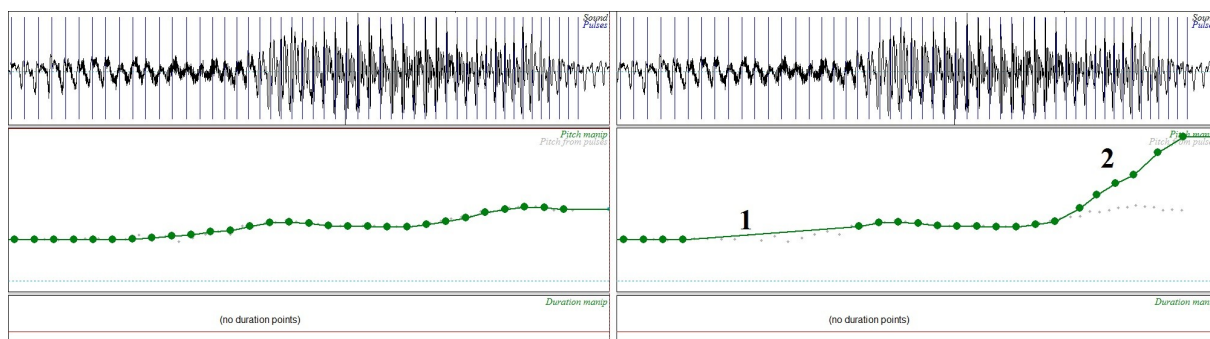


Figura E – Manipulação de curvas de F0 com o Praat

No Praat, também é possível manipular a duração de segmentos de áudio, o que pode ser feito de duas formas. Uma delas é feita de forma análoga à manipulação dos movimentos de F0, criando pontos de duração (*Duration Points*) com o comando *Ctrl+D* e arrastando-os. É uma forma simples de se manipular a duração de um segmento sonoro, porém bastante imprecisa. A outra forma é feita por meio da elaboração e aplicação de *scripts* específicos do Praat que alteram de forma exata a duração do áudio. A elaboração dos *scripts*, porém, é um processo que requer conhecimentos básicos e um mínimo de familiaridade com linguagens de

programação e, portanto, pode ser difícil para um usuário comum. Por esse motivo, a questão da manipulação da duração do áudio será abordada com mais detalhes no anexo destinado ao programa *WinPitch*, o qual permite manipular esse parâmetro de forma simples e precisa. No entanto, assim como o *WinPitch* ocasionalmente produz ruídos nos arquivos que tem sua duração manipulada, julga-se oportuno inserir aqui o texto do *script* do *Praat* que foi usado para a manipulação do Tópico do enunciado pfamcv07[213], para o qual *WinPitch* produziu arquivos defeituosos.

O texto do *script* foi implementado por notas destinadas aos leitores desse trabalho. Assim, pretende-se que o *script* funcione, ele mesmo, como um tutorial para a manipulação da duração de novos arquivos de som. Como poderá ser observado ao longo do *script*, várias de suas linhas<sup>101</sup> começam pelo símbolo "#" (ou pela repetição desse símbolo). Essas linhas contém informações direcionadas ao leitor, explicando como o *script* foi elaborado e como o mesmo pode ser alterado para se fazer manipulações em outros arquivos de som. No *Praat* (assim como muitas linguagens de computação), o símbolo "#" é usado para indicar que aquilo que se segue deve ser desconsiderado pelo programa ao se processar um *script*. Assim, nesse *script*, as únicas linhas que serão lidas pelo *Praat* são aquelas que se iniciam por caracteres alfabéticos (como "*Create DurationTier... shorten 0 1*" e "*Add point... 0.679 1/1*"). Dessa forma, esse *script* encontra-se pronto para o uso sem que seja necessário fazer quaisquer alterações no mesmo. Com o intuito de facilitar a compreensão do leitor, as linhas que serão processadas pelo programa encontram-se, aqui, destacadas em negrito.

##### SCRIPT DO PRAAT PARA A MANIPULAÇÃO DA DURAÇÃO #####

# Esse script foi criado para reduzir a duração das sílabas "lagres", da palavra "milagres", para a duração da palavra "porto", ambas pertencentes ao Tópico do enunciado pfamcv07[213].

# Para realizar a manipulação da duração no Praat, são necessários os seguintes dados: (1) a duração original do trecho que se pretende alterar (nesse caso, a duração de "lagres", que é de 0.323s); (2) a duração que o trecho deve apresentar após a manipulação (nesse caso, a duração de "porto", de 0.239s); (3) o ponto em que se inicia o trecho a ser alterado ("lagres" começa aos 0.680s do Tópico de pfamcv07[213]); (4) o ponto em que termina o trecho a ser alterado ("lagres" termina aos 0.998s do Tópico de pfamcv07[213]).

---

<sup>101</sup>Cabe esclarecer que, nesse contexto, por "linha" entende-se uma *linha de comando*, ou seja, uma sequência de texto delimitada pela tabulação da tecla *Enter*. Ou seja, não corresponde à acepção genérica segundo a qual a linha seria a sequência que vai da margem esquerda à margem direita de uma folha.

# Como pode ser observado ao longo desse script, várias de suas linhas começam pelo símbolo "#" (ou pela sua repetição). Essas linhas contêm informações direcionadas ao usuário do programa, explicando como o script foi elaborado e como o mesmo pode ser alterado. No Praat (assim como muitas linguagens de computação), o símbolo "#" é usado para indicar as linhas que devem ser desconsideradas pelo programa ao se processar um script. Assim, nesse arquivo, as únicas linhas que serão lidas pelo Praat são aquelas que se iniciam por caracteres alfabéticos (como "Create DurationTier... shorten 0 1" e "Add point... 0.679 1/1", por exemplo). Dessa forma, esse script encontra-se pronto para o uso sem que seja necessário fazer quaisquer mudanças no mesmo.

#### **Create DurationTier... shorten 0 1**

# Comando padrão para a edição de um trecho do áudio. Não deve ser alterado.

#### **Add point... 0.679 1/1**

# Especifica o último ponto do áudio anterior à manipulação. Assim como a manipulação deve iniciar aos 0.680s (que é quando começa o trecho "lagres"), o último ponto que não será manipulado é 0.679s. Os números "1/1" indicam que a duração anterior a esse trecho não será alterada.

#### **Add point... 0.680 0.239/0.323**

# Especifica o ponto inicial da manipulação. Nesse caso, o ponto inicial é 0.680s, quando começa o trecho "lagres". Os números "0.239/0.323" indicam, respectivamente, a duração que o trecho deve assumir com a manipulação e a duração original do trecho.

#### **Add point... 0.998 0.239/0.323**

# Especifica o ponto final da manipulação. Nesse caso, o ponto final é 0.998, quando termina o trecho "lagres". Aqui também os números "0.239/0.323" indicam a duração que o trecho deve assumir e a duração original do trecho.

#### **Add point... 0.999 1/1**

# Especifica o primeiro ponto posterior à manipulação. Assim como o trecho a ser manipulado ("lagres") termina aos 0.998s, o primeiro ponto posterior à manipulação é o ponto 0.999s. Os números "1/1" indicam que o trecho de áudio que se segue não terá sua duração alterada.

#### **##### OBSERVAÇÕES #####**

# Apesar desse script ter sido elaborado para manipular um trecho específico do Tópico do enunciado pfamcv07[213], ele pode ser facilmente adaptado para manipular a duração de trechos de quaisquer enunciados (ou, mais genericamente, de qualquer arquivo de som). Para tanto, basta substituir, nas linhas que se iniciam por "Add pont...", os dados referentes ao enunciado pfamcv07[213] por dados de outros enunciados.

Para criar e utilizar um *script* é simples: primeiramente, deve-se carregar o arquivo de som que se deseja alterar a duração e, em seguida, criar um arquivo de manipulação (Figuras A e B). Em seguida, é necessário criar um novo *script* com os comandos *Praat>New Praat Script*, no menu inicial (Figura E) .

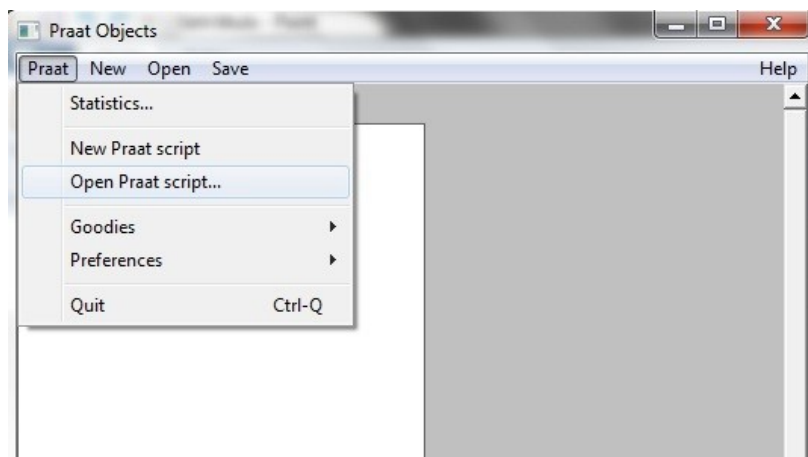


Figura E – Carregando um *script*

Como resultado, um pequeno editor de textos se abrirá ao lado da tela principal do *Praat*, no qual o *script* deverá ser digitado (Figura F, número 1). No entanto, o simples fato de criar o *script* não é o bastante para alterar a duração do arquivo de manipulação. Para tanto, é necessário que o usuário clique no editor de textos do *script* e pressione as teclas *Ctrl+R*, criando, na tela principal do programa, um arquivo de manipulação de duração chamado *DurationTier shorten*. Por fim, resta ao usuário selecionar os arquivos de manipulação de duração e de manipulação de áudio e clicar em *Replace duration tier*, à direita (Figura F, números 2 e 3). Dessa forma, a duração original é reduzida com precisão para a duração que se deseja.

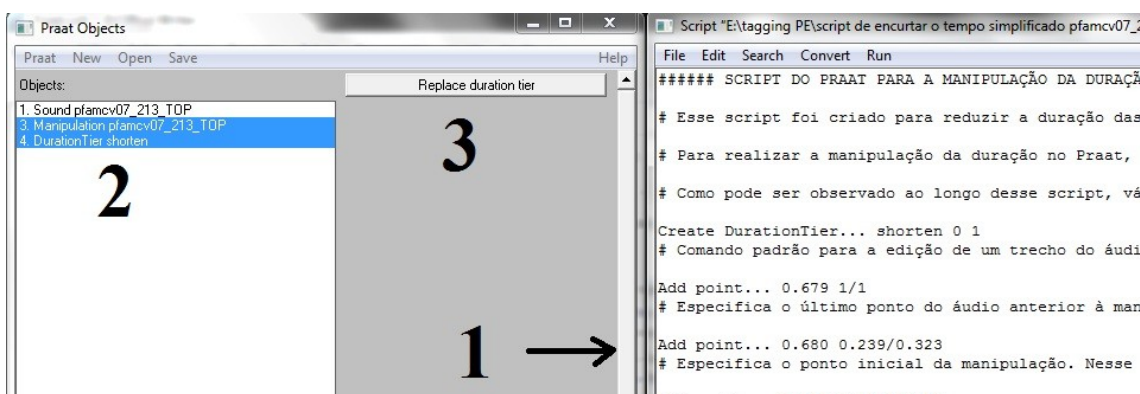


Figura F – Manipulando a duração